Universidade Federal de Juiz de Fora
Programa de Pós-Graduação em História
Mestrado em História

Thalita Moreira Barbosa

A ELITE NO EXÍLIO:
A colônia brasileira de Paris (1889 a 1928)

Juiz de Fora
2019

Thalita Moreira Barbosa

A ELITE NO EXÍLIO:
A colônia brasileira de Paris (1889 a 1928)

Juiz de Fora

2019

THALITA MOREIRA BARBOSA

A ELITE NO EXÍLIO:
A colônia brasileira de Paris (1889 a 1928)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Pereira de Jesus

Juiz de Fora

2019

THALITA MOREIRA BARBOSA

A ELITE NO EXÍLIO:
A colônia brasileira de Paris (1889 a 1928)

DISSERTAÇÃO apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de MESTRE EM HISTÓRIA.

Juiz de Fora,

Banca Examinadora

_____
Prof. Dr. Ronaldo Pereira de Jesus (UFJF) - Orientador

_____
Prof. Dr(a).

_____
Prof. Dr(a).

A BIA, QUE COM SEUS POUCOS ANOS É QUEM MAIS ME ENSINA SOBRE AS COISAS DA VIDA

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar meus agradecimentos ressaltando a importância que o apoio do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora e da CAPES tiveram para a realização desse trabalho. Sem o respaldo de ambos, sem dúvida, o caminho para a conclusão da pesquisa seria muito mais longo e difícil.

À professora Maraliz de Castro Vieira Christo que conduziu meus passos em direção à pesquisa histórica, através do meu primeiro projeto de iniciação cientifica. Sempre tão paciente e sábia, espelho de sua própria experiência e caminhada.

Às professoras Lúcia Maria Paschoal Guimarães e Silvana Mota Barbosa, por aceitarem com prontidão e muita generosidade a participação como membros da banca de qualificação. Obrigada pelo empenho e acuidade nos apontamentos, tão preciosos para a condução final do trabalho.

Nos dois anos em que a pesquisa se desenrolou pude contar com a atenção e o acompanhamento de novos colegas que a vida acadêmica me trouxe. Assim, agradeço à Turma de 2017 do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora e, em especial, ao Núcleo Tradição e Modernidade do Laboratório de História Política e Social, onde fui muito bem acolhida. Sem dúvida a diversidade das pesquisas e pesquisadores presentes no núcleo foi de suma importância para ampliar os horizontes do presente trabalho. Obrigada aos amigos, sempre tão empáticos, pacientes e generosos em suas leituras nas nossas reuniões. O intercâmbio constante de informações, os comentários e sugestões sempre me fizeram voltar para casa mais completa, com reflexões que, com certeza, sozinha não teriam a mesma riqueza ou eco. Obrigada Dievani, Gabi, Kaio e Walter.

À querida amiga, de outros carnavais, Mariane Lopes, quem, com todo o seu conhecimento dos trâmites burocráticos, me conduziu sabiamente pelos caminhos, muitas vezes nebulosos, da vida acadêmica, me incentivando a fazer escolhas que, sem seus conselhos, provavelmente eu não faria. Com nossas diferenças, sendo sempre generosa, sempre amiga.

Aos amigos que ao longo dos anos ficaram para trás, mas que não posso deixar de expressar minha verdadeira gratidão e certeza de que, se não fosse por eles, esse trabalho não estaria completo, talvez nem teria se iniciado. Entre eles, o mais importente para esse passo: Matheus Masson.

Ao querido Luiz Aurélio Leite que, mais do que um amigo, mostra-se sempre um grande psicólogo durante os breves encontros que a vida nos proporciona. Paciente e eficaz em seus comentários. Nossas reflexões sobre as coisas do mundo - fossem elas acadêmicas, práticas ou

emocionais – nunca deixaram de lado as contribuições necessárias para encontrar o melhor caminho para a elaboração e conclusão do presente trabalho.

Ao amor e confiança de meus pais, José Laerte e Lúcia. Mesmo que muitas vezes seja difícil entender o apoio deles, mas eu sei.

À presença dos que moram no meu coração, Vinícius, Jorge, Wal, Gal, Liloca, Gustavo, Fabrício, Cata e Aline, uns mais presentes, outros mais distantes. Todos, com seu amor, carinho e zelo, contribuindo para meu crescimento pessoal e profissional. Sinto sempre seus desejos e boas energias no meu dia a dia. Obrigada por estarem aqui.

Por fim, não poderia deixar de expressar os meus mais sinceros agradecimentos àquele que me encontrou perdida e me ajudou a me achar em meio a tantos questionamentos. Revesávamos, ora eu mais perdida em mim mesma e em meio a pesquisa, ora ele sem entender nada. Mesmo assim, sempre com a precisão necessária para me encorajar a seguir em frente e encontrar o melhor caminho, o que aliviasse minhas inseguranças e clareasse nossas dúvidas. Portanto, ao meu querido orientador, Ronaldo Pereira de Jesus, obrigada pelo apoio, pela generosidade no acolhimento, pela empatia e sensibilidade que uma pareceria de dois anos necessita para ser bem sucedida, pelo crédito e confiança. Por, com nossas diferenças, termos conseguido completar nossa caminhada. Termino com o sentimento de ter um porto seguro na minha embrionária vida acadêmica, ter alguém a quem eu possa recorrer, como um amigo, nos momentos mais obscuros e de insegurança na vida profissional. Ao compararmos de onde saí e onde cheguei, enquanto amadurecimento acadêmico, nesses dois anos, saiba que o mérito é tão meu quanto seu. Obrigada sempre.

RESUMO

O trabalho apresenta um panorama da colônia brasileira de Paris no final do século XIX e início do século XX. A principal fonte analisada foram os periódicos da época. A pesquisa foi realizada em duas etapas, a primeira teve como fio condutor as missas de réquiem de D. Pedro II e a segunda a própria colônia. O objetivo central é dimensionar com maior precisão a colônia brasileira estabelecida em Paris, no que concerne sua rede de sociabilidade e sua vida social. Os resultados são complementados pela análise da trajetória de uma família em particular que encontrava-se em Paris nesse período, a família Araguaya.

Palavras-chave: Colônia brasileira; Paris; Século XIX.

RÉSUMÉ

Le travail présente un aperçu de la colonie brésilienne de Paris à la fin du XIXe. et au début du XXe. siècle. Les périodiques de l'époque ont été la principale source d'information pour l'élaboration du présent mémoire. Après avoir analysé les messes de Requiem de D. Pedro II, le travail s'est concentré sur l'analyse de la colonie en elle-même. L'objectif principal est de présenter avec plus de précision la colonie brésilienne établie à Paris, en mettant en perspective son réseau de sociabilité et sa vie sociale. Les résultats sont complétés par l'analyse de l'itinéraire d'une famille en particulier qui était à Paris à cette époque, la famille Araguaya.

Mots-clés: Colonie brésilienne; Paris; XIX$^{e.}$ siècle.

FIGURAS

Figura 1: Balão dirigível Pax.....65
Figura 2: Destroços do Pax na Avenida Maine, 1902.....66
Figura 3: Região da cidade ocupada pela colônia.....72
Figura 4: Endereços da colônia e das igrejas por ela frequentadas.....73
Figura 5: Divisão dos *Arrondissements* de Paris.....75
Figura 6: Concentração por *quartier* dos endereços do *Bottin Mondain* (1903 à 1914).....77
Figura 7: Comparação entre os dois estudos.....78
Figura 8: Igreja Saint-Augustin.....98
Figura 9: Revista Nitheroy.....114
Figura 10: Conde de Araguaya.....116
Figura 11: Trajeto Residência – Igreja Saint-Philippe du Roule.....120
Figura 12: Residência do conde (1899-1920).....122
Figura 13: Localização de Hougate.....132
Figura 14: Guia do viajante de Fontainebleau de 1840.....133
Figura 15: Propaganda “turística” de Fontainebleau de 1891.....134
Figura 16: Propaganda “turística” de Lucerne de 1854.....135
Figura 17: Local dos eventos.....147

QUADROS

Quadro 1: Relação tipo de notícia X Ano.....95
Quadro 2: Ditsribuição total nas missas X Ano.....106
Quadro 3: Relação das famílias nobilitadas presentes X Assiduidade X Intervalo de anos.....108
Quadro 4: Relação dos núcleos familiares presentes X Assiduidade.....111
Quadro 5: Lista dos presentes de casamento da Olga de Araguaya.....126
Quadro 6: Viagens do conde e/ou condessa.....129
Quadro 7: Presença dos condes nas missas de réquiem da Família Real.....141

GRÁFICOS

Gráfico 1: Relação Nobres X Ano.....102
Gráfico 2: Relação Presença absoluta X Nobres X Ano.....104
Gráfico 3: Relação das famílias nobilitadas mais assíduas.....109

SUMÁRIO

Apresentação.....13
Introdução.....20
Capítulo I: O exílio.....39
1.1 Paris: Lugar de encontros.....49
1.2 A colônia brasileira nas notícias parisienses.....57
Capítulo II: A morte de D. Pedro II.....81
2.1 Missas de réquiem.....93
2.2 Os monarquistas em Paris......100
Capítulo III: Família Araguaya.....113
Conclusão.....150
Bibliografia.....155

APRESENTAÇÃO

> Decerto, mesmo que a história fosse julgada incapaz de outros serviços, restaria dizer, a seu favor, que ela entretém. Ou, para ser mais exato — pois cada um busca seus passatempos onde mais lhe agrada —, assim parece, incontestavelmente, para um grande número de homens. Pessoalmente, do mais remoto que me lembre, ela sempre me pareceu divertida. Como todos os historiadores, eu penso. Sem o quê, por quais razões teriam escolhido esse oficio? Aos olhos de qualquer um que não seja um tolo completo, com quatro letras, todas as ciências são interessantes. Mas todo cientista só encontra uma única cuja prática o diverte. Descobri-la para a ela se dedicar é propriamente o que se chama vocação[1].
>
> Marc Bloch

O curso de História não fora a minha primeira opção nos anos que sucederam a formação secundária. Nem tampouco a segunda ou terceira. Só mais tarde, após anos de dedicação profissional a áreas muito pouco afins à História, estando livre da cobrança utilitarista que cerca a maioria dos jovens em sua primeira decisão profissional, foi que pude dedicar-me à História. Como aponta Marc Bloch, "antes do desejo de conhecimento, o simples gosto; antes da obra de ciência, plenamente consciente de seus fins, o instinto que leva a ela". Foi por simples gosto que fui impelida a realizar minha segunda graduação e, por conseguinte, o mestrado do qual resulta o presente trabalho.

Nos anos de graduação, infelizmente, por motivos pessoais, não pude concentrar-me exclusivamente na formação universitária, por estar em uma fase da vida na qual outras responsabilidades já pesavam. No entanto, entre os anos de 2015 e 2016, através de muito esforço, consegui conciliar a correria dos dias com um projeto de iniciação científica coordenado pela professora Maraliz de Castro V. Christo, no Laboratório de História da Arte, tendo o apoio da FAPEMIG, muito importante e, sem dúvida, incentivador. Tal projeto, intitulado "Arte e sociabilidade: o leque de autógrafos (1889 – 1946) da condessa de Cavalcanti", foi o meu primeiro contato com a pesquisa histórica, primeira oportunidade em ver a aplicabilidade daquilo que nos era passado em sala de aula. Foi, portanto, a partir do aprofundamento em uma bibliografia específica do período e das investigações realizadas para o projeto, que um novo horizonte de estudo abriu-se e um tema de pesquisa foi delineando-se e tomando a forma de um projeto de mestrado.

A primeira curiosidade despertada foi em relação aos deslocamentos ultramarinos e a relação de proximidade da elite brasileira com a Europa, principalmente com a França[2]. Conhecendo um pouco da cultura francesa e sendo brasileira, essa relação, em particular, me interessava bastante. Entender como nos relacionamos ao longo dos anos tornou-se o foco de meus

[1] BLOCH, Marc. Apologia da História ou O Oficio de Historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. P. 43.
[2] CHRISTO, Maraliz C. V. *Arte e Sociabilidade*: Artistas franceses no leque de autógrafos da condessa de Cavalcanti. Comunicação apresentada no VII Colóquio História e Artes. Objetivos do olhar. 2014.

esforços de pesquisa, principalmente por ter identificado a existência de uma colônia brasileira estabelecida em Paris desde meados do século XIX. O que é tão distante para muitas pessoas ainda em inícios do século XXI – estabelecer-se no exterior – aparentemente já não o era para alguns que viveram no século XIX.

Mas afinal, quem eram aquelas pessoas, como foram parar em Paris? O que estavam fazendo ali? Como viviam? Como relacionavam-se com os franceses e com os estrangeiros? Estariam elas inseridas e assimiladas ao cotidiano parisiense? Ou vivam à margem, numa espécie de comunidade que se "auto bastava" socialmente? Enfim, eram muitos questionamentos e muita pesquisa a ser realizada para tentar responder, nem que fosse parcialmente, a todas essas perquntas.

Com a aprovação na seleção do mestrado a pesquisa tomou fôlego e o levantamento de dados foi completado. Tal levantamento foi baseado, majoritariamente, nos periódicos franceses, motor da pesquisa do projeto de iniciação científica previamente realizado.

Na *Bibliotèque Nationale de France* há 36 periódicos de grande tiragem, que abordam temas do cotidiano da cidade, entre os anos de 1777[3] à 1944. Dentre estes, 23 circularam regularmente entre os anos de 1889 e 1914. Com base nas descrições da *Bibliotèque Nationale de France,* três periódicos foram selecionados para análise: o *Le Figaro*, fundado em 1826, que caracterizava-se por suas reportagens francesas e internacionais e possuía a colaboração de diversas personalidades do mundo literário; o *Le Gaulois*, criado em 1868, um jornal "mundano", muito influente entre a nobreza e a alta burguesia; o *Gil Blas*, fundado em 1879, que possuía colaboradores de várias regiões e matérias sensacionalistas de tom escandaloso[4].

Para atingir o objetivo proposto, fez-se necessário identificar com maior precisão a colônia brasileira parisiense, não só em números ou através de generalizações, mas também saber quem eram os brasileiros que encontravam-se em solo parisiense de forma, mais ou menos, definitiva. Além disso, não tratava-se de identificar a colônia na sua totalidade mas sim os sujeitos que faziam parte da elite da colônia e que, portanto, envolviam-se em eventos sociais noticiados pelos periódicos e faziam parte da complexa rede social desenvolvida no além-mar.

A primeira preocupação da pesquisa era, portanto, buscar quem seriam esses ilustres componentes da colônia brasileira de Paris. Para tanto, a primeira busca fora feita usando a palavra-chave "D. Pedro". Com os resultados dessa primeira pesquisa, surgiram os mais diversos eventos que envolviam o Imperador: participação em academias, em missas, em solenidades, as viagens realizadas, entre vários outros atos sociais. Nesse caso, o evento escolhido como fio condutor do levantamento dos dados foram as missas de réquiem de D. Pedro II, pois com o seu falecimento, as celebrações começaram a ser realizadas anualmente e contavam com um quórum significativo de

[3] O *Journal de Paris* é o mais antigo periódico da França, fundado em 1777, inspirado no London Evening Post.
[4] Descrições pautadas nos próprios textos da *Bibliotèque Nationale de France,* que apresenta um breve descritivo de alguns dos documentos disponibilizados.

brasileiros. Portanto, um segundo filtro foi utilizado referindo-se à "assistência" nos eventos, pois muitos eventos contêm uma rubrica quanto ao *service* presente, ou seja, os nomes de muitos dos convivas. A partir disso surgiram os artigos que foram utilizados para identificar os membros de parte desse grupo.

Sem a ingenuidade de acreditar que obtive a totalidade dos nomes através dessa pesquisa e sabendo que a própria busca através do nome "D. Pedro" já criaria um viés nos resultados obtidos, sem dúvida, acredito ter conseguido obter uma amostra pertinente para a realização das observações e ponderações expostas nesse trabalho.

Após, quantitativamente, obter os primeiros resultados da busca, fazia-se necessária uma visão mais qualitativa para interpretar os dados coletados. A busca de uma bibliografia relativa ao período e aos temas abordados foi de suma importância. Nomes relacionados a uma historiografia clássica do período imperial, bem como estudos recentes de doutorados, foram levantados sistematicamente ao longo de toda a pesquisa, sempre buscando entender nos clássicos o porquê de assim eles serem considerados, de suas contribuições para a historiografia e como utilizá-los de forma sábia nas análises que faziam-se necessárias, bem como buscar novas perspectivas e temas revisitados pelas novas gerações de pesquisadores que pudessem ajudar nas interpretações do material obtido.

Um questionamento que permeou toda a pesquisa foi o da condição de exilado. Afinal, estaria usando a terminologia correta para descrever essa comunidade? Estamos habituados a entender o exílio como uma condição forçada ou penosa, punitiva de alguma forma, um caminho não necessariamente escolhido espontaneamente. Pois bem, aparentemente, essas pessoas não estavam achando ruim estar em Paris... Nem tampouco foram abertamente expulsas de sua terra natal. Viviam com conforto, pareciam bem ativos socialmente, moravam confortavelmente em regiões nobres, enfim, uma bela vida de exilados. Seriam essas características que os excluiriam da condição de exilados? Poderíamos então falar de um autoexílio? Ou seria melhor simplesmente excluir a ideia de exílio do corpo do trabalho?

Buscando entender a complexidade das migrações, em um sentido mais amplo do que a terminologia do exílio, foi feito um levantamento que resultou no capítulo de abertura do trabalho. Esse capítulo nos ajuda a entender o quão complexa é a condição individual ou coletiva diante dos deslocamentos ao longo da História, demonstrando que terminologias pouco flexíveis, ao invés de ajudar a encontrar respostas plausíveis, engessa características que muitas vezes não correspondem à realidade analisada.

Além disso, as migrações têm tomado cada vez mais espaço nas discussões acadêmicas e seu estudo ganhado força, dada a própria situação em que nos encontramos atualmente. Analisando situações passadas e entendendo melhor a condição de cada grupo social, suas motivações, seu

perfil e suas inquietações, os processos migratórios ganham forma e retratam as particularidades de cada caso, ocasião ou tipo de deslocamento.

Os resultados desses primeiros esforços de levantamento bibliográfico e conceitual podem ser apreciados, portanto, no capítulo I que trata da temática do exílio. Entender, de forma mais ampla, o significado da migração na vida dos indivíduos, suas motivações e, de forma mais específica, a característica do deslocamento espacial do grupo em questão, assim como a escolha do destino, nem um pouco aleatória, fez-se muito importante para o desdobramento dos resultados obtidos e sua interpretação.

Porém, para que essa dimensão fosse entendida, fazia-se necessário também conhecer bem a Paris do século XIX, o perfil de sua elite, de seus nobres, da própria cidade durante a *Belle Époque* e de seus espaços de sociabilidade. Portanto, um breve panorama, de um século muito tumultuado para a capital francesa, foi feito. Sem dúvida, entender o contexto no qual desenrolou-se parte da vida das pessoas aqui citadas, é de suma importância para traçar bem o cenário onde se deram os fatos apresentados ao longo do presente trabalho.

Atualmente ainda podemos reconhecer muito da Paris da virada do século, porém essa era uma Paris nova para fins do século XIX. Haussmann ocupou-se de sua transformação e nossa comunidade brasileira parecia usufruir plenamente das mudanças. A conhecida *Belle Époque* atraía cada vez mais a elite periférica e era o símbolo máximo da ostentação e *art de vivre*.

Por isso a primeira subparte do capítulo 1 é dedicada à análise mais profunda sobre a cidade de Paris. Existe toda uma dinâmica relativa às cidades e seu espaço ao longo dos anos. Apreender a Paris do século XIX, seu simbolismo e representatividade no contexto da época, é crucial para entendermos a decisão dos indíviduos em morar na capital francesa.

Paralelamente, um segundo esforço de pesquisa foi feito. Ao invés de buscar os nomes próprios dos indivíduos da colônia brasileira, foi usado o próprio termo *colonie bresiliénne* como motor de busca para a segunda parte pesquisa. Nesse caso os resultados foram muito importantes e complementaram de forma crucial a primeira fase da pesquisa. Assim, uma ideia mais total da colônia foi traçada. Com o levantamento de todas as notícias sobre a colônia, a pesquisa ganhou nova dimensão, abrangendo um grupo muito mais amplo do que o alcançado nos primeiros resultados através das missas de réquiem.

A ánalise do resultado dessa segunda parte da pesquisa pode ser apreciado na segunda subparte do capítulo I. As respectivas notícias sobre a colônia brasileira foram organizadas e classificadas por tipos para, então, serem analisadas qualitativamente. Essa primeira amostra do que era a colônia é fundamental para as análises feitas posteriormente, pois ela deu uma idéia mais geral do que era, afinal, considerado como a "colônia brasileira" de Paris, da sua rede de sociabilidade, dos indivíduos que dela faziam parte, dos eventos que promovia ou em que se envolvia e como era

vista e noticiada pela imprensa francesa, mais precisamente pelo periódico *Le Figaro*, a principal fonte dessa fase da pesquisa.

A partir dessas reflexões, a morte do Imperador, invocada no segundo capítulo, foi central para o estudo proposto, pois foi o fio condutor de todo o primeiro levantamento dos dados analisados. O falecimento de D. Pedro II foi um marco importante para a comunidade brasileira exilada, uma vez que muitos eram monarquistas que abriram mão de continuar no Brasil em consideração ao monarca ou proximidade ao regime deposto. Além disso, aqui também não pode ser negligenciado o poder simbólico exercido pelo monarca deposto, não somente diante da República que lutava por firmar-se em solo brasileiro, mas também em relação aos próprios franceses, que volta-e-meia ainda flertavam com regimes monarquistas.

Portanto, o objetivo foi, a partir de reconstruções do rito funerário do Imperador, refletir sobre as batalhas de memória relativas ao funeral e subsequentes a sua morte. Para tanto, conceitos que permeiam a ideia de batalhas simbólicas e tipos de memória foram abordados para o entendimento da consciência histórica no que refere-se a Monarquia e a influência que a memória exerceu sobre a construção do passado monárquico.

Após discutir os atos simbólicos do funeral e o significado da morte de D. Pedro II para os atores das diversas esferas envolvidos, na primeira subparte do capítulo II, completa-se o levantamento da primeira parte do trabalho. São apresentadas as missas de réquiem de D. Pedro II: a escolha da igreja, as datas, os anos de celebração, as notícias, enfim, um panorama completo acerca dos vários aspectos que envolveram as missas.

Todo esse contexto dialoga diretamente com a comunidade brasileira de Paris que participou ativamente desse momento e, ao vivenciá-lo, foi também influenciada por ele. Isso corroborou a escolha das missas de réquiem do Imperador como o momento ideal para levantar o nome das pessoas que encontravam-se em Paris na virada do século XIX para o XX. Além disso, em uma sociedade consideravelmente religiosa, como a brasileira oitocentista, os ritos religiosos eram muito importantes e tinham papel central na vida social das pessoas. Portanto, toda informação quanto aos lugares de suas celebrações, datas e formas que foram noticiadas, foi levada em consideração.

Um outro motivo importante para a consideração das missas como evento canalizador da comunidade foi, exatamente, o fato das missas de réquiem em homenagem a D. Pedro II continuarem sendo celebradas ao longo dos anos subsequente, e possuírem quórum significativo entre a comunidade brasileira, culminando no momento do traslado de seus restos mortais e o fim definitivo das missas em sua memória, em 1928. Os anos noticiados e os não noticiados foram problematizados ao longo do capítulo, bem como as possíveis razões dessas descontinuidades.

Portanto, o falecimento do Imperador coloca-se em posição analítica central, dado que constitui o fio condutor de todo o primeiro levantamento dos dados analisados. Além disso, a morte de D. Pedro II delimita um marco importante para a comunidade brasileira exilada, uma vez que, muitos eram monarquistas que abriram mão de permanecer no Brasil, em alguma medida, por consideração ao monarca e à Monarquia.

Na segunda subparte do capítulo II, análises mais complexas foram feitas quanto as pessoas presentes, não no sentido individual, mas enquanto grupo nas missas de réquiem. Uma classificação quanto aos perfis dos indivíduos presentes foi feita, dividindo-os entre os nobilitados e os não nobilitados. Os nomes das famílias mais assíduas, os títulos nobres mais numerosos entre os frequentadores e a distribuição ao longo dos anos dessa presença.

Com uma visão já mais ampla do contexto do período e da própria colônia brasileira de Paris, um Paris, um estudo complementar e mais pontual fez-se necessário para um maior entendimento e resultados mais robustos para a pesquisa. A ideia era selecionar os nomes mais recorrentes (com maiors presença absoluta) nas missas, usá-los como entrada para a pesquisa e a partir dos resultados obtidos entender melhor a dinâmica dos membros da colônia. Ou seja, o nome da família seria pesquisado nos periódicos para traçar suas redes e relações no universo social, dando assim, através da amostra de algumas famílias, dimensão da inserção sócio-cultural da comunidade brasileira na vida parisiense, bem como de sua própria visibilidade e experiências vivenciadas no exílio.

No entanto, ao continuar a pesquisa como esperava, através dos nomes das famílias, a surpresa maior foi o número enorme de resultados encontrados, tornando inviável o tratamento dos mesmo no tempo do mestrado. Parecia mesmo que os brasileiros parisienses estavam em voga na *Belle Époque,* quando o ver e o ser visto era de suma importância para a ordem social em vigor. Portanto, uma nova seleção precisou ser feita para dar andamento as buscas e decidiu-se trabalhar com uma família como amostra do grupo.

O capítulo III é, portanto, dedicado à família Araguaya, escolhida ao acaso para evitar qualquer tipo de viés que uma escolha mais consciente poderia trazer, como por exemplo a escolha de uma família mais ou menos abastada (como no caso dos Nioac), mais os menos próxima ao Imperador (como no caso dos Muritiba), entre outras. Assim, a pesquisa pelo sobrenome nos jornais começou a ser feita e as notícias a serem filtradas. Nesse estudo de caso, através do conde e da condessa de Araguaya, busquei traçar as formas e os lugares em que se davam seus encontros sociais, suas redes de sociabilidade, o caráter das notícias encontradas, enfim, vestígios que ajudassem a entender um pouco mais sobre essa comunidade brasileira do ultramar.

Sem a intenção de generalizar os resultados como regra para todo um grupo, a ideia era esboçar um primeiro retrato da vida de uma família brasileira residente em Paris na virada do século

XIX, com todas as nuances perceptíveis através das mais diversas fontes disponíveis que ajudassem a completar um quebra-cabeça que começava a ser descoberto. Anuários, revistas, jornais, relatórios, todo material que continha informações sobre a família foi aproveitado e ajudou a compor o quadro final.

Termino essa apresentação lamentando pela certeza em não ter obtido um resultado generalizante para a pesquisa. Ao mesmo tempo, com a satisfação por saber que todo um universo para análise abriu-se com os dados encontrados ao longo dos anos de pesquisa realizados. Sem dúvida, o resultado desse mestrado é nada além de um primeiro esforço e a certeza de que muitos outros trabalhos e projetos podem derivar dessa pesquisa. Um estudo que não fecha portas mas sim coloca vários novos questionamentos e o desejo de continuar nesse caminho, que apresenta tantos frutos em potencial.

INTRODUÇÃO

> [os brasileiros] mostram-nos os tesouros de seu solo e pedem-nos os da nossa cultura. Isso lembra as fraquezas e ingenuidades das antigas trocas: eles nos oferecem borboletas e nos pedem ideias[5].
>
> Abel Bonnard

As trocas entre o Brasil e a França foram tradicionalmente marcadas por uma dissimetria, enraizada desde a chegada dos europeus ao solo brasileiro[6]. É essa a opinião de Mario Carelli[7] em seu livro *Culturas Cruzadas* (1994). Abel Bonnard, poeta e romancista francês, autor de *Ocean et Brésil*, de 1929, ratifica o ponto de vista de Carelli. No entanto, não se pode negligenciar o fato de que há nesse desencontro de posições, continuidades, rupturas e inversões de papel ao longo dos séculos.

Retrançando um breve panorama acerca das relações franco-brasileiras, constata-se que, embora a presença de marinheiros franceses na costa brasileira date de bem antes da chegada dos portugueses[8], a celebração da vitória francesa contra os ingleses na Bolonha, que ocorreu na cidade de Rouen em 1550, é conhecida como um dos primeiros marcos do contato entre os dois países. Isso porque a festa contou com a presença de índios trazidos diretamente de terras brasileiras encenando papéis e ritos culturais. O "exótico", o "selvagem", começava a ter seu lugar no imaginário europe[9], alimentado cada vez mais pela conquista de lugares longínquos, proporcionada pelo desenvolvimento dos meios de transporte que marcou o início da chamada "modernidade".

Apesar do isolamento do Brasil, com o fechamento dos portos, os séculos XVII e XVIII contaram com expedições de corsários franceses que, inconformados com as políticas da Coroa portuguesa, aventuravam-se rumo ao Brasil com os mais diversos objetivos, dentre os quais, o principal era a exploração das riquezas naturais. Essas incursões em solo brasileiro contavam muitas vezes com o apoio de Luis XIV, favorável as empreitadas de ataque ao Rio de Janeiro[10].

Foi a partir de meados do século XVIII que o cenário começou a transformar-se e deu-se o inicio da ponte cultural entre os dois lados do oceano, em uma via de mão dupla. Depois de quase

---

[5] BONNARD, Abel. Apud CARELLI, Mario. *Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Campinas: Papirus, 1994. P. 17.

[6] CARELLI, Mario. Op. Cit., p. 199.

[7] Responsável pelo banco de dados França-Brasil do Centro de Pesquisas sobre o Brasil Contemporâneo da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS) e um dos maiores especialistas nas relações culturais França-Brasil, deixou em seu livro Culturas Cruzadas (1994) apontamentos de vários marcos relevantes da relação entre o Brasil e a França ao longo dos séculos.

[8] Antes do primeiro contato formal, identificado pelas fontes historiográficas, o Brasil já era conhecido pelos marinheiros franceses, especialmente pelos normandos que vinham em busca do pau-brasil, por causa do forte comércio realizado no porto da Antuérpia, onde a madeira era bem avaliada e possuía grande demanda. GAFFAREL, Paul. *Histoire de Brèsil français au XVI siècle. P*aris, J. Maisonneuve, 1878.

[9] Exemplo disso é o coro da Igreja de São Jacques, em Dieppe, na Normandia, no qual figuram imagens dos mercadores da cidade com índios, todos bem caracterizados com suas vestimentas, contando e carregando pau-brasil. TAVARES, Aurélio de Lyra. *Brasil França, ao longo de 5 séculos.* Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1979. P. 27.

[10] CARELLI, Mario. Op. Cit., p. 58.

três séculos de colonização portuguesa, o despertar de uma consciência atravessava o Atlântico e surgia como novos ares, novas possibilidades, ao mesmo tempo que o cenário europeu se reconfigurava.

A economia industrializada, baseada no ferro, no carvão e nas máquinas à vapor, que inaugurou o século XIX na Europa, mais especificamente na Inglaterra, trouxe consequências irreversíveis para o mundo inteiro. Como aponta Eric Hobsbawm, "o capitalismo era assim, não só internacional na sua prática, mas internacionalista na sua teoria"[11]. Aos poucos, até os mais remotos pontos do globo foram tocados por mudanças imensuráveis e irreversíveis.

Embora o mundo continue sempre em constante mudança, o que reconhecemos hoje como sendo familiar, ou seja, "o mundo a nossa volta", é em grande parte consequência do intenso fluxo de mudanças que começou em fins do século XVIII, com a Revolução Industrial, intensificou-se durante o século XIX, com a Revolução Científico-Tecnológica e virou o século produzindo duas grandes guerras mundias[12].

Tais mudanças não diziam respeito apenas às invenções que sucediam-se uma após a outra, mas também a transformações mais profundas que aconteciam na sociedade. O ritmo, o tempo das coisas alterava-se, as cidades começavam a se transformar nas grandes metrópoles que reconhecemos hoje em dia. Os países mais desenvolvidos da Europa e os Estados Unidos, viram seu modo de vida mudar drasticamente até a virada do século XIX para o século XX.

Os avanços da economia liberal, baseada na iniciativa privada e no desenvolvimento tecnológico e industrial, já começavam a ser sentidos pela ampliação de um embrionário comércio internacional, propulsionado cada vez mais pelo desenvolvimento dos meios de transporte. O mundo buscava se adaptar à nova ordem instalada pela Revolução Americana, pela Revolução Industrial e pela Revolução Francesa. Era o início de uma nova configuração da sociedade, em seus valores, ações e comportamentos[13].

> De fato, nunca em nenhum período anterior, tantas pessoas foram envolvidas de modo tão completo e tão rápido num processo dramático de transformação de seus hábitos cotidianos, suas convicções, seus modos de percepção e até seus reflexos instintivos[14].

Nesse contexto de crescente internacionalização, os ecos da Revolução Francesa reverberavam em terras brasileiras. Joaquim Nabuco, afirmava, então, que "todas as nossas

[11] HOBSBAWM, Eric. *A era dos Impérios*, 1875-1914. Londres, Weidenfeld &Nicolson, 1987. P. 26.
[12] SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit., p. 8.
[13] Ibdem. Introduçao.
[14] SEVCENKO, Nicolau. *Introdução*. In: História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Radio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 8.

revoluções (antes da Independência do Brasil) nos vieram como ondulações começadas em Paris"[15]. Mais do que isso, as mudanças no cenário internacional que o início do século XIX trouxe, com Napoleão, foram fundamentais para o destino brasileiro.

O Brasil não ficou fora da dinâmica que começava a ser operada. Foi nesse mesmo século que a Família Imperial e grande parte da Corte portuguesa cruzaram o Atlântico tendo o Brasil como destino, no ano de 1807, chegando no Rio de Janeiro em março de 1808. Vieram, além da Família Real, seus criados, conselheiros, ministros, médicos, juízes, nobres, padres, militares, funcionários públicos em geral, enfim, os mais poderosos do reino, em busca de reconstruírem suas vidas na possessão ultramarina.

As famílias que junto partiram com o Regente esperavam uma contrapartida em relação ao apoio dado a D. João VI. Nesse caso, a criação de cargos públicos era necessária, não só para estruturar o que seria o centro do poder português, mas também para absorver a mão de obra dessas pessoas. Portanto, uma série de instituições e aparatos estatais foram reproduzidos para suprir essa necessidade e amparar a recém chegada Corte. Exemplos de algumas dessas instituições também "transferidas" com a Família Real e nos anos subsequentes são o Arquivo Central, a Imprensa Régia, o Observatório Econômico, o Jardim Botânico, a Biblioteca Real, a Casa da Moeda, a Intendência Geral da Polícia, o Banco do Brasil e a Academia Real Militar.

> Com a chegada da Corte, a rotina dos diferentes grupos sociais foi progressivamente sendo alterada, os daqui vendo tamanha legião de adventícios de todas as partes[16].

Jurandir Malerba, ao considerar as mudanças advindas com a chegada da Corte, lembra-nos muito bem que a urbe, se assim for concebida apenas como um palco, como parte passiva de todas as transformações, perde o papel de agente e seus atores são negligenciados. Portanto, a cidade deve ser considerada em sua totalidade, não só nos seus aspectos fisícos, mas também na vida que pulsa dentro dela, na sua dinâmica cotidiana.

> Do Rio de Janeiro, sede do governo do Estado do Brasil desde 1763, pode-se dizer que preservava as características de uma quase aldeia ao encerrar-se o período colonial. Ruas estreitas, escuras e sujas; não havia remoção de lixo, sistemas de esgotos, qualquer noção de higiene pública. As casas eram térreas em sua maioria, ocupadas pelos próprios donos. Obras públicas, como o passeio público e o aqueduto da Carioca. Seus habitantes – anotara Matius, entre 1817 e 1821 – guardavam um certo ar oriental. As mulheres sempre embuçadas, sentadas no chão ou sobre esteiras; os homens com um poncho ou um manto, e os nobres com espada à ilharga. Quase não havia festas, somente as religiosas. No decorrer do século XVIII, sua população crescera significativamente: segundo Joaquim

[15] NABUCO apud CALMON, P. *História do Brasil* 3º Tomo. Companhia Editora Nacional. Brasiliana Vol. 176 Série 5º, 1943.
[16] MALERBA, Jurandir. A Corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808-1821). São Paulo: Companhia das Letras, 2000. P. 126.

> Caetano da Silva, seriam 12 mil habitantes em 1720; Baltasar da Silva Lisboa estimava em 25 mil almas, em 1750; por ocasião da transferência da sede do governo, seriam 30 mil no cálculo do barão de Rio Branco; e, de acordo com o Padre Perereca, 60 mil no momento da chegada da Família Real[17].

No caso do Rio de Janeiro do início do século XIX, considerar esses aspectos significaria imaginar uma cidade com ruelas cheias e barulhentas, sujas e com mau odor, comportando indivíduos das mais diversas etnias em uma paisagem urbana em acelerada transformação. Os sobrados com lojas de comércio em suas bases e as residências no andar superior, o desenho assimétrico das ruas, a água das casas transportadas por escravos que iam colhê-las nas fontes abastecidas pelo aqueduto da Carioca, as celhas cheias de excrementos sendo transportadas por todas as partes rumo à destinação final: as praias; os dejetos das casas sendo eliminados na rua mesmo, para que a chuva os limpasse, o mau cheiro insuportável da porcaria acumulada. Essas eram algumas das características do espaço público do Rio de Janeiro durante o século XIX, um território caracterizado pela má conservação e imundícies[18].

A mudança na paisagem foi forçada pela própria falta de espaço para comportar todos os récem-chegados. Isso fica bem claro ao lembrarmos que, segundo o Padre Perereca, havia cerca de 60 mil habitantes na cidade, quando por ocasião da chegada da Corte, quando outras 15 mil pessoas desembarcaram por lá. Isso fez com que as cercanias da cidade começassem a ser ocupadas e as florestas diminuídas, recuavam. O pulsar de uma economia que começava a se abrir também contribuía para a velocidade das mudanças.

Além disso, a população do Rio de Janeiro, que vira em 1808 seu contigente aumentar em quase 50%, quando do regresso da Família Imperial para Portugal, já contava com quase 113 mil habitantes. Como aponta Ilmar Rohloff de Mattos,

> Parece-nos que tal crescimento não pode ser creditado apenas ao número de indivíduos desembarcados com Dom João, e sim ao aprofundamento das funções que a cidade exercia. [...] Como nova sede da Monarquia portuguesa, a cidade ampliou suas funções de centro administrativo, além daquelas eminentemente mercantis[19].

Em relação a seus habitantes, o Rio de Janeiro de então era uma cidade negra e mestiça em dois terços da população e, segundo as estatísticas, o número de brancos dobrou quase que de um dia para o outro com a chegada Corte. Comerciantes ingleses e franceses, artistas italianos, naturalistas austríacos, viajantes de várias partes desembarcavam do lado de cá do Atlântico, atraídos pelo comércio, pelos segredos naturais pouco explorados, pela curiosidade ou busca de oportunidades, e transformavam-se em novos figurantes do cotidiano da cidade, dando um tom

[17] MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema*. São Paulo: HUCITEC, 1987. P. 30-31.
[18] MALERBA, Jurandir. Op. Cit., p. 131.
[19] MATTOS, Ilmar Rohloff de. Op. Cit., p. 50.

europeu à capital[20]. Desdobramentos dessa mistura podiam ser encontrados ainda em meados do século conforme dizia Francisco de Paula Ferreira de Resende "não só as diversas raças nunca se confundiam mas que muito em vez disso, cada raça e cada uma das classes nunca deixavam de, mais ou menos, manter e de conhecer o seu lugar"[21].

Os empreendimentos "civilizatórios" de D. João VI, desde sua chegada, tinham, principalmente, o objetivo de suprir as demandas que todas as mudanças decorrentes do crescimento populacional impunham, bem como o próprio cotidiano de sua Corte. A demanda por bens culturais foi largamente ampliada por um próspero mercado consumidor de instrução básica e boas maneiras: "Todos imbuídos de se tornar, ao menos nas maneiras e em alguma medida, europeus como os milhares que chegavam anualmente à sede do Império Português"[22].

Embora Malerba aponte que enquanto alguns historiadores

> admitem a transformação radical dos hábitos em todos os segmentos da sociedade; outros perceberam que as classes que mais se deixaram influenciar pelas novidades dos portos abertos foram as secundárias, ou inferiores – as superiores à época já em nada difeririam no comportamento das classes privilegiadas de Londres ou Paris; outros ainda indicaram uma sensível "melhora" nas maneiras dos nativos brasileiros – que se tornaram menos discrepantes das dos europeus –, mais permeáveis às mudanças por influência do contato com a Corte[23],

O autor também defende a ideia de uma "europeização dos costumes", sem, contudo, entender o significado disso como uma absorção passiva de costumes de um grupo por outro. Ao contrário, defende a idéia de

> influência recíproca dos diferentes grupos sociais, particularmente as elites de Corte e os comerciantes fluminenses, na transformação dos costumes no Rio de Janeiro joanino, no sentido da "europeização" dos hábitos dos nativos pela influência dos adventícios e da adaptação destes aos costumes daqui[24].

Dentre os países europeus, a França foi um dos principais referenciais de todas as mudanças que ocorreram na sede do Império. O estabelecimento de instituições, novos hábitos, costumes, bases culturais, tudo fora importado da França e adaptado à realidade brasileira e, muitas vezes, mal adaptado, dada a incompatibilidade prática existente em vários aspectos, como clima, geografia, cultura, composição social, entre outros.

---

[20] MALERBA, Jurandir. Op. Cit., p. 126-143.
[21] Citado por: MATTOS, Ilmar Rohloff de. Op. Cit., p. 112. Aqui, segundo Mattos, Francisco de Paula Ferreira Resende referia-se "sobretudo aos atributos de liberdade e propriedade, o sentimento aristocrático não apenas servia para discriminar entre os diversos elementos constitutivos da sociedade imperial; servia sobretudo para determinar a posição e o papel de cada um deles" (p. 117).
[22] Ibidem, p. 166.
[23] Ibidem, p. 187.
[24] Ibidem, p. 187.

Portanto, o século XIX começou por aqui com um grande acontecimento que, sem dúvida, foi o motor de muitas das mudanças ocorridas nas décadas seguintes. A chegada da Família Real e da Corte portuguesa e a consequente reprodução dos hábitos de consumo e estilo de vida vindos diretamente da Europa, certamente colaboraram para alimentar o imaginário das elites brasileiras[25]. Assim, com a Coroa e a Corte, não vieram apenas mais de quinze mil pessoas, mas também toda uma bagagem cultural, intelectual e institucional[26]. O solo era fértil para tal empreitada, uma vez que a elite local, considerando-se portuguesa, ansiava por uma modernização que tal deslocamento do centro de poder poderia trazer consigo.

> No Rio e em todas as grandes cidades da América, o caráter dos habitantes varia ao infinito, segundo a idade e profissões: porém não se poderia dissimular que o movimento, que o Império imprimiu nos costumes, estabeleceu uma diferença assaz sensível entre as duas gerações. Muito limitado é o número de famílias que, até certo ponto, não tem adotado os usos ingleses e franceses[27].

Sem dúvida o século XIX representou o ápice da relação franco-brasileira. Embora nos primeiros anos da Corte instalada no Brasil, a Inglaterra tenha tido vantagens nítidas e uma maior influência sobre não só a Coroa, mas todo o comércio e tratados estabelecidos entre o Império português e outras nações, com a derrota de Napoleão na Europa, o cenário transformou-se novamente e os dois países, França e Brasil, voltaram a intensificar suas trocas.

Portanto, desde a chegada da Corte, uma sucessão de mudanças e adaptações tiveram curso com a proposta de superar as características coloniais e adaptar, principalmente o Rio de Janeiro, aos parâmetros mínimos de uma certa modernidade, civilidade, almejada[28]. Foi principalmente a partir desse momento que estreitou-se os laços entre os dois lados do Atlântico, pois com todas as mudanças ocorridas na Europa no final do século XVIII, a França ganhou um papel fundamental e central nesse processo de modernização de muitos dos países periféricos.

Fruto de calorosas discussões acadêmicas, a Missão Artística Francesa ocupou um espaço de destaque em meio ao novo projeto de nação que começava a surgir. Independentemente dos verdadeiros motivos e finalidades que trouxeram os franceses ao país, a Missão correspondia bem aos anseios de mudanças e reestruturação em curso[29].

---

[25] HOT, Amanda D. *Cartas à viscondessa*: cotidiano e vida familiar no Brasil Império. Ouro Preto, 1850-1902. 2010. 144f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2008. P. 76.

[26] MALERBA, Jurandir. Op. Cit., p. 126.

[27] DENIS, Ferdinand, *Brasil*, citado por Jurandir Malerba, Op. Cit., p. 125.

[28] Ibidem, p. 101.

[29] As principais referencias sobre o assunto são a obra de Afonso de Escragnole Taunay, responsável, inclusive, pela criação do termo "missão", e a de Adolfo Morales de Los Rios Filho. A questão que se coloca é se os franceses teriam vindo ao Brasil a convite da Corte brasileira com a finalidade de criar uma cultura artística, até então presa à raízes religiosas, de mudar o estilo arquitetônico, de embelezar e higienizar os costumes, bem como de criar uma Academia de Belas Artes, ou se, na verdade, não teriam vindo eles exilados, por serem antigos aliados de Napoleão, como defende Mário Pedrosa.

Segundo decreto de 12 de agosto de 1816, o objetivo da Missão seria "estabelecer uma Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, a fim de difundir conhecimentos aos homens destinados aos empregos públicos, promovendo ainda o progresso da agricultura, mineralogia, indústria e comércio, mas sobretudo, fornecer o "socorro estético" que permitiria fazer do Brasil um reino mais rico e opulento do que qualquer outro"[30]. Nesse sentido, percebe-se que ela teve uma dimensão muito mais ampla, servindo como verdadeira base de um projeto civilizatório. Portanto, a Missão Artística foi um vínculo marcante entre a cultura francesa, no que ela tinha de mais representativo, e a cultura brasileira, que se expandiria sob suas diretrizes.

De fato, ainda hoje a Missão Artística Francesa é referência em diversos campos de estudo. A heterogeneidade do grupo francês que aqui desembarcou influenciou diretamente os campos que surgiam ou se consolidavam entre as artes e ofícios no Brasil. O país desenvolveria-se, portanto, sob a influência do olhar francês.

Além disso, o Brasil enquanto lugar de exílio, manteve suas portas abertas para o outro lado do Atlântico. Em relação à França, o governo de D. João recebia os desertores mesmo quando algumas medidas resultavam em desentendimentos diplomáticos (por exemplo ao colocar em cargos púbicos imigrantes de regimes opositores em seu país de origem[31]). De toda forma o exílio firmou-se enquanto tradição entre os dois países. Tem-se célebres casos de brasileiros como o de Montezuma (conde de Jequitinhonha) e o dos irmãos Andradas, que foram deportados em 1823, com a dissolvição da assembleia constituinte[32], para a França, onde eram mantidos perto dos olhos das autoridades francesas e brasileiras.

Foi nesse contexto que Ferdinand Denis, um dos primeiros brasilianistas franceses[33], iniciador dos estudos portugueses e brasileiros na França, pisou no Brasil pela primeira vez em 1816[34]. Sob proteção de Henri Plasson, agente consular francês na Bahia, Ferdinand Denis trabalhou como secretário e ali fixou residência nos anos que se sucederam, ampliando sua rede de relacionamento com os nativos.

Ferdinand Denis ocupou um papel central na mediação entre os dois países, tendo sido o primeiro a estabelecer uma ponte entre os viajantes dos dois lados do Atlântico. A importância de

---

[30] TREVISAN, Anderson Ricardo. Debret e a Missão Artística Francesa de 1816: aspectos da constituição da arte acadêmica no Brasil. ***Plural.*** São Paulo, v. 14, p. 9-32, dec. 2007. P. 15.

[31] TAVARES, Aurélio de Lyra. Op. Cit., p. 141.

[32] SISSON, S. A. *Galeria dos Brasileiros Illustres (os contemporâneos).* Retratos dos homens mais illustres do Brasil, na política, sciencias e letras, desde a guerra da Independência até os nossos dias. Rio de Janeiro, Lithographia de S. A. Sisson, editor, 1861. P. 54.

[33] Dentre suas principais publicações, estão *Le Bresil ou histoire, moeurs et coutumes des habitants de ce royaume* (1822), que fez em parceria com Hippolyte Taunay, *Scènes de la nature sous les tropiques et leus influence dur la poésie, suivis de Camões et José Indio* (1824), além de *Resumé de l'histoire littéraire du Portugal suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1825). Seus relatos privilegiam as belezas naturais do país, o exotismo da presença africana, sem negligenciar tópicos políticos, culturais e sociais, sendo também considerado o precursor do movimento literário brasileiro.

[34] CARELLI, Mario. Op. Cit., p. 61.

Denis resulta, primeiramente, da publicação no exterior de numerosos textos sobre a história, a natureza, os povos indígenas (que teve oportunidade de encontrar em uma expedição que conduziu ao Vale do Jequitinhonha), a cultura e a literatura do Brasil[35]. Denis é considerado um dos pais da literatura brasileira por ter sido um dos primeiros a referir-se de forma distinta em relação à literatura portuguesa, separando assim o que antes era considerado um todo comum.

Além disso, seu endereço em Paris, desde seu retorno em 1821, tornou-se parada obrigatória para a jovem elite brasileira que aventurava-se rumo à Europa em busca de enriquecimento pessoal, baseado no que era considerado como uma formação privilegiada: conhecer o berço da civilização culta, evoluída[36].

Quanto às percepções do viajante francês, Elis Pacífico Silva, aponta que

> Ferdinand Denis afirmava ter sido 1808 o ano que teria aberto aos habitantes do Brasil uma nova era de civilização e progresso: promulgou-se alvará que estimulou os diversos gêneros de indústria manufatureira e comercial, estabeleceu-se uma imprensa no Rio de Janeiro, o afluxo dos estrangeiros permitiu que o Brasil deixasse de ter aspecto de colônia. A mudança mais desejada teria se efetuado em 1815, segundo ele, que teria feito cessar a posição secundária do Brasil na hierarquia política. Porém, neste novo movimento, observava o viajante, na emancipação intelectual do país, a Corte teria tido menos influência do que se poderia pensar num primeiro momento, trazendo antes todos seus vícios para o novo ambiente político do Brasil. Ainda assim, observava Denis, que a população mais instruída teria compreendido de onde teriam vindo os melhoramentos reais operados no Brasil e que foi graças às relações estabelecidas com negociantes ingleses e franceses que os conhecimentos necessários ao aumento da indústria poderiam ser adquiridos, caráter ativo da luta empreendida, nem sempre em proveito de Portugal[37].

Ao mesmo tempo em que brasileiros cruzavam os mares com maior frequência e objetivos outros que não meramente econômicos, os franceses continuavam a frequentar terras brasileiras com propósitos diversos, muitas vezes científicos, culturais ou como uma excentricidade a vivenciar. Vale ressaltar a existência de uma retórica comum entre os viajantes franceses e seus relatos de viagem, através da repetição de alguns clichês, como o de "paraíso terrestre". Clichês estes que são recuperados de texto em texto desde os primeiros testemunhos e perpetualizam-se dessa forma[38].

Segundo levantamento de Guy Martinière (1980), há um grande contraste no interesse dos franceses pelo Brasil que pode ser claramente observado e dividido em dois períodos, até o final do século XVIII e após a chegada da Corte em 1808. Para os ditos períodos, aponta que no século

---

[35] CARELLI, Mario. Op. Cit., p. 62.
[36] SAUTHIER, Etienne. Aux sources de la civilisation: Les jeunes élites brésiliennes et le voyage en Europe dans la seconde moitié du XIXème siècle (1850-1914). *RITA*, Paris, n. 4, dez. 2010.
[37] SILVA, Elis Pacífico. *A construção de uma identidade nacional brasileira en visões estrangeiras* (1808-1822). 2015. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo. P. 88.
[38] CARELLI, Mario. Op. Cit., p. 62-63.

XVIII um livro a cada 800/1000 apareciam na França sobre o Brasil, enquanto que após a abertura dos portos brasileiros aos estrangeiros, essa proporção adquire um tamanho considerável, elevando-se para um a cada 100/120 livros[39].

> Plusieurs histoires du Brésil paraissent en français comme celle d'Alphonse de Beauchamp (1815, 1824) ou de Ferdinand Denis (1825). Le premier doctorat sur le Brésil : *Géographie de la province cisplatine du Brésil* est soutenu à la Sorbonne en 1823. En 1839, Horace Say, frère cadet de Jean Baptiste, l'illustre économiste, publie une *Histoire des relations commerciales entre la France et le Brésil*. En 1909, Pierre Denis édite *Le Brésil au XXe siècle*[40].

Em janeiro de 1921, o periódico *Le Figaro* publicou em sua coluna *Amérique Latine* uma nota quanto a emigração às terras brasileira, atestando que entre os anos de 1820 e 1919 o Brasil recebeu 3.577.355 imigrantes, dos quais, a parte dos 1.021.271 portugueses e 1 milhão de italianos, que representam uma maioria expressiva, a França aparece com 29.665 imigrantes (ficando atrás da Alemanha, com 120 mil imigrantes, da Russia, com 105 mil, da Áustria, com 79 mil, dos turcos-árabes, com 54 mil e dos espanhóis, com 50 mil)[41].

Para Delphine Diaz, após a proclamação da Independência, em 1822, a circulação entre os dois lados do Atlântico intensificou-se. Diaz cita que, em 1827, havia 200 brasileiros vivendo exilados na França[42]. Aponta ainda como característica dos primeiros movimentos migratórios do século XIX entre França e Brasil, que:

> les déplacements entre les deux rives de l'Atlantique ont avant tout trouvé leur origine dans les circulations savantes et étudiantes, bien plus importantes numériquement. Pour d'autres brésiliens, le séjour en France était également synonyme de pur loisir, aussi bien dans la capitale qu'en province, où les aristocrates s'adonnaient aux joies des bains de mer et du "tourisme", pour emprunter un vocabulaire qui a précisément fait son apparition dans la langue française à cette époque[43].

Ilustrando bem o perfil do afluxo brasileiro em direção à Paris no inicio do século XIX, tem-se o caso de Manoel de Cerqueira Lima, o qual as autoridades francesas não conseguiam

---

[39] MARTINIÈRE, Guy. Principales orientations des recherches réaliser en France sur le Brésil dans le domaine des sciences sociales (1960-1980). *Cahiers des Amériques Latines.* n. 21-22. 1980. P. 49-71.

[40] MARIN, Richard. Le brésilianisme en France: histoire d'une promesse non tenue? *L'ordinaire latino-américain,* IPEALT, Université Toulouse Le Mirail, 2003. P. 37-48. P. 2. "Várias histórias do Brasil aparecem em francês como a de Alphonse de Beauchamp (1815, 1824) ou Ferdinand Denis (1825). O primeiro doutorado sobre o Brasil: "a geografia da província brasileira de cisplatina do Brasil" foi defendido na Sorbonne em 1823. Em 1839, Horace Say, o irmão mais novo de Jean Baptiste, o ilustre economista, publicou uma "História das relações comerciais entre a França e o Brasil". Em 1909, Pierre Denis publica o Brasil no século XX."

[41] *Le Figaro,* 27/01/1921, p. 2

[42] O editor de *Histoire de Jean VI,* faz essa estimativa segundo cita Delphine Diaz (2013, p. 1).

[43] DIAZ, Delphine. Des Brésiliens dans la France des années 1820. Contribution à une histoire des mobilités transatlantiques au xixe siècle. *Amnis.* N. 12, 2013. P. 1. "os deslocamentos entre as duas margens do Atlântico encontraram, entes de tudo, suas origens na circulação dos acadêmicos e estudantes, muito mais numerosos. Para outros brasileiros, a estadia na França era igualmente sinônimo de puro lazer, tanto na capital quanto nas províncias, onde os aristocratas se entregavam às alegrias dos banhos de mar e do "turismo", para empregar um vocabulério que surgia na língua francesa precisamente naquela época".

identificar seu status no país, ou seja, se ele seria um exilado, um estudante ou até mesmo um espião a serviço da embaixada de Portugal, salientando que o sujeito se entregava por completo aos prazeres que a capital lhe oferecia[44]. Portanto,

> Du théâtre à l'opéra, du café au cabinet de lecture, en passant par les réunions au domicile de certaines notabilités brésiliennes ou même par la maison close, il est vrai que multiples sont les espaces publics et privés fréquentés dans la capitale par ces « touristes » avant la lettre[45]. D'ailleurs, la géographie des lieux de loisir des brésiliens va bien au-delà du seul cadre parisien, puisque ceux qui sont accueillis dans la France de la Restauration n'hésitent pas à y circuler, parfois sans avoir obtenu de passeports pour l'intérieur, pourtant théoriquement nécessaires à ces voyages en province[46].

Como pode-se perceber, temos, ao longo do século XIX, uma delimitação mais precisa dos territórios, um fortalecimento das fronteiras e o surgimento de um controle cada vez mais forte e presente, pelo Estado, dos cidadãos, principalmente em solos europeus, onde numerosos tratados sobre fronteiras começam a ser firmados. Nesse contexto, surgem os documentos de viagem, as identidades, as autorizações necessárias para os deslocamentos interregionais, os passaportes. Junto com o desenvolvimento dos meios de transporte que corroboram para aproximar lugares distantes, emerge também a preocupação dos Estados em controlar esse fluxo crescente de pessoas. Como aponta Peter Sahlins: "*La politisation des fronteires nationales et du territoire national est l'ultime étape d'un processus allant de l'émergence de la souveraineté nationale du XVIIIe. à sa nationalisation pendant la Révoluiton Française*"[47]. Pensar o século XIX implica refletir sobre todas essas questões que hoje nos parecem tão naturais, mas que, no entanto, eram ainda idéias incipientes.

Além da revolução dos meios de transporte e a maior facilidade dos deslocamentos, , com D. Pedro II à frente da Império, o intercambio cultural entre os dois lados do Atlântico acentuou-se ainda mais. O perfil intelectual do Imperador, a sua formação basicamente francesa, suas viagens, suas iniciativas e contatos estabelecidos com grandes figuras representativas do cenário francês e a

---

[44] DIAZ, Delphine. Op. Cit., p. 1.

[45] Aqui a autora utiliza a idéia de *avant la letter*, pois foi somente após a Monarquia de Julho que o termo "turista" se propaga e seu uso torna-se popular em 1838 com a publicação de *Mémoires d'un touriste*, de Stendhal.

[46] Ibidem. "Do teatro à opera, do café aos gabinetes de leitura, passando pelas reunioes nos domicilios de certas notabilidades brasileiras ou mesmo nas casas de prostituiçao, é verdade que multiplos sao os espaços públicos e privados frequentados na capital por estes "turistas" vanguardistas. Além disso, a geografia dos lugares de lazer dos brasileiros vai muito além do recorte especial de Paris, pois os que sao acolhidos pela França da restauracao nao hesitam em circular, algumas vezes sem ter obtido um passaporte para os deslocamentos internos, teoricamente necessario a essas viagens pelas provincias".

[47] SAHLINS, Peter. *Frontières et identité nationale.* Berlin, 1996. P. 255. "A politização das fronteiras nacionais e do território nacional é a última etapa de um processo que vai da emergência da soberania nacional do século XVIII até sua nacionalização durante a Revolução Francesa".

sua participação em diversas instituições cientificas e literárias européias, coadunariam com essa intensificação[48].

Outro ponto importante que deve ser ressaltado na relação entre os dois países é a circulação e distribuição dos impressos ao longo do século XIX.

> Le périodique en tant qu'objet matériel est soumis à une logique commerciale de production, de circulation et de diffusion. Même si la presse n'est pas encore dans une logique de profit au XIXe siècle, un grand nombre d'imprimés circulent de part et d'autre de l'Atlantique; le phénomène prend place dans le mouvement de mondialisation et de circulation des imprimés transnational. Si la production est principalement basée à Paris, la circulation et la diffusion sont internationales, profitant à la France, au Brésil et également à l'Europe[49].

Segundo Raphael Quintela, dentre os 33 periódicos franco-brasileiros, que circularam em algum momento entre os anos de 1836 e 1920, entre os dois lados do Atlântico, 14 eram jornais de atualidade, 11 revistas de entretenimento e o restante dividia-se entre revistas científicas e jornais de propaganda. Portanto, pode-se obsevar que as notícias circulavam, as novidades eram compartilhadas, assim como a moda, o lazer, a literatura e a ciência[50].

De acordo com Mariana Muaze, a segunda metade do século XIX fora marcada por mudanças, em sua maioria influenciadas por ideais franceses, que atravessariam a própria concepção de infância e educação no Brasil Imperial[51]. A educação da elite era literária e francesa. A tradição francófila no Rio de Janeiro só aumentaria ao longo do século XIX. A atração pela França das Luzes, que era inicialmente de ordem ideológica, passara a ser também cultural, incluindo o aprendizado do idioma e o gosto pelos costumes franceses. Em 1900, a elite da capital incorporara o uso do francês no dia-a-dia e tinha grande familiaridade com a produção cultural francesa. Tal familiaridade passava pela leitura de clássicos, pela reprodução dos modelos da moda em Paris, pela incorporação de hábitos de vida e era acentuada pelas constantes viagens à Europa[52].

O Colégio Pedro II, inaugurado em 1837, apresentava um currículo inspirado na educação clássica francesa, no qual a socialização dos estudantes incorporava os preceitos da educação europeia. Embora restrito ao contexto da capital, o colégio foi considerado o melhor

---

[48] TAVARES, Aurélio de Lyra. Op. Cit., p. 203-207.

[49] QUINTELA, Raphael. *Les périodiques brésiliens en France au XIXe siècle.* 2013. 126f. Dissertação (Mestrado em História Cultural e Social) – Institut d'Études Culturelles, Université de Versailles, Saint-Quentin en Yvelines, 2013. P. 35. "O periódico como objeto material está sujeito a uma lógica comercial de produção, circulação e difusão. Embora a imprensa ainda não seja orientada para o lucro no século XIX, um grande número de impressões circula nos dois lados do Atlântico; o fenômeno ocorre no movimento transnacional de globalização e circulação de material impresso. Se a produção é baseada principalmente em Paris, a circulação e a distribuição são internacionais, beneficiando a França, o Brasil e também a Europa".

[50] Ibidem, p. 40.

[51] MUAZE, Mariana de A. F. Garantindo hierarquias: educação e instrução infantil na boa sociedade imperial (1840-1889). *Dimensões.* Universidade Federal do Espírito Santo, n. 15, p. 59-84, 2003. P. 60.

[52] NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical:* Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. P. 175.

estabelecimento de ensino no Brasil Imperial, tendo parte de suas disciplinas ministradas em francês[53].

Não é coincidência o fato de a Aliança Francesa - uma associação fruto do espírito nacionalista, fundada em Paris no ano de 1883, que via o ensino da língua como sendo a essência do ensino da cultura e o motor de todas as outras políticas externas (no momento interessadas no projeto de colonização das regiões periféricas, convencidos da universalidade de sua cultura e da importância de sua história para o mundo) - ter, em 1886, decidido fundar e subvencionar escolas francesas no Rio de Janeiro[54].

Embora já houvesse um significativo número de colégios públicos e privados, na capital, onde o francês era ensinado, os responsáveis pelo projeto de expansão da língua francesa acreditavam que o alcance ainda era insuficiente e que uma escola própria teria grande funcionalidade. As subvenções necessárias para respaldar o projeto viriam não só da própria comunidade francesa aqui estabelecida, mas também da Aliança Francesa de Reims e Limoges e de alguns brasileiros "notáveis", entre os quais próprio Imperador D. Pedro II.

A Aliança Francesa determinara seus meios de ação que tiveram como base:

> Fundar e subvencionar escolas francesas ou introduzir cursos de francês nas escolas que não os possuíam; formar professores, se necessário criando uma "Escola Normal"; distribuir recompensas de maneira a estimular a assiduidade dos alunos; distribuir prêmios e bolsas de viagem à França para os melhores alunos; encorajar as publicações capazes de auxiliar e servir à obra da associação, sobretudo as de caráter pedagógico; publicar um boletim periódico; organizar conferências e outros meios de propaganda[55].

Portanto, a criação da Aliança Francesa no Rio de Janeiro, tratava de um projeto não só cultural, mas também político e econômico, de caráter privado que, no entanto, era fortemente apoiado pelo poder público francês. As intenções do Ministério das Relações Exteriores da França eram claras, embora discretas. O Ministério acreditava que através da difusão e influência da língua, as relações políticas e econômicas seriam mais fluidas. Para tais fins, seus funcionários deveriam contribuir de forma eficaz, mas discreta, para não chamar a atenção de outras grandes potências e evitar possíveis rivalidades[56].

Segundo estudos sociológicos, nessa possível unificação do mercado, dada a crescente internacionalização vivida ao longo do século XIX (com o desenvolvimento dos meios de transporte e dos meios de comunicação, intensificação das trocas comerciais, expedições científicas,

---

[53] Ibidem, p. 76.

[54] LESSA, Monica Leite. A dimensão cultural das relações internacionais: França-Brasil entre 1886-1934. In: BRANCATO, Sandra M. L.; MENEZES, Albene Miriam F.; KOTHE, Mercedes G. Anais *III Simpósio Internacional:* Estados Americanos: Relações Continentais e Intercontinentais – 500 anos de História. Poto Alegre: EDIPUCRS, 2000. P. 85-99. P. 86.

[55] Ibidem, p. 88.

[56] Ibidem, p. 87.

entre outros fatores que contribuíram para aproximar as partes distantes do globo), a língua tem um papel central e muito mais abrangente do que objetivava o Ministério das Relações Exteriores francês. Para Pierre Bourdieu não se pode esquecer que:

> [la] généralisation de l'usage de la langue dominante, [apporte une] dimension de l'unification du marché des biens symboliques qui accompagne l'unification de l'économie, et aussi de la production et de la circulation culturelles[57].

Assim fora criado, o Liceu de Artes e Ofícios, para meninos entre 7 e 15 anos. No entanto, já em 1891 a Aliança Francesa mudou-se do Liceu, abriu uma escola própria e, em 1906, suprimiu o ensino primário e consagrou-se, exclusivamente, ao ensino do francês e da literatura francesa, acrescentando cursos sobre civilização francesa e conferências literárias mensais[58].

Como aponta Bourdieu, em seus estudos na área da sociologia da educação, "as palavras e sobretudo as figuras de palavras e as figuras de pensamento características de uma escola de pensamento modelam o pensamento assim como o expressam"[59]:

> Na verdade, dentre as soluções historicamente conhecidas quanto ao problema da transmissão de poder e dos privilégios, sem dúvida a mais dissimulada e por isto mesmo a mais adequada a sociedades tendentes a recusar as formas mais patentes da transmissão hereditária ao poder e dos privilégios, é aquela veiculada pelo sistema de ensino ao contribuir para a reprodução da estrutura das relações de classe dissimulando, sob as aparências da neutralidade, o cumprimento desta função[60].

Além disso, estudos na área da sociolinguística, defendem que uma língua não é simplesmente uma forma de comunicação e expressão, mas carrega consigo todo um arcabouço simbólico e social, inclusive político, que ratifica a posição daquele que detém seu conhecimento e uso.

> Les usages sociaux de la langue doivent leur valeur proprement sociale au fait qu'ils tendente à s'organiser en systèmes de différences (...) reproduisant dans l'ordre symbolique des écarts différentiels le système des différences sociales. Parler, c'est s'approprier l'un ou l'autre des styles expressifs déjà constitués dans et par l'usage et objectivement marques par leur position dans une hiérarchie des styles qui exprime dans son ordre la hiérarchie des groupes correspondants. Ces styles, systèmes de différences classes et classants, hiérarchisées et hiérarchisantes, marquent ceux qui se les approprient (...)[61].

---

[57] BOURDIEU, Pierre. La production et la reproduction de la langue légitime. In: *Langage et pouvoir symbolique.* Ed. Fayard, 2001. P. 67-98. P. 56. "A generalização do uso da língua dominante proporciona uma dimensão da unificação do mercado de bens simbólicos que acompanha a unificação da economia, e também da produção cultural e circulação".

[58] Ibidem, p. 89.

[59] BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas.* São Paulo: Perspectiva, 2015. P. 213.

[60] Ibidem, p. 296.

[61] BOURDIEU, Pierre. La production et la reproduction de la langue légitime. In: *Langage et pouvoir symbolique.* Ed. Fayard, 2001. P. 67-98. P. 83. "Os usos sociais da linguagem devem seu valor social ao fato de que eles tendem a se

Embora Bourdieu estivesse referindo-se a um contexto bem específico que foi a criação do Estado-nação francês, a relação de poder simbólico que ele demonstra existir entre a língua *standard*, dominante, e as línguas regionais, ou mais precisamente os diferentes dialetos que coexistem com a língua oficial, pode ajudar a compreender o valor de mercado que cada língua tem. No contexto específico do século XIX brasileiro, embora, o português fosse a língua *standard*, o francês possuía um poder simbólico significativo que corroborava para a distinção de um determinado grupo social, sendo mais um dos artefatos utilizados pela elite para conservar e demonstrar sua posição social.

Como podemos ver, a aproximação entre as duas nações não foi simples fruto espontâneo de simpatias ou semelhanças. Todos os traços franceses que atravessavam diversas áreas de ensino e formação, faziam com que "os indivíduos "programados", quer dizer, dotados de um programa homogêneo de percepeção, de pensamento e de ação" formassem um grupo específico, compartilhando um certo "espírito", literário ou científico. "Tendo sido moldados segundo o mesmo "modelo" (*pattern*), os espíritos assim modelados (*patterned*) encontram-se predispostos a manter com seus pares uma relação de cumplicidade e comunicação imediatas"[62].

Frédéric Mauro destaca três outras importantes instituições em que se pode perceber a influência e a difusão da cultura francesa no Brasil, além da nítida política externa francesa mencionada: a Guarda Nacional (1831), a Escola de Minas de Ouro Preto (1876) e o "Jornal das Famílias"[63].

A Guarda Nacional, um elemento importante da vida cotidiana a partir de 1831, compreendia uma infantaria, uma cavalaria e uma artilharia e pretendia reproduzir as funções da homônima francesa[64]. A Escola de Minas, inaugurada em 1876, propunha cursos com duração de 2 anos e tinha como foco matérias ligadas a botânica, física, matemática, química e geologia. Era inspirada na Escola de Minas de Paris, famosa pela proeminência de seus professores e alunos, como Henri Gorceix, que veio executar o projeto no Brasil, enquanto Daubrée, diretor da escola de Paris, ocupava-se por procurar professores na França para indicar ao Imperador[65]. O Jornal das Famílias, voltado "aos interesses domésticos das famílias brasileiras", merece uma atenção especial por ser o objeto de diversos estudos, tanto na érea da História quanto da Literatura, dada sua

organizar em sistemas de diferenças reproduzindo na ordem simbólica os diferentes níveis do sistema de diferenças sociais. Falar é apropriar-se de um ou outro dos estilos expressivos já constituídos no e pelo seu uso, objetivamente marcados por sua posição em uma hierarquia de estilos que expressa em sua ordem a hierarquia dos grupos correspondentes. Estes estilos, sistemas de diferenças classificadoras e classificantes, hierarquisadoras e hierarquisantes, marcam aqueles que se apropriam".

[62] BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas.* São Paulo: Perspectiva, 2015. P. 206.

[63] MAURO, Frederic. *O Brasil no tempo de Dom Pedro II*. São Paulo. Companhia das Letras, 1991. P. 207.

[64] Ibidem, p. 208.

[65] CARELLI, Mario. Op. Cit., p. 69.

importância no período[66]. Editado pela Garnier entre os anos de 1863 e 1878, o jornal é um exemplo claro dos processos discursivos em pauta na formação da mulher e da família brasileira. A influência francesa na publicação ia desde as técnicas de impressão (que era feita na França), passando pelo formato, número de páginas e as seções das revistas francesas até, e principalmente, pelas ideias difundidas em suas páginas. O folhetim, moda na França, fora adotado em suas publicações e várias obras célebres foram publicadas sob esse gênero literário, tendo Machado de Assis sido um de seus grandes colaboradores. Além disso, a qualidade da impressão, com figuras coloridas e moldes de roupas, destacava-se na época.

Os três exemplos ilustram a influência francesa sobre alguns grupos sociais no Brasil e em algumas instituições. Assim sendo, pode-se afirmar que as trocas intelectuais entre os dois países, embora fossem mais intensas nos níveis mais altos da sociedade, pairavam e enraizavam-se sob todo o cenário social no período, abrangendo, inclusive, o comércio em geral e os jornais cotidianos que apresentavam diversas propagandas de produtos de origem francesa[67].

Acrescenta-se a esses exemplos a influência do positivismo de Auguste Comte, que tem seu ápice no entre séculos, o papel de Vitor Hugo no romantismo brasileiro, influenciando com seus escritos políticos e no movimento abolicionista, colaborando com o nascimento de um nacionalismo simbolizado pela figura do indígena e, também não se pode esquecer, da influência religiosa advinda de Allan Kardec, fundador da doutrina espírita, difundida melhor no Brasil, onde angariou muito mais fiéis, do que na própria França[68].

> A civilização trazia também novos modismos. O francesismo, que já era chique nos tempos da Monarquia, continua a imperar na República. A influência francesa se faz sentir na literatura, na educação, na moda e nas diversões. Na arquitetura, a voga é *art noveau* e aulas particulares só de francês; nos anúncios das grandes livrarias destaca-se o nome de Victor Hugo e nos jornais comenta-se muito sobre o caso Dreyfus e acerca do papel de Émile Zola em sua defesa[69].

Certamente, as informações que chagavam da Europa e, sobretudo, de Paris, eram divulgadas pela imprensa, mas não somente através dela. Outra fonte importante de informações

---

[66] Ver: PINEHEIRO, Alexandra Santos. P*ara além da humanidade:* O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção. 2007. Tese (Doutorado na área de Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas. SILVEIRA, Daniela Magalhães. O trabalho feminino no espaço doméstico: gênero e classe no Jornal das Famílias. *TOPOI.* Rio de Janeiro. Vol. 16, n. 31. Jul/Dez 2015. BASTOS, Maria Helena C. Leitura das famílias brasileiras no século XIX: O Jornal das Famílias (1863-1878). *Revista Portuguesa de Educação*. Universidade de Minho, 2002. Vol. 15, n. 2, p. 169-214.

[67] Ver periódicos do período: por exemplo edição do Jornal do Commercio de 4 de Janeiro de 1880 que conta com a propaganda de "Xarope e Pasta de Berthe", "Pílulas Boille", "Vinhos genuínos francezes", "Pílulas do Doutor Dehaute de Paris", "Massa peitoral e Xarope de Nafé de Delangrenier de Paris". Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_07&pesq=fran%C3%A7a&pasta=ano%20188

[68] DROULES, Martine; RAIMBERT, Celine. Relance des relations France-Brésil? Relations internationales du Bresil, les chemins de la puissance. Aspects regionaux et thematiques. *HAL.* vol. 2. L'Harmattan, 2010. P. 177-189. P. 178.

[69] COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. 1890 – 1914: No tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. P. 69.

eram os testemunhos dos viajantes que constantemente cruzavam os mares, levando e trazendo notícias. Os intelectuais, artistas e estudantes que desfrutavam da oportunidade de pisar em solo parisiense, relatavam suas experiências como sendo um reencontro consigo[70].

Como ressalta Lilia Schwarcz e Angela Gomes da Costa ao referirem-se ao período que vai de 1890 até a Primeira Guerra, "a certeza da prosperidade deu lugar a uma sociedade de "sonhos ilimitados""[71].

> Graças ao cenário parisiense, às fachadas *Beaux-Arts*, ao consumo de artigos importados em voga, aos consumidores perdulários, aos *flaâneurs* elegantes e aos prédios monumentais destinados a celebrar a alta cultura eurofila, a Avenida Central tornou palpável a fantasia de Civilização compartilhada pelos cariocas de elite da *belle époque*. Ela também sugeria o potencial mágico conferido pelos cariocas à civilização[72].

A *belle époque* carioca, segundo Jeffrey Needell, começou com o governo de Campos Sales, em 1898:

> Pois o ano de 1898 assinala no Rio de Janeiro e no resto do país, não só um novo começo, mas também o ressurgimento das forças tradicionais. [...] O final do século marca a permanente vitalidade, e mesmo predomínio, de padrões que podem ser percebidos em todo o seu transcurso. Esse fato é crucial para a compreensão da cultura e da sociedade da elite carioca. Todavia, nem no Rio nem no Brasil como um todo, tal continuidade significa ausência de mudança, e sim seu refreamento[73].

Pereira Passos foi o grande responsável pelas mudanças ocorridas na cidade do Rio de Janeiro. Com sólida formação francesa[74], entre percalços, o engenheiro já havia sido escalado por governos anteriores, desde a época do Império, para assumir cargos ligados à reformas urbanas (como a pasta da Agricultura e Obras Públicas e engenheiro do Ministério do Império), no entanto foi no governo de Rodrigues Alves[75] que Pereira Passos foi nomeado, já próximo aos 70 anos de idade, para a prefeitura, sendo encarregado de implementar o aspecto urbanístico de sua política[76].

---

[70] CARELLI, Mario. Op. Cit., p. 190.
[71] COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. Cit., p. 28.
[72] NEEDELL, Jeffrey D. Op. Cit., p. 68.
[73] Ibidem, p. 40.
[74] Pereira Passos formou-se na Escola Militar, conseguiu, através de sua família ser nomeado *attaché* no consulado em Paris, onde seguiu carreira na engenharia, em 1857, na *École des Ponts et Chaussés*. Embora tenha voltado logo em 1860 para o Brasil, seu aprendizado na Europa continuava, entre missões oficiais e viagens particulares, Pereria Passos acompanhava as mudanças em Paris, sua reforma urbana, realizadas sob a égide de Haussmann.
[75] "Rodrigues Alves era fazendeiro e filho de fazendeiros, e havia sido um dos préceres do Partido Conservador no Império e ministro das Finanças no inicio da República. Como president de São Paulo, combateu com sucesso as epidemias, por meio de reformas modernizadoras. […] Argumentando que a reforma do porto era fundamental para atrais a imigração, o capital e o comércio europeus (e, sem dúvida, levando em consideração o espetacular êxito das reformas parisienses recém-concluídas em Buenos Aires), Rodrigues Alves transformou este programa em bandeira de seu governo. Um de seus primeiros atos foi a nomeação de Pereira Passos". NEEDELL, Jeffrey D. Op. Cit., p. 54-55.
[76] Ibidem, p. 49-55.

Segundo Needell, documentos do engenheiro e publicações da época, confirmam que as reformas empreendidas por Pereira Passos entre 1903 e 1906 relacionavam-se com sua formação francesa e com seus projetos da década de 1870. Os processos de reurbanização, as reformas que sucediam-se por toda a Europa, destacavama primazia e o êxito das reformas "haussmannianas" (Viena, Antuérpia, Lisboa, Bruxelas e Buenos Aires já haviam passado por intervenções similares)[77].

Portanto, os princípios que orientaram as obras parisienses foram adaptados nas reformas do Rio de Janeiro. Iluminação, ventilação, demolições na Cidade Velha, alargamento de ruas, abertura de avenidas axiais, o princípio das *places-carrefours* tudo estava ali nas reformas de 1903 - 1906:

> No geral, o impacto das Grandes Obras de Paris nas reformas do Rio é óbvio tanto nos planos de Pereira Passos de 1875-76 quanto nas reformas de 1903-6. O impacto também se evidencia em aspectos cosméticos. A escolha do estilo arquitetônico, a ampla perspectivada Avenida Central, a execução de jardins nas praças, a atenção dedicada ao Campo de Santana e o projeto do filho de Pereira Passos para a versão carioca da Ópera de Paris – todos esses aspectos parisienses foram primordiais para o significado da *belle époque* carioca que emergiu com Rodrigues Alves[78].

A centralidade da Europa e, sobretudo da França, no contexto geopolítico do ocidente, era clara. O Brasil estava impregnado de cultura francesa. As viagens constantes das elites periféricas tinham como destino certo Paris. Os ricos proprietários de terras não hesitavam em dirigir-se a Paris com as família em longas estadias animadas pelo clima de euforia da *Belle Époque* francesa. Barão d'Anthouard, ministro plenipotenciário da França no Rio de Janeiro, em 1907, comentava:

> Ninguém ignora que nossos hóspedes estrangeiros gastam muito entre nós. (...) [Um brasileiro] parte com uma forte letra de crédito, além de uma lista enorme de encomendas de seus amigos, e volta ao fim de alguns meses com inúmeros pacotes que faz entrar como bagagem pessoal, e que contêm toaletes, vestidos, joias, obras de arte etc. Ele gastou, sem medidas, para desfrutar de todas as seduções da vida francesa[79].

Definitivamente, na virada do século, as elites brasileiras acreditavam transitar com naturalidade em meio a cultura francesa. Sentiam-se de tal forma ao corrente do cotidiano francês que sua atualidade política e cultural os influenciava diretamente, fazendo parte de suas discussões do dia-a-dia. E, uma vez em solo europeu, Paris era o lugar, segundo Oswaldo de Andrade, onde os brasileiros encontravam os amigos que realmente contavam[80].

---

[77] NEEDELL, Jeffrey D. Op. Cit., p. 55.
[78] Ibidem, p. 58.
[79] CARELLI, Mario. Op. Cit., p. 189.
[80] Ibidem, p. 200.

Exemplos dessas trocas estabelecidas em viagens e seus frutos podem ser constatados quando observamos as memórias de Santos Dumont, *Dans l'air*, escrita em francês, em 1904; ou com Gilberto Amado, que escreveu em seu livro *Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa* (1956): "A França, para mim, como para todos os jovens de meu tempo era, por assim dizer, o ar que nosso espírito respirava"; ou com Belmiro de Almeida, precursor do impressionismo nacional, que escreve "[...] vivo bem pouco onde mais deveria viver, isto é, aqui, exilando-me em Paris onde, felizmente, há menos injustiças e mais respeito pelos que vivem do sonho luminoso da arte"[81]; ou até mesmo através da cultura do colecionismo, muito forte na virada do século, que tem como exemplo o leque de autógrafos pertencente a coleção da condessa de Cavalcanti, contando com mais de 60 assinaturas dentre as quais 25 são de franceses (artistas, escritores, músicos, cientistas etc)[82].

Destarte, analisada sob a ótica das trocas culturais e da influência exercida pela França sobre o cotidiano das elites econômicas, políticas e culturais brasileiras, a partida da Família Imperial em 1889 trouxe um novo tipo de relação entre os dois países, uma vez que, na virada do século, os deslocamentos ultramarinos tornaram-se mais comuns e muitas famílias brasileiras estabeleceram-se em solo francês, juntamente com o rei deposto. Delphine Diaz (2013) ressalta que "*des elites brésiliennes tendait à faire de la France un modele tout à la fois politique et culturel et, par conséquent, une terre d'asile privilégiée*"[83].

Paris, enquanto "espaço de sociabilidade", abrangiu as atitudes, os comportamentos, coletivos e afetivo, envolvidos nas relações interpessoais. Nesse caso, os espaços de sociabilidade configuram um domínio intermediário, entre a família e a comunidade de pertencimento civil, atuando como microcosmo social, resultante de fatores permanentes ou temporários, de contornos variáveis, que atraem e unem os membros, uns aos outros, como num sistema de redes[84].

A questão que se coloca é, portanto, a necessidade da análise sistemática e detalhada das redes de sociabilidade construídas no exílio, principalmente em relação a interação dessas famílias oitocentistas com a sociedade francesa. A proposta da dissertação gira em torno dos espações de sociabilidade não somente dos brasileiros, mas também os compartilhados entre ambas as elites. Questionar se houve tal empatia entre as partes torna-se relevante para mensurar até que ponto a relação que a elite brasileira mantinha com Paris era inclusiva, ou se a colônia vivia à margem da sociedade parisiense.

---

[81] ALMEIDA apud CARELLI, Mario. Op. Cit., p. 196.
[82] Ver: CHRISTO, Maraliz C. V. Op. Cit.
[83] DIAZ, Delphine. Op. Cit., p.1. "as elites brasileiras tendiam a fazer da França um modelo ao mesmo tempo político e cultural e, por consequência, uma terra de asilo privilegiada".
[84] SIRINELLI, Jean-François. Le hasard ou la necessite? Une histoire en chantier: l'histoire des intellectuels. *Vingtième Siècle.* n.9, p. 97-108, Janeiro-Março, 1986. P. 103-106.

O termo colônia, utilizado para designar a comunidade brasileira estabelecida no além mar, mostra-se pertinente pois, como aponta Nancy Green, acerca dos americanos de Paris, no mesmo período, os diferentes grupos formados na crescente Paris cosmopolita nomeavam-se da mesma forma. Portanto, existiam colônias americana, britânica, russa, entre outras[85].

Além disso não era exclusividade de Paris ter "colônias" estrangeiras. Outras cidades europeias também eram escolhidas como destino de imigração, até mesmo pelos brasileiros. Prova disso é a notícia que pode ser lida no jornal *Le Figaro* de 06 de outubro de 1887, dizendo que membros da colônia brasileira aguardavam a chegada do rei belga juntamente com o Imperador e a Imperatriz brasileiros, já na Gare du Nord. Ou ainda, no ano de 1903, uma notícia que menciona a colônia brasileira de Genebra que juntamente com o consul-geral, José Calmon Nogueira da Gama, celebraram os obséquios de Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá, aposentado desde a proclamação da República em solo suíço. Jesuíno é recordado como tendo sido um antigo deputado do Paraná, antigo ministro da agricultura, do comércio e dos trabalhos públicos e antigo governador do Paraná, "um dos últimos sobreviventes do ministério deposto, sob o qual teve lugar o casamento da princesa imperial"[86].

Atualmente, as relações franco-brasileiras são consideravelmente mais modestas do que até meados do século XX. O Brasil se transformou largamente e a França perdeu muito de seu espaço geopolítico e cultural. Martine Droules e Céline Raimbert fazem um panorama geral da relação entre os dois países e aponta que:

> On a pu dire, ces dernières années, que les relations franco-brésiliennes étaient plus mythiques que réelles, mythiques dans le sens où elles restent marquées par l'époque héroïque de la grande influence du modèle français sur l'intelligentsia brésilienne post-indépendance. Cependant les relations entre les deux pays se sont affaiblies, tant sur le plan économique (le Brésil n'est que le 21ème client et le 22ème fournisseur de la France) que sur le plan culturel, en perte d'influence accélérée. Il est vrai que le Brésil est devenu un autre pays depuis qu'il a connu une explosion démographique et urbaine; a comparaison du poids démographique respectif des deux pays est éclairante: si, avec 40 millions d'habitants, la France et le Brésil avaient la même population en 1940; en 2010, le Brésil compte trois fois plus d'habitants que la France (190 millions contre 63). Et pour l'immense majorité de la population, la référence française demeure inexistante[87].

---

[85] GREEN, Nancy. *Les Américains de Paris:* Hommes d'affaires, comtesse et jeunes oisifs, 1880-1941. Belin, 2014. P. 20.

[86] *Le Figaro,* 20/10/1903, p.3.

[87] DROULES, Martine; RAIMBERT, Celine. Op. Cit., p.177. "Pode-se dizer, nos últimos anos, que as relações franco-brasileiras eram mais místicas do que reais, místicas no sentido em que elas continuam marcadas pela época heroica da grande influencia do modelo francês sobre a *intelligentsia* brasileira pós independência. No entanto, as relações entres os dois países enfraqueceram tanto no plano econômico (o Brasil é o 21º. cliente e o 22º. fornecedor da França), quanto no plano cultural, com perda de influência acelerada. É verdade que o Brasil tornou-se um outro país desde que aconteceu uma explosão demográfica e urbana; a comparação do peso demográfico respectivo dos dois países é esclarecedora: se, com 40 milhões de habitantes, a França e o Brasil tinham a mesma população em 1940, em 2010 o Brasil conta com três vezes mais habitantes que a França (190 milhões contra 63 milhões). E para a grande maioria da população a referência francesa permanece inexistente".

I. O EXÍLIO

> Nous ne parlons pas seulement des étrangers nômades, que nos hôtels, nos restaurants, nos magasins, nos théâtres attirent pour un temps, mais des étrangers qui se sont établis chez nous à demeure et ont fait de la France comme une seconde patrie. [...] C'est à eux qu'appartiennent tant de ces magnifiques hôtels des nouveaux quartiers, dont les vastes cours, les vérandas fleuries, les écuries au seuil revêtu de sable multicolore, les cuisines étincelantes de cuivres, arrêtent le regard du passant. [...] La fortune immense dont ils jouissent est la source intarissable où s'alimente la grande vie qu'ils mènent[88].
>
> *Le Figaro, 09/01/1893*

O sentido da palavra "exílio" é incerto, sua etimologia remete à ideia de "expulsão da pátria", de "banimento". Além disso, os limites do termo são fluidos e não há rígidas distinções semânticas entre o exílio forçado e o exílio voluntário, nem mesmo entre exílio e êxodo, ou entre exílio individual e exílio de grupos, ou entre exílio e migração (entre os quais há a questão da duração de cada um), ou até mesmo uma distinção entre exilado e refugiado. Porém, considera-se que o exílio tem, a priori, a característica de envolver algum aspecto político[89].

Para Reinhart Koselleck, um conceito só pode ser pensado e falado, enquanto tal, uma única vez, referindo-se à uma situação concreta, única. No entanto, o que em um primeiro momento parece invalidar qualquer tentativa de entendimento de um conceito através de sua história, torna-se viável ao perceber que, embora a palavra permaneça a mesma, o conteúdo por ela designado pode assumir uma variação temporal, ou seja, histórica. A partir desse momento entende-se, portanto, que o caráter único de um conceito articula-se ao momento de sua utilização[90].

Segundo Sylvie Aprile, os estudos voltados para o século XIX, tendem a priorizar as migrações de massa de motivação econômica, negligenciando os exílios políticos que são mais pontuais ao longo do século. Isso traz uma primeira distinção entre migração e exílio, uma vez que, no primeiro caso, se a única motivação fosse a econômica, ela teria como consequência um único objetivo, o de se instalar por um longo período em um lugar onde as condições econômicas fossem

---

[88] "Nós nao falamos somente dos estrangeiros nomades, que nossos hoteis, nossos restaurants, nossas lojas, nossos teatros, atraem por um tempo, mas dos estrangeiros que se estabeleceram aqui de forma permanente e fizeram da França como uma segunda patria. […] É a eles que pertencem tantos magnificos hoteis dos novos quarteirões, nos quais os vastos patios, varandes floridas, os estábulos com solo revestido de areias multicolores, as cozinhas brilhantes de cobre, que seguram o olhar dos transeuntes. […] A fortuna imensa que eles desfrutam é a fonte inesgotável da qual se alimenta a grande vida que eles levam".

[89] ROLLAND, Denis. Mémoire, histoire et imaginaire de l'exil brésilien: Introduction. In: SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos; ROLLAND, Denis. *L'exil bresilien en France:* Histoire et imaginaire. L'Harmattan, 2008, p. 7.

[90] KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e páticos. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro vol.5, n. 10. 1992, p. 134-146.

mais favoráveis aos emigrantes[91].

Já no caso do exílio, político por exemplo, a nostalgia é uma característica forte que marca toda a experiência em terras estrangeiras e o desejo de retorno à terra natal seria, portanto, um marco para os que vivenciam a ausência da pátria, sendo o retorno algo visado durante todo o período do exílio. "*En résume le premier regarderait toujours vers l'avenir, l'autre vers le passé*"[92].

Ao entender as experiências dessa maneira dicotômica, segundo Aprile, os movimentos circulares, as etapas e os distintos tipos de vivência são calados e uniformizados em categorias, perdendo todo o enriquecimento que as diferenças e singularidades propiciariam. Portanto, cada processo histórico específico de exílio deveria ser analisado em suas peculiaridades, continuidades e rupturas.

Aprile faz um esforço para, através de três exemplos individuais, demonstrar que não há como definir em categorias rígidas o que separa o exilado do migrante, uma vez que as experiências ao longo da vida do próprio individuo se mesclam entre os dois. Ela ressalta que os estudos que levam em conta os fluxos migratórios podem contribuir para os estudos voltados ao exílio, uma vez que:

> centrée sur le travail et le monde économique, l'approche migratoire restitue un quotidien, là où le vécu au jour le jour de l'exil est souvant peu pris en compte. [...] comme pour les migrants économiques, le départ des exilés est encandré par une chaîne migratoire que l'on néglige souvent[93].

O argumento ratifica a ideia de limites fluidos entre os dois status. Ou seja, a idéia de que a integração social e política dos envolvidos, difere não somente em razão de suas destinações e profissões, mas também da cultura de mobilidade anterior, da familiaridade com o mundo, do temperamento de aventura, presente ou ausente entre os envolvidos em cada caso, do engajamento (ou não) político, tanto na terra natal quanto na destinação, do retorno (ou não) à pátria, dentre outras várias possibilidades e realizações dos indivíduos analisados. Para Aprile, "*en proposant des études biographiques variées, il semble possible de dépasser des cloisonnements artificiels"*[94]. Mostrando assim que cada caso é um caso e, mais do que isso, cada trajetória em si configura uma experiência mista entre as duas realidades, a do exilado e a do migrante, que não se define por si só como sendo uma ou outra coisa somente:

> Qui des deux reste un exilé et qui devient un migrant, qui perd son identité d'exilé? Ni

[91] APRILE, Sylvie. Exilé(es) et migrant(e)s transatlantiques: histoires entremêleées, historiographies parallèles. *Almanack.* Guarulhos, n. 17, dez 2017. P. 6.
[92] APRILE, Sylvie. Op. Cit., p. 6. "Em resumo o primeiro olha sempre para o future e o outro para o passado."
[93] Ibidem, p. 8. "centrado sobre o trabalho e o mundo econômico, a abordagem migratória restitue um cotidiano, no qual o dia a dia do exílio é frequentemente pouco levado em consideração. [...] como para os migrantes econômicos, a partida dos exilados é enquadrada por uma cadeia migratória que frequentemente negligenciamos."
[94] Ibidem, p. 18. "Ao propor diversos estudos biográficos variados, parece possível ir além das categorias artificiais".

> l'un ni l'autre, ou plutôt les deux. Les deux parcours se complètent. C'est donc à des formes de transferts politiques complexes que l'historien doit accepter d'être confronté. Plutôt que de dissocier les parcours ou au contraire de rechercher les traces d'un lien effectif ou de réseaux pérennes, c'est en montrant comment les répertoires d'action sont mobilisés qu'il convient il me semble de travailler[95].

Outra deficiência apontada por Aprile, nos estudos sobre o exílio, é a visão excessivamente eurocêntrica, que privilegia as rotas e as experiências tão somente dos europeus, muitas vezes considerando apenas os deslocamentos de caráter nacional ou mesmo interregional.

Érica Sarmiento, considerando o artigo de Aprile, complementa:

> nas últimas décadas, as pesquisas sobre as migrações internacionais experimentaram um notável impulso. De forma geral, houve uma crise dos modelos de análises macrossociais (as diferentes variantes de marxismos, os funcionalismos etc.) e um avanço no surgimento de novas análises, voltadas para a história social, a demografia e a antropologia histórica. Este fenômeno foi acompanhado pela ampliação de temáticas e pela renovação de metodologias aplicadas, que possibilitaram a passagem do método puramente quantitativo para outros que introduziram as perspectivas analíticas de tipo qualitativo[96].

Assim sendo, os enfoques que consideram a interação entre a macroestrutura e as redes microssociais seriam mais eficientes para o entendimento dos fluxos migratórios. Pois, os fatores explicativos se enriqueceriam, na medida em que fossem analisados tendo em vista as mudanças na escala de observação que combinassem ambas as perspectivas. Segundo Sarmiento:

> O enfoque estatístico e quantitativo passa a ser empregado em conjunto com as fontes qualitativas, devolvendo aos protagonistas do processo o poder de decisão e de atuação. A explicação do fenômeno migratório também deve ser percebida a partir de uma visão relacional do mundo social. O uso do enfoque de rede social, por exemplo, demonstrou vantagens conceituais e metodológicas para comprender os processos sociais pelos quais se difunde e circula a informação[97].

Mais uma vez, percebe-se que o estudo dos fluxos migratórios implica uma análise das sociedades envolvidas no processo, tanto a que recebe os indivíduos quanto a de origem, para compreender a conjuntura histórica dessas sociedades, considerando junto a isso as trajetórias individuais e as redes socias nas quais esses individuos estão envolvidos. Nesse caso, o migrante e o exilado, com seus repertórios de ação, deixam de ser rigidamente categorizados e passam a ser observados em suas individualidades.

A opção, feita aqui, pelo termo exílio também mostra-se mais complexa, pois, parte da

---

[95] APRILE, Sylvie. Op. Cit., p. 15. "Quem dos dois resta um exilado e quem vira um migrante, quem perde sua identidade de exilado? Nem um nem o outro, ou mais do que isso, os dois. As duas trajetórias se completam. É, então, às formas de trocas políticas complexas que o historiador deve aceitar em ser confrontado. Mais do que dissociar os percursos ou ao contrario de pesquisar os traços de uma ligaçao efetiva ou de redes perenes, é mostrando como os repertórios de ação são mobilisados que convém, me parece, de trabalhar."

[96] SARMIENTO, Érica. Emigração e exílio, novas abordagens nos estudos migratórios: considerações sobre o artigo de Sylvie Aprile. *Almanack.* Guarulhos, n. 17, p. 29-44, Dez., 2017. P. 34.

[97] Ibidem, p. 36.

elite brasileira que encontrava-se em Paris, na virada do século, e que será analisada em sua sociabilidade, não migrou por necessidades financeiras, nem tampouco foi banida do território nacional por motivos políticos. O único decreto de banimento expedido pela República foi o Decreto n. 78, de 21 de dezembro de 1889, que "bane do territorio nacional os cidadãos Affonso Celso de Assis Figueiredo, intitulado conde de Ouro Preto, e Carlos Affonso de Assis Figueiredo, e desterra para o continente europeu o cidadão Gaspar Silveira Martins". Portanto, os deslocamentos não configuravam um exílio político forçado.

Cabe ressaltar que, ao referirmo-nos à "elite brasileira", estamos entendendo o termo elite em seu sentido clássico e mais amplo do que as definições meramente econômicas ou políticas abarcariam, não evocando nenhuma implicação teórica em particular. O termo elite faz referência aos indivíduos que encontram-se no topo da hierarquia social, uma minoria que, em uma dada sociedade e em um determinado momento, dispõe de privilégios oriundos seja de características naturais valorizadas socialmente ou de qualidades adquiridas. Sendo assim, designaria um grupo minoritário que atinge uma posição de prestígio, em virtude da origem, ou dos méritos, ou da cultura, ou da riqueza[98].

Segundo Maria Fernanda Vieira Martins,

> o uso mais genérico dessa noção torna-se particularmente útil para estudos de casos como o Brasil, diante da indefinição de papéis sociais, não no que se refere à hierarquia, mas quanto às suas funções. Nesse caso, a *vasta zona de investigação* é ainda mais importante, pois permite a compreensão do grupo tendo em vista seu caráter mais peculiar, ou seja, a pluralidade de funções e atividades a que se dedicam seus membros. […] Por outro lado, deve-se considerar uma estrutura social na qual a própria identidade individual ainda se encontrava fortemente vinculada a relações familiares e a redes sociais às quais eles estavam associados […][99].

Ao trabalhar com a imigração de homens de negócios, condessas e jovens "ociosos", americanos em Paris, Green aponta a mesma questão acerca dos deslocamentos da elite:

> Mais peut-on parler de "groupes d'immigrés" dans ce dernier cas? Parce qu'elle connote les classes inférieures, cette appelation n'est jamais utilisée pour designer les Américains vivant à l'étranger. Les qualifier d'"immigrés" pose un triple problème: ils n'ont jamais constitué une migration de masse; leur richesse apparente ne correspond pas à l'image traditionnelle de l'immigré; enfin, leur individualisme revendiqué résiste à toute analyse de groupe. Les considérer comme des immigrants, ou comme des émigrants, aurait quelque chose d'artificiel[100].

---

[98] Para mais sobre elites, ver: MARTINS, Maria Fernanda Vieira. *A velha arte de governar:* um estudo sobre política e elites a partir do Conselho de Estado (1842-1889). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007. Introduçao.

[99] MARTINS, Maria Fernanda Vieira. Op. Cit., p. 25-26.

[100] GREEN, Nancy. Op. Cit., p. 18. "Mas podemos falar de "grupos de imigrantes" no último caso? Porque o termo conota as classes mais baixas e nunca é usado para descrever os americanos que vivem no exterior. Qualificá-los como "imigrantes" representa um problema triplo: eles nunca constituíram uma migração em massa; sua aparente

Mais que isso, a "migração de elite" coloca em xeque o imaginário tradicional sobre a questão migratória e nos obriga a pensar em uma nova categoria, uma denominação diferente. Como solução, Green utiliza o termo "expatriado", anteriormente de uso exclusivo para designar a bohemia literária, nos anos 1960, *expat* tornou-se um termo que incluía os imigrantes privilegiados que escolhiam viver no exterior[101].

Como aponta Laura Napran, o exílio tem sido um aspecto contínuo da vida humana ao longo de milênios, como comprovam evidências históricas, políticas, sociológicas e literárias[102]. Ratificando essa ideia, Denise Rollemberg frisa que o exílio é uma experiência heterogênea vivida em função de uma série de variáveis, das quais não se pode omitir o perfil pessoal de cada um dos que migram[103].

Em países nos quais as fronteiras, principalmente terrestres, sempre fizeram parte da história, os pontos de contato e trocas continuam sendo objeto de pesquisa, no entanto, a historiografia brasileira pouco produziu sobre as trocas culturais entre o Brasil e outras nações, ou sociedades, nos últimos anos. A área que mais avança nesse campo, talvez por ainda considerar e tender a naturalizar a ideia de nação, são os estudos da área de relações internacionais, que abordam principalmente a chamada quarta dimensão das relações internacionais, ou seja, a cultura[104].

No entanto, até a década de 1980, mesmo nas relações internacionais, embora a questão cultural apareça em todos os três grandes paradigmas dominantes (o político para o realista, o econômico para o liberal e a revolução tecnológica para o da interdependência), ela é tratada de forma secundária, como um subproduto das atividades políticas e econômicas dos Estados[105].

Nos estudos históricos, o conceito de cultura está presente, evidentemente, respaldado por uma variedade enorme de abordagens. Como exemplo, pode-se destacar a definição de cultura popular na Europa moderna apresentada por Peter Burke:

> Em 1500, a cultura popular era uma cultura de todos: uma segunda cultura para os instruídos e a única cultura para todos os outros. Em 1800, porém, na maior parte da Europa, o clero, a nobreza, os comerciantes, os profissionais liberais – e suas mulheres – haviam abandonado a cultura popular às classes baixas, das quais agora

---

riqueza não corresponde à imagem tradicional do imigrante; finalmente, o individualismo reivindicado resiste a qualquer análise de grupo. Considerá-los imigrantes ou emigrantes teria algo de artificial.".

[101] GREEN, Nancy. Op. Cit., p. 20.

[102] NAPRAN, Laura; Van Houts, Elisabeth. Exile in the Middle Ages. *International Medieval Congress*. University of Leeds, 2002. P. 1.

[103] ROLLEMBERG, Denise. Mémoire en exil, mémoires d'exil. In: SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos; ROLLAND, Denis. *L'exil bresilien en France:* Histoire et imaginaire. L'Harmattan, 2008. P. 18.

[104] SUPPO, Hugo R.. O papel da dimensão cultural nos principais paradigmas das relações internacionais. In: Hugo Rogelio Suppo; Mônica Leite Lessa. (Org.). *A quarta dimensão das Relações Internacionais: a dimensão cultural*. 1ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012. P. 13-43.

[105] Ibidem, p. 13-43.

> estavam mais do que nunca separados por profundas diferenças de concepção do mundo[106].

Tem-se como desdobramento, no campo da história, o contraste entre duas perspectivas. Uma que enfatiza a autonomia da cultura popular, concebendo-a como um sistema simbólico coerente e independente, que funciona alheio à cultura letrada. E uma outra, que aponta uma relação de dependência da cultura popular diante da cultura dominante, e busca lembrar a existência das relações de dominação que organizam a sociedade e concebem, dessa maneira, a cultura popular como subordinada e carente frente à cultura dos dominantes. O primeiro enfoque busca abolir qualquer forma de etnocentrismo, enquanto o segundo aborda a submissão e a dependência nas relações[107].

Ambas as abordagens estão ancoradas em justificativas consistentes e propõem a seus pares. Em contrapartida, cabe questionar, como o faz Roger Chartier, em que medida aquilo que se classifica como "popular" diferencia-se daquilo que se concebe como "elite". Pois, é importante considerar que tal partição apresenta-se sempre mais complexa do que parece, inclusive no processo de apropriação que os próprios grupos, ou indivíduos, fazem desta distinção. Chartier aponta que:

> Não se pode mais aceitar acriticamente uma sociologia da distribuição que supõe implicitamente que à hierarquia das classes ou grupos corresponde uma hierarquia paralela das produções e dos hábitos culturais. Em toda sociedade, as formas de apropriação dos textos, dos códigos, dos modelos compartilhados são tão ou mais geradoras de distinção que as práticas próprias de cada grupo social[108].

Nesse sentido, a apropriação simbólica, empreendida por grupos ou indivíduos, visaria "elaborar uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas especificas que os constroem"[109].

Mais do que isso, para se entender as relações entre a cultura, as formas de apropriação e os grupos sociais, Bourdieu sugere:

> enquanto uma *estrutura estruturada* ela [a cultura] reproduz sob forma transfigurada e, portanto, irreconhecível, a estrutura das relações sócio-econômicas prevalecentes que, enquanto uma *estrutura estruturante* (como uma problemática), a cultura produz uma representação do mundo social imediatamente ajustada à estrutura das relações sócio-econômicas que, doravante, passam a ser percebidas como naturais e, destarte, passam a contribuir para a conservação simbólica das relações de força vigentes[110].

---

[106] BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna:* Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015. P. 452.
[107] CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. *Revista Estudos Históricos.* Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, P. 179-192.
[108] Ibidem, p. 184.
[109] Ibidem, p. 184.
[110] BOURDIEU, Pierre. The thinkable and the unthinkable. *The Times Literary Supplement*. 15 out. 1971. P. 1256.

Portanto, considerando que a cultura só existe efetivamente sob a forma de símbolos e de um conjunto de significados e significantes, faz-se necessário entender como se dão essas práticas e representações, por exemplo, nos momentos de sociabilidade no exílio, entendidos como vivências nos espaços de sociabilidade que configuram microcosmos sociais, de contornos variáveis, que atraem e unificam, de forma dinâmica e permanente, ou não, os membros de um determinado grupo, criando assim uma identidade momentânea compartilhada. Assim concebidos, os espaços de sociabilidade referem-se a um domínio intermediário entre a família e a comunidade de pertencimento civil[111].

A história da sociabilidade da elite no exílio não é, necessariamente uma história de embates culturais, pois, embora apresente similitudes e diferenças em relação ao outro (nativo) e pontos de interação e de marginalização percebidos ao analisar as redes de sociabilidade, isso é muito diminuído pelo fato de que o grupo estudado estava, de certa maneira, a par do cotidiano, da cultura e dos meios "estrangeiros" aos quais se expunha e interagia.

No entanto, o processo de trocas entre os dois países analisados, esconde muitas camadas mais profundas, para além do lugar comum, tão proclamado, que defende que a influência cultural francesa sobre a elite brasileira seria fruto espontâneo das "afinidades latinas". Segundo Mônica Lessa, as "afinidades" teriam sido, a partir do século XIX, consequências de políticas culturais de Estado, baseadas em ações culturais realizadas por agentes oficiais ou não, seguindo a geopolítica do Ministério das Relações Exteriores Francês[112].

Há muito que a idéia de "influência cultural" vem sendo criticada. Sobretudo quando se concebe um polo produtor e outro receptor passivo, como uma via de mão única. De tal modo, deve-se considerar que as elites brasileira e francesa comungam de hábitos semelhantes, práticas de sociabilidade, e dividem os espaços, em uma dinâmica praticamente mimética que visa ratificar e reforçar o poder e o status da posição social ocupada por cada uma.

Alice Bernard em seu artigo sobre a centralidade de Paris, aponta que a cidade é, na verdade, o lugar onde os aristocratas, ou seja, os nobres e os grandes burgueses assimilados, se afirmavam como grupo social[113]. A centralidade para as elites e a atração que o modelo cultural parisiense exercia, são assim definidos:

> De plus, Paris, capitale culturelle au XIXe. siècle, qui a vocation à rayonner bien au-delà des frontières nationales, attire les grandes familles de l'aristocratie cosmopolite, qui s'y retrouvent au moment de la saison mondaine, période de l'année tout particulièrement consacrée à l'entretien des liens qui unissent les différents éléments du groupe. Paris est donc le foyer de cette sociabilité mondaine

[111] SIRINELLI, Jean-François. Op. Cit., p. 103-106
[112] LESSA, Monica Leite. Op. Cit., p. 86.
[113] BERNARD, Alice. Le mode de vie du grand monde Parisien: modalités et persistance d'un modele culturel attractif (1900-1939). In: *La ville et l'esprit de société*. Tours: Presses universitaires François-Rabelais, 2004. P. 129-144.

> dont le dynamisme culmine à la Belle-Epoque, le lieu où s'élabore l'image du Grand Monde, celle-ci s'imposant ensuite comme idéal social et culturel, aux bourgeoisies et autres aristocraties provinciales en mal de reconnaissance[114].

Em relação aos fluxos migratórios, no final do século XIX, nos primeiros anos da Terceira República, um renovado interesse na identificação das pessoas surgiu juntamente com o aumento significativo do número de estrangeiros em Paris. A "questão da imigração" ganhou força e lugar no debate público e político, tanto quanto a integração dos estrangeiros no que tange às condições de entrada e permanência em solo francese[115]. O controle das fronteiras, até a década de 1880, era feito de forma aleatória. Em outubro de 1888 um decreto convocou todos os estrangeiros residentes na França a se apresentarem às autoridades municipais:

> Depuis des siècles, Paris avait accueilli des étrangers (de passage ou comme residentes définitifs). Au XIXe. siècle, cet accueil devient encore plus importante: touristes de toutes nationalités, réfugiés politiques, personnes de toutes conditions en quête d'emploi. [...] Si les uns si bornent à quelques jours ou quelques semaines de séjours, d'autres, de plus en plus nombreaux, forment des colonies étrangères [...] et s'efforcent de préserver leurs cultures originelles... Cette insertion pacifique inquiete le pouvoir politique et l'autorité municipale que tentent, sinon de limiter, du moins de contrôler la présence étrangère[116].

Paul Gerbod faz um detalhado estudo acerca dos estrangeiros em Paris no século XIX e aponta que, em meados do século havia cerca de 13.500 sulamericanos em solo francese[117].

Em 1893, *Le Figaro* publicou na primeira página um artigo intitulado *Le Monde*, dedicado à colônia sulamericana em Paris[118]. Destacava que os estrangeiros que se estabeleceram em solo parisiense, embora pouco numerosos a princípio, tornaram-se uma verdadeira legião e fizeram da França uma segunda pátria. Entre tais estrangeiros encontrariam-se os sulamericanos. Segundo o periódico, eram eles que possuíam magníficos *hôtels* dos novos quarteirões reformados por Haussmann, com belas varandas floridas e cozinhas brilhantes de cobre que chamavam a atenção dos transeuntes.

---

[114] BERNARD, Alice. Op. Cit., p. 129. "No mais, Paris, capital cultural do século XIX, que tem a vocação de iluminar além das fronteiras nacionais, atria as grandes familias da aristocracia cosmopolita, que se encontram no momento da temporada mundana, período do ano particularmente consagrado a manutenção dos laços que unem os diferentes elementos do grupo. Paris é, então, o centro dessa sociabilidade mundana na qual o dinamismo culmina na *Belle Époque*, o lugar onde se elabora a imagem do Grande Mundo, que se impõe, em seguida, como ideal social e cultural, para a burguesia e outros aristocratas provinciais com menor reconhecimento".

[115] ABOUT, Ilsen. Identifier les étrangers. Genèses d'une police bureaucratique de l'immigration dans la France de l'entre-deux-guerres In: NOIRIEL, Gérard (dir). *L'identification des personnes*. Genèse d'un travail d'État. Paris, Belin, 2007. P. 125-160.

[116] GERBOD, Paul. Des étrangers à Paris au XIXe. siècle. *Ethinologie française.* N.4, 1995. P. 569-580. P. 569. "Durante séculos, paris acolheu estrangeiros (de passagem ou como residentes definitivos). No século XIX, esse acolhimento torna-se ainda mais importante: turistas de todas as nacionalidades, refugiados políticos, pessoas de todas as condições em busca de emprego. [...] Se alguns desntre eles se limitam à alguns dias ou semanas de estadias, outros, cada vez mais numerosos, formam colônias estrangeiras [...] e se esforçam para preservar suas culturas originais... Essa inserçãoo pacífica preocupa o poder político e a autoridade municipal que tenta, se não limitar, ao menos controlar a presença estrangeira".

[117] Ibidem, p. 574.

[118] *Le Figaro*, 09/01/1893, p. 1.

Ainda segundo o artigo, possuir todos os bens e riquezas provenientes do novo mundo não seria opulência o suficiente se os ilustres visitantes não pudessem tirar proveito de tudo isso no que parecia ser o melhor lugar do mundo para ostentar suas posses, Paris. Assim, os mais abastados cidadãos da Republica do México, do Brasil, do Peru, do Chile, do Equador e da Venezuela não hesitavam em fazer de Paris sua principal ou segunda casa.

Além disso, todas as intempéries do mundo novo, incluindo as de cunho político, "alarmavam os espíritos e impediam os prazeres" [119], isso corroborava com os anseios de estabelecere-se no além mar e, nesse caso, a França seria o lugar que melhor ofereceria acolhida e liberdade aos estrangeiros.

> Paris est aujourd'hui considéré par les historiens qui travaillent dans le domaine de la culture comme la « Capitale du XIXe siècle». De nombreuses études récentes comme celle de Diana Cooper-Richet ou de François-Xavier Guerra ont montré la place que Paris occupait dans les consciences mondiales, et plus particulièrement latino-américaines. La capitale française est une source de fascination pour tous les hommes lettrés brésiliens. Brito Broca, historien brésilien originaire de la première vague de recherche culturelle brésilienne dans les années 1950 rappelle qu'après 1870, la France « a senti la prédestination de dominer, non pas par les armes, mais par la fascination de l'esprit, de l'universalite ». Les grands écrivains français comme Dumas père et fils, Maupassant ou Zola sont de véritables ambassadeurs de la culture française à l'étranger. Paris est symbole de la culture, du bon goût et dicte les modes du monde occidental, et attire des Brésiliens fascinés par cette culture[120].

Considerando os desdobramentos da transferência da coroa portuguesa para o Brasil, o lugar de centralidade que ocupava Paris para diferentes elites no século XIX, a suposta familiaridade da camada priveligiada brasileira com os hábitos e costumes advindos do outro lado do Atlântico e por fim, a queda da Monarquia e o retorno da Família Real para a Europa, torna ainda mais fácil compreender o estabelecimento de uma colônia brasileira em Paris, entre o final do século XIX e início do XX. Não uma simples colônia de imigrantes, mas sim uma comunidade composta por membros provenientes de famílias abastadas, com redes relacionais constituídas e sólidas, que faziam da cidade o principal cenário de grande parte de suas vidas.

São essas famílias, ou indivíduos isolados, que figuram nas páginas do *Le Figaro* ou do *Le Galois*, dentre tantos outros periódicos, fosse nas páginas sobre a vida mundana de Paris – onde destacam-se os eventos, os bailes, os casamentos e os falecimentos, fosse com suas publicações de

---

[119] *Le Figaro*, 09/01/1893, p. 1.

[120] QUINTELA, Raphael. Op. Cit., p. 57. "Paris é hoje considerada pelos historiadores que trabalham no campo da cultura como a "capital do século XIX". Muitos estudos recentes, como o de Diana Cooper-Richet ou François-Xavier Guerra, mostraram o lugar ocupado por Paris na consciência mundial e, mais particularmente, na América Latina. A capital francesa é uma fonte de fascínio para todos os homens de letras brasileiros. Brito Broca, nativo historiador brasileiro da primeira onda de pesquisa cultural brasileira da década de 1950, recorda que a partir de 1870, a França "sentiu predestinação a dominar, não pelas armas, mas pelo fascínio do espírito, da universalidade". Os grandes escritores franceses como Dumas pai e filho, Maupassant ou Zola são verdadeiros embaixadores da cultura francesa no exterior. Paris é um símbolo de cultura, bom gosto e dita as modas do mundo ocidental, e atrai brasileiros fascinados por essa cultura.".

cunho político, opinando sobre os acontecimentos em sua terra natal ou na terra de acolhida –, fosse ainda na descrição de eventos científicos ou de interesse coletivo. Em uma sociedade hierarquizada a partir do acesso aos símbolos sociais (ou seja, entre aqueles que os dominam e os que são alheios a eles), ver e ser visto, da forma correta, era um dos pontos principais para inserção social e manutenção do poder e status também no exílio.

Independentemente das motivações que levaram as famílias de elite brasileiras a estabelecerem-se em Paris, uma delas não pode ser negligenciada, o fato de que Paris não era só mais uma capital europeia, ou uma cidade que, por coincidência, essa elite oitocentista elegera como segundo lar. Pelo contrário, a escolha de Paris era também sinônimo de um certo lugar intelectual, cultural, que essa elite desejava ocupar. Ou, mais que isso, queria fazer-se igual e, principalmente, parecer aos outros que era igual.

A ideia dos desdobramentos poiticos no Brasil e da centralidade de Paris, no cenário internacional, é também defendida por Raphael Quintela:

> La présence brésilienne en France au XIXe siècle peut s'expliquer grâce à plusieurs facteurs politiques et culturels. Il y a deux mouvements qui contribuent à une migration temporaire ou définitive vers la France : le premier est d'ordre interne. Le Brésil s'ouvre en effet à l'international après la prise de pouvoir de Pedro Ier qui amène l'indépendance du Brésil en 1822. La seconde étant la place de Paris dans le monde culturel du XIXe siècle, « capitale des lettres et du savoir »[121].

A realidade brasileira, com todas as contruções imaginárias de uma proximidade com o mundo francês, fazia com que tais famílias sentissem-se já parte da sociedade francesa. Além disso, a própria Paris lutava para continuar construindo e manter esse imaginário de berço da civilização, de uma cultura antiga, pura e mais intelectualizada. Esses esforços sem dúvida tinham frutos e cruzavam o Atlântico chegando ao "novo mundo" como ares de modernidade, desenvolvimento, avanço.

Para as elites que sempre precisam se reinventar, absorver e estabelecer trocas, para manter seus privilégios, escolher Paris para o exílio, tinha um grande peso simbólico. Junta-se a isso o fato de que a própria família real optou por estabelecer em Paris, seu lar permanente durante os anos de exílio. Essa decisão e a presença da família real, sem dúvida coadunavam ainda mais para que a cidade fosse um dos destinos preferidos da elite oitocentista migrada.

[121] QUINTELA, Raphael. Op. Cit., p. 54. "A presença brasileira na França no século XIX pode ser explicada graças a vários fatores políticos e culturais. Há dois movimentos que contribuíram a uma migraçãoo temporário ou definitiva para a França: o primeiro de ordem interna. O Brasil abriu-se a internacionalizaçãoo após a posse de D. Pedro I que trouxe a independência em 1822. E a segunda o lugar de Paris no mundo cultural do século XIX como sendo a "capital das letras e do saber".

1.1 Paris: Lugar de encontros

> Entre Rousseau et Baudelaire, c'est à Paris que la conscience de la ville a trouvé son langage. Historiquement parlant, il s'agit là d'une période de bouleversements sociaux considérables, de l'Ancien Régime au Second Empire. Paris devient alors la "capitale du XIXe siècle" et en même temps la capitale d'une civilisation mondiale sous le signe de la modernité, qui invente à Paris ses formes de vie, ses formes de conscience et ses formes d'art. Jusqu'à aujourd'hui, le mythe de Paris est resté le mythe urbain par excellence[122].
>
> Karlheinz Stierle

Para se chegar à Paris da Belle Époque e traçar o cenário geral em que se encontram os sujeitos estudados, sem precisar retroceder muito no tempo, deve ser analisada a construção do imaginário coletivo acerca de Paris, como o faz Stierle, ao propor uma "história da consciência da cidade". Isso é possível a partir da análise da literatura que, entre o final do século XVIII e a segunda metade do século XIX (principalmente nos anos de 1830 à 1840), contribuiu enormemente para constituir o mito de Paris[123].

Segundo Fabio Cancellière, Stendhal, bem como Honoré Balzac e Victor Hugo, foram grandes colaboradores para a criação da ideia de oposição Paris – *province* (dando a entender urbano x rural, cidade x interior), no seu romance *Le rouge et le noir*[124], fazendo crescer e tomar forma o mito de Paris[125].

Mais que isso, Ellen Welch, aponta que desde o século XVII, nos textos descritivos ou "guias" de Paris, há uma construção sempre presente, ratificando a ideia de Paris como a principal cidade da França, bem como a capital cultural da elite europeia[126].

Foi a partir da segunda metade do século XIX, com todas as intervenções urbanas realizadas, que a Paris célebre da atualidade configurou-se, com seus largos boulevares, seus espaços públicos, jardins e monumentos pomposos. Antes disso, o velho centro de Paris, compreendendo os *arrondissements* da *Île de la Cité* (onde viviam cerca de 30 mil pessoas amontoadas e em condição de total miséria), do *Halles,* do *Marais* e do *Quartier Latin,* por

---

[122] STIERLE, Karlheinz. *La Capitale des signes*: Paris et son discours. Paris: Fondation Maison des Sciences de l'Homme, 2001. P. 563. "Entre Rousseau e Baudelaire, é em Paris que a consciência da cidade encontrou sua linguagem. Historicamente falando, este é um period de considerável reviravoltas sociais, do Antigo Regime ao Segundo Império. Paris torna-se a capital do século XIX e ao mesmo tempo a capital de uma civilização mundial sob o signo da madernidade, que inventa em Paris suas formas de vida, suas formas de consciência e suas formas de arte. Até hoje, o mito de Paris continua sendo o mito urbano por excelência".

[123] Ibidem, p. 35.

[124] Publicado pela primeira vez em Paris no ano de 1830, o romance é dividido em duas partes, a primeira passa-se na provincial e a segunda em Paris, contrastando as duas realidades.

[125] CANCELLIÈRE, Fabio. *La représentation de Paris dans la littérature du XIXe siècle:* entre mythe et réalité. Travail de candidature. Professeur-candidat au Lycée de Garçons Esch. Esch-sur-Alzette, 2013. 179p. P.39.

[126] WELCH, Ellen. Paris Cosmopolite: le mythe de la "capitele du monde" dans les guides de Paris. *Littératures classiques*. Vol. 76, n. 3, 2011. P. 53-62.

exemplo, continuavam intactos desde a Idade Média, sendo uma aglomeração de construções seculares erigidas de forma precária sem nenhum senso arquitetônico, com materiais e estilos disparatados. As ruas eram cheias de desníveis, tortuosas e sombrias, com uma precária circulação de ar, não favorecendo a circulação nem dos transeuntes, nem de veículos. Além da ausência de esgotos e rede de captação, o que tornava a cidade insalubre e sujeita a epidemias, como a de cólera em 1832[127].

Victor Hugo descreve as ruas da antiga Paris:

> Estreitas fendas, dissemos nós, e cremos que não podemos dar ideia mais exata do que eram aquelas vielas escuras, apertadas, angulosas e orladas de casarões de oito andares. Era tal a decrepitude destes casarões, que na rua da Chanvrerie e da Pequena Truanderie as fronteiras eram escoradas, na sua maior parte, por vigas ou barrotes, que atravessavam de um para outro lado da rua. Esta era tão estreita e as enxurradas em ocasiões de chuva dilatavam-se por tal modo para fora do seu leito, que quem passava necessariamente se molhava, seguindo ao longo daquelas fileiras de lojas escuras como subterrâneos e por entre grandes frades de pedra com aros de ferro, enormes montes de lixo e portas de pátios guarnecidas de disformes grades, que atestavam a sua longa idade[128].

Stierle em sua análise da construção do imaginário acerca de Paris, tira o foco da literatura, bem como dos parisienses, e coloca como objeto principal a "experiência da cidade". Ressalta que a experiência moderna da cidade grande, da qual Paris é o exemplo e símbolo, é uma experiência da cidade como um espaço semiótico, coberto de signos a decifrar, é também a totalidade das experiências possíveis, o lugar da prática social e de suas formas simbólicas[129]. Nesse sentido, Paris, ao contrário de Versailles, teria sido o verdadeiro teatro da luta pela distinção, pois, enquanto na Corte as categorias e lugares de pertencimento já estavam colocados, em Paris, a diferenciação dar-se-ia através de signos e símbolos de distinção, necessários cada vez mais para discernir o valor do individuo, seu peso social, em meio a imensidão da grande cidade[130].

O mito de Paris do século XIX é também não só o mito do moderno adquirido com todo o esforço público de revitalização da segunda metade do século, mas o mito do revolucionário, ainda como resquício da própria Revolução Francesa, assim como das revoluções subsequentes, dentre as quais a de julho de 1848, que deixou 1600 guardas e soldados mortos, bem como 5000 civis, além de 1500 pessoas que foram fuziladas sem julgamento e 25000 que foram presas, das quais 11 mil condenadas a prisão[131].

Quando Luís Bonaparte foi eleito, em 1848, com uma 74% dos votos, inspirado nas doutrinas de Saint-Simon que preconizam o progressismo, ou seja, o melhoramento do nível de vida

---

[127] CANCELLIÈRE, Fabio. Op. Cit., p. 64.
[128] HUGO, Victor. *Os miseráveis.* Trad. Francisco Ferreira da Silva Vieira. Ed. Centar Editions, 2013. P. 816.
[129] STIERLE, Karlheinz. Op. Cit., p. 3.
[130] Ibidem, p. 48.
[131] CANCELLIÈRE, Fabio. Op. Cit., p. 75.

dos cidadãos através do desenvolvimento da economia, ele começa grandes empreitadas em prol da indústria, da agricultura e do comércio[132].

Alguns anos depois, em 1851, realizou-se um censo na França, no qual aparecia pela primeira vez a presença dos estrangeiros dentre a população francesa. Foi a primeira distinção formal entre franceses e estrangeiros nos censos nacionais. Nessa data, Paris contava com mais de um milhão de habitantes, dos quais 62.241 eram estrangeiros e 1.571 naturalizados, ou seja, aproximadamente 6% da população parisiense era composta por estrangeiros, em sua maioria belgas, alemães, italianos, suíços, ingleses, poloneses e espanhóis. Nesse senso, vale ressaltar, que havia uma categoria "outras nacionalidades", da qual faziam parte 11000 pessoas[133].

No entanto, como frisa Hervé Le Bras, os resultados do censo de 1851 demonstram que a maioria dos estrangeiros presentes na França, nada mais eram que seus "vizinhos" que ultrapassaram um pouco a borda de seus países, bem como o faziam muitos franceses:

> La présence d'etrangers exprime l'absence de fronteires precises. Mais à partir de cette époque, l'écart se creuse entre le dynamisme démografique des pays qui nous entourne et la prudence familiale dont les français donnent l'exemple. [...] Les étrangers vont venir de plus en plus nombreux et pénétrer plus loin au l'intérior du territoire national[134].

O Segundo Império enriqueceu-se, Paris tornou-se tão cheia de prestígio quanto Londres e passou por um grande processo de modernização no nível administrativo e urbano[135]. Todo esse processo foi encabeçado por Georges-Eugène Haussmann, nomeado *préfet* do Sena pelo Imperador. Nos anos de Haussmann[136] Paris passou pelas maiores transformações urbanas. Napoleão queria assegurar o lugar da cidade como símbolo de poder entre as capitais europeias. Para tanto, Haussmann expropriou boa parte da "velha Paris" e começou seu plano de saneamento das ruas com a implementação de cerca de 600 quilômetros de redes de esgoto. Os pavimentos foram trocados para favorecer a limpeza das ruas, ampliou-se a malha ferroviária, foram construídas as grandes vias de circulação, os *Grands Boulevards*, a cidade foi dividida em 20 *arrondissements* e criou-se um embelezamento estratégico evitaria futuras barricadas e insurreições, e demonstraria todo o poder e status da cidade, ao cercá-la de símbolos e monumentos que coadunavam com o

---

[132] CANCELLIÈRE, Fabio. Op. Cit., p. 80.

[133] GRANDJONC, Jacques. Les étrangers à Paris sous la monarchie de Juillet et la seconde République. *Population*, Vol. 29, n. 1, 1974. P. 61-88. P. 62.

[134] LE BRAS, Hérve. Lieux et métiers des étrangers en France depuis 1851. Vingtième Siècle. V. 7. N. 1. Jul-Set 1985. P. 19-36. P. 19. "A presence dos estrangeiros expressa a ausência de fronteiras precisas. Mas, a paritr desta época, o fosso entre o dinamismo demográfico dos países que nos cercam e a prudência familiar, da qua os franceses dão exemplo, se amplia. [...] Os estrangeiros vão vir cada vez mais numerosos e penetrar mais longe no interior do território nacional".

[135] CANCELLIÈRE, Fabio. Op. Cit., p. 80.

[136] Haussmann deixou informações preciosíssimas e bem detalhadas sobre todo o trabalho que desenvolveu na cidade de Paris em seu *Mémoires du baron Haussmann*, no livro III no qual descreve os *Grands travaux de Paris*, subdividindo-o em: *Le plan de Paris, Les services d'ingénieurs, Voie publique, Promenade et plantations, Service des eaux, Architecture et beaux-arts.* Editado por Victor-Havard, Paris, 1893.

desejo do Imperador de ratificar seu poder. A primeira exposição universal aconteceu em 1855 em solo parisiense e contribuiu perfeitamente para os planos do Imperador no sentido de demonstrar a suposta superioridade francesa ao resto do mundo[137].

O trabalho de Hausmman, que ocupou seu cargo entre 1853 e 1870, resultou em 20000 imóveis demolidos, substituídos por 30000 novos, 300 quilômetros de ruas abertas com iluminação pública e um milhão de árvores plantadas[138]. Todas as reformas realizadas e a nova regulamentação para construções que garantia a manutenção dos feitos, colaborando para a imagem harmoniosa criada (com toda a lógica dos boulevares e das avenidas, com os novos arcos, fontes e estátuas, com os espaços verdes e parques), colocavam, então, Paris no centro da Europa e o mito da Paris urbana se concretizava.

Os projetos de Haussmann integravam três realizações principais: transformar as antigas ruas estreitas e mal articuladas, adaptando-as ou substituindo-as por sistemas de circulação precisos e bem orquestrados; desmembrar ou eliminar os tradicionais bairros da classe operária, a fim de evitar potenciais centros de revolta e levar "ar e luz" à cidade; e embelezar Paris[139]:

> A Paris do Segundo Império era ao mesmo tempo extraordinariamente simbólica e cuidadosamente prática. Os boulevares não arrebatavam a pessoa valendo-se de um monumento burguês moderno isolado, seguido de outros, para corroborar as conquistas da classe média; em vez disso, levavam em conta a tradição, eram mais heroicos, mais intencionais. Projetavam a pessoa em direção aos monumentos a glória passada e presente dos franceses, enquanto articulavam a grande metrópole industrializada[140].

No entanto, o ano de 1870 trouxe novamente percalços para a cidade. A guerra franco-prussiana deixou a França sem seu Imperador e sua capital humilhada. A Terceira República proclamada em setembro de 1870, lutou pela defesa de Paris, enfrentando a falta de suprimentos alimentícios e de meios necessários para o aquecimento dos lares. As tropas prussianas desfilaram simbolicamente pela avenida *Champs-Élysées* antes de deixar a capital. Como resultado desse episodio, ocorreu a insurreição da Comuna, em março de 1871, que durou até maio, quando os *communards*, em retirada, atearam fogo nos principais monumentos da capital[141]. Mais uma vez era necessário que Paris se reerguesse.

Paris passou, então, a ser o berço de um certo espírito de sociedade, a capital cultural do século XIX, que atraía grandes famílias da aristocracia mundial. O lugar onde se elaborou a imagem do *Grand Monde*, que se impunha como ideal social e cultural. Ao analisar o modo de vida do *Grand Monde*, Alice Bernard aponta que houve uma mudança na sociabilidade da elite, passando

[137] CANCELLIÈRE, Fabio. op. Cit., p. 81.
[138] Ibidem, p. 82.
[139] NEEDELL, Jeffrey D. Op. Cit., p. 51.
[140] Ibidem, p. 52.
[141] Ibidem, p. 117.

de uma sociabilidade codificada, pública e oficialmente de Corte, para uma sociabilidade baseada no culto interpessoal, bem representado pelos salões, por exemplo. As elites, confinadas nos espaços privados e, sobretudo, urbanos, faziam da cidade o locus privilegiado onde se davam os eventos mundanos[142].

Dentro desse contexto, a centralidade de Paris para a França justifica-se, segundo Christophe Charle, pelo fato de Paris ser :

> capitale d'un État-nation très anciennement formé et centralisé autour de catégories d'abord politiques, [qui] s'impose pour la nation française comme la figure symbolique la plus forte de l'État, et la capitale regroupe, presque sans partage, toutes les fonctions de commandement (politiques, économiques et financières, intellectuelles)[143].

É a capital europeia que, por excelência, articula o simbólico e o político através dos rituais e dos espaços. Quanto ao "ser nobre" na Paris do século XIX, há um estudo detalhado de Adeline Daumard, em que apresenta uma genealogia do significado de nobreza e aristocracia na França desse período. Como foi um século com muitas reviravoltas políticas, os nobres também foram abatidos pelas turbulências. Segundo Daumard:

> les nobles ne furent pas tous persécutés en France après la chute de l'ancien régime, mais la noblesse connut une période d'effacement, avant de retrouver considération et influence au XIXe siècle. Les nobles ont pu être raillés, attaqués, haïs même parfois, mais, sauf exceptions, la noblesse, au cours du siècle, a été plus épargnée que la «bourgeoisie» ou les «capitalistes»[144].

Definir a nobreza na sociedade francesa durante o século XIX, tornara-se uma tarefa difícil, principalmente devido aos eventos que sucederam a noite de quatro de agosto de 1789[145]. A partir de então, em momentos diferentes e por razões distintas, a nobreza foi se reconfigurando, sendo assimilada e assimilando algumas parcelas da sociedade, num processo de busca de uma identidade. Para Daumard, houve uma justaposição de diferentes nobrezas, transformando

---

[142] BERNARD, Alice. Op. Cit., p. 129-144.

[143] CHARLE, Christophe; ROCHE, Daniel. *Capitales culturelles, capitales symboliques*: Paris et les expériences européennes (XVIII-XX siècles). Nouvelles editions. *P*aris: Publications de le Sorbonne, 2002. P. 9-22. "capital de um estado-nação tradicionalmente fechado e centralizado em torno de categorias sobretudo políticas, que se impõe a nação francesa como a figura simbólica mais forte do Estado, e a capital reúne, quase sem divisão, todas as funções de comando (políticos, econômicos e financeiros, intelectuais)".

[144] DAUMARD, Adeline. Noblesse et aristocratie en France au XIXe siècle. In: *Les noblesses européennes au XIXe siècle.* Actes du colloque de Rome, 21-23 novembre 1985. Rome: École Française de Rome, 1988. P. 81-104. P. 81. "os nobres não foram todos perseguidos na França após a queda do Antigo Regime, mas a nobreza conheceu períodos de apagamento, antes de reencontrar consideração e influência no século XIX. Os nobres puderam ser zombados, atacados, algumas vezes até odiados, mas, salvo exceções, a nobreza, no decorrer do século, foi mais poupada do que a burguesia ou os *capitalistas*".

[145] Noite em que a Assembleia Constituinte se reuniu e decretou o fim do Antigo Regime, abolindo mais tarde, através de decretos em 1790 e 1791, os títulos da nobreza.

definitivamente o conceito de nobre, que passou a não ter a mesma conotação dos *gentilshommes* do Antigo Regime[146].

Napoleão I, restabeleceu os títulos dos nobres ligados ao seu regime, porém muitas vezes os títulos eram diferentes dos portados pelas famílias antes de 1789 (o filho mais velho de um conde poderia virar um barão, por exemplo) e acrescentou as novas elites promovidas com a revolução. Muitas famílias com raízes antigas que recusaram aliar-se ao novo regime, simplesmente desapareceram do quadro nobiliárquico, pois somente os títulos concedidos pelo Imperador passaram a ser considerados com real valor. Portanto, na essência, a nobreza do Antigo Regime diferenciava-se largamente da nova nobreza, da nobreza imperial, rigorosamente hierarquizada segundo os desejos do Imperador.

> Le gentilhomme distingué du commun non seulement par les privilèges attachés à la naissance, mais aussi en raison de son appartenance à une longue lignée, disparaissait devant le fidèle du souverain que la suite des générations devait transformer en notable appuyé sur une fortune inaliénable et insaisissable[147].

Assim, a nova nobreza não baseava-se mais nos pressupostos tradicionais que envolviam a titulação francesa. Cada vez mais a fortuna, baseada sobretudo na propriedade fundiária, fundava a nova aristocracia.

No entanto, mais uma vez os pressupostos nobiliárquicos mudariam. O Artigo 71 da Carta de 1814, reafirmado em 1830, buscava reconciliar o passado e o presente nas transformações que sucederam a Revolução. Ressaltava que "la noblese recente reprend ses titres. La nouvelle conserve les siens. Le roi fait des nobles à volonté"[148]. O mesmo artigo foi suspenso em 1848 e restabelecido em 1852, quando os títulos passaram a ser todos reconhecidos e transmitidos aos descendentes do sexo masculino por ordem de nascimento, como o era no Antigo Regime. A Monarquia de Julho suspendeu a hereditariedade da paridade em 1831 e, em 1849, deu-se a abolição completa de qualquer tipo de substituição titular, fazendo desaparecer todos os traços da antiga forma de herança.

Todos esses percalços em relação ao direito a títulos e sua idoneidade, tiveram como consequência o desdobramento de um período conturbado de usurpação de títulos e títulos falsos sendo utilizados, até que um decreto de Napoleão III, em 1859, criou um conselho destinado a verificar os selos dos títulos. O conselho fora suprimido em 1872[149].

---

[146] DAUMARD, Adeline. Op. Cit., p. 82.
[147] Ibidem, p. 83. "O *gentilhomme* distinto do comum não somente pelos seus privilégios ligados ao nascimento, mas, também, de acordo com seu pertencimento a uma longa linhagem, desapareceu diante dos fiéis do soberano, que nas gerações seguintes transformaram-se em notáveis, apoiados por uma fortuna inalienável e evasiva".
[148] Ibidem, p. 83. "a nobreza recente reave seus títulos. A nova conserva os seus. O rei cria nobres Segundo sua vontade".
[149] Ibidem, p. 85.

Daumard conclui que a nobreza da França no século XIX misturava a descendência dos nobres do Antigo Regime, os enobrecidos pelos regimes que sucederam a Revolução, aqueles que receberam o titulo de um soberano estrangeiro ou que o compraram, o corpo religioso (papado) e a geração de nobres espontâneos, ou seja, os que usurparam ou inventaram um título ligado a sua origem (nome de suas propriedades, de suas vilas etc). Acrescenta ainda que "*cette noblesse fondée sur la titulature et appuyée sur la fortune apparaît comme une distinction honorifique transmissible seulement aux enfants mâles, l'usage, en France, interdisant de donner aux filles un titre, fût-il de courtoisie*"[150].

À parte do prestígio mundano que os títulos proporcionavam, a nobreza mantinha também um certo poder na sociedade francesa, principalmente no âmbito regional. Em várias regiões os nobres exerciam uma grande influência política, fundada sobretudo na riqueza advinda de suas propriedades e de suas redes de relacionamento. Mais do que isso, nas estadias em suas terras e próximos às "pessoas comuns", os nobilitados, muitas vezes, adquiriam um status de mentor local, de conselheiros, de mediadores em importantes eventos e situações da vida social, o que ratificava o poder de grandes e tradicionais famílias[151].

> De nombreux travaux de l'école historique française, depuis une trentaine d'années, ont montré que les nobles ont conservé un rôle important dans la vie politique nationale et locale, dans certaines fonctions publiques, civiles et militaires, sur le plan économique, dans l'agriculture notamment, dans la vie intellectuelle et religieuse, dans l'action et la réflexion sociales comme dans le domaine mondain. Cette influence s'exerça à des degrés divers selon les régimes politiques, l'origine des familles et le choix personnel des intéressés[152].

Portanto, a sociedade francesa do século XIX até início do século XX, apesar de ter sido uma sociedade com diversas configurações, foi também uma sociedade influenciada pela elite, pelos homens de elite que se impunham como modelo para grupos sociais diferentes. Mesmo com todas as reviravoltas dos regimes, a maioria desses homens, dessas famílias, conseguiu manter o prestígio social ao longo do século, coexistindo com outros tantos contextos que surgiam, mantendo certos hábitos e reações tradicionais, adaptando-se ao mundo moderno que se apresentava e se impunha[153].

É esse cenário de inconstâncias que a elite tem que transpassar, se reinventando em alguns

[150] DAUMARD, Adeline. Op. Cit., p. 86. "essa nobreza fundada sob a titulação e apoiada sob a fortuna, aparece como uma distinção honorífica transmitida somente aos filhos homens, a prática francesa interdita dar as filhas um título, mesmo que por cortesia".

[151] Ibidem. Op. Cit., p. 88.

[152] DAUMARD, Adeline. Une enquête sur la noblesse à paris au XIXe siècle. *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*. N. 3, 1989. P. 2. "Numerosas obras da escolar histórica francesa, nos últimos trinta anos, mostram que os nobres conservaram um papel importante na vida política nacional e local, em certos postos políticos, civis e militares, no cenário econômico, notadamente com a agricultura, na vida intellectual e religiosa, na ação social e reflexão, como no domínio mundano. Esta influência foi exercida em graus diferentes segundo o regime político, a origem das famílias e a escolha pessoal dos interessados".

[153] Ibidem, p. 8.

pontos, se adaptando e continuando a exercer seu poder, seu domínio e sua capacidade de convencimento, para sobreviver aos novos paradigmas que despontaram após a Revolução Francesa e ao longo do novo século. É nesse contexto que serão analisados os espaços e formas de sociabilidade no que concerne uma colônia estrangeira e as trocas com essa camada da sociedade francesa.

1.2 A colônia brasileira nas notícias parisienses

> Ils ont des chevaux, des voitures, des domestiques qui constituent un train de Maison considérable. Leurs femmes e leurs filles suivent nos modes, les lancent même parfois et, ce qui vaut mieux encore, elles sont en general délicieusement jolies[154].
>
> *Le Figaro, 09/01/1893*

Em notícia sobre a colônia sulamericana de Paris, *Le Figaro,* em 1893, lança uma nota de primeira página repleta de elogios àqueles que fizeram da "França como uma segunda pátria". Aparentemente a condição financeira privilegiada das colônias sul-americanas não passava desapercebida e foi a própria colônia brasileira que fez eco nos versos da opera *La vie parisienne*, de Jacques Offenbach: "*Je suis Brésilien, j'ai de l'or,*[SEP]*/ Et j'arrive de Rio-Janeire /*[SEP]*Plus riche aujourd'hui que naguère / Paris, je te reviens encore!*" [155].

Os versos da opera dão uma visão caricatural de como eram vistos os brasileiros de Paris no século XIX. Ou seja, eram brasileiros ricos, provenientes de uma classe social privilegiada[156]. Além disso, Anaïs Fletchet aponta que os brasileiros só passaram a ser considerados como uma categoria nacional pelos demógrafos, a partir de 1911. Anteriormente eles eram considerados dentro do grupo "outras nacionalidades"[157].

> Si avant les années 1870 il n'y a pas vraiment d'implantation brésilienne en France due au caractère des échanges entre la France et le Brésil essentiellement économiques qui se traduisent par des échanges brefs et non définitifs, alors peut-on commencer à évoquer une communauté brésilienne en France? Plusieurs indices sont disséminés dans les périodiques. En premier lieu c'est l'apparition de journaux qui leurs sont entièrement dédiés[158].

Raphael Quintela percebe a fixação mais ou menos permanente de um grupo de brasileiros em Paris ao analisar os periódicos franco-brasileiros. Ele aponta que a partir de 1870 existem periódicos voltados exclusivamente para essa comunidade. Fosse flutuante ou fixa, fato é que os brasileiros passaram a ser uma constante no cenário da capital francesa.

Exemplo da colônia estabelecida e da vida social de seus integrantes pode ser encontrado nas notícias mundanas já no ano de 1877:

> Memento.- Lémpereur du Brésil sést rendu hier. Soir à une grande soirée donnée

---

[154] "Eles têm cavalos, carros, domésticos que constituem uma parte considerável da casa. Suas mulheres e suas filhos seguem nossa moda e até lançam moda de vez enquando, e o que é ainda melhor, elas são deliciosamente bonitas".

[155] *La vie parisienne* (1866) de Jacques Offenbach, livreto de Henri Mailhac et Ludovic Halévy.

[156] QUINTELA, Raphael. Op. Cit., p. 52.

[157] FLECHET, Anaïs. *Aux rythmes du Brésil*: exotisme, transferts culturels et appropriation. La musique populaire brésilienne en France au XXe siècle. 2007. Tese (Doutorado em História) - Centre d'Histoire des Relations Internationales Contemporaines, Université Paris 1, Panthéon-Sorbonne, Paris, 2007. P. 32.

[158] QUINTELA, Raphael. . Op. Cit., p. 59. "Se antes da década de 1870 não há presença brasileira real na França devido à natureza das trocas essencialmente econômicas entre a França e o Brasil que resultam em trocas breves e não definitivas, podemos começar a evocar uma comunidade brasileira na França? Vários indícios estão espalhadas pelos periódicos. Em primeiro lugar, aparecem jornais que são inteiramente dedicados à ela [comunidade]".

> en son honneur par le comte Carapebus dans son élégant hotel du boulevard de la Tour, à Passy. Le comte Carapebus, chambellan de l'empereue du Brésil, reside à Paris depuis plusieurs années, en vertu d'un congé de son souverain. Les princes d'Orleans et l'élite de la colonie brésilienne de Paris assistaient à cette fête magnifique[159].

Segundo Quintela, de 1881 a 1922, há periódicos impressos e difundidos na França, alguns escritos em francês, e que têm como objetivo deixar os brasileiros de Paris informados dos acontecimentos no Brasil, como é o caso da revista quinzenal *A Illustração*, as revistas de propaganda *Chronica franco-brazileira*, a *Revue du Brésil* ou a *Revue du Brésil et da l'Amérique Latine*[160]. O ápice das publicações dedicadas à colônia brasileira deu-se entre 1881 e 1890. Nesse mesmo período dezessete periódicos franco-brasileiros estiveram em circulação entre a França e o Brasil.

Pode ser encontrada notícia acerca do lançamento de um desses jornais franco-brasileiros, no próprio *Le Figaro* que anunciava: "Ontem, no Brébant, jantar en honra da fundação do *Journal franco-brésilien*. Toda a colônia brasileira e vários membros da impressa se encontravam entre os convidados"[161]. Embora não seja possível identificar através da notícia qual seria esse jornal, o que mais se aproxima da data em questão seria o *Chronica franco-brazileira* (1885-1886)[162].

Nesse mesmo período, que estende-se até a década de 1920, é possível encontrar diversos anúncios publicitários voltados para as famílias brasileiras que encontram-se em solo parisiense, como são alguns dos exemplos dados por Quintela:

> Des nombreuses occurrences à cette colonie apparaissent dans le Courrier du Brésil. Une annonce est publiée en 1912 dans le numéro 176 notifiant aux « familles brésiliennes » des appartements meublés à louer. Il est signifié que ceux-ci contiennent cinq pièces et comprennent une salle de bains, une cuisine et que l'électricité est présente. Une maison bien équipée, destinée donc à une famille aisée. Une autre publicité recommande aux « Brazileiros » de venir à l'institut Poujade située 9 boulevard des Italiens apprendre le français, des entrées gratuites sont offertes s'ils se présentent en tant que Brésiliens. Une publicité parle également d'une « librairie franco-brésilienne » où les membres « des colonies brésiliennes et portugaises sont conviés ». Le Brésil quant à lui propose une rubrique « Echos et Informations » où sont relatées différentes informations sur la vie de la communauté brésilienne à Paris, et emploie donc souvent ce terme[163].

---

[159] *Le Figaro,* 06/05/1877, p. 2. "Momento.- O Imperador do Brasil esteve ontem à noite em uma grande *soirée*, oferecida em sua homenagem, pelo conde Carapebus, no seu elegante hotel do boulevard de La Tour, em Passy. O conde Carapebus, camareiro do Imperador do Brasil, reside em Paris há alguns anos, em virtude de uma licença do seu soberano. Os príncipes d'Orleans e Bragança e a elite da colônia brasileira de Paris assistiram a esta magnífica festa".

[160] QUINTELA, Raphael. Op. Cit., p. 60.

[161] *Le Figaro*, 24/10/1885, p. 1.

[162] Ibidem, p. 97.

[163] Ibidem, p. 62. Muitas ocorrências à esta colônia aparecem no *Courrier du Brésil*. Um anúncio foi publicado em 1912 na edição 176, notificando às "famílias brasileiras" apartamentos mobiliados para alugar. Significativo que estes contêm cinco peças (4 quartos) e incluem um banheiro, uma cozinha e que a electricidade está presente. Uma casa bem equipada, destinada a uma família abastada. Outro anúncio recomenda aos "brazileiros" que venham ao Instituto

Portanto, embora sejam imóveis para aluguel, o tipo de imóvel aponta que não são voltados para qualquer locatário mas sim para aqueles que tenham uma condição financeira mais confortável e estejam acostumados com um nível de vida mais alto, pois, de acordo com as dimensões dos apartamentos, suas dependências e características, eles corresponderiam apartamentos luxuosos.

No *Le Figaro*, podem ser encontradas, aproximadamente, 140 notícias que trazem exatamente o termo "colônia brasileira" no corpo do texto, entre 1882 e 1920. Os assuntos são os mais variados e concernentes a celebrações religiosas (batismos, casamentos, falecimentos, missas comemorativas etc), assuntos culturais, econômicos, políticos e a Grande Guerra.

Importante observar que, praticamente, todas as notícias são carregadas de adjetivos pomposos para caracterizar a colônia, suas famílias e membros. Referências do tipo "uma das famílias mais distintas", "estimadas", "um dos membros mais em vista", "mais conhecido", "mais apreciado", "os mais notáveis da colônia", "a elite da colônia brasileira", são uma constante nas notas publicadas no *Le Figaro*. Não faltam também elogios às "jovens moças talentosas" que fazem parte da colônia e exibem seus dons, ou a pura beleza, durante os eventos sociais promovidos, sendo consideradas jovens "charmosas".

É o caso, por exemplo, da filha da Sra. Gomes de Camara que, nos salões de sua mãe, na rua La Boëtie, tocou bandolin e cantou canções de Gounod, Massenet e Vidal. Dividindo a cena com ela estavam a Sra. Cecile Ritter-Ciampi, as Srtas. Cruz, o barítono Ciampi, o pianista Ricardo Vines e os bandolinistas Fernandez e Soto. A charmosa senhorita, que o fato de ser filha da anfitriã bastava para referenciá-la, foi aplaudida pela elite da colônia brasileira que encontrava-se presente[164].

As filhas da Sra. Araujo, Luiza e Maria-Georgina, também tiverem seu lugar de destaque nos salões da mãe, na rua Vignon. Interpretando "maravilhosamente" bem o *Madame reçoit*, obra de M.Y.K. Nazare-Aga[165].

Segundo *Le Figaro,* a segunda e última recepção oferecida pela condessa Hermano da Silva Ramos, desde o retorno de Roma, também fora brilhante. Com a presença dos membros "mais em vista da colônia", a Sra. Koenig fez várias reprises com sua "bela voz". A "dicção graciosa" da Srta. Carneiro de Mendonça e a grande pianista, Srta. Magdalena Tagliaferro, também foram

---

Poujade, localizado no boulevard des Italiens, n. 9, para aprender francês, entradas gratuitas são oferecidas aos que se apresentarem como brasileiros. Um anúncio também fala de uma "livraria franco-brasileira" onde são convidados membros das "colônias brasileiras e portuguesas". O "Brasil", por sua vez, oferece uma seção "Ecos e Informações", onde várias informações sobre a vida da comunidade brasileira em Paris são recontadas e, portanto, muitas vezes usa esse termo.

[164] *Le Figaro,* 10/02/1900, p. 2.

[165] *Le Figaro,* 29/03/1901, p. 2.

aplaudidas diversas vezes[166].

Na *soirée* musical e dansante oferecida pelos anfitriões Conceiçao, na rua Reynouard, os "excelentes artistas" Sra. Nicia Silva, Srtas. Olinta Braga, Bellah de Andrada, Mathilde Coffer, Correa, Portella, e os Srs. Marcel Henwegh, Camargo e os jovens Portella, foram muito aplaudidos[167].

Antes de partir para visitar suas "grandes propriedades no Brasil", a Sra. da Porciuncula ofereceu uma "encantadora" *soirée* dansante, em seus salões, na avenida Kléber, sendo assistida por suas "charmosas" filhas[168].

Figurando na primeira página de *Le* Figaro, o salão da "charmosa" baronesa de Itajuba, também era palco para desfile da colônia brasileira. De linhagem nobre, a baronesa, cujo marido era ministro do Brasil em Washington (1888), e anteriormente fora o representante de D. Pedro em Paris, era filha do Conselheiro, nomeado Senador pela princesa imperial, Pereira da Silva, que também encontrava-se em Paris[169].

Em dezembro de 1892, a Sra. Ramon da Silva também ofereceu um baile para o qual toda a "alta" colônia brasileira fora convidada[170].

Embora a vida social das senhoras brasileiras possa dar a crer que estas "damas, que viviam em meio a toda essa elegância e riqueza, aduladas, pensassem apenas no prazer", *Le Figaro* alega que[171]:

> Elles sont, au contraire, des femmes d'intérieur et d'exellentes mères de famille. Contrairment à l'usage de plus en plus suivi par les Parisiennes, eles ne confient pas leurs enfants à des soins mercenaires. Elles tiennest à honneur de les nourrir eles-mêmes. A mesure qu'ils grandissent eles surveillent leur éducation. Elles les gardent auprès d'elles. Les petites filles ont une institutrice qui les mène au cours, les petits garçons un abbé qui leur sert de répétiteur dans l'intervalle des classes du lycée. Ferventes catholiques, eles obtiennent souvent la faveur d'ouvrir une chapelle dans leur hotel et y assistente à la messe chaque matin. Elles ne sont pas moins bienfaisantes. Elles ne donnent pas seulement leu ror aux pauvres, eles leur consacrent leur temp[172].

---

[166] *Le Figaro*, 22/05/1912, p. 2.
[167] *Le Figaro,* 19/03/1913, p. 4.
[168] *Le Figaro,* 13/01/1897, p. 2.
[169] *Le Figaro,* 13/01/1888, p. 1.
[170] *Le Figaro,* 27/12/1892, p. 1.
[171] "Ao contrário, elas são mulheres do interior e excelentes mães de família. Contrariamente ao uso cada vez mais seguido entre as parisienses, elas não confiam seus filhos aos cuidados mercenários. Elas têm a honra de lhes alimentar elas mesmas. Na medida em que eles crescem, elas monitoram sua educação. Elas os mantêm por perto. As pequenas têm uma professora que as leva aos cursos e os pequenos um abade que serve como um repetidor no intervalo das aulas do ensino médio. Ferventes católicas, elas obtêm constantemente a graça para abrir uma capela dentro de suas casa, onde assistem à missa a cada manhã. Elas não são menos benévolas. Elas não dão somente seus ouros aos pobres, mas lhes consacram o seu tempo".
[172] *Le Figaro,* 09/01/1893, p. 2. "Pelo contrário, elas são donas de casa e excelentes mães. Ao contrário do uso cada vez mais seguido pelas parisienses, elas não confiam seus filhos aos cuidados mercenários. Eles têm a honra de alimentá-los. À medida que crescem, monitoram sua educação. Elas os mantêm com elas. As meninas têm um professor que as

De toda forma, pode-se perceber que na virada do século, até vésperas da Grande Guerra, frequentar os salões ainda era uma prática recorrente na vida social da colônia brasileira, ou pelo menos da camada "mais distinta" da colônia. Os salões das famílias brasileiras concentravam-se sobretudo na parte noroeste da cidade, uma das mais nobres de Paris.

No entanto, os salões não eram os únicos palcos para apresentações elogiosas. O compositor e pianista Carlos de Mesquita, um dos "mais brilhantes alunos do maître Massenet", apresentava suas obras no Instituto Rudy, acompanhado pelas Sras. Jacquemin, Veyron-Lacroix, Suzane Michel e pelo Sr. Piroïa, da Opéra[173].

O Sr. Elpidio Pereira, apresentou uma música de composição própria, escrita em Paris, à toda a colônia brasileira presente na sala Hoche, em 1902. O compositor dirigiu a orquestra, na qual todos os músicos aclamaram a Srta. Gransagne, que por sua vez interpretava "com maestria e sentimentalismo" as obras do jovem compositor[174].

Apresentar os mestrer e a formação, para atribuir credibilidade aos jovens artistas, também era comum. A Srta. Fanny Guimarães, ao apresentar um recital na sala dos Agricultores da França, foi um bom exemplo disso. Ela foi apresentada como "jovem pianista brasileira, aluna do grande Sauer e diplomada pelo Conservatório de Viena, onde conquistou o prêmio Rubinstein"[175]. Em outubro do mesmo ano, 1906, a Srta. Fanny, "a jovem e maravilhosa pianista brasileira", foi a responsável por tocar o hino nacional e melodias de Chopin e Rubinstein, durante o jantar oferecido pelo ministro Piza ao comandante do Cruzador-Escola Benjamin-Constant, da Marinha brasileira[176].

Outras "celebridades" brasileiras, membros da colônia ou visitantes, também tinham seu espaço na imprensa, como foi o caso de Oswaldo de Faria que trouxe *grand bruit* à colônia brasileira, nos salões da Sra. de Faria. O jovem de menos de 16 anos, destacou-se por suas "proesas científicas", inventando um regulador elétrico que permitia transformar as correntes e regular a luz em condições inéditas de facilidade e simplicidade. Com um pequeno modelo, nas correntes alternativas de um pequeno setor da Champs-Elysées, ele demonstrou ser possível obter um aparelho de fixação da luz que permitiria aplicar lâmpadas de arco em projeções cinematográficas, com um motor de quatro cavalos e uma bobina, dando 55 centímetros de faísca e, enfim, carregando rapidamente os acumuladores. Assitido por numerosos engenheiros eletricistas, por sábios distintos e pelo ministro do Brasil, o garoto foi muito felicitado por seu prodígio[177].

Graça Aranha também foi um dos homenageados pela colônia brasileira, em 1911, com um

---

leva para a aula, os meninos um abade que os serve como professor nas aulas do ensino médio. Católicas fervorosas, elas freqüentemente recebem o favor de abrir uma capela em seu hotel e participam da missa todas as manhãs. Elas não são menos benfeitoras. Eles não apenas dão dinheiro aos pobres, eles dedicam seu tempo a eles".

[173] *Le Figaro,* 28/09/1900, p. 4.
[174] *Le Figaro,* 17/02/1902, p. 5.
[175] *Le Figaro*, 24/01/1906, p. 6.
[176] *Le Figaro*, 08/10/1906, p. 2.
[177] *Le Figaro,* 10/08/1903, p. 3.

jantar no hotel Maurice. Encarregado dos negócios do Brasil em Christiania, Graça Aranha usufrui dos frutos de sua peça *Malazarte*, encenada no teatro de l'Oeuvre, na rua de Clichy[178]. Anos depois, em 1919, Maurice Barres, Bergson, Boutroux, Brisson, Chaumet, G. Dumas, Grosclaude, Pierre Mille, Petitjean e as respectivas esposas, juntamente com o comitê *france-amérique*, ofereceram um jantar por ocasião da promoção de Graça Aranha a comandante da Legião de Honra. O jantar contou com a participação de cerca de 150 pessoas, entre as quais estavam vários membros da colônia brasileira e da sociedade parisiense[179].

No mesmo ano, em 1911, outro agraciado por um banquete em sua honra foi Nilo Peçanha. No ELysée-Palace a elite da colônia fez-se presente para a homenagem. As mesas, artisticamente decoradas com as cores francesas e brasileiras unidas. O Hino Nacional brasileiro e a *Marseillase* foram executados, e o Sr. Argolo, representando o comitê de organização, desculpou-se pelos ausentes e agradeceeu ao presidente por ter aceito que um banquete em honra a Nilo Peçanha fosse oferecido. Foi acompanhado por Manoel Bonifacio no discurso. O homenageado respondeu às honras retraçando sua trajetória e a de seus antecessores. Tendo sido frequentemente interrompido pelos aplausos, ele discursava sobre como o Brasil, através de seus esforços, desenvolvera o ensino profissional e técnico, combatera a burocracia e conseguira transformar "um povo burocrata em uma nação de trabalhadores".

A fala de Nilo Peçanha não terminaria aí. O orador continuou louvando os feitos de seu governo (pagamentos de suas dívidas sem a implementação de novos impostos, desenvolvimento progressivo das vias férreas, da policultura, ligação mais próxima com os vizinhos sulamericanos) e terminou seu discurso fazendo um brinde à França "*foyer de la pensée humaine et de la liberté*"[180].

Já em fevereiro de 1914 foi a vez de Júlia Lopes de Almeida, citada como "eminente romancista brasileira", receber as honras de um comitê de "*femmes de lettres*" no salão de festas do Mac-Mahon Palace. Contando com mais de 150 convidados, em torno das mesas hornadas por tulipas amarelas e verdes, o banquete contou com a "brilhante" colônia brasileira de Paris e diversos ilustres do mundo das letras[181].

O fim da breve estadia de Júlia em Paris, que deixou a cidade no início de março, não passou em branco e a escritora reuniu seus amigos no mesmo salão para um chá da tarde, que desta vez contou com a presença do ministro do Brasil (que estivera ausente no banquete de sua recepção devido a problemas de saúde na sua família). Mais uma vez o evento contou com a participação de numerosos membros da colônia e também com personalidades do mundo literário[182].

---

[178] *Le Figaro,* 05/03/1911, p. 3.
[179] *Le Figaro*, 26/01/1919, p. 2.
[180] *Le Figaro,* 13/07/1911, p. 2. "berço do pensamento humano e da liberdade".
[181] *Le Figaro,* 17/02/1914, p. 2.
[182] *Le Figaro,* 02/03/1914, p. 2.

Outro ilustre que não podia faltar foi Santos Dumont. O barão e a baronesa de São Joaquim, ofereceram um jantar em sua homenagem, presidido pelo condessa d'Eu. A mesa fora toda ornada com com um balão dirigível todo em crisântenos com as cores brasileiras. O jantar foi seguido por uma recepção reservada aos notáveis da colônia. Na ocasião, Santos Dumont escreveu no álbum da anfitriã os versos de Camões que iniciam *Os Lusíadas*. O conde e a condessa d'Eu cumprimentaram vivamente o "navegador dos ares pela sua brilhante vitória"[183].

Além dos eventos comemorativos, os eventos religiosos foram sem dúvidas os mais numerosos dentre os noticiados. Os falecimentos ora eram descritos e convidavam para as missas oferecidas, ora eram apenas comunicados com informações sobre celebração.

Dentre alguns dos ilustres falecidos em Paris estão: o Silva Coutinho, eminente engenheiro brasileiro (1889)[184]; o M. Rocha, falecido com 72 anos (1901)[185]; o barão de Santa-Anna-Nery[186], a condessa Fernando Rendes de Almeida, nascida Andrew, esposa do redator chefe e diretor do Jornal do Brasil (1904)[187]; Alice da Porciúncula (1905)[188]; o conde de Santa Vitória, presidente da sociedade de caridade brasileira de Paris (1906)[189]; o doutor Osório Mascarenhas (1906)[190]; o Conselheiro Henrique J. Dodsworth, presidente da Corte de Apelação do Rio de Janeiro, tio de A. de Teffé von Hoonholtz (1908)[191]; João Belmiro Leoni, consul geral dos Estados Unidos do Brasil em Paris (1910)[192]; Gaston de Nioac (1911)[193]; Braz Augusto Monteiro de Barros (1915)[194]; Jayme d'Argollo (filho do fundador e antigo proprietário do jornal *Le Bresil* e irmão de Gaston d'Argollo, diretor do formal) que morreu em Cannes, após uma operação[195].

Alguns falecidos eram dignos de ser lembrados com todos os seus feitos, e honrarias, como foi o caso do Sr. João de Souza Fonseca-Costa, o conde da Penha, marechal aposentado, camareiro da condessa d'Eu que teve seu cadafalso "amontoado pelas coroas oferecidas"[196]; do Sr. Cruls, diretor do observatório do Rio de Janeiro, oficial da legação de honra, comandante da Rosa do Brasil, cavaleiro da Ordem de Leopold da Bélgica, digno de honras militares oferecidas pela Companhia do 28º Regimento de Linha[197].

A colônia também celebrava missas de réquiem em memória de brasileiros que não

[183] *Le Figaro,* 24/10/1901, p. 1.
[184] *Le Figaro,* 13/10/1889, p. 2.
[185] *Le Figaro,* 05/10/1901, p. 2.
[186] *Le Figaro,* 05/06/1901, p. 2.
[187] *Le Figaro,* 31/12/1904, p. 2.
[188] *Le Figaro,* 07/09/1905, p. 2.
[189] *Le Figaro,* 05/04/1906, p. 2.
[190] *Le Figaro,* 04/12/1906, p. 2.
[191] *Le Figaro,* 22/10/1908, p. 2.
[192] *Le Figaro*, 07/06/1910, p. 2
[193] *Le Figaro*, 02/06/1911, p. 2.
[194] *Le Figaro,* 02/02/1915, p. 2.
[195] *Le Figaro,* 24/01/1920, p. 2.
[196] *Le Figaro,* 14/01/1902, p. 2.
[197] *Le Figaro,* 26/06/1908, p. 2.

encontravam-se em Paris. Assim, no ano de 1910, uma missa foi celebrada em homenagem a Joaquim Nabuco, pelo trigésimo dia do seu falecimento[198]. Outra em 1911 foi celebrada pelo repouso da alma de Joaquim Murtinho, antigo ministro das Finanças, senador, falecido no Rio de Janeiro[199]. Uma missa pelo barão de Rio Branco também foi celebrada em 1912[200]. Um serviço fúnebre pelo repouso da alma de Campos Sales foi oferecido pela colônia brasileira em 1913[201]. Antonio Abreu, antigo chanceler do consulado do Brasil em Paris, onde residiu a, aproximadamente, 40 anos, que veio a falecer em Alger, também recebeu uma missa em sua homenagem[202]. Além desses, Souza e Melo, que morreu subitamente em Fontainebleau, e Régis de Oliveira, embaixador do Brasil em Lisboa, também foram lembrados nas notas de falecimento[203].

Fora essas pequenas notas de falecimento e celebrações de réquiem, dois eventos em particular mobilizam a colônia: o acidente que envolveu Augusto Severo e Georges Saché, em 1902, e a catástrofe do Aquidabam, em 1906.

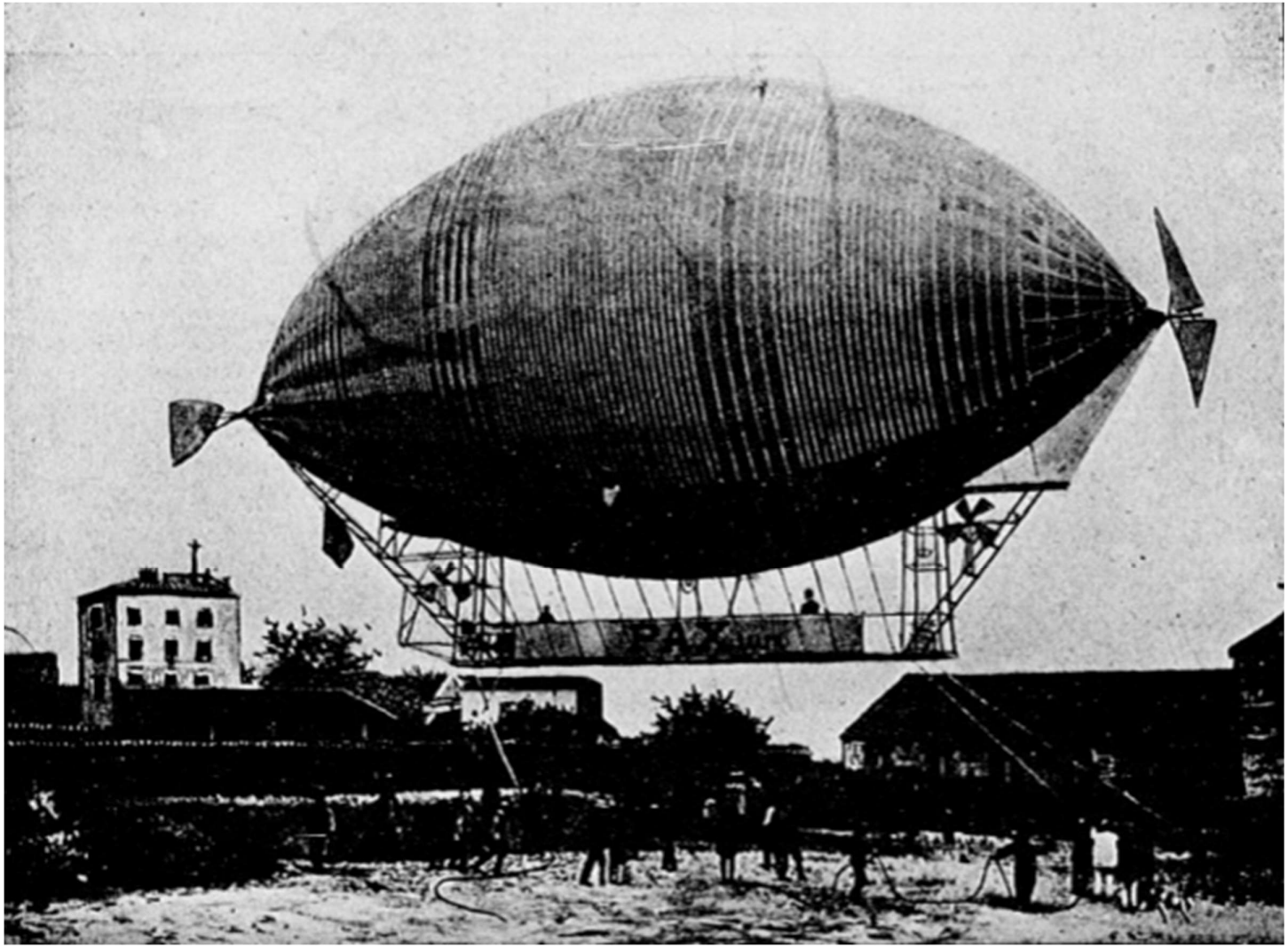
A notícia sobre Severo ganhou a primeira e a metade da segunda página do dia 13 de maio de 1902 de *Le Figaro* e publicações em vários números subsequentes. Augusto Severo, brasileiro, construiu o balão Pax com o intuito de fazer o *tour* das fortificações, vavegando pelos grandes boulevares, da Bastilha à Praça da Concórdia. O acidente envolvendo o Pax, aconteceu no dia 12 de maio, às cinco e quarenta da manhã, na Avenida du Maine, onde o balão pegou fogo e explodiu, fazendo duas vítimas, o próprio Severo e o mecânico, Sachet.

A notícia detalhou todos os passos de Severo e seu balão no dia do acontecimento, e contou com entrevistas de pessoas do mundo aéreo, como o próprio Santos Dumont, que emitiu opinião sobre as possíveis causas do acidente[204]. No dia 15 noticiou-se a celebração dos obsérquios de Severo, na Igreja de Saint-Pierre de Chaillot. A colônia dedicou às duas vítimas grandes coroas de flores e abriu uma subscrição no consulado em favor da família de Sachet[205]. O aeroclube também apoiou o ato de "caridade e humanismo", mandando uma carta à todos os seus membros convidando-os à doação[206]. Sob o cadafalso de Severo estavam as coroas do aeroclube da Franca, do de Lyon, da Associação Meteorológica, da Escola de Aeroestação, da colônia brasileira, das Sociedade aeroestaticas, do jornal *Brésil*, entre outras[207].

---

[198] *Le Figaro,* 18/02/1910, p. 2.
[199] *Le Figaro,* 28/11/1911, p. 2.
[200] *Le Figaro,* 17/02/1912, p. 2.
[201] *Le Figaro,* 03/07/1913, p. 2.
[202] *Le Figaro,* 14/03/1915, p. 2.
[203] *Le Figaro,* 26/08/1916, p. 2; *Le Figaro,* 30/01/1916, p. 2.
[204] *Le Figaro,* 13/05/1902, p. 1 e 2.
[205] Em junho, por intermédio do *prefet de police*, a colônia entrega aos pais de Sachet o obtido com as doações, um total de 1825 francos (*Le Figaro,* 22/06/1902, p. 4).
[206] *Le Figaro,* 15/05/1902, p. 6.
[207] *Le Figaro,* 18/05/1902, p. 4.

Figura 1
Balão dirigível Pax



Fonte: Gallica.bn

Figura 2
Destroços do Pax na Avenida Maine, 1902

Fonte: Gallica.bnf.fr

Já no caso do naufrágio do Aquidaban, as noticias foram sobre as celebrações religiosas que a colônia promoveu em homenagem às vítimas da catástrofe, que deu-se em 22 de janeiro e 1906, no Rio de Janeiro[208]. A missa de Paris, no dia 29 de janeiro, foi celebrada na Igreja da Madeleine e contou com um grande número de representantes da colônia. Também no dia 2 de fevereiro, o conde e a condessa d'Eu, na Igreja paroquial de Boulogne-sur-Seine, fizeram celebrar uma missa pelo repouso das almas da catástrofe[209], cerca de 112 pessoas[210].

Quanto aos casamentos, teve-se a notícia do casamento de Yousseff Khan Nazaré Aga, lugartenente da artilharia russa, que fazia estágio no 22º. Regimento da Artilharia Francêsa em Versalhes. O noivo, adido militar da legação da Persa e filho mais velho do general Nazaré Aga, ministro Plenipotenciário da Persia na França, desposou a Srta. de Oliveira, filha do conde de Oliveira[211].

Um outro casamento internacional comemorado em terras russas, foi o de Arrudo-Botelho, filho do conde Arrudo Boteiro com Alexandra de Markoff, de São Petersburgo, pianista aluna de Rubinstein[212].

Outros casamentos notíciados foram os de Carlos de Sá Neves da Rocha, filho do "grande oculista do Rio de Janeiro", que também casou-se com uma estrangeira, Marie Goyard, filha de Henri Goyard[213]; o do Dr. Georges Labadie-Lagrave com Carlota da Silva, "uma das mais charmosas jovens da colônia brasileira de Paris"[214]; o do conde Charles Monteiro de Barros com Olga de Rio Negro, filha do barão de Rio Negro, nascido Teixeira-Leite[215]; e de Ernest de la Tour, filho do conde de La Tour, secretário da embaixada francesa no Rio de Janeiro, com a Srta. Monteiro de Barros, da qual a irmã era casada com o conde de Nioac[216].

No ano de 1901 foi a vez de um dos filhos da Sra. da Porciúncula casar-se. Oscar da Porciúncula casou-se com Olga Rheingantz, e teve como testemunhas o barão de Nioac e Oscar F. Rheingantz[217].

O casamento mais noticíado da virada do século, dentre os brasileiros, foi o de Maria Pia, em 1908[218].

Eventos patrióticos também tinham lugar de destaque entre a colônia desde a época de D. Pedro II e continuaram com a República. No ano de 1882 aconteceu um belo banquete de 30 pratos,

---

[208] *Le Figaro,* 28/01/1906, p. 2; *Le Figaro,* 29/01/1906, p. 4.
[209] *Le Figaro,* 30/01/1906, p. 2; *Le Figaro,* 01/02/1906, p. 2.
[210] http://www.naufragiosdobrasil.com.br, consultado em 04/03/2019.
[211] *Le Figaro,* 20/02/1895, p. 2.
[212] *Le Figaro,* 06/03/1897, p. 2.
[213] *Le Figaro,* 04/07/1911, p. 2.
[214] *Le Figaro,* 16/12/1906, p. 2.
[215] *Le Figaro,* 28/10/1889, p. 1.
[216] *Le Figaro,* 10/11/1889, p. 1.
[217] *Le Figaro,* 10/10/1901, p. 2.
[218] *Le Figaro*, 04/11/1908, p. 2.

no Hotel Continental, em comemoração ao sexagésimo aniversário da independência do Brasil[219]. Em 1888 celebrou-se, também com um banquete, a abolição da escravidão[220]. No entanto foi durante os anos do ministro Gabriel Piza, ou seja, nos primeiros anos da República até a Grande Guerra, que deu-se o maior número de eventos dedicados a datas comemorativas.

Em 1900, o ministro e sua esposa ofereceram um almoço por ocasiao do quarto centenário do descobrimento do Brasil[221]. Em setembro de 1906, celebraram o octagésimo quarto· aniversário da independência do Brasil, recebendo em sua casa a "colônia brasileira e seus compatriotas de passagem por Paris"[222]. Houve notícias sobre a comemoração da independência também nos anos de 1909 e 1910[223]. A proclamação da República foi festejada nos anos de 1906, 1907, 1908 e 1909[224]. Além dessas datas, o casal também comemorou o aniversário da Lei Áurea em duas ocasiões, em 1907 e 1910[225]. O *reveillon* foi celebrado no ano de 1909, nos salões da praça de Malesherbes[226]. Além disso os Piza foram homenageados pelos Rheingantz, que oferecem em 1900 um jantar no Hotel Ritz em honra ao casal[227].

As celebrações promividas pelos Piza não se restringiam apenas às datas nacionais, mas também extendiam-se em homenagem aos brasileiros de passagem. Em 1903 o casal ofereceu uma recepção em honra do comandante A. de Alencastro Graça e aos oficiais o Estado-Maior[228]. A notícia desse evento em particular, replicada dois dias diferentes no jornal, teve também o desfecho noticiado:

> brilhante recepção oferecido ontem pelo ministro e Sra. de Piza, em honra do capitão do navio Afonso de Alencastro Graça e os oficiais do cruzador brasileiro Benjamin-Constant, vindos em missão especial do Rio de Janeiro, para saudar o president da República francesa, em nome do novo president da República dos Estados Unidos do Brasil. Todas as notabilidades brasileiras se achavam reunidas nos salões da praça Malesherbes, que se reabrirão amanhã a noite para um jantar seguido de recepção para os mesmos oficiais[229].

Como resposta à recepção do ministro, o comandante do navio Benjamin-Constant e os oficiais, também ofereceram um jantar, antes de partir para Cherbourg e juntarem-se ao Cruzador-Escola brasileiro. O jantar contou com outras autoridades, como o ministro do Brasil em Roma, os secretários da legação de Paris, os consuls gerais do Brasil em Paris e no Havre, o marquês de

---

[219] *Le Figaro,* 19/11/1893, p. 2.
[220] *Le Figaro,* 26/06/1888, p. 2.
[221] *Le Figaro,* 04/05/1900, p. 2.
[222] *Le Figaro,* 02/09/1906, p. 2.
[223] *Le Figaro,* 06/09/1909, p. 2; *Le Figaro,* 06/09/1910, p. 2.
[224] *Le Figaro,* 11/12/1906, p. 2; *Le Figaro,* 17/11/1907, p. 2; *Le Figaro,* 03/11/1908, p. 2; *Le Figaro,* 18/11/1909, p. 2.
[225] *Le Figaro,* 13/05/1907, p. 2; *Le Figaro,* 15/05/1910, p. 2.
[226] *Le Figaro,* 31/12/1909, p. 2.
[227] *Le Figaro,* 16/10/1900, p. 2.
[228] *Le Figaro,* 17/12/1903, p. 2.
[229] *Le Figaro,* 21/12/1903, p. 2.

Barral. Após o jantar, tocou-se "excelente música"[230].

Em 1906, mais uma vez o casal homenageou o comandante e os oficiais do Cruzador-Escola Benjamin-Constant com um grande jantar, no qual Dutilloy e de Poumeyrac, do *Ópera-Comique*, e a Srta. Bousquet cantaram emocionadamente várias músicas e fizeram duos de Lakmé, de Delibes, e dos *Pêcheurs de perles*, de Bizet[231].

Em homenagem à chegada do conselheiro Ruy Barbosa, membro e primeiro delegado do Brasil na Conferência de Haye, os Piza ofereceram uma "muito bem sucedida" recepção em seus salões. Na ocasião, Piza, em nome de seus compatriotas, presenteou Ruy Barbosa com uma arte em bronze, a *Renomée*, de Barrias. Em meio a longos discursos, "muito aplaudidos", Piza e Ruy Barbosa trocaram elogios e agradecimentos, sempre exaltando a pátria[232].

Autoridades diplomáticas e militares também eram muitas vezes o centro das atenções. J. B. Leoni, que acabava de ser nomeado Consul geral do Brasil em Paris, foi festejado, pela colônia, com um jantar no Hotel Continental, que estava com a sala ornada "maravilhosamente com flores nas cores brasileiras"[233]. O general Roca, antigo Presidente da República da Argentina, também foi recebido pelo casal Piza com um almoço em sua homenagem, repleto de discursos inflamados dos representantes de ambas as nações[234].

Outra recepção, repleta de autoridades estrangeiras, foi dada em 1909 e contou com a presença do ministro da República da Argentina, Ernesto Bosch, do ministro da República Argentina em Roma e Sra. Saens Peña, do ministro da República do Chile no Rio de Janeiro e Sra. Herboso, dos encarregados dos negócios do Uruguay, o da Guatemala e o do Equador, dos secretários da legação do Uruguay em Paris, do Sr. e Sra. Alberto Blest Gana, da Srta. Beech, da condessa Penteado, da senhora Antonio Prado e do comandante e Sra. Brasil, entre outros. Nessa ocasião foi a vez de Francisco Chiaffitelli, violonista brasileiro, apresentar uma de suas composições[235].

Anos mais tarde, as comemoraçoes voltaram a ser noticiadas com o enviado extraordinário e ministro Plenipotenciário Olyntho de Magalhães e sua esposa que receberam no Hotel da Legação os membros da colônia brasileira, em 1913[236]. No mesmo ano, Olyntho de Magalhães compareceu a uma *soirée* oferecida pelos *folies-bèrgeres*, em homenagem à "alta colônia brasileira"[237] e ofereceu um jantar aos oficiais do Cruzador-Escola Benjamin-Constant, para comemorar o aniversário da

[230] *Le Figaro,* 20/12/1903, p. 2.
[231] *Le Figaro*, 08/10/1906, p. 2.
[232] *Le Figaro*, 03/11/1907, p. 2 e 3.
[233] *Le Figaro,* 03/12/1903, p. 2.
[234] *Le Figaro*, 11/02/1907, p. 2.
[235] *Le Figaro*, 21/10/1909, p. 2.
[236] *Le Figaro,* 12/05/1913, p. 2.
[237] *Le Figaro*, 01/07/1913, p. 2.

independência[238]. O casal fez uma recepção, no ano de 1914, à colônia brasileira e recebeu para comemoração da "festa nacional" (que seria nesse caso a assinatura da Lei Áurea) no ano de 1916, nos seus salões da avenida Friedland[239].

Castello Branco Clark, primeiro secretário da legação do Brasil, foi o responsável pela comemoração da independência do Brasil, em 1918[240]. Ainda no mesmo ano, amigos de Magalhães ofereceram como testemunho de sua alta estima e simpatia, um almoço por ocasião do 15 de novembro[241]. Em 1919, ainda comemorou-se a abolição e a proclamação da República, com direito a discursos inflamados, inclusive do próprio Presidente eleito, Epitácio Pessoa,. Nesse mesmo ano, por ocasião da partida do ministro do Brasil, Régis de Oliveira, e sua esposa, os membros da colônia ofereceram uma recepção no Hotel Claridge's[242]. No ano de 1920 apareceu a úlima notícia quanto a uma grande gala oferecida em honra do aniversário da República[243].

Embora muitos dos eventos sociais citados revelem nuances claramente políticas, as notícias não se restringiam apenas a recepções, jantares e homenagens. Há a notícia elogiosa sobre o salão brasileiro da Exposição Agrícola do Champs-Elysées, em 1883[244]. No ano de 1888, na coluna *La Bourse,* de *Le* Figaro, encontra-se menção sobre os títulos brasileiros que "*nous faisons remarquer à nos lecteurs, en passant, que la colonie brésilienne a souscrit et achète une grande quantité de ces obligations. C'est une des meilleures preuves que l'on puisse donner touchant la qualité de ces titres*"[245].

Outro exemplo que pode ser citado é a notícia que saiu no ano de 1907, sobre o discurso proferido pelo Presidente Afonso Penna, durante a abertura das sessões do Congresso Federal, no qual o presidente exprimiu sua convicção de que o "Brasil caminha em direção ao seu grande futuro", dando exemplos diferentes em variados campos para ratificar o sucesso brasileiro. Segundo *Le Figaro,* "*se fait un plaisir d'offrir la primeur de cette information à la nombreuse colonie brésilienne de Paris, qui lira avec satisfaction le résume du discours par lequel le président Penna rend compte des progrès de leur opulente patrie*"[246].

No mesmo ano, um banquete foi oferecido por um grupo de "importantes representantes da indústria e do comércio" parisiense à Rodrigues Alves, ex-presidente. No evento estiveram presentes mais de 200 convidados, entre os quais estavam o ministro dos Negócios Estrangeiros, o

---

[238] *Le Figaro*, 05/08/1913, p. 2.
[239] *Le Figaro*, 10/05/1914, p. 2; *Le Figaro*, 15/05/1916, p. 3.
[240] *Le Figaro*, 11/09/1918, p. 3.
[241] *Le Figaro*, 17/11/1918, p. 3.
[242] *Le Figaro*, 17/05/1919, p. 3; *Le Figaro*, 10/11/1919, p.3; *Le Figaro*, 12/12/1919, p. 2.
[243] *Le Figaro*, 15/11/1920, p. 3.
[244] *Le Figaro*, 31/01/1883, p. 5.
[245] *Le Figaro*, 12/12/1888, p. 6. "Nós frisamos à nossos leitores que a colônia brasileira inscreveu-se e comprou uma grande quantidade dessas obrigações. Esta é uma das melhores provas que podemos dar quanto à qualidade desses títulos".
[246] *Le Figaro*, 05/05/1907, p. 2 e 3. "tem o prazer de oferecer em primeira mão à numerosa colônia brasileira de Paris, que lerá com satisfação o resumo do discurso no qual o presidente Penna relata o progresso de sua opulente pátria".

ministro do Comércio e da Indústria, notabilidades do mundo diplomático e administrativo e representantes da colônia brasileira. Vários discursos foram proferidos pelo comitê de organização, que contou com a presença de Piza e Rodrigues Alves[247].

Um outro assunto importante no qual figura a colônia, fortemente ligado ao contexto analisado, são as notícias sobre a guerra. Em 1914 apareceu uma primeira manifestação da legação brasileira em relação aos brasileiros que encontravam-se ainda em Paris:

> La légation du Brésil prie les membres de la colonie brésilienne encore presente à Paris de s'inscrire le plus tôt possible à sa chancellerie, 47 rue de Lisbonne, de deux à quatre heures de l'après-midi. Ces personnes devront déclarer au même temps si eles pretendente ou non rester à Paris[248].

Através desse pequeno extrato pode-se perceber que a guerra trouxe alterações significativas na composição da colônia. Como aponta a notícia, muitos membros haviam deixado Paris, com o início da guerra, e os que ainda encontravam-se na cidade deveriam apresentar-se e declarar se continuariam ou não em solo parisiense.

A enfermeira fundadora do Hospital Auxiliar Franco-Brasileiro, Carolina da Silva Ramos, foi condecorada com a medalha de prata do Reconhecimento Francês, pelo sua devoção ao hospital e organização de um comitê, dentro da colônia brasileira, que contribuiu com doações ao funcionamento e formação do mesmo[249].

Além dos eventos noticiados, um outro indício quanto ao tipo de vida levado pelos membros da colônia e sua condição social, pode ser encontrado ao filtrar-se, entre as notícias, os endereços que aparecem e distribuí-los espacialmente. Isso é possível pois, conforme aponta Cyril Grange, "*a l'orée du XX^e. siècle, Paris présente des contours sociaux relativement defines: l'existance d'une frontierre entre quartiers riches et quartiers pauvres est une réalité*"[250]. Resta saber onde encontrava-se, portanto, a colônia brasileira para poder ter uma idéia de seu lugar social em Paris.

---

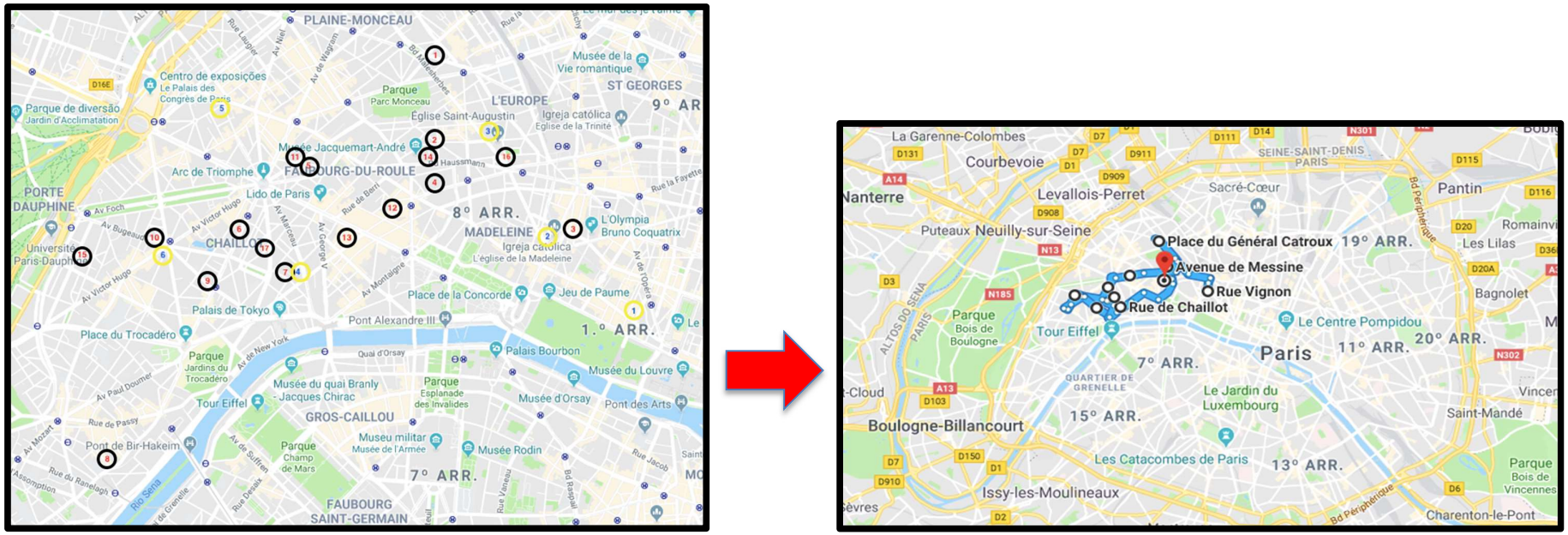
[247] *Le Figaro*, 21/12/1907, p. 2.

[248] *Le Figaro,* 07/09/1914, p. 4. "A legação do Brasil, pede aos membros da colônia brasileira que ainda encontram-se presents em Paris, para se inscreverem o mais rápido possível na chancelaria, 47, rua de Lisbonne, de duas às quatro horas da tarde. Estas pessoas deverão declarar também se elas pretendem ficar ou não em Paris".

[249] *Le Figaro*, 07/10/1919, p. 3.

[250] GRANGE, Cyril. Les classes privilégiées dans l'espace parisien (1903-1987). In: *Espace, populations, sociétés,* V. 1, 1993. P. 11-21. P. 13. "a beira do século XX, Paris apresenta contornos sociais relativamente definidos: a existência de uma fronteira entre quarteirões ricos e pobres é uma realidade".

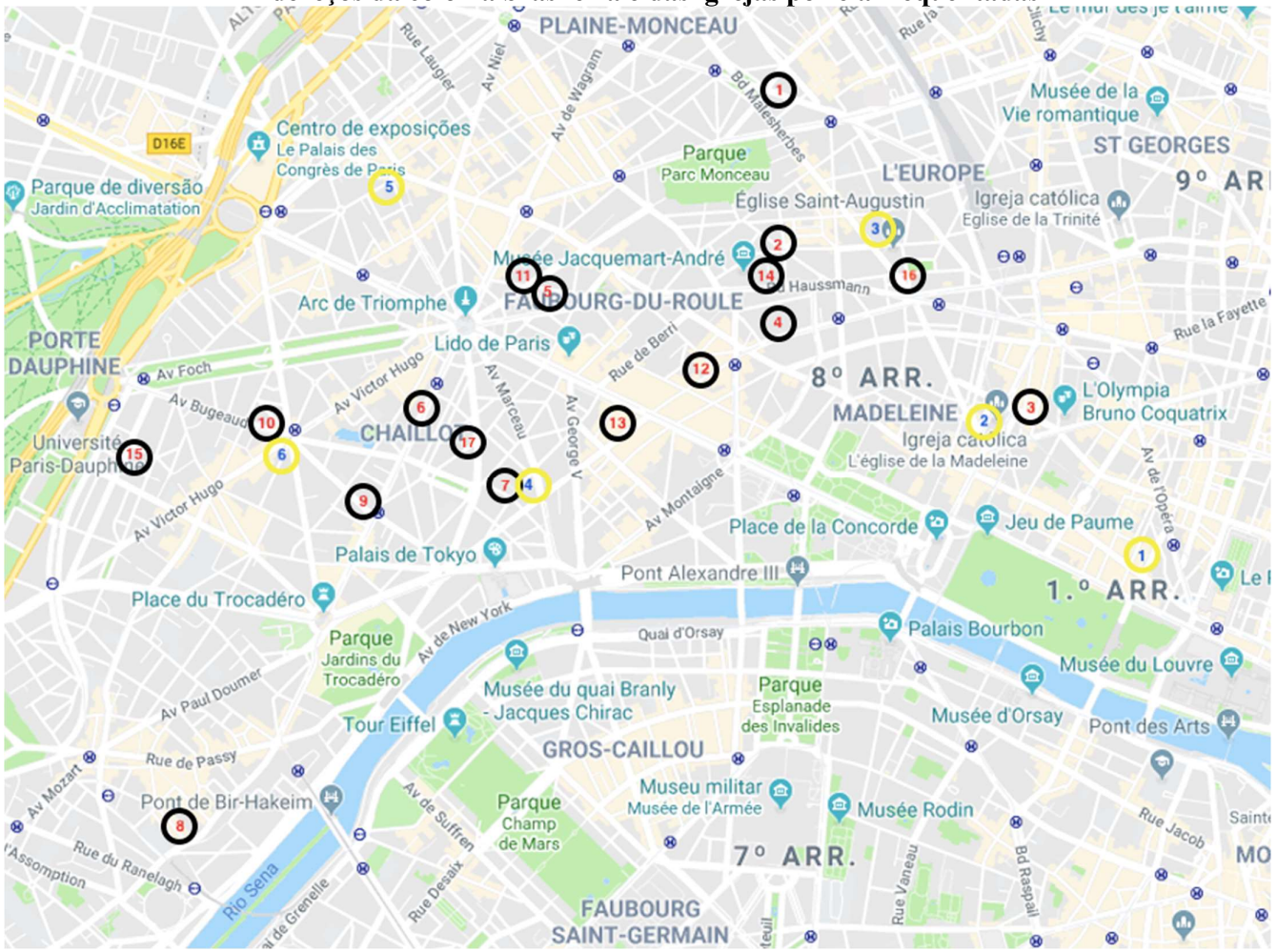
Figura 3
Região da cidade ocupada pela colônia



Fonte: Google Maps

Em destaque os endereços encontrados nas notícias:

Figura 4
Endereços da colônia brasileira e das igrejas por ela frequentadas



Fonte: Google Maps

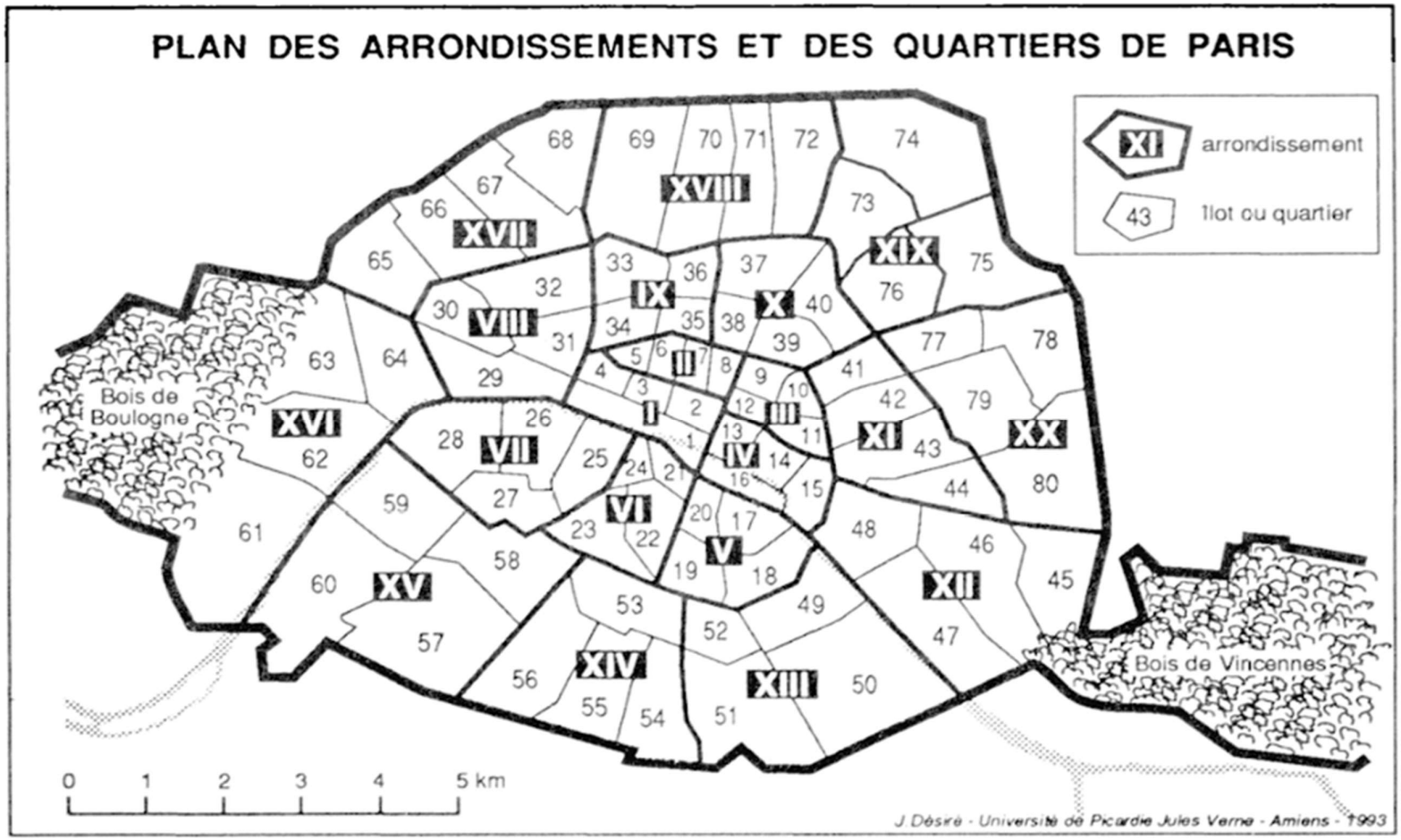
Legenda - Endereços da colônia brasileira e das igrejas por ela frequentadas[251]		
1 - Église de Saint-Roch	1 - 4, Place des Malesherbes: Sr. Sra. Piza (1903-1910)	9 - Rua Boissière: Barão de Santa-Anna-Nery (1901)
2 - Église de la Madeleine	2 - 2, Avenida de Messine: conde de Santa Vitória (1906)	10 - 29, Avenida Bugeaud: Sr. e Sra. Régis de Oliveira (1919)
3 - Église Saint-Augustin	3 - Rua Vignon: Sra. Araujo (1901)	11 - Avenida Hoche: condessa Monteiro de Barros (1902)
4 - Église Saint Pierre de Chaillot	4 e 12 - Rua la Boétie: Sr. Henry Boyard (1911); Sra. A. de Teffé (1907-1909)	13 - Rua Pierre Charron: Sra. Harold Hime (1902)
5 - Paroisse Saint Ferdinand des Ternes	5 - Avenida de Friedland: Olyntho de Magalhães (1913-1914)	14 - 127, Avenida Haussmann: conde Araguaya (1899-1920)
6 -Église Saint-Honoré d'Eylau	6 - Avenida Kléber: Sra. da Porciúncula (1897)	15 - Rua de la Faisanderie: condessa de Nioac (1907-1909)
1 - Église de Saint-Roch	7 - 50, Rua de Chaillot: Hotel da Legação (1913)	16 - 50, Rue de Laborde: Doublet de Persan e Sra. nascida Araguaya (1901-1902)
	8 - Rua Reynouard: Sr. e Sra. da Conceição (1913)	17 - 63, Rue Galilée: Augusto Severo (1902)

Fonte: Elaborado pela própria autora

Para entender o que significa a localização dos endereços mostrada à cima, vale analisar o estudo feito por Cyrill Grange quanto aos bairros de Paris na virada do século. Primeiramente, a divisão dos *arrondissements* parisienses pode ser vista segundo figura abaixo:

[251] As datas que constam entre parentheses dizem respeito as datas das notícias encontradas com os endereços citados.

Figura 5
***Arrondissements* de Paris**



Fonte: Cyril Grange. Les classes privilégiées dans l'espace parisien (1903-1987)

Cyrill Grange aponta que a Paris mundana da *Belle Époque* concentrava-se essencialmente em quatro *arrondissements*, no VIII[e]. (onde estavam localizados 24% do total dos endereços publicados pelo *Bottin Mondain*[252]), no XVI[e] (22%), no VII[e] (15%) e no XVII[e] (13%). Embora o VIII[e][253] fosse o primeiro *arrondissement* mundano no início do século XX, seu sucesso é antigo e remete aos anos de Luís XIV e Luís XV, por sua proximidade do Palácio do Louvre e do Palácio da Tuileries. Mas, sem dúvida, foi o século XIX que coroou o VIII[e] *arrondissement*: "*l'aristocratie de la fortune, des fonctions, de la naissance, les personnalités de la vie littéraire et artistique s'installèrent dans le quadrilatère aéré et ensoleillé"*[254], como é o caso do VIII[e].

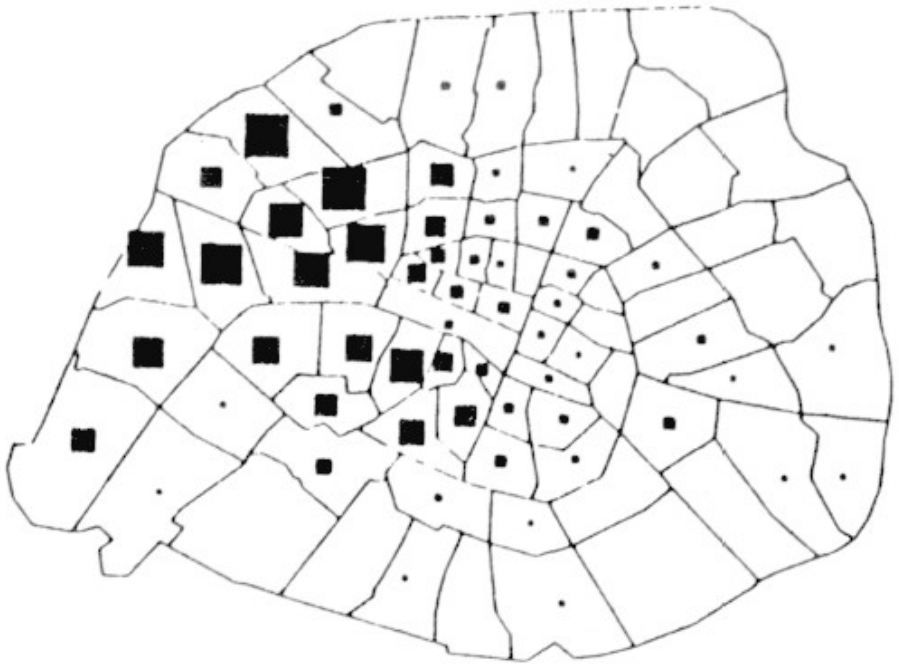
De acordo com o levantamento de Grange no *Bottin Mondain*, a distribuição das residências conforme os *arrondissements* nos *quartiers,* entre 1903 e 1914, constituía-se da seguinte forma:

[252] Criado em 1903, o *Bottin Mondain* é o anuário da elite social francesa, ao contrario do *Who's who* que divulga uma elite ligada ao poder professional ou financeiro, o *Bottin Mondain* é baseado nas famílias que possuem um status ligado ao social, com base em um meio que comunga dos mesmos valores culturais e familiares, desenvolvidos e fortaleciados através de uma sociabilidade específica, envolta por símbolos e modelos prórpios que objetivam ditar costumes e modelos a seguir no que concerne o bom gosto e o bem viver (GRANGE, 1993, p. 11).

[253] O VIII[e.] *arrondissement* é composto pelos *quartiers* da Champs-Elysées, do Faubourg du Roule, da Madeleine e Europe.

[254] GRANGE, Cyril. Op. Cit., p. 13. "a aristocracia da fortuna, das funções, de nascimento, as personalidades da vida literária e artística se instalaram no quadrilátero mais aerado e ensolarado".

Figura 6
Concentração por *quartier* dos endereços do *Bottin Mondain* entre os anos de 1903 e 1914



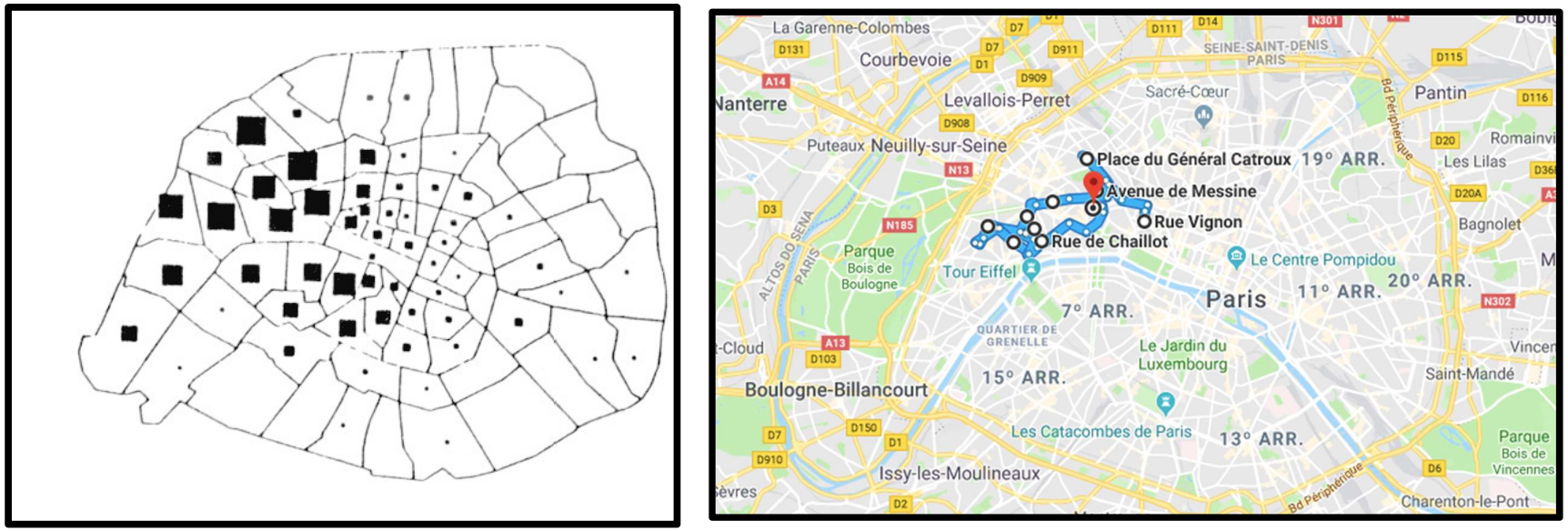
Représentation par quartier des adresses parisiennes du Bottin Mondain.

- 1 adresse
- 10 adresses
- 50 adresses
- 100 adresses

Fonte: Cyril Grange. Les classes privilégiées dans l'espace parisien (1903-1987)

Portanto, conforme estudos de Grange e os levantamentos realizados, pode ser constatado com clareza que os brasileiros encontravam-se em meio às grandes famílias nobres parisienses. Seus endereços dialogam diretamente com os presentes no Bottin Mondain.

Figura 7
Comparação entre os dois estudos



Fonte: Google Maps

Pode-se perceber que, entre o final do século XIX e o início do século XX, existia uma forte sociabilidade ligada aos salões e às damas que tomavam a frente nos eventos, abrindo as portas dos *hôtels* para "os mais distintos da colônia". Mais adiante, na primeira década do século XX, os eventos ligados ao mundo diplomático adquiriram maior dimensão e tornaram-se mais frequentes. Nesses casos são as autoridades consulares e os diplomatas os anfitriões, na maioria das vezes, juntamente com as esposas.

Nos eventos ligados ao mundo dos salões há ênfase na descrição dos anfitriões, dos "notáveis presentes" e aos jovens da colônia, publicando muitas vezes o programa cultural apresentado, os dons das senhoritas e ao "bom cultivo" dos presentes. Parecem vitrines sociais que ratificam a posição dos que figuram nas redes de sociabilidade, notícias que não economizam em elogios.

Além disso, percebe-se também que os eventos começam a ter um tom mais patriótico, nacionalista, nos anos que seguem a virada do século. Quando os eventos passam a ser majoritariamente ligados às autoridades diplomáticas, isso pode ser observado pelas decorações que são citadas, sempre fazendo alusão às cores nacionais, algumas vezes juntamente com as da França, para ratificar e reforçar o laço entre os dois países. Os discursos também passam a ser mais comuns durante as recepções, sempre enaltecendo a pátria mãe, seu potencial e seu futuro glorioso.

Essa mudança no tipo de evento noticiado não aponta necessariamente para uma mudança nos componentes relativos à sociabilidade da colônia, mas pode indicar diferentes interpretações. A expressão "colônia", utilizada para o levantamente dos dados apresentados, pode ter sido empregada pela embaixada, pelo consulado, de forma mais direta e clara, como um termo mais administrativo do que social, a partir do início do século XX. Isso pode ter feito com que os que antes o utilizavam para se auto designarem, deixassem de se ver representados pelo termo e deixassem de usá-lo para referirem-se ao seu grupo social de pertencimento. Ou seja, o emprego do termo passou a designar um grupo diferente do que antes aparecia nas notícias.

Isso pode ser observado, inclusive, ao analisar a sociabilidade do conde de Araguaya. Percebe-se, através das notícias que envolvem o conde, a existência de grupos sociais diferentes na colônia brasileira, a partir do início do século XX, quando as notícias diplomáticas ganharam maior espaço e com elas um outro grupo social adquiriu notoriedade e passou a também ser designado por "colônia brasileira".

Essa diferença nos tipos de notícia e das pessoas noticiadas não é dada por razões financeiras, pois os membros de ambos os grupos são provenientes de uma camada social favorecida. Acreditamos que, provavelmente, a diferença provém de convicções políticas, podendo ser apontado dois grupos diferentes, um com inclinações monárquicas, ligado à Família Imperial, aos nobilitados do antigo império de D. Pedro II, e outro ligado aos novos ares republicanos, à

embaixada, ao mundo diplomático, no qual percebe-se que, entre a assistência dos eventos, poucos são nobilitados e isso pode, claramente, ser considerado como um indício de uma nova camada da elite que entrou no poder.

II. A MORTE DE D. PEDRO II

> Após haver tomado conhecimento da carta que me foi remetida a 16 de novembro, às 3 horas da tarde, resolvi me inclinar diante das circunstâncias e partir amanhã para a Europa com toda a minha família[255].
>
> D. Pedro II

Desde de 1889 vivendo na França, o monarca, embora caracterizado como resignado e silencioso, não deixou de frequentar os meios sociais, científicos e intelectuais parisienses. Notícia constante nos principais jornais cotidianos de grande tiragem, D. Pedro II tinha suas aparições em público vigiadas de perto pelos admiradores, angariando respeito e simpatia nos meios que frequentava:

> A sua redor, uma atroz melancolia. Três anos dura o exílio, três anos durante os quais esse Habsburgo, Bourbon e Bragança, vivendo em hotéis de segunda categoria, continuou a receber no estrangeiro honrarias, como se permanecesse ainda no Trono do Brasil. Sua popularidade atinge o auge em 1890/91. À exceção do Príncipe de Galles, o futuro Eduardo VII, ninguém gozou de maior fama em Paris do que Pedro II[256].

Outro fator que coadunava com essa atmosfera em torno do Imperador eram as próprias famílias oitocentistas que também deixaram o Brasil logo após o fim da Monarquia, ou que já encontravam-se em solo francês, fosse por desgosto dos rumos que o país tomava, fosse por apreço a Família Imperial, ou por outros motivos quaisquer[257].

Maria de Lourdes Janotti descreve o grupo monarquista como sendo composto por antigos políticos de expressão, obscuros políticos de província, funcionários vinculados à burocracia, portadores de títulos nobiliárquicos e jornalistas militantes. Ressalta que como pontos em comum havia o profundo respeito pela tradição, sentimentos antimilitaristas, a idealização do Império como modelo de virtudes cívicas e o conservadorismo religioso. Muitos com raízes na lavoura tradicional e nas finanças, a maioria tendo pertencido ao estamento burocrático da Coroa[258].

Além do perfil intelectual do Imperador, sua notabilidade (o capital intelectual envolvido e sua colocação social) e sua experiência política (ideologias suscitadas pelo seu discurso) também

---

[255] Citado por: JANOTTI, Maria de Loudes M. *Os subversivos da República.* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986. P. 373.
[256] JANOTTI, Maria de Loudes M. *Os subversivos da República.* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986. P. 13.
[257] Segundo Janotti, partiu a bordo do canhoeiro Parnaíba, junto a D. Pedro, Motta Maia e seu filho mais velho, o conde de Aljezur, os barões de Muritiba, os barões de Loretto, a condessa da Fonseca Costa, dama de companhia da Imperatriz e o professor Seybold. JANOTTI, Maria de Loudes M. Op. Cit., p., 376. Segundo Jeffrey Needell, "diversos membros da elite e suas famílias jamais retornaram ao Brasil. As temporadas periódicas em Paris, uma prática comum entre eles, foram prolongadas indefinidamente. Enquanto viveram, constituíram uma colônia aristocrática que aguardava os desdobramentos dos eventos iniciais da recém-nascida República". NEEDELL, Jeffrey D. Ibidem, p. 93.
[258] Ibidem, p. 1986.

eram fatores com um peso suficientemente importantes para torná-lo uma figura de referência para determinados grupos[259].

Interessante observar que o debate sobre a sequência e consequência dos atos ocorridos em 1889, que levaram ao fim da Monarquia no Brasil, é ainda atual e repleto de controvérsias e interpretações de narrativas concorrentes, sendo marcado pelo permanente conflito, ao longo dos anos, entre republicanos e monarquistas, entre militares e civis, entre esperançosos e desiludidos[260].

Além disso, como aponta Luciana Fagundes[261], "as principais justificativas utilizadas para explicar o banimento da Família Imperial foram problemas de segurança nacional e a necessidade de assegurar a ordem pública, evitando perturbações":

> O suposto é que a República representava a modernidade que se instalava no país, tirando-o da "letargia da Monarquia" ou da "barbárie da escravidão". Uma verdadeira batalha simbólica é então travada, quando nomes, hinos, bandeiras, heróis e modelos são substituídos (ou alterados os seus significados), com o intuito de marcar a diferença[262].

Com o passar do tempo a condição de rei deposto mantinha-se e o Imperador passou a adotar uma postura cada vez mais distante, impassível diante dos acontecimentos do antigo reino. D. Pedro II voltou a sua velha rotina em terras europeias, visitava instituições, assíduo nas leituras, escrevia em seu diário, compunha poemas e encontrava intelectuais admirados por ele ou seus admiradores.

Dois anos de exílio, presença assídua nas sessões da Academia de Ciências, tempo dedicado aos estudos, passeios pela cidade, visitas a amigos célebres e uma Corte de exilados ao seu redor. *Le Figaro* publicava, no dia do falecimento do Imperador, a seguinte nota:

> Très instruit, très lettré, très artiste, en rapports constants avec nos grands écrivains et nos savants, membres correspondant de l'Académie des sciences, mimbre libre de l'Institut, sachant par coeur nos belles partitions et nos grands poètes, D. Pedro s'était fixé à Paris depuis cette chute et il y était traité avec autant d'égards que lorsqu'il était sur le trône, mais ces hommages qui le flattaient jadis ne pouvant distraite le deliu de sa pensée: et sa constante préocupation comme sa dernière pensée aura été pour son peuple[263].

---

[259] SIRINELLI, Jean-François. Op. Cit., p. 99.

[260] COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República:* momentos decisivos. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

[261] Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BANIMENTO%20DA%20FAM%C3%8DLIA%20IMPERIAL.pdf. Acessado em: 07/09/2017.

[262] COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. Cit., p. 27.

[263] *Le Figaro,* 05/12/1891. P. 1 e 2. "Muito instruído, muito letrado, muito artista, em constant troca com nossos grandes escritores e sábios, membro correspondente da Academia de Ciências, membro livre do Instituto, sabendo de cor nossas belas partições e nossos grandes poetas, D. Pedro se fixou em Paris depois do golpe e ele era tratado com tanto respeito quanto quando ele estava no trono, mas essas homenagens que o adulavam, não o distraitam seus pensamentos e sua constant preocupação commo ultimo pensamento foi pelo seu povo".

Portanto o período em que D. Pedro II viveu na França foi suficiente para que fosse remarcado não apenas pelos títulos mas também pela ativa vida social e cultural e a convivência em meios franceses. Nesse caso, o funeral não foi importante apenas para a comunidade brasileira, pois teve grande repercursão também entre os franceses:

> Sua morte num pequeno quarto de hotel perto da Igreja da Madeleine, em Paris, a 5 de dezembro de 1891, serve de motivo para demonstrar tudo o que ele significava para a França. Esta não esquecera que Pedro II havia sido a primeira grande personalidade estrangeira a visitar o país humilhado pela derrota de Sedan, pela ocupação das tropas prussianas e ainda convulsionado pela aventura da Comuna[264].

Mais do que um evento, ele causou também alguns incômodos diplomáticos. Boatos corriam em Paris de que o governo republicano de Sadi Carnot desejava conceder ao ex-Imperador do Brasil, funerais imperiais. *Le Figaro* publicava no dia seguinte ao falecimento que "*Le gouvernement français a décidé de rendre les honneurs imperiaux à D. Pedro, il n'attend pour cela que l'acceptation de la famille*" [265].

Na imprensa começou um verdadeiro rebuliço com ataques de alguns jornais republicanos e aplausos de outros que afirmavam que a França saberia ser grata àquele que não os abandonou no momento de fragilidade[266].

> Então, os jornais republicanos de Paris, principalmente *La Bataille* e o *Appel*, contra-atacaram, julgando exorbitantes as honrarias imperiais que o Governo desejava prestar ao Imperador. *La Bataille* chamou o Imperador de *"vieux avare, enfuit du Brésil avec une bonne partie du Trésor Nationale"*, enquanto o *Journal des Débats* retrucava dizendo que a "República brasileira, na pessoa de seu ministro Toledo Pisa, tinha ciúmes do prestígio de que gozava o morto"[267].

Jornais franceses noticiavam também o que acontecia do outro lado do Atlântico. Nas palavras de Lídia Besouchet, "uma vez sabida a morte do Imperador, os jornais situados na rua do Olvidor e as casas comerciais dessa mesma rua haviam hasteado bandeira a meio pau, provocando sérios incindentes com a polícia que queria obrigar a retirada das bandeiras enquanto o povo se solidarizava com os manifestantes"[268].

A decisão do governo francês era polêmica e dividia opiniões, de um lado os que achavam dignas as homenagens prestadas, do outro, aqueles que consideravam tais atitudes uma afronta à República brasileira. A representação diplomática brasileira em Paris, não mediu esforços, na pessoa de Gabriel Toledo Pisa para que qualquer tipo de homenagem ou honrarias fossem

---

[264] JANOTTI, Maria de Loudes M. Op. Cit., p. 13.
[265] *Le Figaro, 06/12/1891*, p. 2. "O governo francês decidiu de prestart honras imperiais à D. Pedro, aguardando somente o acordo da família".
[266] BESOUCHET, Lídia. Exílio e morte do Imperador. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975. P. 421.
[267] Ibdem. p. 422. "velho avaro, fugido do Brasil com uma boa parte do Tesouro Nacional".
[268] Ibdem, p. 421.

suprimidas. Além disso, a campanha dos jornais republicanos foi tão intensa e violenta que o Governo francês começou a recuar: "*On ne sait encore, à l'heure actuelle, si le gouvernement accordera la permission de placer sur le cadafalque la couronne impériale*"[269].

Transpondo toda a parte dos ritos funerários[270] e vivência do luto nos momentos seguintes ao falecimento, faz-se importante observar a continuidade da rememoração do falecimento do monarca através dos réquiens celebrados até meados do século XX, quando enfim, pode-se dizer que o Imperador de fato foi sepultado no imaginário da comunidade brasileira estabelecida na França.

Para Roger Chartier, prestar atenção aos processos e condições que são portadores das operações de produção de sentido significaria reconhecer que nem as ideias nem as interpretações são desencarnadas e, portanto, devem ser consideradas nas descontinuidades das trajetórias históricas[271].

Figura símbolo da Monarquia brasileira, o Imperador D. Pedro II nunca foi dissociado do passado imperial brasileiro. Mesmo após o exílio e morte, a jovem República, que lutava para se afirmar, não foi capaz de desconstruir todo o imaginário que o ex-Imperador suscitava e nem, muito menos, de persuadir seus seguidores a, enfim, enterrá-lo com sua morte.

Segundo Lilia Schwarcz, mesmo o monarca estando longe, a batalha simbólica travava-se de forma descarada e a República recriava nomes, sons, heróis, símbolos, memórias e monumentos para tentar apagar o recente passado[272]. Para Luciana Fagundes:

> o exílio e banimento do ex-Imperador e sua família podem ser considerados apenas o início de todo um trabalho de estruturação e legitimação da República brasileira, que incluiria também uma "batalha" em torno do passado, de símbolos, imagens e comemorações, permeada por uma constante tensão entre o que guardar e o que esquecer. O trabalho de invenção de uma tradição para a nova República procurou equacionar essa tensão, uma tarefa dificílima considerando o momento de efervescência da vida política que caracterizou os primeiros dez anos republicanos[273].

A morte de D. Pedro II, nesse caso, significava, de certa maneira, uma ressurreição da Monarquia, que voltava ao centro do debate, e de uma forma delicada de se combater, afinal, não seria de bom tom, para um governo que buscava se afirmar, desrespeitar a morte, ou até mesmo o

---

[269] BESOUCHET, Lídia. Op. Cit., p. 423. "Não sabemos ainda, pelo instante, se o governo acordará a permissão de colocar uma coroa imperial no cadafalso".

[270] Ver mais: BESOUCHET, Lídia. Exílio e morte do Imperador. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975. P. 404-434.

[271] CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. *Revista Estudos Históricos.* Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, p. 179-192.

[272] SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador*: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 247.

[273] Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Verbete sobre a Primeira República. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BANIMENTO%20DA%20FAM%C3%8DLIA%20IMPERIAL.pdf. Acessado em: 07/09/2017.

luto, do que considerava ser um adversário, uma vez que, mesmo distante, ele ainda vivia no imaginário nacional e já estava sendo convertido em uma paixão popular:

> Na morte o Imperador deposto perde lugar para um rei mistificado que nesse momento parece recuperar o espaço de uma Monarquia imaginaria em que a figura física não tem quase nenhuma relevância. Nesse caso, "o rei morto é cada vez mais rei"[274].

Nesse momento começava a construção da memória acerca do Imperador. Jörn Rüssen diferencia os conceitos de "memória" e de "consciência histórica", sendo o primeiro um "relacionamento imediato entre passado e presente, enquanto que a consciência histórica é mediada"[275]. A memória mantém o passado vivo, torna-o significativo, podendo vir a ser parte da orientação cultural do presente. Por exemplo, para um governo novo, que quer estabelecer-se e criar novas bases de um regime político, o passado pode ser muito incômodo nesse sentido.

O ritual em torno do falecimento de D. Pedro II começou ainda no pequeno Hotel Bedford, na cidade de Paris, onde o monarca passou seus últimos meses[276]. O atestado de óbito lavrado por Charcot, Bouchard e Mota Maia deu início aos preparativos dos procedimentos envolvidos no sepultamento. Em Paris o ritual durou três dias, depois o corpo seguiu para Portugal.

Vestiram o Imperador colocando-lhe o colar da Ordem da Rosa sob a barba (ainda mais branca e sempre ligada à figura do monarca), um crucifixo de prata abençoado pelo Papa, a Ordem do Cruzeiro do Sul, a placa da Legião de Honra e o colar de Santiago de Portugal também repousavam sobre seu corpo. Duas bandeiras nacionais cobriam as pernas. Por questões estéticas, um livro, objeto que sempre o rodeava em suas representações, foi colocado embaixo da cabeça para que o fotógrafo obtivesse um melhor angulo para a foto oficial. Juntou-se ao corpo um pacote lacrado que continha terra trazida do Brasil, como um costume tradicional oriental, o Imperador pediu em bilhete deixado que fosse enterrado com um punhado de terra de seu país. No dia seguinte um grupo de brasileiros deixou no hotel um ramo de fumo e outro de café. "O rei exilado é enterrado como Imperador brasileiro, adornado com os símbolos de sua terra. O antigo abandono se converte em mais um grande ritual"[277].

O funeral demarcou um momento de claras e fortes disputas, batalhas e negociações em torno da memória foram travadas desde então. O luto atrapalhava o desejo de rompimento com o passado monárquico que a República nutria[278]. O complicado cenário da política nacional agravava-

[274] SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. Cit., p. 730.
[275] RÜSSEN, Jörn. *Como dar sentido ao passado*: questões relevantes de meta-história. História da historiografia. n. 2, mar, 2009. P. 166.
[276] FAGUNDES, L. P. E quando é morto o Imperador? Batalhas memoriais nos funerais de D. Pedro II (1891). *Revista M.* Vol. 1, n. 1, jan-jun, 2016, p. 27-52.
[277] SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. Cit., p. 730.
[278] Ibidem, p. 730.

se com a morte do Imperador e com as diversas manifestações que ocorreram por ocasião do falecimento. Segundo Maria de Lourdes Janotti:

> Por todo o país, surgiram dissenções em torno dos pronunciamentos que se fizeram quer a favor quer contra o ex-monarca. Um grande número de casas de comércio fechou suas portas e muitas associações, tanto brasileiras quanto e sobretudo estrangeiras, baixaram suas bandeiras a meio pau em sinal de luto[279].

A legação portuguesa no Brasil enlutou-se por vinte dias, realizaram-se missas solenes por todo o país, seguidas de pronunciamentos fúnebres em que o Imperador era enaltecido, bem como o regime monárquico, movimentos e manifestações de simpatia ao Imperador foram realizados em diversas partes do país[280].

A ausência do corpo (que permaneceu em Lisboa até a década de 1920) era outra questão delicada com a qual os representantes do governo precisavam lidar, pois trazê-lo teria uma conotação muito forte e corporificaria o imaginário já pulsante. No entanto, a ausência do corpo também trazia consigo um forte significado que daria ao luto uma configuração singular, principalmente num país fortemente católico como era o Brasil. Esse fato é importante para o entendimento da consciência histórica no que refere-se a Monarquia e a influência que a memória exerce sobre a construção do passado monárquico. Uma vez o corpo tivesse sido trasladado, considerado os três diferentes modos de lidar com o passado na vida social sugeridos por Jörn Rüssen, a memória comunicativa, que faz a mediação entre a auto compreensão e as experiências de mudança temporal, seria mais evidente e forte, pois a presença material (remetendo a uma ideia de presente que ainda não virou totalmente passado, dada sua tangibilidade) faria com que novas gerações vivessem a experiência de ter um monarca (mesmo que falecido) de forma muito mais "real"[281].

Como a memória comunicativa lida com a formação de diferenças geracionais, existe aí um sentimento de pertencimento que é suscitado através da experiência histórica de eventos específicos ou de símbolos especiais. Esses fatores coadunam para que haja o reconhecimento, por exemplo, de um sistema político. O Imperador significaria uma forte presença dessa memória e consolidação ou perpetuação desse passado através do novo contato geracional com a experiência histórica, ou diga-se o símbolo dela, que seria proporcionado pela presença do seu corpo.

Como estratégia de afastamento, silenciar a imprensa estava fora de questão e ela foi a principal responsável por noticiar todos os momentos dos rituais fúnebres realizados na Europa e as repercussões do acontecido no Brasil. Os jornais europeus multiplicavam as imagens do ex-Imperador e transformavam o enterro num grande evento social, em uma cerimônia abrilhantada

[279] JANOTTI, Maria de Lourdes. Op. Cit., p. 50.
[280] Ibidem, p. 51.
[281] RÜSSEN, Jörn. Op. Cit. 166.

pela presença de boa parte da realeza europeia. Portanto, na imprensa europeia o monarca ganhava seu lugar como herói injustiçado por sua gente. Essas notícias ecoavam no Brasil e ganhavam força, suscitando um sentimento de vergonha na nação. Contudo, a posição da República era clara, o desejo de ruptura era tão significativo e forte que nenhum de seus representantes estivera presente nos atos fúnebres do ex-Imperador[282].

A posição de afastamento do governo republicano e a vontade de romper com o passado monárquico é compreensível quando analisado o contexto em que deu-se a proclamação da República e os seus desdobramentos. Além do exílio forçado da Família Imperial e do falecimento de D. Pedro II terem tido um peso simbólico expressivo, a incipiente República também tinha que lutar contra movimentos monárquicos que insistiam em ocupar espaço no debate político. Ainda no ano de 1893, ou seja, mesmo após a morte do Imperador, o movimento continua e tem lugar nas discussões de *Le Figaro*, como pode ser visto na notícia intitulada "Os eventos do Brasil", que aparece na primeira página do periódico:

> Nenhum despacho de caráter oficial chegou ontem para confirmar a notícia, da fonte madrilenha, segundo a qual o almirante Melo teria proclamado o filho mais velho do conde d'Eu Imperador do Brasil. Pelo contrário, um despacho datado de Washington anuncia que os navios insurgentes se manifestaram na sexta-feira em homenagem ao aniversário do estabelecimento da República. A obstrução das comunicações telegráficas pelo governo do marechal Floriano Peixoto não permite saber por alguns dias, de maneira séria, o que está acontecendo no Brasil. Enquanto aguardamos a confirmação ou a negação da nova notícia, visitamos uma alta personalidade da colônia brasileira, anteriormente ligada à pessoa do Imperador D. Pedro II, a fim de captar sua impressão sobre a eventualidade de uma restauração monárquica no Brasil.- Eu li esta manhã nos jornais, nos disse este personagem, o despacho a que você se refere; mas não tenho nenhuma informação em particular que me permita confirmar com certeza as grandes novidades que ele nos traz. Em primeiro lugar, fiquei surpreendido, como vocês também, que o anúncio deste evento nos veio de Madri, em vez de chegar de Nova Iorque, Londres ou Lisboa; não há, no entanto, nada de mais natural nisso. Já há algum tempo, como você sabe, o governo de Peixoto proibiu todas as comunicações telegráficas de caráter político e todos os despachos; mas, com as reivindicações vigorosas do representante da Inglaterra, essa medida deveria ter caráter de excessão com relação aos ministros das potências estrangeiras. É, portanto, admissível que o Ministério das Relações Exteriores da Espanha, de onde vem a notícia, tenha recebido-a, por despacho numerado, de seu representante no Rio de Janeiro. É isso em relação à fonte. Vejamos agora o que deve ser pensado do evento em quanto à sua autenticidade e eu vou te dar as razões. Quando o almirante Melo, patriota ardente, enojado pela bagunça que tinha mergulhado o país e os desperdícios vergonhosos que o levaram à falência, resolveu derrubar o governo Peixoto, sua intenção formal era de não mexer na forma republican do governo. Em vez do atual governo, ele queria instalar um governo civil de homens de valor e integridade reconhecida. Ele abriu este projeto para o almirante Saldanha da Gama, cuja devoção à causa imperialista nunca foi ocultada. O último foi muito claro: "Se você fizer a revolução para restaurar a Monarquia, ele disse ao almirante Melo, você pode contar com o meu apoio mais absoluto, mas se sua intenção é substituir o atual governo com outro governo republicano, eu não sou seu homem, tudo o que

[282] FAGUNDES, L. P. Op. Cit., p. 28.

> posso fazer por você será manter a neutralidade". O almirante Melo teve que se resignar a começar as hostilidades contra o governo do marechal Peixoto, sem o apoio do almirante Saldanha da Gama[283].

Pode-se observar que mesmo com artimanhas do governo de Floriano Peixoto, para interromper as vias de comunicação telegráficas, sobre o que passava-se no Brasil, as notícias chegavam. Bastante controversos ou confusos, vindos de fontes questionáveis, não só quanto a veracidade do conteúdo da informação, mas também por suas origens, fato é que os rumores circulavam e a Monarquia não havia deixado, ainda, de ser uma pedra no caminho da Repúbica. O questionamento acerca da forma mais apropriada de regime ainda existia, como pode ser visto pela posição do almirante Saldanha da Gama, "cuja devoção à causa imperialista nunca foi ocultada".

Portanto, questões acerca do lugar de memória que ocuparia a Monarquia e o célebre defunto, foram levantadas desde seu falecimento, tendo várias configurações ao longo dos anos. Exemplo disso é o IHGB que, no mesmo ano, oferece um prêmio para a melhor biografia de D. Pedro II. Como ainda não havia grande distância geracional entre o passado monárquico e o presente republicano, a memória passa a moldar o passado, criando uma história significativa na qual a memória ocupa uma perspectiva temporal, articulando as expectativas, esperanças e medos[284]. Essas interpretações sobre o devido lugar de memória que o Imperador deveria ocupar no passado nacional foram tomando um caráter mais definitivo a partir da década de 1920, quando, enfim, foi feito o traslado do corpo e concedida anistia à família exilada.

Embora as grandes dificuldades enfrentadas pela República para combater a memória do passado monárquico, aos poucos o desejo de ruptura foi diminuindo e o mesmo decreto presidencial, que na década de 1920 revogava o banimento da Família Imperial, criava o Museu Histórico Nacional baseado majoritariamente em um acervo voltado à Monarquia.

Em estudo recente, Luciana Fagundes analisou o traslado dos restos mortais da Família Imperial e o apontou como "um momento propício a um trabalho de reconstrução nacional, realizada através do ritual fúnebre organizado pelo regime republicano"[285], trabalho esse baseado na separação da figura do Imperador e do regime por ele representado. Essa dissociação tornava possível a exaltação do Imperador com base em homenagens tais como "grande homem", "honesto e patriótico servidor do Brasil", "protetor das ciências e das artes" e "sábio e justiceiro". Estava assim assegurado o lugar de D. Pedro II no panteão republicano nacional em meio a outras figuras,

---

[283] *Le Figaro,* 19/11/1893, p. 1 e 2.
[284] RÜSSEN, Jörn. Op. Cit., p. 168.
[285] FAGUNDES, L. P. De volta à terra pátria: o traslado dos restos mortais de D. Pedro II e Thereza Cristina para o Brasil (1921). In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015. P. 2.

dando a ideia de um "politeísmo cívico", onde cada momento decisivo ou importante para a construção da Pátria, teria ali o seu representante[286].

Muitos movimentos em prol da reabilitação do Imperador tiveram espaço na imprensa francesa através de *Le Figaro* que - embora já desse conta dos eventos relativos ao traslado e as viagens realizadas pelo conde d'Eu e pelo seu filho, o príncipe Pedro, que vieram junto com os restos mortais, desde início de janeiro - publicou na edição de 16 de fevereiro de 1921, uma *Lettre du Brèsil* na rubrica *Amérique Latine*, assinada por Ipiranga e datada de 17 de janeiro de 1921[287]. A carta frisa o ato justo e nobre realizado pelo governo brasileiro que demonstrou sua grandeza e conferiu prestígio à glória da República, ao autorizar o traslado dos restos do Imperador e da Imperatriz. Completa o cenário acrescentando que:

> *C'est à un démocrate qu'il appartenait d'en avoir l'initiative. M. Epitacio Pessoa, Président des Etats-Unis du Brésil, s'élevant au dessus de tous les partis, n'a pas craint d'accomplir ce geste. On doit l'en féliciter. Avec un tact infini et une modération parfaite, le président a su, au moment opportun, saisi l'occasion de rendre au grand Empereur qu'a tant fait pour le Brésil les hommages qu'il méritait. En signant la révocation du décret qui avait condamné D. Pedro au bannissement, M. Epitacio Pessoa n'a pas seulement voulu tirer le souverain de la terre d'exil où il dormait son dernier sommeil, il a voulu surtout le réhabiliter et lui restituer la place d'honneur à laquelle il a droit dans un pays qui lui doit tant*[288].

A complexidade do traslado foi tal que vários atores se envolveram no evento, desde a organização do ato em si, até sua recepção e homenagens prestadas. Dentre tais atores, o próprio regime republicano que intermediou as negociação quanto a vinda dos despojos, bem como o IHGB, além disso, a imprensa brasileira foi responsável por uma quantidade enorme de material publicado sobre o acontecido, já desde o ano de 1920 quando noticiava sobre os preparativos:

> Enfim, na manhã do dia 8 de janeiro de 1921, o couraçado S. Paulo adentrava a Baía de Guanabara, trazendo em seus compartimentos preciosa carga: os despojos mortais de Pedro II e Thereza Cristina. O navio brasileiro foi recebido à entrada da Baía de Guanabara com uma salva de tiros feita pelas fortalezas de Santa Cruz e São João, ao mesmo tempo em que era içada no Pão de Açúcar, uma enorme bandeira nacional, republicana, é claro[289].

---

[286] FAGUNDES, L. P.. Op. Cit., p. 3-5.

[287] *Le Figaro,* 16/02/1921, p. 2.

[288] *Le Figaro,* 16/02/1921, p. 2. "é à um democrata que pertence a iniciativa. Sr. Epitácio Pessoa, presidente dos Estados Unidos do Brasil, acima de todas as partes, não teve medo de tomar esse jesto. Deve-se felicita-lo. Com um tato infinito e uma moderaçãoo perfeita, o presidente soube, no momento oportuno, criar a ocasião de render ao grande Imperador, que tanto fez pelo Brasil, as homenagens que ele merecia. Assinando a revogação do decreto que havia condenado D. Pedro ao banimento. Sr. Epitácio Pessoa não somente quis tirar o soberano da terra do exílio onde dormia seu último sono, ele quis, sobretudo, lhe reabilitar e lhe restituir seu lugar de honra ao qual ele tinha direito em um país que lhe deve tanto."

[289] FAGUNDES, L. P. De volta à terra pátria: o traslado dos restos mortais de D. Pedro II e Thereza Cristina para o Brasil (1921). In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015. P. 14.

Na França, o periódico que deu maior eco ao evento foi *Le Figaro*, a primeira notícia data do dia nove de janeiro, vinda do Rio de Janeiro, e referia-se aos preparativos para a recepção dos antigos soberanos, ressaltando que todos os estados preparavam-se para a manifestação que "*prouvera les sentiments de tolérance et d'équité du gouvernement brésilien*"[290]. As notícias sobre o conde d'Eu e seu filho em solo brasileiro continuaram aparecendo em 11 edições diferentes entre nove de janeiro e 14 de fevereiro. Todas relatavam de forma empolgante a calorosa e cordial recepção que tinham o conde e o filho pelos lugares onde passavam (dentre seus destinos estava Minas Gerais, onde visitaram Juiz de Fora e Belo Horizonte; São Paulo; Santos; Paraná e Santa Catarina, visitando, respectivamente, Curitiba e Florianópolis) e todas as pompas extraordinárias das cerimonias que fizeram parte das homenagens ao antigo soberano. As notícias também ressaltavam a presença, sempre assídua, da turba brasileira demonstrando efusivamente seu afeto e simpatia (tanto nos eventos de exéquias, quanto nas visitas realizadas pela Família).

Além disso, o traslado dos restos mortais do Imperador, despertava o debate que começou em 1891 com o projeto do deputado Caetano de Albuquerque, do Mato Grasso, e Anfilófio de Carvalho, da Bahia, que considerava que: "cessados os motivos de ordem pública que haviam determinado o banimento do ex-Imperador, deveria ser restituído a D. Pedro de Alcântara o gozo de todos os direitos de cidadão brasileiro, podendo ele regressar ao Brasil quando desejasse."[291]. Uma sucessão de projetos foi apresentado ao longo das primeiras décadas da República e, no governo de Epitácio Pessoa (1919-1922), o projeto do deputado Francisco Valadares, de Minas Gerais, entrou em pauta quando discutido o traslado dos restos mortais dos Imperadores e a importância de associá-lo às comemorações do Centenário de Independência em 1922. Enfim, em setembro de 1920, com a presença de várias instituições renomadas, como o IHGB, a Academia Brasileira de Letras e a Associação Brasileira de Imprensa, foi assinado o decreto que revogou o banimento da Família Imperial[292].

Assim, quando o couraçado São Paulo aportou no Rio de Janeiro em janeiro de 1921, com os despojos dos Imperadores, com o conde d'Eu e seu filho, o governo republicano reconciliava-se com o passado imperial e participava oficialmente de toda a recepção e homenagens, inclusive concedendo-lhe, no funeral, honras de chefe de Estado .

Portanto, o traslado de 1921 colaborou para a abertura das portas do Brasil para o retorno da Família Imperial. Fato este que foi levado em consideração pela família que, tendo o conde d'Eu como representante, deixara claro em vários momentos da estadia que não tardaria a retornar ao

---

[290] *Le Figaro,* 09/01/1921, p. 2. "provará os sentimentos de tolerância e equidade do governo brasileiro".

[291] Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Verbete sobre a Primeira República. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BANIMENTO%20DA%20FAM%C3%8DLIA%20IMPERIAL.pdf. Acessado em: 07/09/2017.

[292] Ibidem.

Brasil para fixare residência permanente[293]. Em dezembro de 1919 *Le Figaro* anunciava que a princesa Isabel pediu ao Supremo Tribunal Federal o habeas corpus para ela e sua família retornarem ao Brasil:

> On annonce de Rio de Janeiro, que S.A.I. la princesse Isabelle de Bragance, comtesse d'Eu, fille du défunt empereur Pedro II, banie avec sa famille depuis la proclamation de la République, a demandé au tribunal fédéral suprême l'*habeas corpus* pour ele, son époux et ses enfants, afin de pouvoir rentrer librement au Brésil[294].

O traslado de 1921 foi como a complementação do ritual fúnebre realizado em 1891, ato oficial através do qual o Imperador é enterrado "em definitivo" como um "grande homem"[295].

É nessa mesma época que o passado monárquico começa a ser representado por um modo construtivo de memória, ou seja, o passado rememorado vira matéria para discursos, narrativas e uma comunicação ativa e contínua. Esse é um período residual de memória comunicativa que vai transformando-se em memória coletiva, mostrando os primeiros sinais de permanência institucional e mediação para a construção de uma consciência histórica[296].

O poder da memória comunicativa está na manutenção viva do passado efetivamente experimentado por aqueles que lembram. D. Pedro II é apresentado como herói popular e reintroduzido como herói oficial com o passar do tempo, pois o passado torna-se histórico à medida em que há um afastamento temporal entre os que o viveram e lembram e o presente, fazendo com que o processo mental de voltar ao passado torne-se impraticável por ir além do tempo de vida biográfico.

A consciência histórica é uma forma mediada de representar o passado em um interrelacionamento mais explícito com o presente, muitas vezes guiado por conceitos de mudança temporal e reivindicações de verdade:

> A especificidade da consciência histórica repousa no fato de que a perspectiva temporal — na qual o passado está relacionado com o presente e através do presente com o futuro — é desenhada de modo mais elaborado e complexo. Especialmente em sua forma moderna, a consciência histórica afasta o passado dando-lhe a aparência de ser alguma outra coisa. Isso não está sendo feito para tornar o passado insignificante para o presente, mas, pelo contrário, como uma forma de atribuir ao passado a importância especial de um relacionamento histórico. Um relacionamento histórico é determinado pela tensão temporal entre

---

[293] *Le Figaro*, 11/02/1921, p. 2.

[294] *Le Figaro,* 09/12/1919, p. 3. "Anuncia-se do Rio de Janeiro, que a princesa Isabel de Bragança, condessa d'Eu, filha do defunto Imperador Pedro II, banida com sua família depois da proclamaçãoo da República, pediu ao tribunal federal supremo um *habeas corpus* para ela, seu marido e seus filhos, afim de poder voltar livremente para o Brasil.

[295] FAGUNDES, L. P. De volta à terra pátria: o traslado dos restos mortais de D. Pedro II e Thereza Cristina para o Brasil (1921). In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015.

[296] RÜSSEN, Jörn. Op. Cit., p. 167.

> passado e presente, por uma diferença qualitativa, suas mediações dialéticas e narrativo-argumentativas no tempo[297].

Pode-se resumir esse processo de construção de uma narrativa memorial-histórica como tendo sido baseada no apagamento de uma face política e atenta do Imperador, disposta a retomar seu lugar no trono brasileiro, em detrimento de uma face heróica e martirizada, mais adequada ao imaginário do passado imperial desejado e à construção dos grandes heróis e do "Grande Morto" ali representado[298].

Todo o panorâma problematizado ajuda a perceber a relevância que a religião tem no seio da sociedade oitocentista e, ainda, em todo o processo de construção de memória, identidade e nação. Jurandir Malerba aponta que antes mesmo da chegada da Corte ao Brasil, em 1808, já havia uma rotina marcada por manifestações públicas constantes tanto de fé quanto de alegria ou tristeza pelos acontecimentos que envolviam a Família Real[299]. Não teria como ser diferente para a colônia brasileira estabelecida em Paris que, além da proximidade geográfica com o fato do falecimento, era também, em grande parte, devota do ilustre defunto. Portanto, as missas de réquiem têm um peso importante em todo o processo já discutido.

[297] RÜSSEN, Jörn. Op. Cit., p. 168.
[298] FAGUNDES, L. P. E quando é morto o Imperador? Batalhas memoriais nos funerais de D. Pedro II (1891). *Revista M.* Vol. 1, n. 1, p. 27-52, jan-jun, 2016. P. 46.
[299] MALERBA, Jurandir. Op. Cit., p. 126-127.

2.1 Missas de réquiem

> Os bens simbólicos e as práticas culturais são objetos de lutas sociais onde estão em jogo sua classificação, sua hierarquização, sua consagração ou desqualificação[300].
>
> Roger Chartier

Ocupar os espaços e materializar a presença da Igreja através de suas construções imponentes, passa a ser importante para a manutenção dos cultos, na segunda metade do século XIX, afim de reconquistar os fieis[301]. Mais do que isso, à oeste (onde aconteceu a maior parte das missas de réquiem de D. Pedro) e no centro de Paris, as cerimônias religiosas eram repletas de encenações que visavam ratificar a ideia de uma religião triunfante, conforme era o desejo das autoridades eclesiásticas em consonância com os objetivos das autoridades locais. Logo, Haussmann, defendia em 1864 que:

> On objectait, non peut-être sans raisons, qu'il importait de conserver dans la capitale de l'Empire, un certain nombre de paroisses étendues, ayant de grands revenus, possédant des églises magnifiques, dans lesquelles le culte pût être célébré avec une splendeur digne de Paris et de la France, conforme d'ailleurs à l'habitude et aux vœux des populations qui se pressent dans les plus riches quartiers de la Ville[302].

As missas de réquiem[303] dedicadas a D. Pedro II, começaram a ser celebradas no ano seguinte a seu falecimento. Os periódicos responsáveis pelas notícias vinculadas ao evento foram, principalmente, *Le Figaro* e *Le Gaulois.*

Nesse caso, os dois jornais foram selecionados por serem os que continham de forma mais expressiva e relevante os dados buscados para a pesquisa, considerando que, em sua maioria, as notícias simplesmente se replicavam entre eles, contendo quase sempre as mesmas informações. No entanto, a importância de checar os dois periódicos deu-se por eles complementarem-se em relação aos nomes dos notáveis presentes nas missas ou aos anos pesquisados. Nos anos em que as notícias eram exatamente as mesmas, idênticas, deu-se preferência a fonte de *Le Figaro*, por uma questão simples de padronização e organização dos dados.

---

[300] CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. *Revista Estudos Históricos.* Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, p. 179-192. P. 184.

[301] BOUDON, Jacques-Olivier. Le décor religieux de la nouvelle Rome: Paris, capitale religieuse dous le Second Empire. In: *Capiteles culturelles, capitales symboliques:* Paris et les expériences européennes (XVIIIe. – XXe. siècles) [en ligne]. Paris: Publications de la Sorbonne, 2002.

[302] HAUSSMANN apud BOUDON, 2002, p. 217-229. "Objetivando, talvez não sem razão, que era importante de conserver na capital do Império, um certo número de grandes paróquias, com grandes receitas, possuindo igrejas magníficas, nas quais o culto pôde ser celebrado com um splendor digno de Paris e da França, conforme, inclusive, com os hábitos e desejos das populações que ocupavam os mais ricos quarteirões da cidade".

[303] Do Dicionário de liturgia de Ricardo Pascual Dotro e Geraldo Garcia Helder: "(em latim: descanso): Dá-se normalmente o nome de *Missa de requiem* à missa de exéquias".

Todas as notícias possuíam um corpo comum, começavam pelo enunciado da missa, informavam a igreja na qual seria celebrada, o dia e horário, contendo em seguida uma relação da *assistance*, ou seja, dos presentes na cerimônia. Um exemplo dessas notícias é a de 1898:

> Comme tous les ans, un service religieux a été célébré hier, en l'église Saint-Augustin, à l'occasion de l'anniversaire de la mort de D. Pedro, Empereur du Brésil. Pendant la messe, qui a été dite par l'abbé Sigard, MM. Bernaert et Lubet ont chanté plusieurs morceaux, entre autres le *Pie Jesu* de Stradelle et l'*Agnus Dei* de Rinck. La famille était representée par le Comte d'Eu et la Comtesse d'Eu, fille de l'Empereur. On remarquait en outre parmi les assistants: Le Prince et la Princesse Louis de Bourbon, le vicomte de Nioac, fils du chambellan de l'Empereur; baron et baronne de Muritiba, la vicomte de Santa Victoria, comte et comtesse de Montbrial, baron de Albuquerque, M. J. De Araujo, vicomte et vicomtesse de Carapebus et un grand nombre de membres de la colonie imperialiste brésilienne résidant à Paris[304].

O intervalo usado para o levantamento dos dados começa no ano de 1892, ano seguinte ao falecimento do Imperador, e segue até o desaparecimento das notícias nos periódicos, no ano de 1928. Porém, cabe ressaltar que há algumas rupturas nesse período e que alguns anos não forneceram a informação dos presentes nas missas, mas somente a notícia de que a missa seria ou fora realizada em data próxima à edição do periódico. A distribuição das notícias catalogadas, completas ou não, segundo os anos, é dada pelo quadro a seguir:

[304] *Le Figaro,* 06/12/1898, p. 2. "Como todos os anos, um serviço religioso foi celebrado ontem, na Igreja Saint-Augustin, por ocasião do aniversário da morte de D. Pedro, Imperador do Brasil. Durante a missa, que foi dita pelo abade Sigard, os Srs. Bernaert e Lubet cantaram várias partes, entre outras o *Pie Jesu* de Stradelle e o *Agnus Dei* de Rinck. A família estava representada pelo conde d'Eu e pela condessa d'Eu, filha do Imperador. Remarcava-se entre outros a presença: de príncipe e princesa Luis de Bourbon, da condessa de Nioac, filho do *chambellan* do Imperador; barão e baronesa de Muritiba, do conde de Santa Vitória, do conde e condessa de Montbrial, do barão de Albuquerque, do Sr. J. De Araújo, do conde e condessa de Carapebus e um grande número de membros da colônia imperialista brasileira residente em Paris".

Quadro 1
Relação tipo de notícias X Ano

ANOS	NOTICIADOS POR COMPLETO	SEM *ASSISTANCE*	SEM NOTíCIA ALGUMA
1892	X		
1893	X		
1894	X		
1895			X
De 1896 à 1913	X		
1914			X
1915	X		
1916		X	
1917			X
1918			X
1919			X
1920			X
1921	X		
1922	X		
1923	X		
1924			X
1925		X	
1926		X	
1927		X	
1928	X		

Fonte: Elaborado pela própria autora

Tem-se, portanto, um intervalo total de 37 anos para análise (1892-1928), dos quais 25 interessam como amostra para o levantamento dos dados acerca da comunidade brasileira que encontrava-se em Paris, uma vez que os nomes de seus membros podem ser levantados através da *assistance* das missas. O recorte temporal de 1892 a 1928 não pode ser analisado como contínuo, pode-se observar um hiato no período de 37 anos, portanto ele pode ser dividido em duas partes bem distintas entre si, entre as quais a Primeira Guerra Mundial, ou mais precisamente o ano de 1914, será a linha divisória, uma vez que o cenário social, bem como todo o contexto mundial, em geral, e parisiense, em particular, se reconfiguram drasticamente, além é claro das impossibilidades geradas pela guerra no período em que ela está acontecendo e nos anos subsequentes, de reconstrução.

A divisão torna-se mais evidente e compreensível ao analisar-se o quadro anterior, pois ele retrata na prática as consequências do período de turbulência na medida em que percebe-se que, fora o ano de 1915, os anos seguintes, de 1916 a 1921, formam um intervalo no qual o evento não é mais noticiado ou, se o é, é com uma nota curta, sem citar os presentes na *assistance*, como no ano de 1916 e 1921.

A partir de 1921, ainda dentro desse segundo intervalo analisado, há uma reconfiguração nas notícias, elas voltam a aparecer, sendo nos anos de 1922, 1923 e 1924, noticiadas por completo e nos anos de 1926, 1927 e 1928 ainda são citados os eventos, porém já sem a *assistance* presente e, por fim, as notícias sobre as missas não aparecem mais.

O ressurgimento das noticias em 1921 pode ser entendido ao considerar-se que trata-se do ano do traslado dos despojos de D. Pedro II para o Brasil. Embora em 1921 tenha sido noticiada a missa de réquiem do Imperador, as notícias que surgiram em diferentes periódicos referiam-se sobretudo ao traslado dos restos mortais do Casal Imperial e às viagens realizadas pelo conde d'Eu e seu filho às terras brasileiras por ocasião do evento[305].

Os anos de 1922, 1923 e 1924 são os últimos que contêm noícias completas sobre as missas, constando os nomes dos presentes. Nesse intervalo e nos anos que se seguem, até 1928 (com exceção de 1925, que não consta nenhuma notícia sobre a realização da missa), todas as celebrações foram realizadas na Igreja de Saint-Augustin, como o fora nos anos iniciais que antecederam a Grande Guerra, mais precisamente até o ano de 1913.

Em 1915 o local da celebração é transferido para a *Eglise paroissiale de la Ville d'Eu* e nos anos de 1916 e 1921 a missa é celebrada em Boulogne-sur-Seine (a partir de 1926 chamada de Boulogne-Billancourt). A nota que saiu em referência ao ano de 1915 dizia o seguinte:

> Le service anniversaire habituel pour feu S. M. l'Empereur du Brésil, D. Pedro II, ne pouvant encore, cette année, avoir lieu à Paris, une messe a été dite à cette intention en l'église paroissiale de la ville d'Eu, par M. le chanoine Guéguant, curé-doyen, en présence de LL.AA.RR. le comte et la comtesse d'Eu, le prince et la princesse Pierre d'Orlénas et Bragance, et d'une assistance, où on remarquait: La municipalité de la ville d'Eu au complet; Mme. Calogeras, née de Penha, Mme. Paul Bignon, Mme. Berger-Staesens, baron de Chauvenet, comtesse de Fantereau, née de Chauvenet, M., Mme. et Mme. de Gramard, Mme. et Mlle. de la Roque, Mme. Henry de la Roque, vicomtesse de Milleville, née de la Roque, abbé Van Cauteren, aumônier du centre d'institution belge, abbé Auger, officier d'administration de l'Hôpital auxiliaire, Mme. Edouard Barry, Mlle. Delahaye, docteur et Mme. Leconte, M. Méeus, directeur de la Société d'électricité de Picardie, Mme. Gabrielle Morin, Mme. David, Mme. De Brossard d'Ínval, M. Mme. Aimé Houlé, M. et Mme Oscar Langlois, Oscar Levasseur, Anne Boutry, Asselin père, R. Henry, H. Monnier, Mlle. E. Faliende[306].

---

[305] *Le Gaulois*, 13/01/1921, p. 2; *Le Gaulois,* 17/02/1921, p. 2; *Le Gaulois,* 14/03/1921, p. 2; *Le Journal*, 11/01/1921, p. 3; *Le Journal,* 12/01/1921, p. 3; *Le Temps,* 12/01/1921, NP.

[306] *Le Figaro*, 07/12/1915, p. 3. "O habitual serviço de aniversário do falecido Imperador do Brasil, D. Pedro II, não podendo ainda ser celebrado este ano em Paris, uma missa foi dita à esta intenção na igreja paroquial da cidade d'Eu, pelo Sr. cânone Guéguant, sacerdote-sênior, na presença do conde e da condessa d'Eu, do príncipe e da princesa Pedro de Orleans e Bragança, e de umanumerosa assistência, na qual poderia perceber-se: a municipalidade da cidade de d'Eu em sua totalidade; Sra. Calogeras, nascida da Penha, Sra. Paul Bignon, Sra. Berger-Staensens, barão de Chauvenet, condessa de Fautereau, nascida Chauvenet, Sr., Sra. e Srta. Gramard, Sra. e Srta. de la Roque, Sra. Henry de la Roque, condessa de Milleville, nascida de la Roque, abade Van Cauteren, capelão do centro de instrução belga, abade Auger, oficial da administração do hospital auxiliar, Sra. Edouard Barry, Srta. Delahaye, Dr. e Sra. Leconte, Sr. Meeus, diretor da Sociedade de eletricidade da Picardia, Sra. Gabrielle Morin, Sra. David, Sra. de Brossard

Interessante observar que na notícia do ano de 1915, como pode ser observado na noticia a cima, há um indicativo de que no ano de 1914 a missa também não fora celebrada em Paris. Além disso, os presentes nas missas realizadas fora de Paris (no caso na de 1915, que é uma notícia completa) são inteiramente distintos dos presentes nas missas de Saint-Augustin. Segundo a notícia, estivera presente toda a "municipalidade" da *ville d'Eu.* De acordo com os sobrenomes, pode-se inferir que a missa contou com pouquíssimo quórum brasileiro, o que ratifica a ideia de concentração dessa comunidade em solo parisiense, mas, ao mesmo tempo, pode também sugerir um descomprometimento da comunidade brasileira com o "ritual" anual suscitado pela missa. Outra hipótese aponta para a questão dos anos da guerra, que podem ter contribuído para que a colônia se dissipasse.

A Igreja de Sant-Augustin, escolhida como palco dessas celebrações em Paris, foi construída entre os anos de 1860 e 1871 e situa-se próxima às avenidas Haussmann e Malesherbes no bairro conhecido pela "velha Paris" como Pequena Polônia. O bairro, situado no que veio a ser o VIII[e.] *arrondissement,* foi profundamente tocado pelas obras de Haussmann que abriu grandes avenidas em seu interior e modificou todo entorno, transformando, por consequência, o perfil dos moradores e frequentadores[307]. Jean-Michel Léniaud, em artigo sobre a visibilidade das igrejas no espaço parisiense do século XIX, aponta que as igrejas construídas sob a orientação de Haussmann durante a reurbanização, eram todas em estilo néo-romano ou néo-gótico, de formas monumentais, e graças as inúmeras igrejas elevadas durante o período do Segundo Império é que Paris se ergue como uma capital mundial do cristianismo, atingindo sua ambição[308].

---

d'Inval, Sr. e Sra. Aimé Houlé, Sr. e Sra. Oscar Langlois, Oscar Levasseur, Anne Boutry, Asselin pai, R. Henri, H. Monnier, Srta. E. Faliende".

[307] Referências levantadas no site official da Igreja de Saint-Augustin. Disponível em: www.saintaugustin.net/histoire-de-l-eglise. Acessado em 07/09/2017.

[308] LÉNIAUD, Jean-Michel. La visibilité de l'église dans l'espace parisien au XIXe. siècle: "Tours de Babel" catholiques pour l amoderne Babylone. In: CHARLE, Christophe (dir.); ROCHE, Daniel (dir.). *Capitalles culturelles, capitales symboliques*: Paris et les expériences européennes (XVIII – XXe. siècles). Paris: Publications de la Sorbonne, 2002, p 207-216.

Figura 8
Igreja Saint-Augustin[309]

Fonte: gálica.bnf.fr

As novas igrejas são um exemplo de uma série de preocupações pertinentes aos trabalhos de Haussmann, que preocupava-se sobretudo em valorizar as magnificas formas estruturais dos novos monumentos. Para tanto as reformas previam no entorno das obras um espaço verde, não necessariamente opulento, mas suficientemente grande para assentar as igrejas[310].

Construída pelo arquiteto Victor Baltard, o mesmo dos *Halles*, a igreja de Saint-Augustin não fugia a regra e está circundada por uma ampla área livre ao lado da qual encontra-se um grande espaço verde, chamado *Marcel-Pagnol*, isolando a igreja para dar visibilidade e valorizar sua arquitetura[311]. No entanto ela tem como marco principal a amplitude e a altura da ossatura metálica, medindo 100 metros de comprimento e, com 80 metros de altura na sua cúpula, ela foi o primeiro

[309] Léon et Lévy. *Promenade dans Paris. 1889.* Fotografias reunidas pelo barão De Vinck.
[310] LÉNIAUD, Jean-Michel. Op. Cit., p. 207-216.
[311] BOUDON, Jacques-Olivier. Op. Cit., p. 217-229.

edifício religioso de majestoso tamanho a utilizar uma estrutura toda em ferro[312]. O uso do metal explicava-se da seguinte maneira:

> l'utilisation de la fonte et du fer permet d'abaisser les coûts de fabrication, mais aussi d'augmenter le volume utilisable. Le métal est aussi mis à contribution à Saint-Augustin et à la Trinité, mais, dans ces deux cas, les architectes ont renoncé à opter pour un style médiéval donné, préférant un plus grand éclectisme, mieux à même de répondre au programme somptueux qui est le leur[313].

Baltard, inspirou-se na arquitetura da renascença, buscando fugir dos estilos romano e gótico, como era comum, o que afirmava o caráter excepcional de Saint-Augustin, "*l'église s'élève vers le ciel, domine les autres édifices, imposant sa présence au regard et invitant à la prière*"[314], construída no coração de um dos novos quarteirões do oeste parisiense. A participação do Estado, da cidade e da própria paróquia contribuíam como pano de fundo das construções, que por esta razão não tinham o mesmo peso e variavam de acordo com a localização dos edifícios, sendo as igrejas do lado oriental de Paris mais modestas e do lado oeste mais grandiosas, sendo a própria Saint-Augustin um grande símbolo desta política de prestigio estabelecida[315].

Pode-se considerar que, no período em que as missas começaram a ser realizadas em 1892, a igreja era relativamente nova, tendo apenas cerca de 20 anos, no entanto se impunha como um monumento referencial da arquitetura cristã na capital. Portanto, entende-se que a escolha do local da celebração dos réquiens não fora aleatória, uma vez que a igreja de Saint Augustin era um templo de magnitude e importância que se sobrepunha a qualquer igreja mediana. Podendo esse ser um dos motivos que levaram a Família Imprial a realizar os cultos na Igreja de Saint-Augustin.

---

[312] Referências retiradas do site official da Igreja de Saint-Augustin. Disponível em: www.saintaugustin.net/histoire-de-l-eglise. Acessado em 07/09/2017.

[313] BOUDON, Jacques-Olivier. Op. Cit., p. 217-229. "a utilização do ferro e ferro fundido permite reduzir os custos da fabricação e também aumentam o volume útil. O metal foi também utilizado na construção de Saint Augustin e da Trindade, mas em ambos os casos os arquitetos renunciaram à opção por um estilo medieval dado, preferindo um maior ecletismo, que melhor respondia ao programa suntuoso que é os seus".

[314] Ibidem, p. 13. "a igreja se eleva em direção ao céu, domina os outros edifícios, impondo sua presence aos olhares e convidando à prece".

[315] Ibidem, p. 13.

2.2 Os monarquistas em Paris

Há que se considerar que, a implantação da nobreza no Brasil deu-se de forma peculiar, uma vez que não foi fruto da hereditariedade, mas principalmente resultado da distribuição de títulos por parte do Imperador[316]. Embora muitos títulos tenham sido concedidos, a distribuição dos mesmos não era tão aleatória ou desmedida a ponto de alterar a estrutura social do período. Portanto, riquezas, reconhecimento social, influência e prestígio político eram os pré-requisitos básicos para a formação da nobreza brasileira.

Os títulos ainda tinham um papel social importante no século XIX. Em termos comparativos, nos anos de 1822 a 1830, D. Pedro I concedeu 119 títulos, enquanto D. Pedro II, entre 1870 e 1888, concedeu 570, tendo nos anos finais de seu reinado aumentado o número de concessões[317].

Os extratos sociais aos quais pertenciam os agraciados eram diversificados, embora em geral estivessem ligados à atuação em atividades econômicas rentáveis, sendo portanto bem restritivos em relação à população em geral. Além disso, a homogeneidade do grupo dava-se não apenas pela soma elevada de suas fortunas, mas também, pelo caráter ideológico dos titulares. A unidade do grupo contribuía para a manutenção da ordem e da integridade do Império, além da perpetuação do poder e das riquezas no seio das famílias da elite oitocentista[318].

Pode-se inferir que a formação com ênfase no campo jurídico, o treinamento profissional uniforme e, como acreditamos, a influência francesa, certamente fizeram parte do quadro geral que conferia esta homogeneidade à elite imperial, com base nos padrões de formação intelectual vigentes:

> essa elite se caracterizava sobretudo pela homogeneidade ideológica e treinamento. Havia sem dúvida certa homogeneidade social no sentido de que parte substancial da elite era recrutada entre os setores dominantes. [...] Essa homogeneidade era fornecida sobretudo pela socialização da elite, que será examinada por via da educação, da ocupação e da carreira política [319].

É dentre essas pessoas que está a maioria dos que deixaram o país com o fim da Monarquia e dos que já encontravam-se em terras europeias. Heitor Lyra chama a atenção para o fato de que uma grande comitiva de famílias deixou o país no ano de 1889[320]. Para este período, como hipótese geral, entende-se que a presença da Família Real atuaria como elemento central e catalizador na

---

[316] SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. Cit., 247.
[317] HOT, Amanda. Op. Cit., p. 53.
[318] CARVALHO, José Murilo de. *A construção da Ordem*: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imperial. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011 [1980]. P. 21.
[319] Ibidem, p. 21.
[320] LYRA, Heitor. *Historia de D. Pedro II (1825-1891):* Declínio (1880-1891). São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. P. 207.

configuração das expressões políticas e culturais das famílias da elite brasileira então radicadas em Paris.

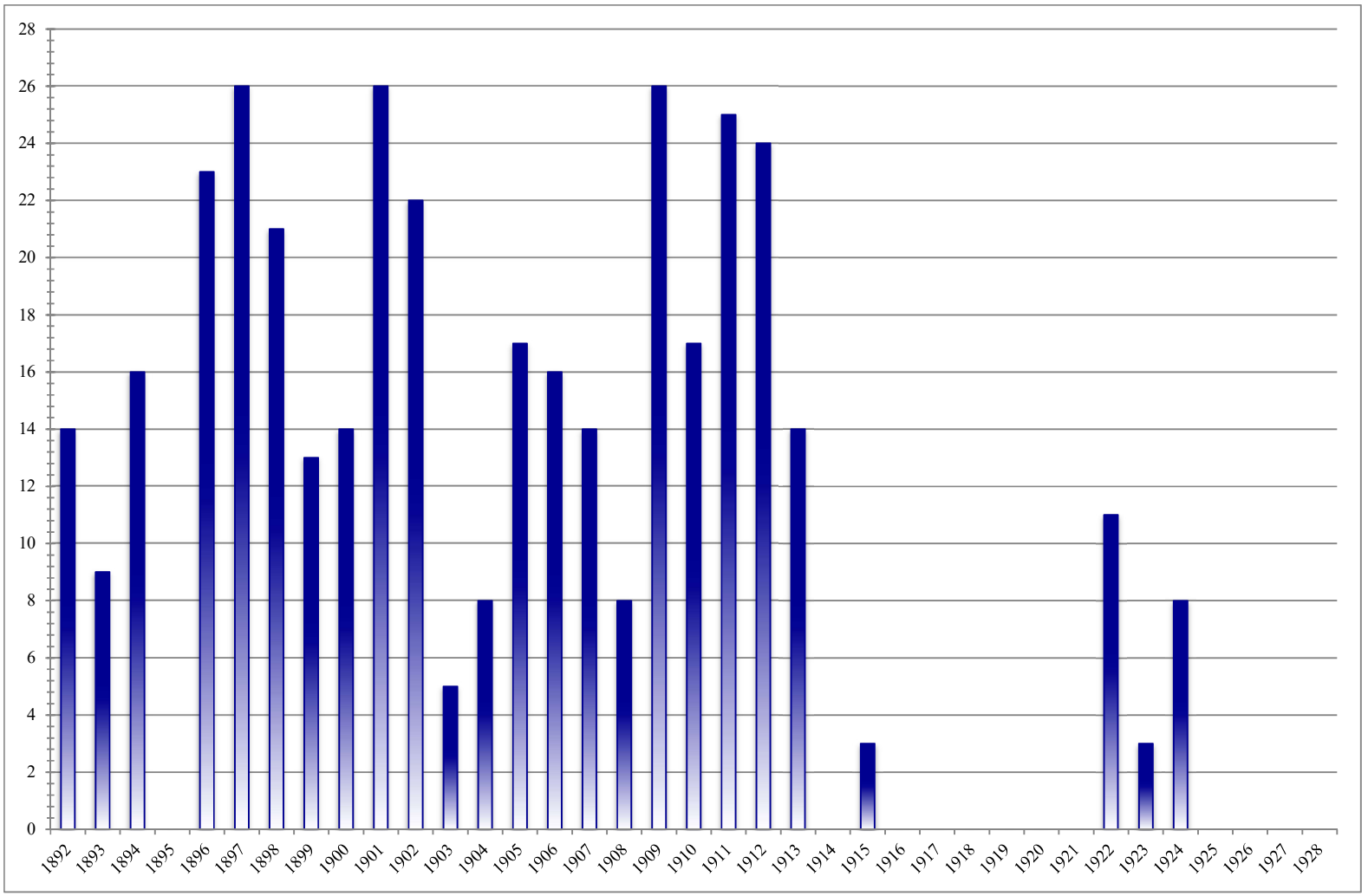
Maria de Lourdes Janottidescreve o grupo monarquista como sendo composto por antigos políticos de expressão, obscuros políticos de província, funcionários vinculados à burocracia, portadores de títulos nobiliárquicos e jornalistas militantes. Ressalta que como pontos em comum havia o profundo respeito pela tradição, sentimentos antimilitaristas, a idealização do Império como modelo de virtudes cívicas e o conservadorismo religioso. Muitos com raízes na lavoura tradicional e nas finanças, a maioria tendo pertencido ao estamento burocrático da Coroa[321].

À parte de levantar o debate acerca do perfil intelectual do Imperador e a atração que isso poderia exercer para determinado grupo, deve-se ressaltar que, sociologicamente e politicamente, os dois olhares se complementam, uma vez que são dois dados sociais: sua notabilidade (o capital intelectual envolvido e sua colocação social) e sua experiência política (ideologias suscitadas pelo seu discurso)[322].

De acordo com a *assistance* relatada nas notícias das missas, em relação aos nobilitados presentes, quantitativamente, tem-se uma distribuição, ao longo dos anos, conforme disposto no gráfico abaixo:

[321] JANOTTI, Maria de Loudes M. Op. Cit., p.,1986.
[322] SIRINELLI, Jean-François. Op. Cit., p. 99.

Gráfico 1
Relação Nobres X Ano



Fonte: Elaborado pela própria autora

As colunas ausentes representam os anos não noticiados ou que possuíam apenas o anúncio quanto as missas de réquiens, contendo informações como a data em que foi, ou seria celebrada, o local e o horário, no entanto, sem relacionar os presentes no evento, não sendo possível entrar na contabilização dos dados.Percebe-se que não há uma homogeneidade na distribuição ao longo dos anos, tendo os anos de 1897, 1901, 1909 e 1911 sido os com maior concentração de nobres presentes (ou ao menos noticiados), sendo mais de 25 nobilitados presentes.

Os extratos sociais aos quais pertenciam os agraciados eram diversificado, embora em geral estivessem ligados a atividades econômicas rentáveis. Além disso, a homogeneidade do grupo dava-se não apenas pela soma elevada de suas fortunas, mas, também, pelo perfil ideológico dos favorecidos, segundo José Murilo de Carvalho[323]. A unidade do grupo contribuía para a manutenção da ordem e da integridade do Império, além da perpetuação do poder e das riquezas no seio das famílias da elite oitocentista.

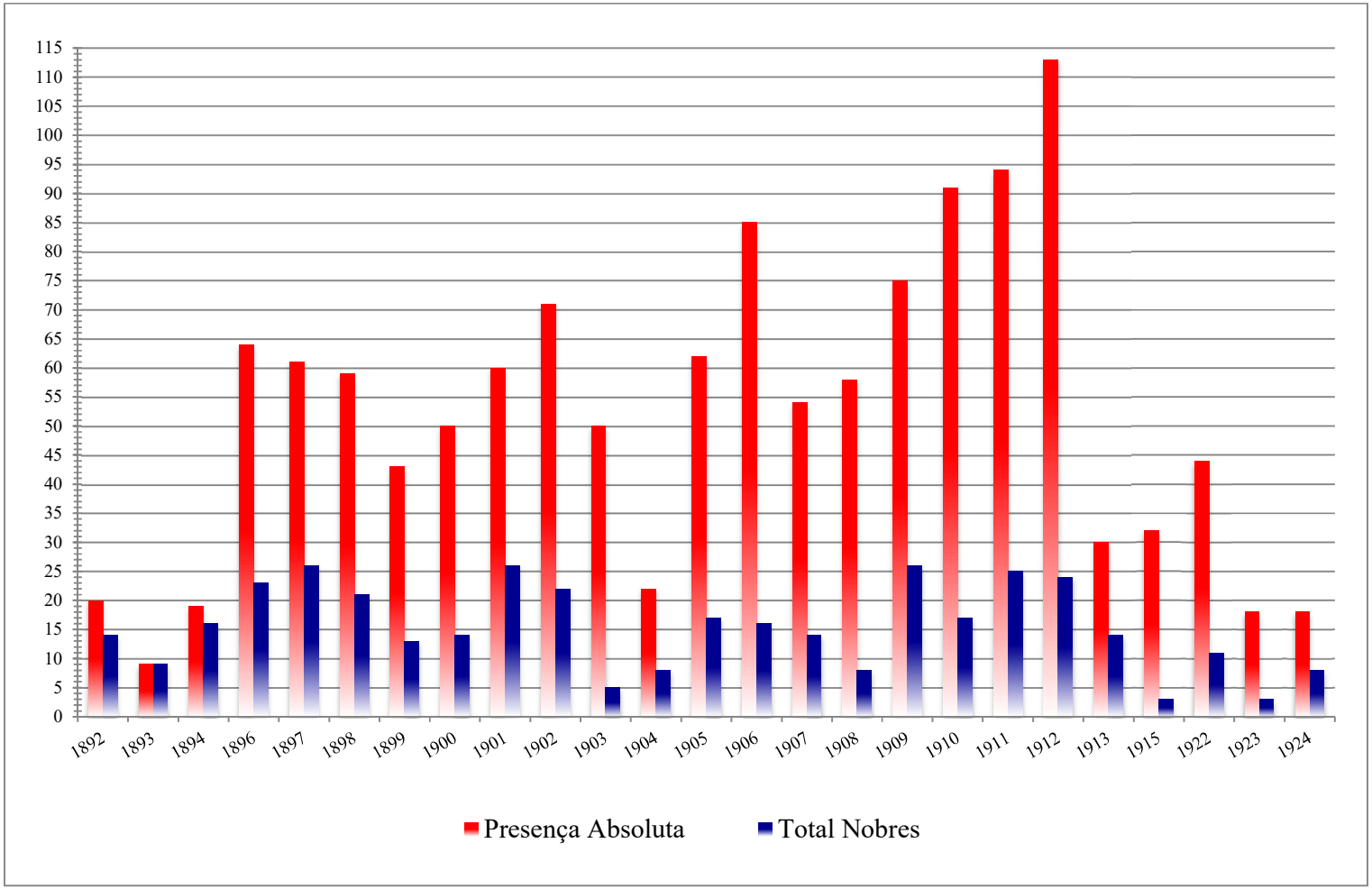
Pode-se inferir que a formação com ênfase no campo jurídico, o treinamento profissional uniforme e, como acreditamos, a influência francesa, certamente fizeram parte do quadro geral que conferia esta homogeneidade à elite imperial, com base nos padrões de formação intelectual vigentes.

A fim de explicação metodológica, o critério usado para o levantamento quantitativo exposto, não considerou unidades familiares, mas sim membro a membro da mesma família sendo contabilizado, ou seja, marido e esposa, possuidores de título, foram contados como dois na obtenção do resultado demonstrado.

Para fins comparativos da representatividade dos números acima contabilizados, pode-se fazer um paralelo entre eles e a quantidade total dos presentes nas celebrações que constam nas notícias, também considerados enquanto indivíduos e não núcleos, unidades familiares. Ou seja, comparando a quantidade de nobres em relação a quantidade absoluta dos presentes, pode-se melhor visualizar a representatividade quantitativa dos nobilitados nas missas

[323] CARVALHO, José Murilo de. Op. Cit., p. 21.

Gráfico 2
Relação Presença absoluta X Nobres X Ano



Fonte: Elaborado pela própria autora

Como pode ser observado apenas os anos de 1892, 1893 e 1894, ou seja, os anos iniciais da celebração das missas, possuem mais de 70% dos presentes nobilitados. Já os anos de 1897, 1901, 1913 e 1924 possuem mais de 40%. Daí tem-se duas hipóteses, a primeira, que o quórum de não nobilitados é realmente significativo e mistura-se aos nobres. A segunda, que nos anos mais equilibrados, ou com maior proporção de nobres, as noticias podem ter sido dadas priorizando os nobilitados.

Há de pontuar-se que a elite oitocentista não restringe-se aos portadores de títulos de nobreza, esse foi o critério utilizado na análise e, assim sendo, o fato de haver uma proporção desigual dos números apresentados não indica, a priori, que possa-se inferir uma mistura de perfis sociais ou econômicos entre os presentes. Uma análise mais detalhada seria necessária para o enquadramento, ou exclusão, dos não nobilitados à categoria de elite. Além disso, deve-se considerandar a natureza parcial das informações e suas limitações.

Entre os nobres presentes nas missas, é interessante observar, quantitativamente, como se dava a constituição nobilitada e não nobilitada dos que encontravam-se em Paris durante o período analisado. Por esse viés tem-se a seguinte distribuição:

Quadro 2
Distribuição total nas missas X Ano

ANO	MARQUES/ MARQUESA	CONDE/ CONDESSA	VISCONDE/ VISCONDESSA	BARÃO/ BARONESA	NÃO TITULADOS	TOTAL
1892	0	4/2	2/0	2/2	6	20
1893	0	4/0	1/0	1/1	0	9
1894	0	4/2	2/0	3/4	3	19
1896	1/1	3/3	1/2	6/6	41	64
1897	1/0	4/4	1/2	6/7	35	61
1898	0	4/5	3/2	3/4	38	59
1899	0	2/3	1/0	4/3	30	43
1900	1/0	2/3	1/1	3/3	36	50
1901	1/0	5/6	2/1	5/6	34	60
1902	1/0	4/3	2/1	5/6	49	71
1903	0	1/1	0	2/1	45	50
1904	1/0	1/0	0	3/3	14	22
1905	0	2/4	2/1	4/4	45	62
1906	0/1	2/3	1/1	3/5	69	85
1907	2/0	2/4	1/0	2/3	40	54
1908	0/1	0	1/1	3/2	50	58
1909	0/3	2/4	2/0	6/8	49	75
1910	0/2	2/5	0/2	2/4	74	91
1911	0/2	4/9	2/2	3/3	69	94
1912	0/1	3/6	2/5	4/3	89	113
1913	1/2	2/2	0/3	2/2	16	30
1915	0	0/0	0/1	1/0	29	32
1922	0	3/4	1/0	1/2	33	44
1923	0	1/0	0	1/1	15	18
1924	0	2/4	0	1/1	10	18

Fonte: Elaborado pela própria autora

Esse levantamento também levou em consideração marido e esposa, nobilitados, como sujeitos distintos na contagem. Segundo Jéssica Oliveira "se, no Primeiro Reinado, D. Pedro I distribuíra um total de 150 títulos e honras, com uma média de 15 por ano, entre a Maioridade e o golpe republicano, foram concedidos 1.133, alçando a média de 22,7 ao ano"[324]. Destes, 757 eram baronatos, 56 baronatos com honras de grandeza, 69 títulos de conde, outros 115 de conde com honras de grandeza, 42 títulos de conde, 20 marquesados, um título de duque, além de 62 honras de grandeza para barão e 11 honras de grandeza para conde[325].

[324] OLIVEIRA, J. M. *Entre "Grandes" e titulares: os padrões de nobilitação no Segundo Reinado.* 2016. 171f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2016. P. 14.
[325] Ibidem, p. 20.

No entanto foram agraciados 884 indivíduos, dos quais 858 eram homens (97%) e 26 mulheres (3%). Jéssica Oliveira ressalta o uso do título e designação pela consorte do marido titulado com decreto. A distribuição dos títulos de acordo com o gênero nos anos estudados pode ser apreciada no mesmo **Quadro 2** .

Através da análise detalhada dos nomes e títulos, as mulheres que encontravam-se em, pelo menos, uma das missas e que não apareceram acompanhadas em nenhum registro pelos seus respectivos maridos (fosse por serem viúvas, solteiras ou por estarem na companhia de terceiros) foram as baronesas Bonnefoux, Japirá, Itajuba e Tretaigne; as condessas Bondy, Schimidt, Sistello, Cavalcanti, Listello, Milleville (nascida De La Roque), Taunay e Touches; as condessas Wilson, Souza Dantas, Vorges, Fauterean (nascida Chauvenet), Mainville, Montalive, Motta-Maia e Vorges; e as marquesas Barros (Charles), L'Eglise e Rochambeau. Um estudo mais detalhado serria capaz de levantar a origem dos títulos e verificar se as mesmas os obtiveram através da união matrimonial, ou se faziam parte do seleto grupo de mulheres agraciadas (cabe ressaltar que todas dentre as 26 mulheres que receberam títulos eram, segundo levantamento de Oliveira, viúvas).

Durante os 37 anos em que foram celebrados os réquiens em homenagem ao Imperador, dos quais tem-se o registro completo de 25 anos, 66 famílias nobilitadas diferentes (sem considerar a própria Família Imperial, que esteve presente em quase todas as celebrações sendo representada por pelo menos um de seus membros) estiveram presentes às missas. Umas mais assíduas do que outras, como no caso dos Nioac, dos Muritiba, dos Araguaya, dos São Joaquim, dos Rio Negro, dos Itajubá e dos Albuquerque. A totalidade das famílias nobilitadas representadas nas celebrações, por pelo menos um dos indivíduos nobilitados da família, que estiveram presentes em dois ou mais anos pode ser observada no quadro abaixo:

Quadro 3
Relação das famílias nobilitadas presentes X Assiduidade X Intervalo de anos

SOBRENOME	1892 à 1913 [326]	1914 à 1928[327]	TOTAL[328]	SOBRENOME	1892 à 1913	1914 à 1928	TOTAL
BARRAL	2		2	COURCIVAL	6		6
CORREA	2		2	MONTBRIAL	6		6
FARIA	2		2	BARROS	7		7
GONÇALVES PEREIRA	0	2	2	L'EGLISE	8		8
MONTLAIR	0	2	2	MATTOS VIEIRA	8		8
POMODAN	1	1	2	ORFEUILLE	8		8
ROCHAMBEAU	2		2	SANTA VITORIA	8		8
SOUZA DANTAS	2		2	CAVALCANTI	9		9
WILSON	2		2	MONTEIRO DE BARROS	7	2	9
ALEÇON	3		3	RIANCEY	10		10
MOTTA MAIA	3		3	ITAJUBA	10	1	11
SILVA RAMOS	2	1	3	SAO JOAQUIM	12		12
ESTRELA	4		4	RIO NEGRO	13		13
MONTBRON	2	2	4	ALBUQUERQUE	14		14
PEREIRA PINTO	4		4	ARAGUAYA	14		14
BONNEFOUX	5		5	MURITIBA	14		14
CARAPEBUS	5		5	NIOAC	18	3	21
BARRAL - MONFERRAT	6		6				

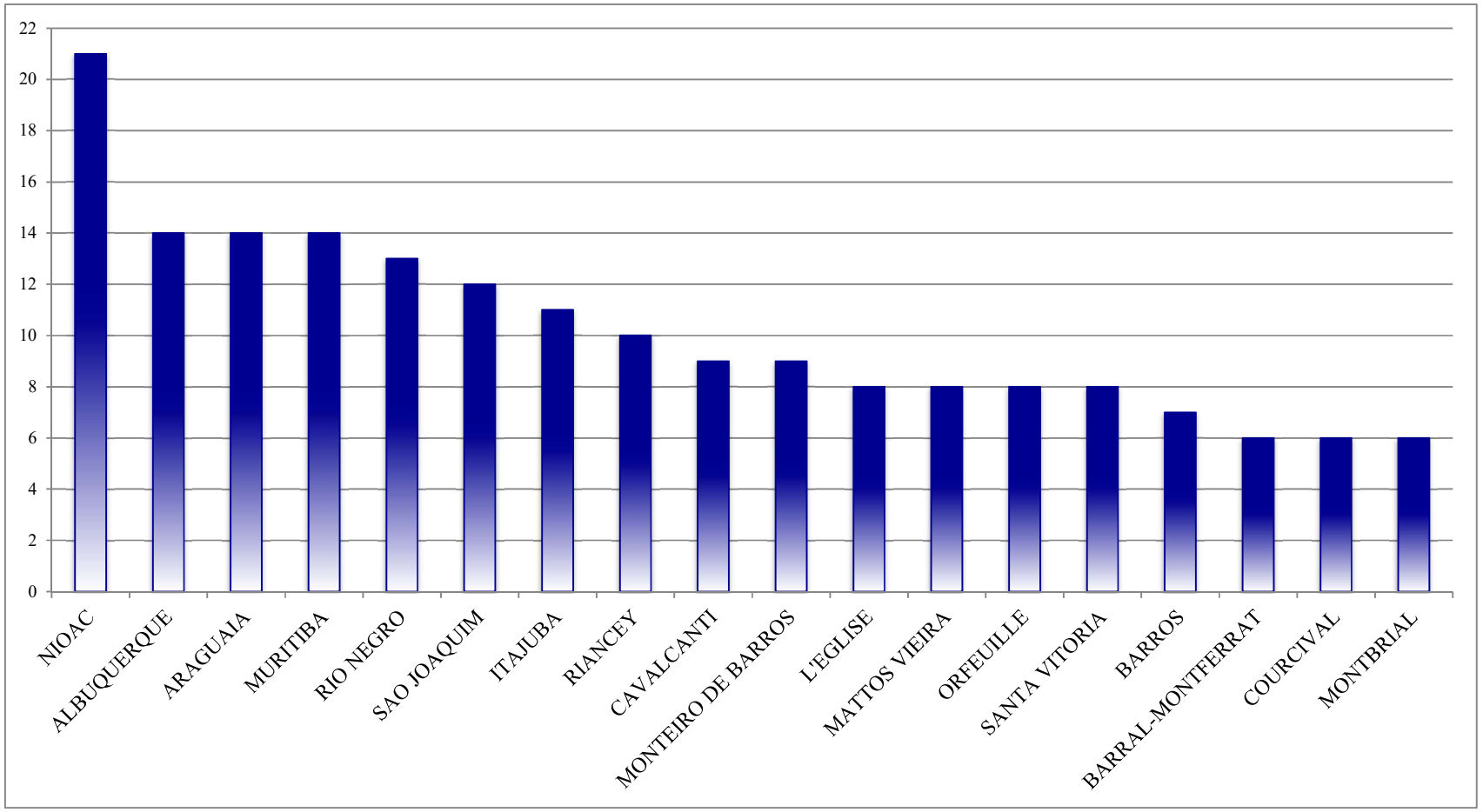
Fonte: Elaborado pela própria autora

Muitos nobilitados compareceram em um ano apenas, como foi o caso da marquesa Rochambeau; das condessas Mainville, Montalivet e Fauterant; dos condes De La Tour en Voivre e Rivagerie; das condessas Bondy, Schimidt, Milleville, Taunay e Sistello; dos condes Etchegoyen, Pena, Seraces e La tour; dos barões Quartin e Chauvenet; da baronesa Japura; dos casais marquesa e marquesa Persan, conde e condessa Tollin de Revarol, conde e condessa Hamilton, barão e baronesa Lormais, barão e baronesa Penedo, barão e baronesa Rezende, barão e baronesa Santa Cruz, barão e baronesa Suassuna.

As famílias nobilitadas mais assíduas foram:

[326] No total são 21 anos com notícias passíveis de entrar na contabilidade exposta.
[327] No total são apenas 4 anos noticiados por complete.
[328] Totalizando os 25 anos passíveis de serem considerados por noticiar o nome dos presentes.

Gráfico 3
Relação das famílias nobilitadas mais assíduas



Fonte: Elaborado pela própria autora

Ao analisar mais de perto a composição do **Quadro 3** e do **Gráfico 3**, perceberemos que há vários laços familiares que unem, em diferentes graus de parentesco algumas dessas famílias, como é o caso dos Nioac, com os Monteiro de Barros, com os Araguaya, dentre outros, como pode ser constatado pela notícia abaixo:

> De Rio de janeiro on annonce la mort, à un âge très avance, de *dona Cecilia de Barros,* une des personnalités les plus connues et les plus vénérées du Brésil. Cette mort mete n deliu les familles Monteiro de Barros, Lacombe de la Tour, de Montbron, de Legge, de Segesser-Bruneck, de Flaghac, d'Itajuba, de Montholon, d'Araguaya, de Montlaur, de Sabran-Pontevès, etc[329].

Uma visão mais precisa dos núcleos familiares que aparecem com maior frequência nas notícias das missas, independentemente de serem nobilitados, pode ser analisada conforme a tabela a seguir, que aponta os sobrenomes que participaram de mais de cinco celebrações ao longo dos 25 anos em que as missas aparecem com sua *assistance*.

[329] *Le Gaulois*, 10/09/1918, p. 3. "Do Rio de Janeiro anuncia-se a morte, num aidade j;a bem avançada, de Dona Cecília de Barros, uma das personalidades mais conhecidas e veneradas do Brasil. Esta morte coloca em lutoas famíliasMonteiro de Barros, Lacombe de la Tour, de Montbron, de Legge, de Segersser-Bruneck, de Flaghac, de Itajuba, de Montholoe, d'Araguaya, de Montlaur, de Sabran-Pontevès, etc".

Quadro 4
Relação dos núcleos familiares presentes X Assiduidade

NÚCLEOS FAMILIARES[330]	QUANTIDADE DE ANOS	NÚCLEOS FAMILIARES	QUANTIDADE DE ANOS
BULHÕES	6	LIMA(*/-SILVA/-BRAGA)	9
FERRARI	6	MELLO (*/-VIEIRA/ -REZENDE)	9
ESTRELA	6	CAVALCANTI	9
LISBOA	6	MONTEIRO DE BARROS	9
PERETTI	6	BARRAL (*/-MONTFERRAT)	10
COURCIVAL	6	TEIXEIRA (*/-LEITE/-LOPES)	10
MONTBRIAL	6	SA	10
BARROS	7	MARQUES DE SA	11
PEREIRA (*/-SOUZA/-HORTA/ -PINTO/-SIMÕES)	7	RIANCEY	11
DESJARDINS	8	ITAJUBA	11
GOUVEA	8	KLINGELHOEFFER	12
LOPES	8	SAO JOAQUIM	12
SAUVAGE	8	ARAUJO (*/-GOMES/-OLINDA)	13
SIQUEIRA	8	RIO NEGRO	13
L'EGLISE	8	ALBUQUERQUE	14
MATTOS VIEIRA	8	ARAGUAYA	14
ORFEUILLE	8	MURITIBA	14
SANTA VITORIA	8	PENHA	16
BORDEAU	9	CALOGERAS	17
CORREA (*/-ARAUJO)	9	SOUZA (*/-DANTAS/-MELLO/ -LIMA/-QUEIROZ)	19
GUIMARAES	9	NIOAC	21
LEMGRUBER[331]	9		

Fonte: Elaborado pela própria autora

Como aponta Thiago Lourenço em relação às redes familiares, que aqui estamos designando como núcleos familiares:

> longe de haver rigidez, as estratégias para assegurar o patrimônio familiar, ou alargar as redes de sociabilidade nos seus locais de origem, ou na Corte Imperial, eram importantes instrumentos políticos, traçados de acordo com as redes sociais estabelecidas. Os casamentos, durante boa parte dos oitocentos, funcionavam como um lugar privilegiado para projetar políticas familiares, aonde se alternavam a

[330] Foram considerados como núcleos familiares não só parentes de primeiro grau, mas redes familiares, ou seja, as variações de sobrenome dadas, provavelmente, por uniões matrimoniais, foram consideradas como núcleos e são apontadas através do hífen mais a junção do outro tronco familiar. Por exemplo os Pereira englobam também os Pereira Souza, os Pereira Horta, os Pereira Pinto e os Pereira Simões.

[331] Foram encontradas diferentes grafias para o sobrenome que, entendemos, diz respeito à mesma família: Lamgruber, Leingruber e Lemgruber, sendo esta última a que adotamos.

> segurança do patrimônio familiar, e a perspectiva de se esticarem as possibilidades estabelecidas pela origem de nascimento[332].

Portanto, as missas enquanto lugar de sociabilidade analisado da colônia brasileira – objetivando um primeiro levantamento de dados que concerne aos brasileiros radicados em solo parisiense, e que compõem parte da colônia brasileira – indicam a existência de laços familiares entre a elite brasileira exilada e também a existência de muitos membros não nobilitados que, a partir de um estudo mais detalhado, dos indivíduos que fazem parte desses grupos, seria possível uma análise e um melhor entendimento do que vem a ser a colônia brasileira, e a interação desta em outros níveis da vida social, em outros espaços de sociabilidades, seus laços, suas estratégias familiares, políticas e sua inserção no cotidiano da vida parisiense.

[332] LOURENÇO, Thiago Campos Pessoa. O império dos Souza Breves nos oitocentos: política e escravidão nas trajetórias dos comendadores José e Joaquim Breves. 2010. 199f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, 2010. P. 35.

III FAMÍLIA ARAGUAYA

> Ainsi, l'historien qui prend l'exil pour objet d'étude, indépendamment de son temps et lieu, aura tout à gagner d'un recours à la psychanalyse, à l'individu, non pas pour s'en tenir là, mais pour revenir à l'histoire après avoir encorporé les réflexions de ce champ de connaissance. Connaître les histoires, les trajectoires de vie pour mieux connaître l'histoire[333].
>
> Denise Rollemberg

Amadeu José de Magalhaes de Araguaya[334], esse é o nome do conde de Araguaya[335]. A única notícia encontrada sobre sua mãe, nos periódicos analisados, foi sobre o seu falecimento, no dia 18 de março de 1897, em *Le* Figaro, avisando que a condessa morrera subitamente em Paris e que suas exéquias seriam celebradas na Igreja de Saint Augustin: "*Nous apprenons la mort: -De la vicomtesse d'Araguaya, décédée avant-hier subitement à Paris. Ses obsèques auront lieu demain à midi, à Saint-Augustin*"[336].

O pai, Domingos José Gonçalves de Magalhães, conde de Araguaya, nasceu no Rio de Janeiro em 1811, graduou-se em medicina em 1832 e, já em 1834, viajava para a Europa como adido da legação brasileira em Paris. Dedicou-se, a partir de 1847, à carreira diplomática, sendo encarregado de negócios nas Cortes de Turim e de Nápoles, depois foi ministro residente em Viena e plenipotenciário nos Estados Unidos, em 1867. Realizou missões pelo Brasil e pela América do Sul, sendo responsável po rtratados junto ao general Mitre e, finalmente, servindo como ministro junto a Santa Sé, resolvendo questões pendentes entre o Império e a Cúria Romana, por ocasião da "Questão Religiosa". Faleceu em Roma, em julho de 1882[337].

Em 1872 recebeu o título de barão do Araguaya por decreto imperial e em 1874 o título de conde. Também recebeu outras honrarias imperiais como comendador da Imperial Ordem de Cristo e da Ordem de São Francisco I de Napóles, dignitário da Imperial Ordem da Rosa e oficial da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Além disso, o conde é o introdutor do romantismo no Brasil. O prefácio do *Suspiros poéticos e saudades*, publicado em 1836, é considerado um manifesto do romantismo brasileiro, demarcando o início da escola literária no país. Junta-se ao prefácio a revista Nitheroy que, segundo

---

[333] "Assim, o historiador que utiliza o exílio como objeto de estudo, independentemente do seu tempo e lugar, terá tudo a ganhar recorrendo a psicanálise, ao indivíduo, nao para se prender aí, mas para retornar à história depois de ter incorporado as reflexes desse campo de conhecimento. Conhecer as histórias, as trajetórias de vida para melhor conhecer a história."

[334] A fins de metodologia, foram usadas as duas grafias do sobrenome familiar (Araguaia e Araguaya) como chave de entrada nos bancos de dados pesquisados. No entanto, na redação da presente dissertação será usada a grafia Araguaya, a mais presente nos periódicos franceses.

[335] BARATA, Carlos Eduardo de; BUENO, Antonio Henrique da Cunha. *Dicionário das famílias brasileiras.* São Paulo: Ibero América, 1999. 2v. P. 233.

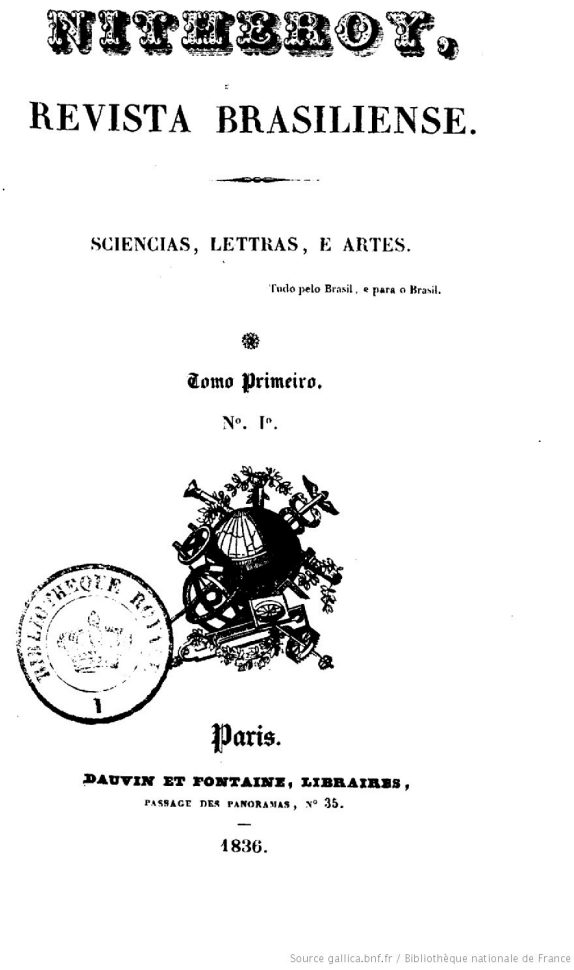
[336] *Le Figaro*, 18/03/1897, p. 2. "Fomos informados da morte: - da condessa de Araguaya, falecida ante-ontem, subtamente em Paris. Seus obséquios acontecerão amanhã ao meio dia, em Saint-Augustin;".

[337] Informaçoes retiradas do site do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, no qual o conde foi eleito sócio efetivo em 1838.

Paulo Franchetti, trazendo como lema "tudo pelo Brasil e para o Brasil", foi também um dos marcos da instauração do romantismo[338].

A revista *Nitheroy,* feita em Paris por "jovens intelectuais brasileiros", teve apenas dois números publicados. Entre os fundadores e redatores estavam além do próprio conde, Francisco de Sales Torres Homem e Manuel de Araújo Porto Alegre (barão de Santo Antônio). Dedicada à "difusão da cultura literária e científica e à atualização da Inteligência"[339], a revista Nitheroy foi, segundo Raphael Quintela, uma das primeiras a mencionar à existência de uma colônia brasileira radicada em Paris, em 1836. Mais do que isso ela foi o primeiro periódico brasileiro difundido na França e tinha como objetivo construir uma literatura nacional[340].

Figura 9
Revista Nitheroy



NITHEROY,

REVISTA BRASILIENSE.

SCIENCIAS, LETTRAS, E ARTES.

Tudo pelo Brasil, e para o Brasil.

Tomo Primeiro.

Nº. Iº.

Paris.

DAUVIN ET FONTAINE, LIBRAIRES,
PASSAGE DES PANORAMAS, Nº 35.

1836.

Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Fonte: Gallica.bnf.fr

[338] FRANCHETTI, Paulo. *"Nitheroy, Revista Brasiliense" (1836).* Textos Críticos. Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin.
[339] Ibdem.
[340] QUINTELA, Raphael. Op. Cit., p. 60.

Os dons de poeta do conde foram homenageados em artigo da *La Revue Diplomatique*, de 1892[341], além de constar em um artigo da *La Revue des revues: un recueil des articles paraissant dans les revues françaises et étrangères* de outubro de 1897[342], sobre a literatura brasileira, escrito por Leopoldo de Freitas, como pode ser visto a seguir:

> En politique le romantisme nous valut la "Constitution imperiale" et dans les lettres, les oeuvres d'Odorico Mendes, l'éminent traducteur de l'*Eneide*; Maciel Monteiro, poète d'une exquise finesse et habile diplomate; Muniz Barreto, admirable improvisateur; Domingos José Gonçalves de Magalhães (depuis vicomte de Araguaya) poète philosophe, initiateur de notre poésie romantique à laquelle il donna l'élan avec ses « Soupirs Poétiques » (*Suspiros poéticos*) qui parurent en 1836. Se rapprochant du sentimentalisme de Chateaubriand et de Lamartine, il eut une grande influence sur les esprits de son temps. Il inaugura aussi le théâtre national avec ses drames *Olgiato* et *Antonio José*, ce dernier entièrement inspire par l'histoire de la patrie. Il écrivit en outre la *Confédération de Tamoyos, Faits de l'Esprit humain, l'Ame et le Cerveau* et la fameuse pièce de vers *Napoléon à Waterloo*[343].

Maria de Lourdes Janotti, ao referir-se ao desinteresse de Gobineau[344] pela vida intelectual brasileira, demonstra que existia uma relação de apreço entre o conde de Araguaya e o Imperador, o que com certeza ajudava a famíia Araguaya a inserir-se nos círculos da Corte.

> Procura despertar sua atenção para Gonçalves de Magalhães, seu protegido e considerado como o fundador da literatura brasileira nativista. O Imperador fizera Gonçalves de Magalhães conde, patrocinara a edição de seus poemas, inclusive das traduções francesa e italiana[345].

Além disso, estando desde 1847 na vida diplomática, ocupando cargos como o de ministro de Negócios, em diversos países, pode-se dizer que a família Araguaya tinha uma boa projeção no cenário internacional. Não no sentido de proeminência, mas de vivência e familiaridade com ambientes outros que não o Brasil.

---

[341] *La Revue Diplomatique*, 15/10/1892, p. 5.

[342] "A revista das revistas: um balanço dos artigos surgidos nas revistas francesas e estrangeiras".

[343] *La Revue des revues*, 01/10/1897, p. 409. Na política o romantismo nos valeu a Constituição Imperial e na literature as obras de Odocico mendes, eminente tradutor da *Eneida*; Maciel Monteiro, poeta de uma requintada finesa e hábil diplomata; Muniz Barreto, admirável improvisador; Domingos José Gonçalvez de Magalhães (depois conde de Araguaya), poeta, filosofo e iniciador da nossa poesia romantica, à quale le deu o impulse inicial com seu *Suspiros Poéticos*, que aparecem em 1836. Se aproximando do sentimentalismo de Chateaubriand e de Lamartine, ele teve uma grande influência nos espíritos de seu tempo. Ele inaugural também o teatro nacional com os seus dramas *Olgiato* e *Antonio José*, esse ultimo inteiramente inspirado na história da patria. Ele escreveu entre outras, a *Confederação de Tamoios*, *Coisas do espírito humano*, *Alma e Cérebro* e o famoso *Napoleão em Waterloo*".

[344] O conde Arthur de Gobineau embarca no porto de Bordeaux, em fevereiro de 1869, para ocupar o cargo de ministro da França na Corte do Brasil.

[345] JANOTTI, Maria de Loudes M. Op. Cit., p., 117.

Figura 10
conde de Araguaya

Fonte: GARNIER, M. J. conde de Araguaya. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cie. Editores, [189-?].

Ao delinear brevemente os passos do pai na vida pública, política e, sobretudo, diplomática, entende-se como o conde conquistou sua posição social em meio a elite brasileira do oitocentos. Sem dúvida ter um pai com tal histórico colaborava para a manutenção do status familiar através das gerações, bem como angariava posições de poder junto a Coroa, através dos laços de proximidade que já vinham sendo traçados.

A irmã do conde, Januária Heloise de Magalhães Araguaya, fora, provavelmente, a primeira da família a firmar um casamento entre elites internacionais. Januária casou-se com Boson Doublet de Persan, o marquês de Persan, consul geral em Varsóvia, tornando-se marquesa de Persan. Dessa união, a marquesa conseguiu estabelecer laços internacionais. seu filho, condecorado em 1926 com a Cruz de Guerra, casou-se com a Srta. Hocquart de Turtot, filha do conde de mesmo

nome e da condessa nascida de Vienne[346]. Sua neta, Isabelle Eschasseriaux, filha do barão e da baronesa Maurice Eschasseriaux, casou-se com o conde de Clauzel, filho do ministro Plenipotenciário e da condessa Bertrand Clauzel, neto do conde Clauzel, engenheiro geral da Marinha.

Na sociedade oitocentista:

> A escolha do cônjuge também constitui o objeto de estratégias que ocupam o centro de atenção das famílias. A homogamia e até a endogamia são tendências consolidadas em todos os meios regionais e sociais, que também se explicam pelas formas de sociabilidade: a pessoa se casa com alguém semelhante a ela, também pelo fato de conhecer e conviver principalmente com indivíduos parecidos com ela mesma. Aí se opera um processo de reprodução (no sentido P. Bourdieu) que, mesmo sendo determinista, não deve nos fazer esquecer os jogos dos indivíduos que o aceitam ou rejeitam, numa grande variedade de historias singulares[347].

Segundo o *Annuaire des châteaux et des départements : 40.000 noms & adresses de l'aristocratie, du high life, de la colonie étrangère, du monde politique, de la magistrature, de l'armée, du clergé, des sciences, lettres et beaux-arts, de tous les propriétaires des châteaux de France, etc.*[348], dos anos de 1926 e 1927, A marquesa de Persan morava com seu marido em Versailles. Local onde, em 1928,veio a falecer. As exéquias foram celebradas no dia dois de maio na Notre Dame de Versailles, em que a condessa de Araguaya e sua filha Odette estiveram presentes. O sepultamento teve lugar no cemitério do Père Lachaise[349]. O marquês de Persan faleceu no ano seguinte e teve suas exéquias celebradas na mesma igreja, com a presença de suas duas sobrinhas, Olga e Odette[350].

Outro ponto estratégico forte para sua consolidação no cenário social fora o casamento. O conde casou-se com Maria Eugênia Breves Cornélio dos Santos, filha do comendador João Martins Cornélio dos Santos e de Cecília de Souza Breves, filha do "rei do café". A família Breves, foi uma das mais poderosas do início do século XIX uma das mais opulentas do Brasil Imperial, somando inúmeras propriedades com cerca de 6.000 escravos"[351].

A família Breves foi uma das primeiras a lançar-se no comércio ilegal de escravos, ainda na década de 1830[352]. Através de uniões matrimoniais com prósperas famílias do Vale do Paraíba e com grupos familiares de prestígio do Brasil Imperial, além de casamentos consanguíneos, a família

---

[346] *Le Figaro,* 06/12/1926, p. 2; *Le Gaulois,* 06/10/1926, p. 2 e 09/11/1926, p. 2.
[347] PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: PERROT, Michelle (org). *História da vida privada, 4*: Da Revolução francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia da Letras, 2009. P. 121.
[348] "Anuário dos castelos e departamentos: 40 mil nomes e endereços da aristocracia, do high life, da colônia estrangeira, do mundo político, da magistratura, do exército, do clero, das ciências, letras e belas-artes, de todos os proprietários de castelos da França.
[349] *Le Figaro,* 29/04/1928, p. 2 e 03/05/1928, p. 2; *Le Gaulois,* 01/05/1928, p. 2, 02/05/1928, p. 3, e 03/05/1928, p. 2.
[350] *Le Figaro,* 02/01/1929, p. 2; *Le Gaulois,* 02/01/1929, p. 2.
[351] LOURENÇO, Thiago C. Pessoa. Op. Cit., p. 2.
[352] Ibidem, p. 3.

Breves conseguiu garantir poder e riqueza ao longo do século XIX, viabilizando ora a manutenção e o engrandecimento da fortuna, ora o alargamento das redes de sociabilidade. Entre os seus descendentes tem-se, nos mais diversos ramos, nomes como: barão de Mambucaba, barão de Guararema, barão de Pirahy, conde de Congonhas de Campo, barão de Vargem Grande condessa Monteiro de Barros (que estabelece importantes uniões para a família através de seus descendentes: sua filia Cecília casa-se com Alfredo de Nioaque, o barão de Nioac; sua filha Maria Eugênia casa-se com Alberto de Nioaque, irmão de Alfredo; seu filho Carlos casa-se com Olga de Rio Negro, filha dos barões de Rio Negro, sua filha Maria da Luz casa-se com Maxime de Montbron, conde de Montbron)[353]. Portanto, tios e tias, primos e primas, ampliavam em graus mais ou menos distantes (que tendiam a se restringir ao segundo ou terceiro grau) a rede familiar, o horizonte de correspondências e as relações de poder[354].

O comendador, João Martins Cornélio dos Santos, por sua vez, que fora um dos homens mais ricos de seu tempo, pertencia a uma família de importantes agricultores paulistas, da região de Cunha. Fora comissário de café, diretor-fundador do Banco do Comércio e acionista de grandes empresas, diversificando seus haveres, conseguiu escapar com maior desenvoltura da crise que assolou a família Breves com o arrojar das leis contra o tráfico escravista[355].

Portanto, o casamento do conde, com uma descendente dessa rica família do oitocentos, fora, sem dúvida, uma união matrimonial e de influência bem sucedida. Como aponta Amanda Hot:

> Os casamentos [...] foram usados como estratégias de ligar importantes núcleos familiares, objetivando a manutenção e aumento da riqueza deste grupo. [...] Os casamentos realizados entre as classes abastadas visavam à criação ou estreitamento de vínculos familiares proveitosos a ambos os núcleos, enquanto que a obtenção de títulos de nobreza funcionava como um forte atrativo para que a família que os possuíssem tivessem noivos mais facilmente elegíveis por outras famílias da classe senhorial[356].

Esse panorama genealógico proporciona o entendimento da projeção dessa família no âmbito social e internacional. Como ressalta Michelle Perrot, "a família é um "ser moral" que se diz, se pensa e se representa como um todo. Percorrem-na fluxos que conservam sua unidade: o sangue, o dinheiro, os sentimentos, os segredos, a memória"[357].

A chegada do barão a Paris, com fins profissionais, é noticiada por *Le Figaro*, em abril de 1889. Anteriormente a essa data não tem-se registros nos jornais quanto a uma estadia mais consolidada na cidade. Portanto, acredita-se que foi nesse momento que o conde mudou-se para Paris. A notícia não é dedicada exclusivamente ao conde mas sim ao aumento da legação brasileira:

---

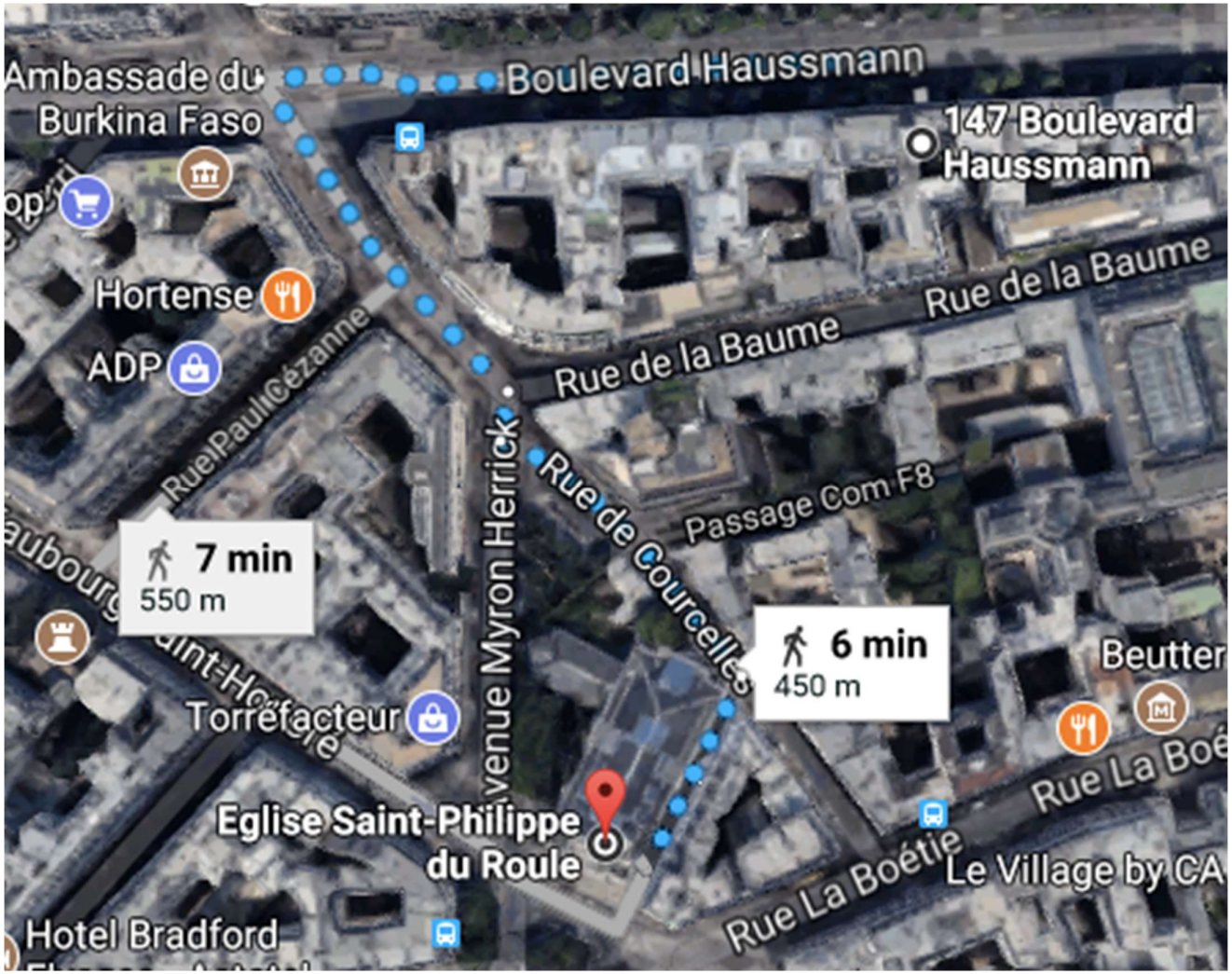
[353] Ibidem, p. 24-78.
[354] PERROT, Michelle. Op. Cit., p. 1587-1588
[355] LOURENÇO, Thiago C. Pessoa. Op. Cit., 33.
[356] HOT, Amanda. Op. Cit., p. 24.
[357] PERROT, Michelle. Op. Cit., p. 169.

> La légation du Brésil vient de voir augmenter son personnel dans des proportions plus conformes à l'importance qu'a prise l'Empire de Pedro II. L'arrivée à Paris du nouvel ambassateur détermine l'intallation de plusieurs attachés, qui portent à sept le nombre des sécretaires, à savoir: MM. de Vieira Monteira, le Comte de Araguaya, Bahia, Abilio Borges, da Silva Ramos et Cordeiro. Enfin le Brésil crée un emploi d'attaché naval à Paris, et le Vice-amiral baron de Teffé vient d'en être nommé titulaire. Il sera présente demain, avec le personnel de le Légation, au Président[358].

Através das notícias identificamos que o casal teve três filhos, Olga, Odette e Armand. O único filho homem, faleceu aos 15 anos em Ouchy, na Suiça, em 1910. Suas exéquias foram celebradas na Igreja de Saint-Philippe du Roule, uma igreja do século XVIII, situada na rue du Faubourg-Saint-Honoré, no VIII[e.] *arrondissement*. A escolha da igreja provavelmente justifica-se pela proximidade entre ela e a residência do conde, cerca de 400 metros, como pode ser visto no mapa abaixo:

[358] *Le Figaro*, 10/04/1889, p. 1. "A legação do Brasil acaba de ver aumentar o seu pessoal, numa proporção mais conforme à importância que o governo do Imperador D. Pedro II alcançou. A chegada em Paris do novo embaixador determina a instalação de mais funcionários, que chegam à sete o número de secretaries, à saber: Srs. de Vieira Monteiro, o conde Araguaya, Bahia, Abílio Borges, da Silva Ramos e Cordeiro. Enfim o Brasil criou um cargo de adido naval em Paris, e o vice almirante barão de Teffé, acaba de ser nomeado titular. Ele se apresentará amanhã, junto com todo o pessoal da legação, ao presidente".

Figura 11
Trajeto Residência – Igreja Saint-Philippe du Roule



Fonte: Google Maps

O endereço residencial do conde consta em documentos distintos, no *Annuaire du grand monde parisien et de la colonie etrangére*[359], do ano de 1908, no *Annuaire de la curiosité et des beaux-arts*[360], nos anos de 1912 e 1920, no *Annuaire des grandes cercles*[361], dos anos de 1899 até 1906, 1908 à 1910 e em 1914. Ou seja, durante a maioria dos anos em que viveu em Paris ele manteve o mesmo endereço fixo: Boulevard Haussmann, 127, VIII[e.] *arrondissement*.

O endereço do conde é muito bem localizado em relação a elite francesa do entre séculos. Ou seja, sua residência encontrava-se em meio aos *quartiers* mais nobres de Paris. Segundo Daumard, a maioria da nobreza parisiense residia em torno do *fauboug* Sain-Germain, onde podia-se encontrar a nobreza mais autêntica da França[362]. Até 1862 o *faubourg* localizava-se no X[e.] *arrondissement*, com as obras de Haussmann passou a ser considerado como pertencente a região do VII[e.].

Há uma relação diretamente proporcional entre a concentração das residências das famílias do Bottin Mondain com o VIII[e] *arrondissement*, onde morava o conde. Inclusive, como ressalta Bernard:

> Mais si la résidence à Paris est un critère d'appartenance à la couche la plus fine des aristocraties, on ne peut pas, même provisoirement, s'installer n'importe où dans la capitale. Le mondain doit avoir une résidence appropriée au style de vie qu'il mènera durant la saison parisienne[363].

Esse pode ser considerado como um primeiro sinal de qual era o lugar de pertencimento social em que o conde de Araguaya se encontrava no exílio parisiense. Ou seja, aparentemente, dada sua localização residencial, ele estava muito bem colocado, entre a elite parisiense e mundana, e também entre outros membros da colônia brasileira.

---

[359] "Anuário do grande mundo parisiense e da colônia estrangeira".
[360] "Anuário de curiosidades e de belas-artes".
[361] "Anuário dos grandes círculos".
[362] DAUMARD, Adeline. Une enquête sur la noblesse à paris au XIXe siècle. *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*. N. 3, 1989. P. 4.
[363] BERNARD, Alice. Op. Cit., p. 129-144. "mas se a residencia em Paris é um critério de pertencimento à camada mais fina da aristocracia, não se pode, mesmo que provisoriamente, instalar-se em qualquer lugar na capital. O "mundane" deve ter uma residencia apropriada ao estilo de vida que ele levará durante a temporada parisiense".

Figura 12
Localização da residência do conde (1899-1920)

Fonte: Google Maps

Quanto às filhas do conde, ambas residiam em Paris e estavam presentes em vários momentos com os pais, em celebrações diversas, como casamentos, chás, atividade beneficentes etc. Olga casou-se em 1908. A primeira notícia que anunciava o seu casamento era de dezembro do ano anterior e as notÍcias sucederam-se até a data do casamento. O casamento aconteceu no final de janeiro, na mesma Igreja do funeral do irmão, Saint-Philippe du Roule. Olga casou-se com Georges de Marande, pelo que indica o *Paris-mondain,* em seu *Annuaire du grand monde parisien et de la colonie étrangère.* Segundo o anuário, a família Marande morava no número 182 do mesmo boulevard que a família Araguaya (*boulevard* Haussmann) [364].

A família de Marande, embora sem membros nobilitados, parece ter sido uma família que conseguiu ascender socialmente através de laços matrimoniais. A mãe e o pai de Georges são os primeiros com este nome (de Marande) que constam no *Annuaire héraldique: contenant la nomenclature de toutes les familles françaises et étrangères*[365]. O casal teve três filhos, dois homens (Maximilien e Georges) e uma mulher. A filha, Jeanne de Marande, casou-se em 1901, pouco antes de Georges, com Louis Simon Boucher de la Rupelle, conde de La Rupelle. A família Boucher de La Rupelle é uma família descrita no anuário como "família extraída da nobre raça e de uma nobreza bem antiga, que remonta ao século XVI"[366]. Sem dúvida essa fora uma união fortuita para a família.

Não foram encontrados registros de matrimônio ligados à Maximiliam de Marande, no entanto, seu nome aparece em muitos eventos sociais e também como colaborador de diversas colunas. Além disso, fora escritor de livros, resenhas críticas e peças, publicados em periódicos distintos.

Com o casamento de Georges, junto também a uma nobre família como a Araguaya, mais uma vez percebe-se a ascensão da família de Marande junto às classes nobilitadas. No caso dos Araguaya, a união pode ter significado uma ligação a uma família de estirpe estrangeira.

O periódico *Le Gaulois* foi o responsável pelas notícias mais detalhadas do casamento celebrado na igreja habitual da família, a Saint-Philippe du Roule, no dia 24 de janeiro de 1908. A partir da data do casamento de Olga, algumas observações podem ser feitas. O dia 24 de janeiro de 1908 caiu em uma sexta-feira, no entanto, normalmente, não se celebravam casamentos às sextas-feiras, para tal era necessário a doação de uma certa quantia em dinheiro para os pobres da paróquia[367].

---

[364] *Paris-mondain: annuaire du grand monde parisien et de la colonie etrangere,* 1908, p. 463.
[365] "Anuário heraldico: contendo a nomenclatura de todas as famílias francesas e estrangeiras".
[366] WIGINIOLLE, Jules. *Annuaire héraldique*: contenant la nomenclature de toutes les familles françaises et étrangères. Paris, 1902. P. 267.
[367] *Le Gaulois,* 24/01/1908, p. 4.

Além disso, era de praxe a publicação de um "edital" pelo padre nos três domingos que antecediam o casamento e, para reduzir o número de publicações dos editais, era também necessário dispendiar uma quantia para os pobres da paróquia[368]. Através do levantamento feito, foi encontrada notícia sobre o casamento nos periódicos apenas em um domingo, no que antecedeu a cerimônia[369]. Isso permite concluir que, provavelmente, segundo os padrões vigentes, as famílias devem ter investido uma boa quantidade de dinheiro no casamento, a fim de ter a cerimônia conforme desejavam.

As testemunhas por parte do noivo foram Max de Marande, seu irmão, e o conde de la Rupelle, seu cunhado. Por parte da noiva foram o marquês de Persan, seu tio, e o barão de Nioac, seu primo. Por sua vez, fora o conde de Araguaya, seu pai, quem conduziu a noiva ao altar e o noivo fora conduzido pela própria mãe.

Após a entrada dos noivos, o cortejo que se seguiu fora composto pela condessa de Araguaya e Max de Marande, marquesa de Persan e barão de Nioac, condessa de La Rupelle e J. Hallaure, Hallaure e conde de La Rupelle, baronesa de Nioac e marquês de Persan, condessa de Nioac e conde de Legge, baronesa de São Joaquim e Roederer, condessa de Legge e conde de Nioac, condessa de Souza-Dantas e barão de São Joaquim, Srta. de Persan e Auguste de Marande, Srta. de Lima e barão Maurice Eschasseriaux, Srta. de Mello e Armand d'Araguaya, Srta. Odette de Araguaya e Guy de La Rupelle. A condessa d'Eu e o Príncipe D. Pedro de Orleans Bragança encontravam-se na primeira fila da *assistance*:

> A cerimônia de casamento é, sem dúvida, o rito privado mais público. Tudo nela é codificado: a composição e a ordem do cortejo, o número e a escolha das damas de honra, a indumentária dos noivos, com o predomínio do branco e do preto, os gestos do "sim". O pais acompanha a filha até o altar, para entrega-la ao esposo. Mas, antes de proferir o sim sacramental, a jovem volta a cabeça para sua mãe, como que pedindo seu assentimento. Até o final do século XIX, apenas a esposa usa aliança. A aliança masculina, moda estrangeira, passa a fazer parte dos costumes na virada do século, mas sem nenhuma obrigatoriedade[370].

Após o longo desfile à sacristia, parentes e amigos das duas famílias encontraram-se em uma recepção na casa da condessa de Araguaya, nos seus salões do boulevard Haussmann. Nesse momento os presentes recebidos pelos noivos puderam ser contemplados pelos convidados.

O periódico aponta que a corbelha da noiva compreendia, entre outros, em um anel de esmeralda, em uma estola de zibelina e coisas antigas.

> No dia da assinatura do contrato, o noivo envia à futura mulher "a corbelha", isto é, certa quantidade de presentes rituais que, antigamente, eram colocados dentro de

[368] MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michelle (org). *História da vida privada, 4*: Da Revolução francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia da Letras, 2009. P. 224.
[369] *Le Gaulois,* 19/01/1908, p. 2.
[370] MARTIN-FUGIER, Anne. Op. Cit., p. 226.

> um cesto de palha trançada com cetim branco. Depois disso, passaram a ser enviados dentro de uma pequena cômoda. Em 1900, bastam as caixinhas de jóias e as embalagens dos próprios fornecedores[371].

Tal como o enxoval, a corbelha podia representar cerca de 5% do dote ou, ainda, um ano de rendimentos.

> Ela traz rendas brancas e pretas, transmitidas de geração em geração, tratadas com cuidado, consertadas e limpas, contendo ainda jóias, modernas ou de família, bibelôs valiosos, leques, frascos de perfume, bombonnières, peles e tecidos[372].

Na mesma notícia consta a lista de alguns dos presentes que o casal recebeu. Através dela pode-se ter uma ideia do nível de vida da família em questão e do seu círculo social. A lista que o jornal expõe como sendo a de "principais doadores" é a seguinte:

[371] Ibdem, p. 223.
[372] MARTIN-FUGIER, Anne. Op. Cit., p. 223.

Quadro 5
Lista dos presentes de casamento da Olga de Araguaya

TRATAMENTO	NOME DE FAMÍLIA	PRESENTE
CONDE E CONDESSA	ARAGUAYA	COLAR DE PÉROLAS, ANEL COM DIAMANTE E RUBI, BROCHE EM DIAMANTE, VASILHAS DE PRATA, SERVIÇO DE TOILETTE EM PRATA DOURADO, LEQUE ANTIGO (EM MEMÓRIA DA AVÓ MATERNA), ANEL EM DIAMANTE E RUBI, ARCO EM DIAMANTE (EM MEMÓRIA DA AVÓ PATERNA)
SENHORITA	ARAGUAYA	CHOCOLATERIA EM PRATA DOURADA
SENHOR	ARMAND ARAGUAYA	BOLSA DE VIAGEM
SENHORA	DE MARANDE	AUTOMÓVEL, RENDAS DE PONTO INGLÊS
SENHOR	MAX DE MARANDE	ESTOJO DE VIAGEM
SENHOR E SENHORA	L. DE MARANDE	LAMPADA ELETRICA
CONDESSA	D'EU	BROCHE EM DIAMANTES
SENHORA	MORAES DE BARROS	CANDELABRO EM PRATA
CONDESSA	MONTEIRO DE BARROS	SERVIÇO DE CAFÉ OU CHÁ PARA DUAS PESSOAS EM PRATA
SENHORA	VIEIRA-MONTEIRO	PRATOS DE PRATA
SENHOR E SENHORA	RESENDE	BANDEJA EM PRATA
MARQUES E MARQUESA	DE PERSAN	COMODA ANTIGA
BARAO E BARONESA	ESCHASSERIAUX	VASOS LUIS XVI
BARAO E BARONESA	NIOAC	JARDINEIRA EM PRATA
CONDE E CONDESSA	NIOAC	VASO DE AGUA EM PRATA
SENHORITA	NIOAC	LEQUE EMPIRE
VISCONDE E VISCONDESSA	MONTBRON	RELÓGIO DE VIAGEM
SENHOR E SENHORA	PORTELLA	DECANTER DE CHAMPAGNE
CONDE E CONDESSA	DE LEGGE	AÇUCAREIRO EM PRATA
VISCNDE	DE LA TOUR	COPOS DE LICOR
SENHOR	HALLAME	PIANO DE CALDA
BARAO E BARONESA	SAINT-JACQUES	BRACELETE
SENHOR E SENHORA	MELLO	TINTEIRO
VISCONDESSA	SANTA VITORIA	BACIA EM PRATA
SENHORITA	SANTA VITORIA	VASOS ANTIGOS
DUQUESA	D'ESTISSAC	TERMÔMETRO
SENHORITA	BARRAL-MONTFERRAT	CESTA DE PÃES EM PRATA
MARQUESA	SILVA RAMOS	JOGO DE CHÁ
VISCONDE E VISCONDESSA	DE LA RUPELLE	UMA PEÇA LUIS XVI, FLAMBEAUX E ESCULTURA EM BISCUIT
SENHOR E SENHORA	R. DE PEIXOTO	SERVIÇO DE CHÁ E CAFÉ EM PRATA DOURADA
CONDESSA	MONTHOLON	RELÓGIO DE MESA LUIS VXI
CONDE E CONDESSA	CASTELBAJAE	PETITS POTS EN SAXE
CONDESSA	DE PIENNES	CESTA DE FRUTAS DE PRATA

CONDE E CONDESSA	CHAUMONT-QUITRY	ÉTUI À CACHETER DE PRATA

Fonte: *Le Gaulois*, 24/01/1908, p. 2

Embora fosse aqui necessário um levantamento mais minucioso de outras listas de presentes de casamento para se fazer uma análise comparativa dos tipos de presente, a menção às peças de prata, de diamante, de rubi, de prata dourada, um automóvel, mobiliários Luis XVI e objetos "extravagantes" (como uma lâmpada elétrica por parte dos de Marande), indicam um elevado nível econômico dos convidados.

Segundo Anne Martin-Fugier, "num casamento de grande vulto, os presentes assumem proporções grandiosas. Por exemplo, em 1904, o conde e a condessa Greffulhe dão a mão da filha única ao duque de Guiche. Depois da cerimônia, os convidados vão à casa da avó da recém-casada, onde estão expostos, em torno da corbelha os 1250 presentes recebidos"[373].

Ainda que não tenha sido divulgada a lista da *assistance*, muitos dos que constam na relação do cortejo e na lista de alguns dos que presentearam os noivos são parentes da família Araguaya e da família de Marande e, como pode ser percebido, vários constam também nos levantamentos das missas de réquiem. Isso dá margem à interpretação de que existe aí uma rede de sociabilidade bem estabelecida e delimitada.

No ano de 1912 é publicada a notícia de que o casal teve um filho chamado Jean[374],em 30 de agosto de 1929, nasce Collete[375]. Em 1920, no *Annuaire des châteaux et des départements : 40.000 noms & adresses de l'aristocratie, du high life, de la colonie étrangère, du monde politique, de la magistrature, de l'armée, du clergé, des sciences, lettres et beaux-arts, de tous les propriétaires des châteaux de France, etc.*[376], aparece o nome do casal ligado ao endereço de um *chateaux* na Champs Elysées, número 114. Isso indica que Olga, embora não tendo casado-se com um membro de família nobilitada, conseguiu, ao longo dos anos, manter o status de nascimento: "No século XIX a casa é assunto da família, o lugar de sua existência, seu ponto de encontro. Encarna a ambição do casal e a figura de seu sucesso. Estabelecer um lar é residir em uma casa"[377].

A primeira notícia do casal, no *Annuaire des châteaux et des départements* data de 1920, isto é, após o falecimento do conde que morre em Paris em outubro de 1917. Portanto cabe conjecturar que o imóvel poderia ser fruto da herança da Sra. Georges de Marande (Olga).

---

[373] MARTIN-FUGIER, Anne. Op. Cit., p. 224.
[374] *Le Gaulois*, 29/12/1912, p. 2.
[375] *Cœmedia*, 30/08/1929, p. 3.
[376] "Anuário dos castelos e departamentos: 40 mil nomes e endereços da aristocracia, do high life, da colônia estrangeira, do mundo político, da magistratura, do exército, do clero, das ciências, letras e belas-artes, de todos os proprietários de castelos da França.
[377] PERROT, Michelle. Maneiras de morar. In: PERROT, Michelle (org). *História da vida privada, 4*: Da Revolução francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia da Letras, 2009. P. 286.

Com a guerra o panorama familiar se reconfigura, embora não tenha sido pesquisado exclusivamente sobre Olga e Georges, na mesma notícia de *Le Gaulois,* de outubro de 1917 sobre o falecimento do conde, consta uma referência ao casal, na qual dizia-se que Olga estava trabalhando em um hospital para feridos e que Georges encontrava-se mobilizado. Era comum no período de guerra e nos anos seguintes as mulheres trabalharem em obras de caridade em prol dos desafortunados de guerra. Há muitas notícias que ligam sobretudo mulheres da alta sociedade envolvidas em hospitais, casas de auxílio, trabalhos voluntários etc.

Nesse mesmo ano, poucos meses antes da morte do conde de Araguaya, morre a irmã de Georges, a condessa de La Rupelle, em junho de 1917[378].

Em relação à filha mais nova do conde, Odette, notícias exclusivas sobre ela só surgem no ano de 1924 e 1925, quando consta que ela estaria participando de campeonatos de tênis. As duas notícias relativas a tais campeonatos foram, ambas, do mês de setembro de cada ano. O campeonato que Odette participa, parece mudar de categoria de um ano para o outro. Em 1924 ela consta no *championnat simple de dames* e em 1925 no *handicap double mixte*[379].

Quanto as notícias relacionadas ao deslocamento geográfico da família, mais precisamente do conde e/ou da condessa, elas fornecem o destino, localização ou chegada do casal em determinadas cidades. Segundo Bernard, para o leitor de *Le Figaro*, ou seja, para a audiência dessa camada da sociedade, as colunas do noticiário onde consta quais são os notabilitados que se encontram em Paris no momento, diz muito para a sociedade da época, uma vez que é necessário figurar nas colunas quando a temporada parisiense está aberta e de se deslocar para os locais "badalados" quando é a época das estadias fora de Paris. Notas do tipo "conde chega em Paris"[380], ou "condessa em Fontainebleau"[381], são recorrentes.

É possível estabelecer algumas hipóteses acerca dos hábito familiares dos nobilitados, que dialogam com um estilo de vida próprio do grupo estudado. As informações relativas aos deslocamentos, seja do conde ou condessa, em ordem cronológica são:

[378] *Le Gaulois*, 20/06/1917, p. 2.
[379] *Le Figaro,* 11/09/1924, p. 4 e *Le Figaro,* 01/09/1925, p. 4.
[380] *Le Gaulois*, 26/02/1890, p. 4.
[381] *Le Figaro,* 29/06/1917, p. 4.

Quadro 6
Viagens do conde e/ou condessa

DIA	MÊS	ANO	FAMILIAR	PARTIDA	CHEGADA	DURAÇÃO
3	1	1890	CONDE	NICE		
26	2	1890	CONDE		PARIS	
19	7	1890	CONDE	FONTAINEBLEAU		
16	2	1891	CONDE	NICE		
24	6	1896	CONDE	SPA		3 MESES E MEIO
3	10	1896	CONDE		PARIS	
21	6	1897	CONDE	HOULGATE		
3	7	1898	CONDE	BEUZEVAL-HOULGATE		
12	2	1898	CONDE	MONTE CARLO		
28	4	1899	CONDE		PARIS	
19	7	1899	CONDE	BEUZEVAL-HOULGATE		2 MESES E MEIO
30	9	1899	CONDE		PARIS	
5	8	1900	CONDE	BURGENSTOCK		
29	8	1900	CONDE	LUCERNE		
5	7	1901	CONDE	BEUZEVAL-HOULGATE		
3	7	1904	CONDE	HOULGATE		3 MESES
7	10	1904	CONDE		PARIS	
22	7	1908	CONDESSA	KISSINGEN		
14	9	1911	CONDESSA	VICHY		
5	10	1911	CONDE		PARIS	
5	4	1912	CONDESSA	LOURDES		
28	8	1912	CONDESSA	HOMBURG		
1	8	1914	CONDESSA	VILLIERS-SUR-MER		4 MESES E MEIO
14	12	1914	CONDESSA		PARIS	
22	6	1915	CONDESSA	FONTAINEBLEAU		4 MESES
22	10	1915	CONDESSA		PARIS	
6	7	1916		FONTAINEBLEAU		3 MESES
12	10	1916			PARIS	
29	6	1917	CONDE	FONTAINEBLEAU		3 MESES E MEIO
7	10	1917	CONDESSA		PARIS	
3	9	1930	CONDESSA	HOSPEDADA NO SPLENDIDE		

Fonte: Elaborado pela própria autora

Foi colocado em destaque alguns pares de datas que acredita-se dialogam entre si, como sendo um mesmo evento, ou seja, a ida e volta de uma mesma viagem. Nesse caso seriam as "férias" do casal, com duração entre dois e quatro meses. Conforme aponta Bernard:

> le calendrier mondain est en effet organisé en trois saisons majeures : de février à juin a lieu la saison parisienne, la plus active du point de vue de la sociabilité mondaine ; puis vient l'été, de juillet à septembre, propice aux voyages ou aux séjours dans les stations balnéaires à la mode ; enfin, l'automne, de septembre à la fin décembre, est le moment du retour à la propriété familiale, période durant laquelle on chasse et où on fréquente ses voisins, également châtelains de province. La saison parisienne est donc courte, mais intense[382].

As datas de partida concentram-se entre a segunda metade de junho e o início de julho (algumas em agosto), e o retorno concentra-se, sobretudo, em outubro, o que seria a estação de veraneio, propícia às viagens, ou estadias, nas estações balneárias na moda. Inclusive os destinos do casal Araguaya também correspondem aos apontamentos de Bernard, uma vez que Belzeval-Houlgate, destino escolhido pelo casal durante os anos que vão de 1897 à 1901(com excessao do ano de 1900, no qual o casal parte tendo como destino a Suiça), depois 1904 e 1914, era um destino em voga:

> Lendo-se os números de verão das revistas de moda, vêm-se a importância da migração: cada uma delas tem sua crônica da vida mundana nas "estações de águas". Essa expressão por vezes designa tanto os balneários quanto as estações termais: "as águas são para o verão o que os salões são para o inverso", escreve *Le Jounal des Dames* (05/06/1846)[383].

Belzeval-Hougate, localiza-se no norte da França e, embora sua história remonte ao século XI, foi no século XIX, com a moda dos banhos de mar, que sua fama como estação balneária surgiu. Turistas de Caen e em seguida de Paris começaram a frequentar a cidade durante as férias. "*Dès 1850 le petit village de Beuzeval vit son quotidien bouleversé quando les premiers "étrangers" (nom que les autochtones donnaient aux visiteurs), vinrent profiter de la mer. Le village s'adapta à cette nouvelle activité*"[384]. Em 1859 foi construído o primeiro grande hotel da cidade, o *Grand Hôtel* com 120 quartos luxuosos e com domésticos privados. Em seguida foi construído o primeiro cassino da cidade, face ao hotel.

---

[382] BERNARD, Alice. Op. Cit., p. 129-144. "O calendário mundano é, de fato, organizado em três temporadas principais: de fevereiro à junho tem lugar a temporada parisiense, a mais atrativa do ponto de vida da sociabilidade mundana; depois vem o verão de julho à setembro, propício às viagens e às temporadas nas estações balneárias da moda; enfim o outono, de setembro ao fim de dezembro, é normalmente o momento de rotornar à propriedade familiar, período durante o qual se caça e visita seus vizinhos, igualmente proprietários da província. A temporada parisiense é, portanto, curta, mas intensa".

[383] MARTIN-FUGIER, Anne. Op. Cit., p. 211.

[384] "Desde 1850 a pequena vila de Beuzeval vira seu cotidiano mudado quando os primeiros estrangeiros (nome que os nativos davam aos visitantes), vieram aproveitar do mar. A vila se adaptou a esta nova atividade". Informação tirada do site de turismo da cidade de Houlgate.

A ferrovia chegou à Houlgate em 1882, com ligações ainda bem restritas e, em 1884, foi expandida até Villiers-sur-Mer (local onde a condessa esteve em 1914, com um deslocamento temporal semelhante aos anteriores), que a ligava até Paris, durando em média quatro horas o deslocamento total entre as estaçoes de Paris e Houlgate:

> Os mais ricos também podem usar trens de luxo diários, como o que liga Paris a Trouville entre 15 de julho e 30 de setembro de 1904: formado por vagões-salão, oferece lugar apensar para a primeira classe com uma tarifa suplementar. A viagem de ida e volta sai por mais de cinquenta francos, ou seja, vinte dias de trabalho de um operário[385].

Sem dúvida os que estavam em Paris viajavam com mais assiduidade do que os habitantes do interior. Este pequeno relato ajuda a dimensionar esse deslocamento de veraneio, pois a praia de Trouville, na costa da Normandia, que entrou na moda no final da "Monarquia de Julho", situa-se a aproximadamente 20 quilometros de Houlgate.

Nesse mesmo período assistiu-se a uma acelerada urbanização com a instalação de *villas*, abertura de comércios, de escolas e de hotéis, por vezes mais, por vezes, menos luxuosos, afim de acolher os visitantes. Muitos dentre os quais preferiam contruir suas próprias residências de veraneio. A cidade tornou-se referência balneária graças aos proprietários:

> qui rivalisent d'ingéniosité pour embellier leurs maisons [...]. Mais il n'y a pas de belles villas sans beaux jardins! Les jardins sont très importants dans l'art de vivre sa villégiature: certains jardins sont réalises pour que le propriétaire fasse société, ainsi les allées sont dessinées de sorte que le propriétaire soit vu durant ses promenades.[386]

Isso justifica a escolha da cidade por parte da família, dado o local encaixar-se perfeitamente aos requisitos que o faz "*propice aux voyages ou aux séjours dans les stations balnéaires à la mode*"[387].

Outro indício da importância do balneário para as famílias que desejam continuar no circuito do "Grande Mundo" fora de Paris é a notícia do *Le Journal,* de 1904 que diz que a *Saison d'Houlgate*, graças ao bom tempo, se anuncia brilhante, relatando em seguida as famílias que já encontravam-se, que já haviam chegado à região:

> La Saison de Hougate, grâce au beau temps, s'annonce très brillante. Sont déjà arrivées, les familles: comtesse de Moy, Mme. de Klee, comte d'Araguaya, M. Ward, Mme. Roblot, Dr. Bobier, col. Dincher, Mme. Chérif-Bey, Mme. Gray-Dinsmore, M. Le Gay, M. de St-Chaffray, baron d'Ornellas, M. Glandaz, baron

[385] MARTIN-FUGIER, Anne. Op. Cit., p. 212.

[386] "que rivalizam e engenhosidades para embelezar suas casas [...]. Mas não há belas casas sem belos jardins! Os jardins são muito importantes na arte de viver da comunidade: certos jardins são realizados de forma que o proprietário se socialize, as vias são desenhadas de modo que o proprietário seja visto durante seus passeios". Informação tirada do site de turismo da cidade de Houlgate.

[387] BERNARD, Alice. Op. Cit., p. 129-144. "propício às viagens ou às estadias nas estações balneárias da moda".

Moourre, M. Lindenbaum, M. du Chayba, Dr. Morado, M. de Biedermann, Dr. Desplats, Dr. Dutil, etc[388].

[388] *Le Journal*, 03/07/1904, p. 5. "Deslocamentos. A estação de Houlgate, graças ao bom tempo, anuncia-se muito brilhante. Já chegaram as famílias: condessa de Moy, Sra. de Klee, conde Araguaya, Sr. Ward, Sra. Roblot, Dr. Bobier, coronel Dincher, Sra. Chérif-Bey, Sra. Grey-Dinsmore, Sr. Le Gay, Sr. de St-Chaffray, barão de Ornellas, Sr. Glandaz, barão Mourre, senhor, Lindenbaum, Sr. du Chayba, Dr. Morado, Sr. Biedermann, Dr. Desplats, Dr. Dutill, etc".

Figura 13
Localização de Houlgate

Fonte: Google Maps

O segundo lugar que destaca-se entre as destinações dos condes, seria Fontainebleau, que o casal frequenta durante os anos de 1915, 1916 e 1917. As informações encontradas em relação a Fontainebleu se relacionam exclusivamente ao castelo e à floresta, como locais que justificam a alta demanda para passar as temporadas mundanas.

No entanto, o castelo é muito antigo e possui uma fama que o precede, tendo servido para vários reis que deixaram nele suas marcas, tanto arquitetônicas quanto históricas. A maioria dos reis, que tinha em Paris o centro do poder, refugiavam-se em Fontainebleu como segunda residência. Além disso, o castelo está próximo a uma vasta floresta que fazia com que a região fosse muito famosa pela caça e o castelo fosse muito requisitado pelas disnastias francesas justamente por esse motivo.

Emboa date do final do século XIX, a organização das atividades de lazer, como o *Touring Club de France* (1890), o *Guide Michelin* (1900) e os órgãos de turismo[389], já no ano de 1839 surge o primeiro guia do viajante na floresta de Fontainebleau e, em 1844, surgem outros três guias que são uma mistura de informações culturais, geográficas e notas práticas. Estes contituem de fato os primeiros "guias turísticos" da região.

Figura 14
Guia do viajante de Fontainebleau de 1840

GUIDE DU VOYAGEUR

DANS

LE PALAIS ET LA FORÊT

DE

FONTAINEBLEAU,

OU

HISTOIRE ET DESCRIPTION ABRÉGÉES

DE CES LIEUX REMARQUABLES ET PITTORESQUES.

AVEC CARTES TOPOGRAPHIQUES.

PAR F. DENECOURT.

PRIX : 2 F. 50 C.

FONTAINEBLEAU,

CHEZ L'AUTEUR, RUE DE FRANCE, 49.

F. LHUILLIER, SUCCESSEUR DE S. PETIT, LIBRAIRE,

MÊME RUE, N° 11.

1840

Fonte: Gallica.bnf.fr

[389] MARTIN-FUGIER, Anne. Op. Cit., p. 213.

Além disso, a floresta ficou conhecida por ser frequentada pelos artistas da escola de Barbizon[390], o que fez com que o guia de viagem, já em sua quinta edição, fosse dedicado também a esse público, tendo o seguinte título *Guide du voyageur et de l'artiste à Fontainebleau*[391] cheio de informações sobre os lugares da floresta onde podiam ser encontrados artistas com seus cavaletes.

As propagandas acerca de Fontainebleau, enquanto um pólo de atração turística e de temporada, continuam ao longo de toda a segunda metade do século XIX. Sem dúvida toda essa movimentação ajuda a entender e, a justificar, a escolha da família Araguaya pelo destino. Pierre-Pascal Perraud[392] diz que "*durant le Second Empire, le chemin de fer réanime l'industrie du bois et le tourisme se développe en forêt de Fontainebleau*"[393]. E o encarte publicitário de 1891 reforça essa idéia, dando continuidade a ela, ressaltando a proximidade e facilidade de acesso entre Paris e Fontainebleau, os pontos turísticos e as atividades possíveis de serem realizadas pelos visitantes. Percebe-se no panfleto a importância tanto do castelo quanto da floresta.

Figura 15
Propaganda "turística" de Fontainebleau de 1891

Fonte: Gallica.bnf.fr

[390] Designa os pintores paisagistas ao redor da cidade de Barbizon, nos limites da floresta, entre 1825 e 1875.
[391] "guia do viajante e do artiste em Fontainebleau".
[392] Conferência proferida por Pierre-Pascal Perraud, técnico florestal responsável pelas informações do Escritório Nacional de Florestas, em 16 de janeiro de 2007 no auditório dos Arquivos departamentais de Seine-et-Marne. Disponível em: http://archives.seine-et-marne.fr/revolution-techniques-forestieres.
[393] "durante o Segundo Império, a linha férrea reanima a indústria da madeira e o turismo se desenvolve na floresta de Fontainebleau".

No ano de 1910, o destino da família é a Suíça. A cidade de Lucerne era um local turístico desde o final dos anos de 1830, mas o setor hoteleiro desenvolveu-se somente nos anos de 1860 com a abertura das linhas ferroviárias. A região se especializou no turismo receptivo criando diversas atrações para seu publico internacional, como o cassino (1882), regatas no lago dos *Quatre-Cantons* (1884), festas noturnas no lago (1885), concursos hípicos (1898), concursos de tennis e golfe (1901/1902), todas as modalidades visando um turismo de qualidade, de luxo[394].

Já Bürgenstock, que faz parte da cidade de Lucerne, teve seu *Grand Hôtel*, construído entre 1872 e 1873, por Franz Josef Bucher. Bürgenstock é uma conhecida estação turística, que consiste em um conjunto de montanhas circundado pelo lago *Quatre-Cantons*, tendo sido uma estação de férias mundialmente célebre entre 1873 e a primeira guerra mundial[395].

Figura 16
Propaganda "turística" de Lucerne de 1854

Fonte: Dicionário Histórico Suiço

Portanto, os locais e períodos escolhidos pela família para passar suas temporadas fora de Paris, dialogam diretamente com as observações dos costumes aristocráticos feitas por Bernard e

[394] SCHNEIDER, Peter. *Lucerne,* in Dictionnaire historique de la Suisse (DHS), version du 17.2.2006.
[395] ACHERMANN, Hansjakob. *Bürgenstock*, in Dictionnaire historique de la Suisse (DHS), Fev, 2006.

com a dinâmica turística do período, uma vez que todos os destinos estavam em voga e faziam parte dos pontos turísticos da virada do século.

As escolhas que não demonstram aleatoriedade no contexto turístico, como são as da família Araguaya, podem ser entendidas quando percebe-se que as "práticas de lazer podiam ser oportunidades para a ostentação do luxo, da riqueza e de um determinado lugar social, reforçando as hierarquias" [396], pois cada grupo se divertia à sua maneira, de acordo com códigos culturais específicos, utilizando os momentos de lazer para evidenciarem, reafirmarem suas escolhas, suas preferencias e visões de mundo.

Quanto a agitada temporada parisiense, os condes figuram nela a partir do ano de 1891 e continuam a aparecer nas colunas ao longo de quase todos os anos em que mantiveram residência em Paris (salvo nos anos de 1901, 1905, 1910, 1912, sendo o último ano em que aparecem o de 1913). Como bem coloca Bernard, morar em um belo *quartier* de Paris era, sem dúvida, um símbolo forte de pertencimento à um grupo social que pela sua superioridade servia como modelo à outros. No entanto, Paris funcionava como uma cena na qual se encenava três atos da dominação social a saber: distinguir-se dos outros; estar em evidência (fazer-se assunto); impor-se como modelo. E nesta relação de poder social o *Le Figaro* tinha um papel central, uma vez que possuía colunas dedicadas exclusivamente ao Grande Mundo parisiense[397]. Continuando suas reflexões, Bernard conclui que:

> Le rôle de la presse mondaine pour la survie d'une image positive de ces élites auprès du public est donc fondamental. Il est difficile de savoir comment fonctionnait réellement la colonne mondaine *du Figaro* [...]. *Le Figaro* ne transmet que ce que le Grand Monde désire qu'on sache de lui. N'étaient signalés que les gens qui ne voyaient pas d'inconvénient à l'être, mais aussi et surtout, ceux qui pouvaient y prétendre, ce qui limite par conséquent la liste des mondains à quelques grandes familles[398].

Embora isso possa parecer uma limitação quanto as informações fornecidas pela fonte analisada, por outro lado, esse mesmo elemento já aponta dados que conduzem a interpretações relativas ao objeto em análise, ou seja, a família Araguaya. Como visto, a residência dos condes era muito bem localizada em relação a aristocracia francesa e a temporada fora de Paris coloca em evidência o hábito familiar em consoância com o do Grande Mundo, cabe agora analisar as práticas da família durante a temporada parisiense.

---

[396] MARZANO, Andrea. MELO, Victor Andrade de. *Vida divertida*: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). P. 13. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. P. 12.

[397] BERNARD, Alice. Op. Cit., p. 129-144.

[398] Ibidem. "O papel das mídias mundanas para a sobrevivência de uma imagem positiva dessas elites com o público é, portanto, fundamental. É difícil saber como a coluna mundana do *Le Figaro* funcionava [...]. O *Le Figaro* transmite apenas o que o Grande Mundo quer que conheça-se sobre ele. Somente aqueles que não viam nenhuma objeção em ser quem eram e, sobretudo, aqueles que podiam e pretendiam ser, eram mencionados, limitando assim a lista de mundanos a algumas famílias numerosas."

Durante os anos em que os condes estiveram figurando nas colunas de periódicos como o *Le Figaro*, o *Gil Blas* e o *Le Gaulois*, notícias de suas presenças junto à eventos da Família Imperial eram frequentes. O conde e a condessa d'Eu tanto ofereciam recepções, *matinées* musicais, quanto, *Garden-party* e chás. Além disso, o conde e condessa d'Eu também compareceram a alguns dos bailes oferecidos pela condessa de Araguaya. Além dessas notícias indicarem que as famílias se frequentavam uma à outra, o hábito dos saraus e visitas,

> valorizava as anfitriãs, que deviam tocar piano, recitar poemas – depreferência em francês – e comentar as novidades dos teatros e da literatura. Mulheres das elites transformavam-se, assim, em capitais políticos importantes dos maridos, ostentando o conforto burguês da família e tecendo laços de solidariedade[399].

Tais práticas de lazer com certeza não eram novidades. O lazer no século XIX brasileiro já havia ganhado ares refinados do além-mar e mesmo na Tijuca ou no Jardim Botânico, se realizava piqueniques. No Rio de Janeiro o hábito de ir a *lunch* nas casas de chá estava em voga[400]. Portanto, entende-se que esta sociabilidade já era uma prática natural para o grupo referido.

A condessa mostrou-se bastante ativa no ano de 1907, tendo promovido vários *bals blancs*[401] para os jovens no Washington Palace[402].

> Os "bailes brancos" são organizados exclusivamente para as moças e os rapazes casadouros – "brancos" porque as moças, que estão debutando nesse momento, se vestem inteiramente de branco, símbolo de inocência e virgindade. As mães estão presentes para garantir o bom funcionamento geral, avaliar os dotes e comparar os partidos presentes[403].

Além disso há a informação no ano de 1908 de que o conde e a condessa receberiam em sua casa aos domingos[404].

Embora tais eventos não contem com uma descrição em suas notícias, pode-se, através de um paralelo, imaginar como se desenrolavam as festas familiares que juntavam homens e mulheres, como descreve Mary del Priore, referindo-se às quadrilhas que aconteciam nos anos da Corte no Brasil:

> [...] as quadrilhas começavam as 9 da noite e o último "galope" era tarde. Às 3 da madrugada. Sras. revezavam-se ao piano, móvel aristocrático francês e inglês, importado em massa, a partir de 1850, cujos acordes serviam para impressionar o sexo oposto. A partir da mesma década, por influência francesa, surgem as *soirées*.

---

399 MARZANO, Andrea. A magia dos palcos: o teatro no Rio de Janeiro. In DE PRIORE, Mary. Em casa, fazendo graça: domesticidade, família e lazer entre a Colônia e o Império. In: MARZANO, Andrea, MELO, Victor Andrade de. Op. Cit., p. 107.

400 TERRA, Carlos Gonçalves, O prazer no jardim. In: MARZANO, Andrea, MELO, Victor Andrade de. Op. Cit., p. 12.

401 Bailes de primavera com ambiente dansante.

402 *Le Gaulois,* 08/05/1907, p. 2; *Les Modes*, 06/1907, p. 4; *Le Figaro,* 17/05/1907, p. 2 e 22/05/1907, p. 2.

403 MARTIN-FUGIER, Anne. Op. Cit., p. 218.

404 *Paris-mondain: annuaire du grand monde parisien et de la colonie etrangere,* 1908, p. 462.

> Aí se multiplicavam as pianistas, as *diseuses de poêmes*, os recitais de canto, na maior parte das vezes para exibir a menina casadoira[405].

Cumprindo o protocolo francês, no qual o hábito era o de que a jovem se casesse no ano em que fosse apresentada à sociedade, no ano seguinte, de 1908, a filha do casal, Olga, casou-se. Isso indica que toda a projeção da condessa no ano de 1907 de fato foi para propiciar um ambiente favorável a obtenção de um noivo para Olga, promovendo a Srta. Araguaya no meio do Grande Mundo através de suas próprias recepções e bailes.

A partir de 1899 o nome do conde aparece no *Annuaire des grands cercles*[406], que contemplava os *Cercle de l'Union, Jockey-Club, Cercle agricole, Cercle de la rue Royale, Cercle des chemins de fer, Cercle de l'Union artistique, Sporting-Club*[407] editado pelo barão de Tully. O nome do conde constava, mais precisamente no Círculo da União Artística, entre os anos de 1899 e 1914, salvo os anos de 1907, 1911, 1912 e 1913 que não encontramos registros. No anuário constava o endereço do conde como sendo no boulevard Haussmann, conforme confirmado por outras notícias.

Em estudo de 2011 sobre os círculos aristocráticos na França burguesa dos anos de 1880 à 1939, Alice Bravard destaca que:

> pendant cette période, la fréquentation de certains cercles de la capitale semble davantage constituer un habitus distinctif, réservé à une élite prestigieuse, restreinte par un critère de naissance, qu'un loisir bourgeois destiné à satisfaire la curiosité de notabilités professionnalisées. En réalité, le cercle apparaît comme l'un des hauts lieux d'une sociabilité proprement aristocratique, qui, loin de décliner, connaît un véritable renouveau dans la société française jusque dans l'entre-deux-guerres[408].

Com isso a autora busca desmistificar uma das principais referências sobre o assunto que são as reflexões de Maurice Agulhon[409], nas quais Agulhon defende que os modos de sociabilidade aristocráticos - como os salões, e a emergência de novas práticas resultantes de uma cultura comum, liberal e igualitária, como as dos círculos, que se multiplicavam e diversificavam no território francês[410] - teriam contribuído para o aburguesamento da sociedade francesa durante a Monarquia

---

[405] DE PRIORE, Mary. Em casa, fazendo graça: domesticidade, família e lazer entre a Colônia e o Império. In: MARZANO, Andrea, MELO, Victor Andrade de. Op. Cit., p. 33.

[406] "Anuário dos grandes círculos".

[407] "Círculo da União, Jockey Clube, Círculo Agrícola, Círculo da rua Royale; Círculo das ferrovias; Círculo da União Artística, Sport Clube".

[408] BRAVARD, Alice. Le cercle aristocratique dans la France bourgeoise 1880-1939. *Histoire, économie et société.* 2011. P. 85-99. P. 85. "durante esse período, frequentar certos círculos na capital parece mais constituir um habitus distinto, reservado para uma elite de prestígio, restringido por um critério de nascimento, do que um lazer burguês destinado a satisfazer a curiosidade dos notáveis profissionalizados. Na realidade, o círculo aparece como um dos lugares privilegiados de uma sociabilidade propriamente aristocrática, que, longe de declinar, está experimentando um verdadeiro avivamento na sociedade francesa, até o período de entreguerras".

[409] AGULHON, Maurice. Le cercle dans la France bourgeoise 1810-1848: Etude d'une mutation de sociabilité. *Cahiers des Annales,* n. 36. Paris: Armand Colin, 1977.

[410] Segundo Bravard (2011), ao longo do século XIX, o número de círculos fundados passou de 21 em 1860 à 73 em 1885, estabilizando-se em torno de 40 na década de 1910.

de Julho.

Coadunando com suas pesquisas, Bravard aponta os levantamentos de Éric Mension-Rigau que também indicam que a origem da fundação dos círculos mais prestigiosos da capital estava na nobreza e que seu meio constituía o principal terreno de recrutamento de novos membros até o início do século XX[411].

Percebemos que o "recrutamento" do conde no Circulo da União Artistica, deu-se de forma gradativa, provavelmente atendendo aos critérios normais de "seleção". A primeira notícia que teve-se foi a do conde sendo apresentado, como membro temporário do círculo, pelo marquês de Persan, seu cunhado, e pelo barão de Albuquerque, em 11/03/1897[412], já em 29/04 do mesmo ano o conde foi aceito como membro permanente[413], no entanto só constou nos registros do *Annuaire des grands cercles*, em 1899[414], como apresentado anteriormente.

O Círculo da União Artística fora fundado em 1860, com o objetivo de colocar em contato os artistas e as pessoas do mundo. A regra permitia a entrada de "qualquer homem nascido em um meio mais modesto, que fosse recomendado por um alguém de alta reputação e apoiado por gostos elevados"[415]. Vale ressaltar que o Círculo da União Artística aglomerava 9% das cotizações de "nobreza antiga", 8,3% de "nobreza do século XIX" e 18% de "nobres estrangeiros", dentre os círculos analisados por Bravard, o da União Artística era o que continha maior adesão de membros da elite estrangeira e também da elite burguesa (*haute bourgeoisie*)[416].

Apenas no ano de 1909, ou seja, dez anos depois de tornar-se membro permanente, foi que o conde apresentou alguém como membro ao círculo. O periódico *Gil Blas*, em nota do dia 26/02, noticia que o conde e o Sr. Delaville-le-Roux, apresentaram o Sr. Antônio Roxoroiz a título de membro temporário ao Círculo[417] e em 07/05 do mesmo ano também o *Gil Blas* foi o responsável pela notícia de que o Sr. Roxoroiz foi admitido como membro permanente[418].

Os estudos de Bravard (2011), demonstraram que 75% dos indivíduos que faziam parte de algum dos círculos noticiados podiam ser ligados a nobreza francesa e estrangeira, contra 15% ligados à "falsa nobreza" e somente 10% ligados à burguesia intermediária promovida. Embora o Círculo da União Artística não fosse um círculo tão fechado quanto o *Jockey* Club, por exemplo, pode-se considerar que a adesão do conde consiste em mais um apontamento quanto ao lugar de prestígio social ocupado pela família, em consoância com a própria aristocracia francesa. Segundo Bravard:

---

411 BRAVARD, Alice. Op. Cit., p. 86.
412 *Le Figaro*, 11/03/1897, p. 2.
413 *Le Figaro*, 29/04/1897, p. 2.
414 *Annuaire des grands cercles*, em 1899, p. 203.
415 BRAVARD, Alice. Op. Cit., p. 88.
416 Ibidem, p. 89.
417 *Gil Blas*, 26/02/1899, p. NP.
418 *Gil Blas*, 07/05/1909, p. NP.

> l'adhésion à ces lieux de sociabilité constitue le signe d'une supériorité sociale, définie par un critère de naissance. Loin d'apparaître comme des espaces d'échanges et d'ouverture, ces établissements fonctionnent plutôt comme les conservatoires d'une "culture d'ordre", en tous points opposée à la "civilisation bourgeoise"[419].

A coluna *Cercles* de *Le Figaro* foi a responsável por disseminar as informações quanto à esse meio de sociabilidade do grande mundo. Ela especificava as admissões, as reuniões e as atividades que estavam sendo desenvolvidas:

> *CERCLES* – Reçus, hier, comme membres permanents au Cercle de l'Union artistique : M. Antonio Roxoroiz, déjà temporaire, présenté par M. J. de La Ville Le Roulx et le comte d'Araguaya ; - M. Marc Pasteur, présenté par MM. Edouard et Charles Pasteur ; M. Ernest Bonneau, agent de change, présenté par M. Charles Zieger et le comte Hallez-Claparede. Une matinée musicale sera donnée dans ce cercle le jeudi 13 mai, à quatre heures et demie. Chaque membre a droit à une seule invitation pour une dame de sa famille (mère, femme, fille ou sœur). Ces cartes, nominatives et rigoureusement personnelles, seront délivrées sur la demande de chaque membre du cercle. Ces demandes seront reçues eu secrétariat jusqu'au lundi 10 mai, et les cartes seront delivrées le jour suivant. Le vendredi 14 mai, à neuf heures et demi, le même programme sera exécuté par messieurs les membres du cercle[420].

Esse é um exemplo das notícias que circulavam nessa coluna. Ela relaciona a ação do conde junto ao Círculo, apresentando um novo membro ao mesmo. A notícia possuía, no mesmo corpo, menção a uma *matinée* musical que seria dada no Círculo, numa quinta-feira às dezesseis horas e trinta minutos, na qual os membros do Círculo teriam direito a um só convite, para uma das damas de sua família, seja mãe, esposa, filha ou irmã. Explicava ainda quais os procedimentos que deverim ser tomados pelos membros caso quisessem participar do evento.

Além do Círculo da União Artística, no ano de 1907, a família Araguaya encontrava-se presente no *Cercle du Bois de Boulogne*, em ocasião da visita do rei Edouard VIII. No entanto não há menção quanto a serem ou não associados a este clube[421]. Ainda ligado a fatos desse tipo, no ano

---

[419] BRAVARD, Alice. Op. Cit., p. 87. a adesão a esses lugares de sociabilidade constitui o sinal de uma superioridade social, definida por um critério de nascimento. Longe de aparecer como espaços de troca e abertura, esses estabelecimentos funcionam como os conservatórios de uma "cultura da ordem", em todos os aspectos, contra a "civilização burguesa".”

[420] *Le Figaro*, 06/05/1909, p. 2. “Círculos – Recebidos ontem, como membros permanents no Círculo da União Artística: Sr. Antonio Roxoroiz, já temporário, apresentado pelo Sr.e J. de La Ville Le Rouix e pelo conde Araguaya; - Sr. Marc Pastour, apresentado pelos Sr.es Edouard e Charles Pasteur; Sr. Ernest Bonneau, corretor de ações, apresentado pelo Sr. Ziéger e pelo conde Hallez-Claparede. Uma manhá musical será dada nesse círculo quinta-feira, 13 de maio, às quatro horas. Cada membro tem o direito a um só convite para uma dama de sua família (mãe, esposa, flha ou irmã). Os cartões, nominativos e rigorosamente pessoais, serão entregues sob pedido de cada membro do círculo. Os pedidos serão recebidos no secretariado até segunda-feira, 10 de maio, e os cartões serão entregues no dia seguinte. Sexta-feira, 14 de maio, às nove horas trinta minutos, o mesmo programa será executado pelos Srs. do mesmo círculo”.

[421] *Le Figaro,* 08/02/1907, p. 3.

de 1912, o conde constava, na parte *amateurs-collectionneurs*, do *Annuaire de la curiositè et des beaux-arts*[422].

De acordo com os dados levantados outra face social importante que dava tom ao cotidiano familiar eram as atividades religiosas, dentre elas estavam os batizados, os casamentos, as exéquias e os réquiens.

Entre 1896 e 1929, foram noticiados mais de 50 eventos ligados à celebrações de falecimento, fossem missas de réquiem, fossem missas de exéquias, em que a família Araguaya estivera presente (um de seus membros pelo menos), quase todas noticiadas pelo *Le Figaro*. Dentre essas, durante vários anos os condes participaram das celebrações ligadas à Família Imperial, neste caso, notadamente das missas em memória do Imperador ou da Imperatriz:

Quadro 7
Presença dos condes nas missas de réquiem da Família Real

DIA	MES	ANO	EVENTO
6	12	1896	REQUIEM DO IMPERADOR
6	1	1897	REQUIEM DA IMPERATRIZ
6	1	1898	REQUIEM DA IMPERATRIZ
6	12	1898	REQUIEM DO IMPERADOR
6	1	1899	REQUIEM DA IMPERATRIZ
6	12	1899	REQUIEM DO IMPERADOR
6	1	1900	REQUIEM DA IMPERATRIZ
6	12	1900	REQUIEM DO IMPERADOR
6	12	1901	REQUIEM DO IMPERADOR
5	1	1902	REQUIEM DA IMPERATRIZ
6	12	1903	REQUIEM DO IMPERADOR
6	1	1904	REQUIEM DA IMPERATRIZ
6	12	1905	REQUIEM DO IMPERADOR
29	12	1905	REQUIEM DA IMPERATRIZ
6	12	1906	REQUIEM DO IMPERADOR
29	12	1906	REQUIEM DA IMPERATRIZ
6	12	1907	REQUIEM DO IMPERADOR
29	12	1907	REQUIEM DA IMPERATRIZ
5	12	1909	REQUIEM DO IMPERADOR
6	12	1910	REQUIEM DO IMPERADOR
29	12	1910	REQUIEM DA IMPERATRIZ
29	12	1911	REQUIEM DA IMPERATRIZ
6	12	1912	REQUIEM DO IMPERADOR
29	12	1912	REQUIEM DA IMPERATRIZ
6	12	1913	REQUIEM DO IMPERADOR
30	12	1913	REQUIEM DA IMPERATRIZ

Fonte: Elaborado pela própria autora

[422] "amadores-colecionadores, do anuário da curiosidade e das belas artes".

Salvo o ano de 1908, fosse o conde ou a condessa, fosse na missa de réquiem do Imperador ou da Imperatriz, em todos os outros anos, de 1896 até 1913, um dos dois estiveram presente na celebração. Interessante observar que a partir do ano de 1904 as celebrações de réquiem da Imperatriz passaram a ser celebradas na última semana do ano, ao invés de ser na primeira, como era até então. No entanto, nenhuma informação foi encontrada que apontasse uma resposta para essa mudança.

Fora essas celebrações da Família Imperial que aparecem como eventos já fixos no calendário da família, outras exéquias pontuais nos quais a família esteve presente, também surgiram, como no caso das dos seguintes ilustres: conde da Penha, marechal aposentado do exército brasileiro, *chambellan* da condessa d'Eu[423]; duquesa de Grandmont, nascida Rotschild[424] ; Sra. Marcel Cocteau, nascida Crouan[425] ; Sra. Amelie Regis de Oliveira, viúva do ministro plenipotenciário do Brasil em Lisboa[426] ; Sra. O'Connor Martins, nascida Stella Cavalcanti de Albuquerque, filha do conde de Cavalcanti[427]; Sr. Edouard de Micault, antigo oficial da marinha, membro da Academia de Agricultura, antigo vice presidente da sociedade dos agricultores da França[428].

Além dos momentos ligados aos ritos funerários, outros eventos religiosos centrais na vida social da família foram os casamentos. A partir de 1901 o conde e a condessa participaram da cerimônia religiosa de diversos casamentos da alta sociedade, dentre eles estavam as uniões: do Sr. Hippolyte Alves de Araujo, secretário da Legação do Brasil na França, filho do antigo ministro de Estado do Brasil, com Amélia da Porciúncula, na Igreja de Saint Pierre de Chaillot[429]; da Srta. Marie de Barros, filha da condessa Monteiro de Barros, com o conde de Montbron, filho do conde e condessa de Montbron[430]; do Sr. Olyntho de Magalhães, antigo ministro dos negócios estrangeiros da Brasil, ministro na Suiça, com a Srta. Isabel da Porciúncula, na Igreja de Saint Pierre de Chaillot[431]; do Sr. Raul Régis de Oliveira, secretário da Legação do Brasil em Roma, filho do ministro do Brasil em Londres, com a Srta. Gina de Araújo Olinda (no qual o conde fora testemunha, junto com o Sr. Barros-Moreira) na Igreja de Saint Augustin[432]; do barão Segesser-Brunegg, primeiro secretário da delegação suíça em Paris, filho da baronesa Segesser-Brunegg, nascida condessa Crivelli, com a Srta. de Nioac, neta da condessa Monteiro de Barros e filha do

[423] *La Revue Mondaine*, 05/01/1902 e *Le Figaro*, 14/01/1902, p. 2.
[424] *Le Figaro*, 29/07/1905, p. 2.
[425] *Le Figaro*, 21/03/1909, p. 2.
[426] *Le Figaro*, 27/04/1916, p. 2 e *Le Gaulois,* 27/04/191, p. 3.
[427] *Le Figaro*, 06/05/1916, p. 2 e 07/05/1916, p. 2.
[428] *Le Figaro*, 30/12/1916, p. 2.
[429] *Le Figaro,* 31/10/1901, p. 2 e *Gil Blas,* 01/11/1901, NP.
[430] *Le Figaro,* 06/03/1903, p. 2 e *Le Gaulois,* 06/03/1903, p 3.
[431] *Le Figaro,* 30/12/1903, p. 2.
[432] *Le Figaro,* 13/11/1908, p. 2 e *La Revue Diplomatique,* 15/11/1908, p. 10.

conde e condessa de Nioac, na Igreja Saint Honore d'Eylau[433]; do Sr. Papeians de Morchonven, secretário da legação do rei dos belgas, com a Srta. J. Vieira Monteiro, na Igreja Saint-Philippe du Roule[434]; do capitão Evelyn Mercier, filho do general Mercier, Senador do Loire, com a Srta. Raymond Hallaure, na igreja Saint-Michel[435].

Interessante observar nessa relação as redes de sociabilidade da família. Tudo indica uma dinamicidade no contato e integração com as elites internacionais. Os casamentos parecem não mais seguir o padrão prevalecente no oitocentos, não há uniões consanguíneas e as famílias misturam-se, não necessariamente a camadas inferiores da sociedade, mas à famílias de diferentes origens nacionais, o que projeta as redes de sociabilidade da colônia ao contexto internacional. Essa estratégia seria sem dúvida uma forma de projeção social.

Além disso, outro ponto importante pode ser levantado ao analisarmos as datas das uniões e os postos ocupados pelos noivos, há uma outra assimilação acontecendo após a virada do século que é o entrelaçamento de antigas e tradicionais famílias monarquistas (aqui entendidas por possuírem títulos imperiais) com membros da nova conjectura política, ou seja, ministros e secretários das legações brasileira. Um estudo mais minucioso faria-se necessário para entender melhor a dinâmica associativa dessa nova geração pós República e os casamentos que deram-se entre as elites antigas e os novos membros do poder.

Um outro evento religioso em que o casal esteve presente, antes mesmo da chegada da Família Imperial à Europa, foi a missa de ação de graças em homenagem a D. Pedro II, quando o mesmo escapou do atentado no Brasil, no ano de 1889[436]. Além de mais esse caso ligado estritamente ao apreço à Família Imperial, outro foi a presença dos Araguaya no batizado da princesa Pia de Orleans e Bragaça, na capela privada dos condes d'Eu em 1913[437].

Além dos eventos religiosos, muitas notícias vinculadas à um caráter caritativo foram mencionadas. Em janeiro de 1915 o conde compôs uma comissão de iniciativa de caridade em favor dos aliados, junto com o dr. Mello Viana, com o dr. Paul de Rio Branco, com Lima Braga, com Joaquim Eulálio e com Gaston d'Argollo, com o objetivo de centralizar e redistribuir as doações de todas as naturezas vindas da colônia brasileira, destinadas aos doentes, feridos ou quaisquer vítimas francesas da guerra[438]. Nesse mesmo ano, de 1915, o conde fez parte, como vice-presidente, do conselho de direção eleito pela assembleia da Sociedade Brasileira de Benevolência, que se reuniu em dezembro nos salões do jornal *Le Bresil*[439].

---

[433] *Le Figaro,* 19/11/1909, p. 2.
[434] *Le Figaro,* 24/04/1912, p. 3.
[435] *Le Figaro,* 08/12/1911, p. 2; *Le Gaulois*, 08/12/1911, p. 3.
[436] *Le Figaro,* 26/07/1889, p. 1.
[437] *Le Gaulois*, 11/03/1913, p. 3.
[438] *Le Gaulois*, 19/01/1915, p. 3.
[439] *Le Gaulois*, 26/12/1915, p. 3.

Também em 1915 teve-se a primeira reunião do comitê franco-brasileira, presidida pelo Sr. Pierre Baudin, Senador, na qual o conde insistia pela criação de um banco frando-brasileiro e melhorias nos serviços de transporte marítimos[440].

Houve um movimento importante da colônia brasileira no ano de 1917 que foi amplamente coberto e divulgado pela mídia, tendo sido noticiado em três periódicos diferentes, o *Le Radical*[441], o *Le Figaro*[442] e o *Nouvelles de France*[443]. Os periódicos relataram uma moção sobre o ataque da Alemanha ao Paraná, feita pela comunidade brasileira de Paris, que reuniu-se sob a presidência do Sr. Irineu de Mello (Senador), no mês de abril no hotel Edouard VII. Tal moção dizia:

> UNE ADRESSE DE LA COLONIE BRÉSILIENNE – La colonie brésilienne de Paris s'est réuni hier, sur l'initiative du sénateur Ireneu Machado, président de la Ligue maritime du Brésil, et a adopté la motion suivante, qui a été adressée au Président de la République du Brésil : Les soussignés, réunis à Paris pour envisager la situation crée par le lâche assassinat de Brésiliens et le torpillage inique du *Paraná,* considèrent que cet acte de guerre de l'Allemagne est compris dans les hypothèses prévues par la note brésilienne du 9 février. Ils comptent sur l'énergie, la fermeté et le patriotisme du Président de la République des Etats-Unis du Brésil, convaincus que Son Excellence rompra les relations diplomatiques avec le pays agresseur et vengera l'offense au drapeau et honneur national en déclarant le guerre à l'Alemagne, qui s'est mise hors le loi et l'humanité. Ont signé cette motion une soixantaine de personalités brésiliennes présentes, parmi lesquelles MM. le sénateur Machado ; Araujo Beltrão, ancien ministre à Madrid ; Graça Aranha, ancien ministre à La Haye ; le député Leão Veloso, l'amiral Nelson de Vasconcellos ; le comte d'Araguaya, le docteur Paes de Carvalho, sénateur, ancien président de l'Etat du Pára ; Carlos Sampaio, Delfim Carlos da Silva, Eduardo F. Cardoso, Buarque de Macedo, Ernesto Durish; les docteur Paul de Rio Branco et J.-B. Canto; Gaston d'Argollo, directeur du journal le *Brésil;* Joaquim Eulalio, correspondant du *Jornal do Comercio*; Demetrio, correspondant de la *Gazeta Noticias*; Mendes de Almeida Junior, directeur du *Courrier du Brésil;* E. Montarroyos, Alberto Daniel; Edgar Ribeiro, docteur Arthur Ascagne, vicomte de Saint-Lèger, etc[444].

---

[440] *Le Figaro,* 03/01/1915, p. 2.
[441] *Le Radical,* 08/04/1917, p. 3.
[442] *Le Figaro*, 09/04/1917, p. 2.
[443] *Nouvelle de France*, 19/04/1917, p. 1.
[444] *Le Figaro*, 09/04/1917, p. 1. "Um endereço da colônia brasileira. A colônia brasileira de Paris se reuniu ontem, sob a iniciativa do senador Irineu Machada, presidente da Liga maritime do Brasil, e adotou a seguinte moção, que foi dirigida ao Presidente da República do Brasil: Os abaixo-assinados, reunidos em Paris, para considerar a situação criada pelo assassinato covarde de brasileiros e o tormento inane do Paraná, consideram que este ato de guerra da Alemanha está incluído nos pressupostos fornecidos pela nota brasileira de 9 de fevereiro. Eles estão contando com a energia, a ferocidade e o patriotismo do Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, convencidos de que Sua Excelência vai romper relações diplomáticas com o país agressor e vingará a ofensa à bandeira nacional e honrará a nação, declarando guerra contra a Alemanha, que se colocou for a das leis e da humanidade. Assinou essa moçao cerca de sessenta personalidades brasileiras, dentre as quais estão: Srs. o senador Machado; Araújo Beltrão, antigo ministro em Madrid; Graça Aranha, antigo ministro em La Haye; o deputado Leão Velloso; o almirante Nelson de Vasconcelos; o conde Araguaya; o Dr. Paes de Carvalho, senador, antigo president do estado do Pará; Carlos Sampaio; Delfim Carlos da Silva; Eduardo F. Cardoso; Buarque de Macedo; Ernesto Durish; os Drs. Paul de Rio Branco, e J. –B, Canto, Gaston d'Argollo, director do Jornal *Le Brésil*; Joaquim Eulálio, correspondente do Jornal do Comércio; Demétrio, correspondente do Gazeta Notícias; Mendes de Almeida Junior, director do Correio do Brasil; E. Montarroyos; Alberto Daniel; Edgar Ribeiro, Dr. Arthur Ascagne, conde de Saint-Lèger, etc".

Eventos sociais suscitando ações de benevolência eram comuns e muitas vezes contavam com a presença dos condes d'Eu. Exemplos desses episódios começam já em 1899, com a Sra. L. des Enetais, que ofereceu um concerto em prol do *Patronage de Notre Dame de la Salette*, o qual contou com a presidência de honra da condessa d'Eu[445].

Quanto aos eventos sociais, não religiosos, o conde e a condessa transitavam em ambientes e celebrações bem diferentes. Encontramos menções à *soirées*, à recepções, à salões, à bailes, à jantares e à *matinées*, nos quais o casal ou um deles estivera presente. Segundo Andrea Marzano e Victor Andrade de Melo, a ideia de lazer como uso do tempo do "não trabalho" surgiu

> do ideário das elites – detentoras por excelência do tempo livre-, mas também das pressões dos trabalhadores, se configura em sociedades cada vez mais marcadas pelas noções de espetáculo e consumo, que valorizam progressivamente as vivencias públicas, cenários por onde desfilam tensões e conflitos sociais. Dessa forma, os lazeres exercidos fora do âmbito privado se inscrevem, indubitavelmente, na arena das disputas em torno dos usos do espaço público, maneiras privilegiadas de cada grupo inscrever sua presençaa na cidade[446].

Já em 1891, o conde compareceu à uma *soirée* oferecida pelo Dr. Barbosa, consul geral do Brasil. Em 1902, foi a Sra. Harold Hime, que ofereceu recepções no seu salão da rua Pierre-Charron, com vasta programação cultural[447] e a condessa Monteiro de Barros, que ofereceu um baile no seu salão da avenida Hoche[448].

Já em 1906 foi a vez da Sra. G. De Piza, esposa do ministro do Brasil, Sr. Gabriel de Piza. Percebe-se que o mandato do Sr. Piza foi bem agitado pelos eventos sociais oferecidos por sua esposa. Os condes só estiveram presentes no ano de 1906, por ocasião de uma comemoração em homenagem à abolição da escravatura[449], depois em uma recepção que fechou a estação[450] e, por fim, em um jantar oferecido em homenagem ao comandante e aos oficiais do *croiseur-école* Benjamin Constant, da marinha brasileira[451]. Em todos os eventos promovidos pela Sra. de Piza havia uma ampla programação cultural.

No ano de 1907 o conde continuou frequentando, com a família, alguns eventos sociais. Interessante observar que nesse ano, a Srta. Olga estivera presente em quase todos os eventos em que um de seus pais fora. Isso ratifica a idéia apresentada anteriormente quanto a intenção de se projetar Olga no ambiente mundano.

---

[445] *Le Figaro,* 26/03/1899, p. 2.
[446] MARZANO, Andrea, MELO, Victor Andrade de. Op. Cit., p. 12.
[447] *Le Figaro*, 03/02/1902, p. 2; *Gil Blas*,04/02/1902, p. 2; *Les Modes*, 02/1902, p. 4.
[448] *Le Figaro*, 07/01/1902, p. 2.
[449] *Le Figaro*, 15/05/1906, p. 2.
[450] *Le Figaro*, 19/06/1906, p. 2.
[451] *Le Figaro*, 08/10/1906, p. 2.

Nesse mesmo ano a baronesa de Nioac ofereceu um *tour de valse*, em sua casa na avenida Kleber[452]; a Sra. Teffé von Hoonholtz, no seu salão da rua de la Boetie, ofereceu uma *matinée*[453]; o Sr. J. de Oliveira Murinelly, secretário da legação do Brasil, ofereceu um jantar em uma *garçonnière* da rua Alfred-de-Vigny[454]; e a condessa de Nioac, em seu salão na rua de la Faisanderia ofereceu um baile[455].

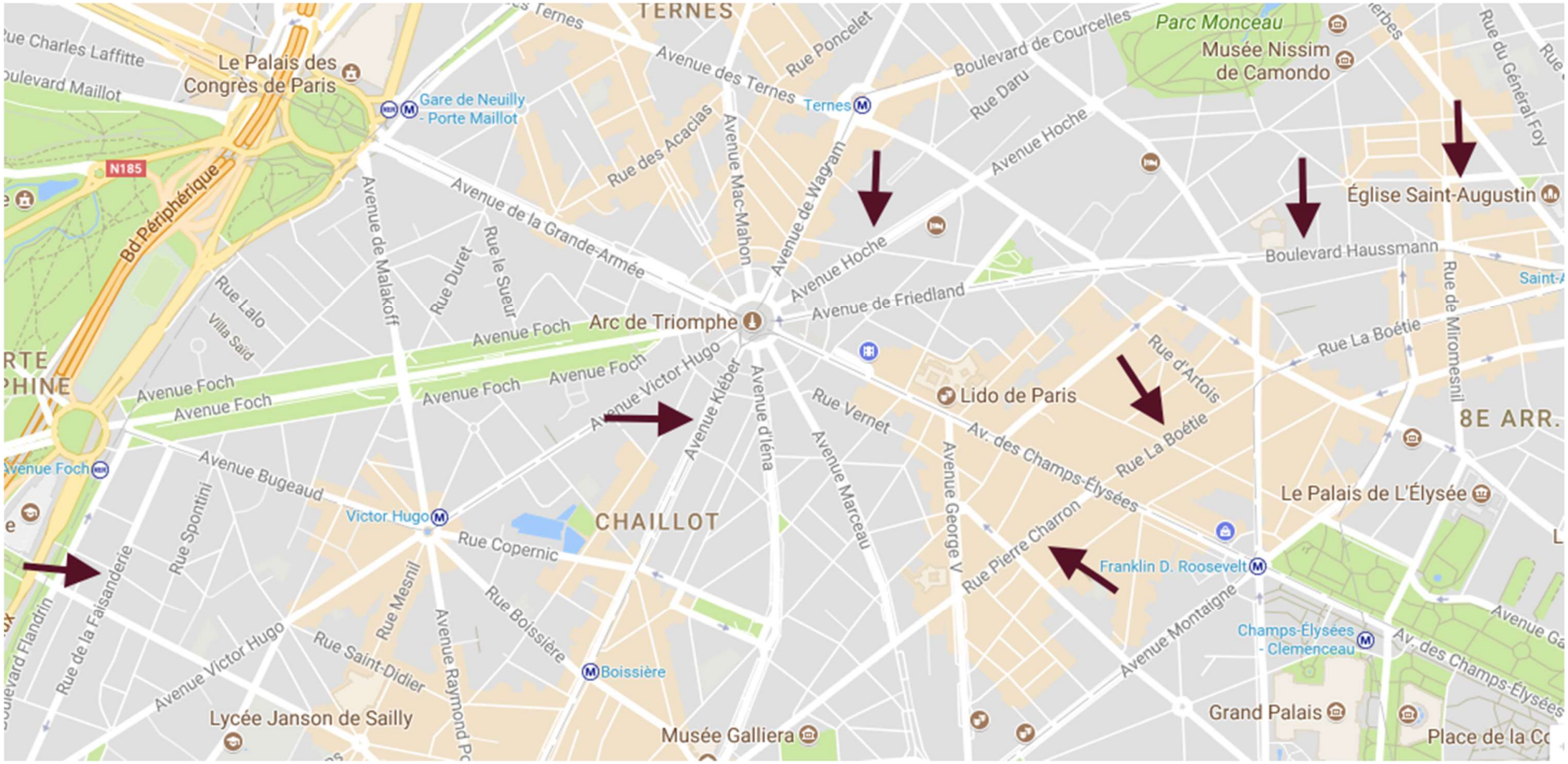
Continuando com o mesmo tipo de notícia, teve-se nos anos de 1908 a Sra. Araújo-Olinda oferecendo uma série de três encontros culturais[456] e a condessa de Nioac oferecendo um *tour de valse*[457], além do relato da presença do conde, com cadeira reservada, em Cannes, em uma recepção no dia 04 de novembro, oferecida pelos condes de Caserta, altezas da casa Real das Duas Sicílias[458].

Em 1909, a Sra. de Teffé von Hoonholtz continuou oferecendo *matinées* na rua de la Boetie[459] e a Sra. Araújo-Olinda também. Em 1913 ainda houve notícias do casal no meio social, na casa do conde e condessa Silva Ramos[460].

Ao se colocar, sem uma busca mais profunda, somente os endereços que foram citados pelas notícias, sem ter ao menos o número da rua em que situavam-se as residências, percebe-se a proximidade de todos os ponto citados, como pode ser visto no mapa abaixo:

[452] *Le Mode*, 05/1907, p. 3; *Le Figaro*, 13/04/1907, p. 2.
[453] *Le Figaro*, 27/05/1907, p. 2.
[454] *Le Figaro*, 06/06/1907, p. 2.
[455] *Le Figaro*, 06/06/1907, p. 2.
[456] *Le Figaro*, 19/01/1908, p. 2.
[457] *Le Figaro*, 02/06/1908, p. 2.
[458] *Le Figaro*, 05/11/1908, p. 2.
[459] *Le Figaro*, 08/02/1909, p. 2 e 17/03/1909, p. 2.
[460] *Le Figaro*, 17/01/1913, p. 2; *Gil Blas,* 18/01/1913, p. 3.

Figura 17
Local dos eventos



Fonte: Google maps

Está indicado no mapa a própria residência dos condes de Araguaya (Boulevard Haussmann) e da Igreja de Saint Augustin. Além da proximidade evidente entre os pontos citados, pode-se perceber também que todos os endereços encontravam-se na mesma região anteriormente mencionada como a mais aristocrática de Paris.

Os eventos sociais oferecidos pela Família Imperial em que algum integrante da família Araguaya esteve presente, começaram em 1900 com *matinées* e *Garden-party*, todas em Boulogne-sur-Seine, oferecidas em maio e junho[461]. Após 1900, somente no ano de 1908 que os condes constaram na lista de presença da Família Imperial, sendo na ocasião de um chá oferecido pela condessa d'Eu, no Grand Hotel, aos noivos Princesa Maria Pia de Bourbon-Siciles e do príncipe Luís de Orleans e Bragança[462]. Em 1913 houve também uma recepção dada pela condessa d'Eu na qual o conde estava presente[463].

As notícias mundanas encontradas ligadas à família Araguaya acabam por aqui, pois em outubro de 1917 o conde faleceu, em Paris. De acordo com as notícias sobre seu falecimento, o conde tinha 58 anos e morreu, subitamente, no dia 29 de outubro. Em notícia do *Le Gaulois* consta que o conde consagrou seus últimos anos de vida às obras de guerra, talvez por isso que seu nome constava, no ano de 1912 e ainda no ano de 1920, na parte *amateurs-collectionneurs*, do *Annuaire de la curiositè et des beaux-arts*[464]. Na notícia constava ainda que o conde fora membro das delegações brasileiras em Roma, em Madri e em Paris:

> Le comte d'Araguaya, ancien secrétaire d'ambassade, a subitement succombé hier. À Paris, quíl habitait depuis nombre d'années et où il consacrait tout son temps, ces dernières années, aux oeuvres de guerre. Le comte d'Araguaya avait été attaché aux légations de son pays dans divers postes, à Rome, à Madrid et à Paris. Safille, attachée à un hôpital pour les blessés, a épousé M. Georges de Marande, actuellement mobilisé[465].

Os jornais *Le Journal* e *Le Figaro* de primeiro de novembro, noticiam seu falecimento e a cerimônia religiosa, que realizaria-se no dia três de novembro, na igreja Saint-Philippe du Roule.

No entanto, mesmo após o falecimento do conde, ainda são encontradas menções à condessa de Araguaya nos periódicos franceses, como em 1920, ano em que a Sra. Marande faleceu, segundo os periódicos, "depois de uma curta doença". A condessa e sua filha Olga, nora da defunta, estiveram presentes em suas exéquias, também na mesma igreja em que a família

---

[461] *Le Figaro,* 29/05/1900, p. 2; *Le Figaro,* 21/05/1900, p. 2, *Gil Blas,* 11/06/1900, p. 2.
[462] *Le Gaulois*, 04/11/1908, p. 2, *Le Gaulois,* 04/11/1908, p. 2.
[463] *Le Gaulois*, 05/01/1913, p. 2.
[464] "amadores-colecionadores, do anuário da curiosidade e das belas artes".
[465] *Le Gaulois*, 30/10/1917, p. 7. "O conde Araguaya, antigo secretário da embaixada, sucumbiu subtamente ontem em Paris, onde ele morava há anos e onde ele consacrou todo o seu tempo, nestes últimos anos, às obras de guerra. O conde Araguaya fez parte das legações de seu país em diversos postos, em Roma, em Madrid e em Paris. Sua filha, alocada em um hospital de feridos, casou-se com o Sr. Georges de Marande, atualmente imobilisado".

Araguaya realizava suas celebrações, a Saint-Philippe du Roule[466] e no ano de 1922 no qual a condessa estivera presente nas exéquias do Sr. Alfredo M. de Souza, na Notre Dame de Grace de Passy[467].

As últimas notícias, que extenderam-se até 1930 foram poucas e variadas. Em 1923 a condessa participou de um chá oferecido pelo Sr. Francisco Guimarães, correspondente comercial da embaixada do Brasil em Paris, em homenagem à família do almirante Penido, que voltaria em breve para o Brasil e à família do Sr. João Batista Lopes, consul geral do Brasil que retornaria à Genebra[468]. Em 1927 a condessa doou 320 francos para as igrejas devastadas, ajudando aos sacerdotes (*Bulletin de l'Oeuvre de secours aux églises dévastées*, 02/1927) e participou da homenagem à memória do Imperador, celebrada na rua de l'Arcade, onde o mesmo falecera em 1891[469].

A última notícia da família Araguaya encontrada nos periódicos foi datada de 1930, quando há uma pequena nota informando que a condessa hospedara-se no Splendide. Após essa data as notícias cessam, embora caiba reforçar que os dados expostos não contemplaram o novo sobrenome de Olga, filha dos condes, adotado após seu casamento.

[466] *Le Gaulois*, 22/12/1920, p. 3; *Le Figaro*, 17/12/1922, p. 2 e *Le Figaro,* 22/12/1920, p. 2.
[467] *Le Figaro*, 22/12/1922, p. 2.
[468] *Le Figaro*, 22/04/1923, p. 2.
[469] *Le Figaro,* 24/02/1927, p. 2.

CONCLUSÃO

Não é difícil entender porque a França ao longo do século XIX foi um dos destinos principais das elites periféricas, inclusive da elite brasileira. Vários foram os indícios ao longo da pesquisa que confirmaram esse fato e a instalação de uma colônia brasileira em Paris já em meados do século. Para saber se o status dos membros dessa colônia era o de uma migração mais provisória ou permanente seriam necessários outros e maiores esforços de pesquisa. No entanto, o que nos interessa é o fato de que essa colônia era sim permanente, o que não implica necessariamente que os seus individuos também estivessem estabelecidos de forma permanente na capital francesa.

Ao considerar que os deslocamentos tornavam-se cada vez mais fáceis de serem realizados e que a distancia entre Brasil e França diminuía, é bem possível que boa parte dessa colônia fosse composta por membros flutuantes, ou seja, viajantes, estudantes, negociantes à trabalho, enfim, todos esperando alcançar um objetivo particular em Paris.

Em um período no qual os deslocamentos tornaram-se mais realizáveis e, consequentemente, mais frequentes, é normal que os Estados, em contrapartida, buscassem um maior controle sobre essas viagens. Portanto o século XIX também é marcado por uma busca constante pela parte do poder público em controlar os indivíduos. Medidas são adotadas ao longo do século, as licenças de viagem e os passaportes são mais frequentes, as fronteiras estabelecidas de forma mais clara e rigorosa e o Estado passa a ser o responsável por acordar ou não os deslocamentos de seus cidadãos.

Isso não fez com que as trocas Atlânticas deixassem de se intensificar e movimentos migratórios foram frequentes nos dois sentidos. Com objetivos diferentes indivíduos cruzavam os mares, levavam e traziam notícias, conectavam partes distantes do mundo, em um constante movimento de troca no qual exerciam um papel de agentes influenciadores e influenciados por seus deslocamentos.

O aumento desse desejo de controle por parte dos Estados e as trocas mais frequentes tiveram também como consequência uma maior regulação e importância das relações internacionais, principalemente após o Congresso de Viena. O crescimento do número de embaixadas, consulados, criação de ministérios responsáveis especificamente pelas relações exteriores é muito simbólico e representativo nesse momento. Esses também são fatores que coadunaram para o deslocamento de pessoas ao longo do século XIX, uma vez que postos públicos, diplomáticos, eram criados em diferentes países.

A colônia brasileira estabelecida em Paris, encontrada por meio das notícias em periódicos, foi uma consequência de todos esses fatores apresentados. Os indivíduos que faziam parte desse seleto grupo eram os grandes do Império, famílias favorecidas, fosse pelo regime monárquico fosse

por suas fortunas. Muitos ocupavam cargos diplomáticos, sendo representantes do Brasil na capital francesa. Outros tinham em Paris sua casa de passeio, uma segunda moradia para passarem suas férias mundanas. Intelectuais em busca de conhecimento, querendo beber do que consideravam ser a "fonte primária" de todas as revoluções.

Seja qual fosse a motivação ou as razões que levaram essas pessoas até Paris, a maioria encontrava a satisfação de seus anseios. Muitos estabeleciam-se de forma definitiva na capital, enquanto outros passavam temporadas. Muitos formavam famílias com casamentos internacionais, participavam dos clubes, círculos, associações e academias que a capital francesa oferecia, e misturavam-se, portanto, à sociedade francesa. Mas indiferente do caminho individual tomado, percebe-se que todos guardavam traços de sua cultura natal, conviviam com seus conterrâneos, participavam de eventos sociais brasileiros, enfim, não cortavam totalmente os laços com suas vidas anteriores.

Através dos recortes e filtros utilizados na pesquisa, fica bem clara a existência de dois grupos distintos no cenério parisiense, os brasileiros ligados ao corpo diplomático, às relações internacionais, aos ministérios, enfim, à vida política; e outro grupo proveniente de uma elite mais ligada ao passado monárquico.

Ambos possuíam uma vida social muito ativa e pública, com a promoção de muitas festas, bailes, entre outros. Além disso é clara a centralidade de eventos religiosos na vida da colônia. Os rituais católicos eram muito presentes, tais como as missas de réquiem, os casamentos, os enterros, as missas de aniversário, enfim, a religião tinha um lugar importante na vida social da colônia.

Foi atrevés desses eventos que conseguimos levantar os nomes de muitos dos brasileiros que faziam parte da colônia e também perceber a diferença entre os dois grupos como foi apontado. A hipótese de haver grupos diferentes e da elite da colônia não constituir apenas uma rede de sociabilidade central mas sim duas principais é confirmada ao observarmos os nomes dos presentes nos eventos noticiados. Percebe-se com clareza que os participantes em certos eventos não eram os mesmos que em outros. Claro que não existe uma distinção fixa, sem pontos de contato entre os grupos, pelo contrário, existem muitas interseções, muitos momentos em que percebemos os indivíduos transitando de um meio social à outro.

Além disso, deve-se sempre ter em mente que as notícias não são totalizadoras, ou seja, elas não noticiam plenamente todos os presentes e isso pode ser provado ao repararmos que muitas terminam com uma menção à "entre outros" ou "etc". Nesse caso, uma conclusão fechada seria arrogante e não admitiria todos os diferentes relances que a notícia em aberto não permite que sejam tocados.

Raphael Quintela levanta a questão, em sua tese de doutorado, se "*est-il possible de savoir quelles étaient les classes sociales presentes à Paris grâce à une étude des périodiques*?"[470], sem dúvida, como ele mesmo responde, essa é uma questão complexa que não pode ser respondida somente através do estudo de periódicos.

No entanto, como os procedimentos metodológicos utilizados por Quintela foram bem diferentes e seu esforço de pesquisa visava outros objetivos, obviamente as respostas também são divergentes. Não no sentido de serem opostas, mas complementares, com olhares distintos de pesquisadores que têm questionamentos diferentes. Podemos concluir portanto que, embora a resposta à essa pergunta seja complexa, de acordo com nossos levantamentos, a colônia brasileira era composta por indivíduos que tinham uma qualidade de vida condizente com uma camada bem favorecida economicamente e socialmente da sociedade.

Claro que esse apontamento não deve ser generalizado para todos os indivíduos que faziam parte da colônia brasileira, mas sim da "elite" da colônia, ou "dos membros mais ilustres", como muitas vezes é designado o grupo citado nos eventos. Portanto, isso não exclui a possibilidade de que no final do século XIX, existisse também outros brasileiros que residissem em Paris, de forma mais "discreta", ou, digamos, anônima. Esses brasileiros, infelizmente, não são localizados através do processo metodológico que empregamos, pois, figurar nas páginas de um periódico como o *Le Figaro*, implica em ter certo status, ou ao menos achar importante tê-lo. A notoriedade que um periódico tinha a capacidade de proporcionar àqueles que figuravam em suas notas, era um forma de poder simbólico tipicamente utilizado pela elite.

> Les périodiques ne peuvent pas couvrir toute la vie culturelle des immigrés brésiliens, et ceux pour plusieurs raisons. Tout d'abord on ne peut avoir qu'une partie segmentée de la vie de la communauté brésilienne au XXe siècle. Comme il a été dit précédemment, étudier des périodiques confine à des champs historiographiques comme ceux de l'histoire évènementielle, c'est-à-dire que c'est à partir d'évènements (symboliques ou non) qu'on peut retracer des habitudes culturelles. Le but de reconstituer une histoire par le bas grâce aux périodiques de la communauté brésilienne à Paris est donc impossible sans croiser d'autres sources, pour une raison simple: le périodique reste à cette période avant tout un objet destiné aux classes sociales les plus aisées[471].

Portanto, como também aponta Alice Bernard, ao trabalhar com os periódicos e suas notícias mundanas, é sempre importante ter em mente o jogo de poder que está por trás das notícias.

---

[470] QUINTELA, Raphael. Op. Cit., p. 72. "é possível saber quais era as classes sociais presents em Paris graças à um estudo dos periódicos?".

[471] QUINTELA, Raphael. Op. Cit., p. 72. "Os periódicos não podem cobrir toda a vida cultural dos imigrantes brasileiros, e isto por diversas razões. Primeiramente tem-se apenas uma parte segmentada da vida da comunidade brasileira do século XIX. Como ditto anteriormente, estudar os periódicos confina a um acmpo historiográfico como o da história de eventos, isto quer dizer que é a partir de eventos (simbólicos ou não) que podemos retraçar os hábitos culturais. O objetivo de reconstituir uma história por baixo graças aos periódicos da comunidade brasileira em Paris é, portanto, impossível sem cruzar outras fontes, por uma razão simples: o periódico permanece nessa época, antes de tudo, um objeto destinado às classes sociais mais abastadas".

Por isso, deve-se sempre ficar atento ao viés que as notícias podem ter em um mundo onde não apenas o ver e o ser visto importa, mas também o ver e o ser visto nos momentos certos, com as pessoas certas e nos lugares certos. Mais uma vez, esse é um dos motivos que tornam as conclusões advindas das ánalises das fontes não fechadas em si mesmas, mas sim como uma índicio para mostrar parte de um todo.

Essa parte que identificamos com o trabalho é sem dúvida constituída por indivíduos da elite, com uma condição financeira favorável, que estabelece vínculos com pessoas do mesmo meio social, de diferentes nacionalidades.

Os traços principais, que foram possíveis de ser observados para caracterizar um ou outro grupo dos que foram localizados, são os títulos nobiliárquicos de um grupo. Nesse caso percebemos então um grupo advindo da elite imperial, ligado mais profundamente à Coroa e ao Império, por conseguinte, um grupo que orbitava bastante em torno da Família Imperial exilada. E um outro grupo no qual os títulos são menos frequentes, no entanto, os cargos públicos começam a aparecer com mais força. Ou seja, os indivíduos passam a ser designados pelos seus postos de trabalho. Nesse caso aparecem os ministros, os diplomatas, os consuls, os representantes do Estado. Isso nos faz supor uma maior afinidade com o regime republicano, evidentemente.

Além disso, com o passar dos anos, os titulados vão diminuindo entre os que faziam parte da colônia, o que é bem óbvio, uma vez que já seriam pessoas com certa idade no momento do fim da Monarquia e, como os títulos não tinham mais validade e nem eram hereditários, os seus detentores foram, com o passar do tempo, falecendo e com eles os seus títulos. Interessante observar que mesmo os títulos já não tendo nenhuma serventia no novo regime republicano, os titulados apresentavam-se com seus títulos, quer dizer, nas notícias, sempre eram referidos com menção aos títulos que tinham. Isso demonstra, sem dúvida, um poder simbólico que ainda resistia mesmo com o início da República.

Outra preocupação que perpassava a pesquisa era a inserção da colônia brasileira no dia-a-dia parisiense. Através do estudo de caso da família Araguaya a resposta ficou bem clara. O exemplo da vivência dessa família na capital francesa, demonstrou nitidamente os pontos de diálogo entre os costumes que ela mantinha, os seus hábitos sociais, e o que estava em voga na capital. As escolhas, com certeza nada aleatórias, de suas viagens, de seu endereço principal, da família à qual juntaram-se com o casamento de sua filha, os eventos aos quais participavam e todos os outros aspectos levantados, mostram que a família inseria-se claramente na vida da capital francesa, mimetizando seu estilo de vida, ampliando seus contatos estrangeiros, mas ao mesmo tempo, mantendo sua rede de relações brasileiras.

Como os presentes estudos migratórios apontam, a trajetória da família Araguaya não seria um ponto fora da curva. Dificilmente um imigrante deixará de lado todo o seu passado, num

processo de apagamento e substituição, salvo se a migração tenha sido fruto de um motivo coercitivo, traumatizante ou desestabilizador. Embora a queda da Monarquia possa ter sido uma das principais motivações para que essa família estabelece-se permanentemente em Paris, esse não poderia ser considerado um motivo traumatizante a ponto da família ansiar cortar todos os vínculos fosse com sua terra natal, fosse com seus conterrâneos. Mesmo porque, como dito, decretos de banimento não fizeram parte da política nos primeiros anos da República.

Portanto, os Araguaya representam muito bem, com sua trajetória familiar o desenrolar de um exílio no século XIX. Mesmo com suas particularides, a história da família demonstra suas estratégias de integração e manutenção de lugar social, sua nova vida em Paris, os vínculos que foram sendo construídos, os que frequentavam a família e os que eram por ela frequentados.

Como resultado de uma dissertação de mestrado, sobre um tema ainda pouco explorado, os resultados obtidos, através do levantamento de dados e análise das fontes, atenderam todos os objetivos almejados e responderam a maioria das perguntas colocadas. No entanto, sem dúvida, é uma dissertação que não coloca em si mesma um fim aos questionamentos, mas sim que visa ser uma primeira análise de um objeto de pesquisa que ainda oferece muito a ser explorado e encontra-se aberto à futuros estudos.

BIBLIOGRAFIA

ABOUT, Ilsen. Identifier les étrangers. Genèses d'une police bureaucratique de l'immigration dans la France de l'entre-deux-guerres In: NOIRIEL, Gérard (dir). *L'identification des personnes*. Genèse d'un travail d'État. Paris, Belin, 2007, p. 125-160.

ACHERMANN, Hansjakob. *Bürgenstock*, in Dictionnaire historique de la Suisse (DHS), Fev, 2006.

AGULHON, Maurice. Le cercle dans la France bourgeoise 1810-1848: Etude d'une mutation de sociabilité. *Cahiers des Annales,* n. 36. Paris: Armand Colin, 1977.

AMADO, Gilberto. *Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa.* Ed. José Olympio, 1956.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas:* reflexes sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. Companhia da Letras: São Paulo, 2008.

APRILE, Sylvie; DIAZ, Delphine. L'Europe et ses réfugiés politiques au XIXe siècle. *La Vie des idées*, 15 mars 2016.

_____. Exilé(es) et migrant(e)s transatlantiques: histoires entremêleées, historiographies parallèles. *Almanack.* Guarulhos, n. 17, dez 2017.

_____. La republique au salon: Vie et mort d'une forme de sociabilité politique 1865-1885. *Revue d'histoire moderne et contemporaine*. Société d'Histoire moderne et contemporaine, Tome XXXVIII, Julho-Setembro, 1991, p. 473-487.

ARAUJO, R. N., MUZART-FONSECA, I. S., ROLLAND, D. (éd). L'exil brésilien en France. Histoire et imaginaire. *Cahiers des Amériques latines.* n.59. Institut des hautes études de l'Amérique latine, 2010.

BARATA, Alexandre M. Cultura Política e Sociabilidades: Minas Gerais (1822-1831). In: XXIII Simpósio Nacional de História. ANPUH. Londrina. *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: Guerra e Paz.* Londrina: Editorial Midia, 2005. v. 1.

BARATA, Carlos Eduardo de; BUENO, Antonio Henrique da Cunha. *Dicionário das famílias brasileiras.* São Paulo: Ibero América, 1999. 2v.

BARBICHE, B., CLOULAS, I. *Henri II.* Paris: Fayard, 1985.

BERNARD, Alice. Le mode de vie du grand monde Parisien: modalités et persistance d'un modele culturel attractif (1900-1939). In: *La ville et l'esprit de société*. Tours: Presses universitaires François-Rabelais, 2004. p. 129-144.

BESOUCHET, Lídia. *Exílio e morte do Imperador.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

BOUDON, Jacques-Olivier. Le décor religieux de la nouvelle Rome: Paris, capitale religieuse sous le Seconde Empire. In: *Capitales culturelles, capitales symboliques*: Paris et les expériences européennes (XVIII-XX siècles). Nouvelles editions. Paris: Publications de le Sorbonne, 2002, p. 217-229.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas.* São Paulo: Perspectiva, 2015.

_____. La production et la reproduction de la langue légitime. In: *Langage et pouvoir symbolique.* Ed. Fayard, 2001. P. 67-98

_____. The thinkable and the unthinkable. *The Times Literary Supplement*. 15 out. 1971.

BRAVARD, Alice. Le cercle aristocratique dans la France bourgeoise 1880-1939. *Histoire, économie et société.* 2011. P. 85-99.

BRITO-MARTINS, Manuela. The conceps of peregrination in Saint Augustine and its influences. In: NAPRAN, Laura; Van Houts, Elisabeth. Exile in the Middle Ages. *International Medieval Congress*. University of Leeds, 2002.

BULSF, Neithard. Sobre o objeto e o método da prosopografia. *Politeia: História e Sociedade,* v. 5, n. 1, p. 47-67. Vitória da Conquista: 2005.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna:* Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

CALMON, Pedro. *História de D. Pedro II.* Rio de Janeiro: J. Olimpio: Brasília: INL, 1975. 5v.

_____. *História do Brasil* 3º Tomo. Companhia Editora Nacional. Brasiliana Vol. 176 Série 5º, 1943.

CAMARA, M. H. B. Leituras das famílias brasileiras no século XIX: O Jornal das famílias (1863-1878). *Revista Portuguesa de Educação*, Universidade do Minho, Braga, v.15, n. 2, p. 169-214, 2002.

CANCELLIÈRE, Fabio. *La représentation de Paris dans la littérature du XIXe siècle:* entre mythe et réalité. Travail de candidature. Professeur-candidat au Lycée de Garçons Esch. Esch-sur-Alzette, 2013. 179p.

CARELLI, Mario. *Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Campinas: Papirus, 1994.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da Ordem*: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imperial. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011 [1980].

CHARLE, Christophe; ROCHE, Daniel. *Capitales culturelles, capitales symboliques*: Paris et les expériences européennes (XVIII-XX siècles). Nouvelles editions. Paris: Publications de le Sorbonne, 2002.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. *Revista Estudos Históricos.* Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, p. 179-192.

_____. Le monde comme représentation. Redéfinition de l'histoire culturelle. *Annales ESC*, n. 6. 1989. P. 1505-1520.

CHRISTO, Maraliz C. V. *Arte e Sociabilidade*: Artistas franceses no leque de autógrafos da condessa de Cavalcanti. Comunicação apresentada no VII Colóquio História e Artes. Objetivos do olhar. 2014.

COOPER-RICHET, Diana. Paris, carrefour des langues et des cultures : Edition, presse et librairies étrangères à Paris au XIXe siècle, Histoire et civilisation du livre. *Revue Internationale*, 2009, p. 129-130.

_____. Transferts culturels et passeurs de culture dans le monde du livre (France – Brésil, XIX siècle). *Patrimônio e Memória,* São Paulo, Unesp, v. 9, n. 1, p. 128-143, jan-jun, 2013.

COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890 – 1914*: No tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à república:* momentos decisivos. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DAUMARD, Adeline. Noblesse et aristocratie en France au XIXe siècle. In: *Les noblesses européennes au XIXe siècle.* Actes du colloque de Rome, 21-23 novembre 1985. Rome: École Française de Rome, 1988. p. 81-104.

_____. Une enquête sur la noblesse à paris au XIXe siècle. *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*. N. 3, 1989.

DELFIM, M. E. R. A formação das redes de sociabilidade no oitocentos: uma investigação o das elites sanjoanenses. In: ALMEIDA, Carla M., OLIVEIRA, Monica R., SOUZA, Sonia M., FERNANDES, Cassio (Orgs.). II Colóquio do Laboratório de História Econômica e Social. Micro História e os caminhos da História Social. *Anais II Colóquio do LAHES*. Juiz de Fora: Clio Edições, 2008.

DENIS, Ferdinand. *Une Fête Brésilienne célébrée a Rouen en 1550.* Paris: J. Techener, 1850.

DIAZ, Delphine. Des Brésiliens dans la France des années 1820. Contribution à une histoire des mobilités transatlantiques au xixe siècle. *Amnis*. N. 12, 2013.

DOTRO, Ricardo Pascual; HELDER, Geraldo Garcia. *Dicionário de Liturgia.* São Paulo: Ediçoes Loyola, 2006.

DROULERS, Martine. Raimbert, Céline. Relance des relations France-Brésil?. Relations internationales du Brésil, les chemins de la puissance. L'Harmattan, 2010. v. 2. P. 177-189.

FAGUNDES, L. P. . Construindo pontes entre olhares: os usos políticos do passado. In: III Simpósio ILB. *Itinerários da Pesquisa Histórica*: Métodos, Fontes e Campos Temáticos, 2010, Mariana. Anais do III Simpósio Impérios e Lugares no Brasil, 2010

_____. De volta à terra pátria: o traslado dos restos mortais de D. Pedro II e Thereza Cristina para o Brasil (1921). In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015.

_____. E quando é morto o Imperador? Batalhas memoriais nos funerais de D. Pedro II (1891). *Revista M.* Vol. 1, n. 1, p. 27-52, jan-jun, 2016.

_____. Memórias da Monarquia: D.Pedro II no cenário político da década de 20. In: *XIX Encontro Regional de História* - Anpuh São Paulo, 2008, São Paulo. Anais do XIX Encontro Regional de História da ANPUH - Seção São Paulo, 2008.

_____. *Quem lembra, quando lembra e como lembra*: o diálogo da Primeira República com o passado monárquico. In: XXV Simpósio Nacional de História, 2009, Fortaleza. XXV Simpósio Nacional de História, 2009.

FEITOZA, Leonardo Matos; MOTTA, Renato Ramalho. Meandros e prerrogativas para a conquista do baronato no Brasil oitocentista: Antonio Dias Coelho e Melo o barão da Estância e seus artifícios para a nobilitação. *VI Simpósio Nacional Estado e Poder:* Cultura. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2010, p. 1-12.

FLECHET, Anaïs. *Aux rythmes du Brésil*: exotisme, transferts culturels et appropriation. La musique populaire brésilienne en France au XXe siècle. 2007. Tese (Doutorado em História) - Centre d'Histoire des Relations Internationales Contemporaines, Université Paris 1, Panthéon-Sorbonne, Paris, 2007.

FORSÉ, Michel. La sociabilité. *Economie et statistique*, n.132, p.39-48. Abril, 1981.

FRANCA, J. M.; ROMINELLI, R. J.; MOURA, D. *Os primeiros contornos do Novo Mundo:* os relatos sobre a França Antártica e sobre a Flórida Francesa. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

FRANCHETTI, Paulo. *"Nitheroy, Revista Brasiliense" (1836).* Textos Críticos. Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin.

FRANCO, Afonso Arinos de Mello. *Histoire de la découverte de l'Amérique depuis les origines jusqu'à la mort de Christophe Colomb.* Paris, A. Rousseau, 1892.

_____. *O índio brasileiro e a revolução francesa.* Livraria José Olympio, 1937.

GAFFAREL, Paul. *Histoire de Brèsil français au XVI siècle.* Paris, J. Maisonneuve, 1878.

GENOVEZ, Patricia Falco. A viagem enquanto forma de poder: a viagem de Pedro II e a inauguração da rodovia União e Industria, em 1861. *Tempo.* V. 3, n. 5, p. 161-180. Niterói, 1998.

_____. Barões numa perspectiva reticular: análise de redes sociais, poder e nobreza na Zona da Mata Mineira no segundo Reinado. *Tempo*, v. 16, n. 30, p. 243-266. Niterói, 2011.

GERBOD, Paul. Des étrangers à Paris au XIXe. siècle. *Ethnologie française*. N. 4, 1995. p. 569-580.

GINZBURG, Carlo. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico. In _____. A Micro-História e Outros Ensaios. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. P.169-178.

GOMES, Laurentino. *1808:* Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma Corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2007.

_____. *1889:* como um Imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da Monarquia e a proclamação da República no Brasil. São Paulo: Globo, 2013.

GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. *Historiæ*. Rio Grande, n, 3, p. 27-46, 2012.

GORMAN, Robert F. Citizenship, obligation, and exile in the greek and roman experience. *Public Affairs Quarterly*. University of Illinois Press, vol. 6, n. 1. 1992. P. 5-22.

GRANDJONC, Jacques. Les étrangers à Paris sous la monarchie de Juillet et la seconde République. *Population*, Vol. 29, n. 1, 1974. P. 61-88.

GRANGE, Cyril. Les classes privilégiées dans l'espace parisien (1903-1987). In: *Espace, populations, sociétés,* V. 1, 1993. P. 11-21.

GREEN, Nancy L. NOIRIEL, Gérard. Le creuset français: histoire de l'immigration XIXe-XXe siècles. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 44e année, N. 2, 1989. P. 456-458.

GREEN, Nancy. *Les Américains de Paris:* Hommes d'affaires, comtesse et jeunes oisifs, 1880-1941. Belin, 2014

GUERRA, François-Xavier. La lumière et ses reflets: Paris et la politique latino-américaine. In: MARES, Antoine; MILZA, Pierre (dir.). *Paris des étrangers depuis 1945*. Paris: Presses de la Sorbonne, 1994. P. 171-182.

GUIMARÃES, Manoel L. S. Micro-história: reconstruindo o campo de possibilidades. *Topoi.* Rio de Janeiro, n.1, p. 217-223, 2000.

HOBSBAWM, Eric. *A era do capital*, 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. Introduçao.

_____. *A era dos Impérios*, 1875-1914. Londres, Weidenfeld &Nicolson, 1987. P. 26.

_____. *Era dos Extremos*: O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *História Geral da civilização brasileira.* Tomo II O Brasil monárquico, vol7: do Império à República. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HOT, A. D. *Cartas à viscondessa*: cotidiano e vida familiar no Brasil Império. Ouro Preto, 1850-1902. 2010. 144f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2010.

HUGO, Victor. *Os miseráveis.* Trad. Francisco Ferreira da Silva Vieira. Ed. Centar Editions, 2013.

JANOTTI, Maria de Loudes M. *Os subversivos da República.* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e páticos. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro vol.5, n. 10. 1992, p. 134-146.

LABORIE, J-C. Estudo de mediações: o caso Ferdinand Denis. *Littérature et Poétiques Comparées.* Paris X – Nanterre Paris Ouest, 2013.

LE BRAS, Hérve. Lieux et métiers des étrangers en France depuis 1851. Vingtième Siècle. V. 7. N. 1. Jul-Set 1985. P. 19-36.

LÉNIAUD, Jean-Michel. La visibilité de l'église dans l'espace parisien au XIXe. siècle: "Tours de Babel" catholiques pour l amoderne Babylone. In: CHARLE, Christophe (dir.); ROCHE, Daniel (dir.). *Capitalles culturelles, capitales symboliques*: Paris et les expériences européennes (XVIII – XXe. siècles). Paris: Publications de la Sorbonne, 2002, p 207-216.

LESSA, Monica Leite. Adimensão cultural das relações internacionais: França-Brasil entre 1886-1934. In BRANCATO; MENEZES; KOTHE (Org.). *Simpósio Internacional*: Estados Americanos – Relações Continentais e Intercontinentais –500 anos de História. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. P. 85-98.

LEWIS, C. P. Gruffudd ap Cynan and the reality and representation of exile. In: NAPRAN, Laura; Van Houts, Elisabeth. Exile in the Middle Ages. *International Medieval Congress*. University of Leeds, 2002.

LOURENÇO, Thiago C. P. O universo escravista no Império dos Souza Breves: A família Breves e o tráfico ilegal de africanos. In: XXV Simpósio Nacional de História. ANPUH. Fortaleza. *Anais do XXV Simpósio Nacional de História.* Fortaleza, 2009.

_____. O império dos Souza Breves nos oitocentos: política e escravidão nas trajetórias dos comendadores José e Joaquim Breves. 2010. 199f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, 2010.

LYON-CAEN, Judith. Karlheinz STIERLE, La Capitale des signes. Paris et son discours. *Revue d'histoire du XIXe siècle.* N. 25, 2002. P. 236-239.

LYRA, Heitor. *Historia de D. Pedro II (1825-1891):* Declínio (1880-1891). São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

MALERBA, Jurandir. *A Corte no exílio:* civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808-1821). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARIANO, Serioja R.C., SEGAL, Myraí Araújo. Um estudo prosopográfica da nobiliarquia paraibana no Segundo reinado (1840-1889). In: XVI *Encontro Estadual de História.* ANPUH-PB, v. 16, n.1, 2014.

MARIN, Richard. Le brésilianisme en France: histoire d'une promesse non tenue? *L'ordinaire latino-américain,* IPEALT, Université Toulouse Le Mirail, 2003. P. 37-48.

MARIZ, Vasco. Villegagnon: herói ou vilão?. *História*. vol.27, n.1, p.51-75, 2008.

MARTINIÈRE, Guy. Principales orientations des recherches réalisées en France sur le Brésil dans le domaine des sciences sociales (1960-1980). *Cahiers des Amériques latines.* N. 21-22, 1980. P. 49-71.

MARTINS, Maria Fernanda Vieira. *A velha arte de governar:* um estudo sobre política e elites a partir do Conselho de Estado (1842-1889). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007.

MARZANO, Andrea, MELO, Victor Andrade de. *Vida divertida*: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MAURO, Frédéric. *O Brasil no tempo de D. Pedro II*. São Paulo. Companhia das Letras, 1991.

MELLO, Maria E. C. France et Brésil: dialogues possibles à travers la littérature de voyage. *Synergies Brésil.* n. 2. 2010. P.127-134.

MIRANDA, Kátia Rodrigues Mello. O Futuro (1862-1863), Jornal das Famílias (1863-1878) e A Estação (1879-1904); três periódicos em que colaborou Machado de Assis. *Patrimônio e Memória*, v. 3, n. 2, p. 187-212.

MOREL, Marco. *As transformações dos espações públicos:* imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840). São Paulo: Hucitec, 2005.

MUAZE, Mariana de A. F. *As memórias da viscondessa: Família e poder no Brasil Império.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. Garantindo hierarquias: educação e instrução infantil na boa sociedade imperial (1840-1889). *Dimensões.* Universidade Federal do Espírito Santo, n. 15, p. 59-84, 2003.

_____. *Os guardados da viscondessa: fotografia e memória na coleção Ribeiro de Avellar*. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v.14, n.2, p. 73-105, dez. 2006

NAPRAN, Laura. Marriage and excommunication: The comital house of flanders. In: NAPRAN, Laura; Van Houts, Elisabeth. Exile in the Middle Ages. *International Medieval Congress*. University of Leeds, 2002.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical:* Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. In: *Les lieux de mémoire*. I La Republique. Paris: Gallimard, 1984.

OLIVEIRA, Flavia Arlanch M. Famílias proprietárias e estratégias de podes local no século passado. *Revista Brasileira de Historiografia.* v. 9, n. 17, p. 65-85. São Paulo, set.1988/set.1999.

OLIVEIRA, J. M. *Entre "Grandes" e titulares: os padrões de nobilitação no Segundo Reinado.* 2016. 171f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2016.

PEREIRA, Marcio Rodrigues. *La politique culturelle française au Brésil de 1945 à 1970*: Institutions, acteurs, moyens et enjeux. Tese (Doutorado em História Contemporânea) – École Doctorale des Sciences Humaines et Sociales, Université de Strasbourg, 2014.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. L'alliance normando-tupi au XVI[e] siècle : la célébration de Rouen. *Journal de la société des américanistes.* n. 94-1, p. 45-64, 2008.

PERROT, Michelle (org). *História da vida privada, 4*: Da Revolução francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia da Letras, 2009. P.121.

PINHEIRO, A. S. O Jornal da Famílias (1863-1878) e as leitoras do século XIX. *Faz Ciência,* UNIOESTE, vol. 06, n. 1, p. 115-135, 2014.

PINSON, Guillaume. Représentation et imaginaire des sociabilités au XIXe. siècle. *Romantisme.* n. 143. 2009.

PLATÃO. A República. Trad. e notas Maria Helena da Rocha Pereira. 9[a.] ediçao. Fundaçao Calouste Gulbenkian. Lisboa.

POLTON J.-C., *Claude-François Denecourt, 1788-1875*: l'amant de la forêt de Fontainebleau. Ed. des sentiers bleus, 2011.

PRIORE, Mary del. *O príncipe maldito:* traição e loucura na família imperial. Ed. Objetiva, 2007.

QUINTELA, Raphael. *Les périodiques brésiliens en France au XIXe siècle.* 2013. 126f. Dissertação (Mestrado em História Cultural e Social) – Institut d'Études Culturelles, Université de Versailles, Saint-Quentin en Yvelines, 2013.

ROLLAND, Denis. La crise exemplaire d'un modele européen en Amerique Latine: les racines anciennes du retrait du modele politique et culturel français. *História.* v. 27. São Paulo, 2008.

_____. Mémoire, histoire et imaginaire de l'exil brésilien: Introduction. In: SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos; ROLLAND, Denis. *L'exil bresilien en France:* Histoire et imaginaire. L'Harmattan, 2008, p. 7-15.

ROLLEMBERG, Denise. Mémoire en exil, mémoires d'exil. In: SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos; ROLLAND, Denis. *L'exil bresilien en France:* Histoire et imaginaire. L'Harmattan, 2008, p. 17-20.

RÜSSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da historiografia*. n. 2, mar, 2009.

SAHLINS, Peter. *Frontières et identité nationale.* Berlin, 1996.

SARMIENTO, Érica. Emigração e exílio, novas abordagens nos estudos migratórios: considerações sobre o artigo de Sylvie Aprile. *Almanack.* Guarulhos, n. 17, p. 29-44, Dez., 2017.

SAUNIER, Éric. Le monde des salons. Sociabilité et mondanité à Paris au XVIIIe. siècle. *Annales historiques de la Révolution française.* n.348. Abril-Julho, 2007.

SAUTHIER, Etienne. Aux sources de la civilisation: Les jeunes élites brésiliennes et le voyage en Europe dans la seconde moitié du XIXème siècle (1850-1914). *RITA*, Paris, n. 4, dez. 2010.

SCHNEIDER, Peter. *Lucerne,* in Dictionnaire historique de la Suisse (DHS), version du 17.2.2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador*: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. *INTRODUÇÃO*. In: História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Radio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 8.

SHAW, Christine. *The politics of exile in renaissance Italy*. Cambridge University Press. 2003.

SHERGOLD, Miriam. Like Joseph in Egypt? Exile experinces of royal women. In: NAPRAN, Laura; Van Houts, Elisabeth. Exile in the Middle Ages. *International Medieval Congress*. University of Leeds, 2002.

SILVA, Cláudio Roberto da. Pécault, Daniel. Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação. *Revista História.* São Paulo, n. 127-128, p. 187-234, ago-dez/1993.

SILVA, Elis Pacífico. *A construção de uma identidade nacional brasileira en visões estrangeiras* (1808-1822). 2015. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo.

SILVA, Inocêncio da. *Diccionario Aristocratico.* Lisboa, 1867.

SILVEIRA, D. M. O trabalho feminino no espaço doméstico: gênero e classe no Jornal das Famílias. *Topoi*. Rio de Janeiro, vol. 16, n. 31, p. 689-706, 2015.

SIRINELLI, Jean-François. Le hasard ou la necessite? Une histoire en chantier: l'histoire des intellectuels. *Vingtième Siècle.* n.9, p. 97-108, Janeiro-Março, 1986.

_____. Os intelectuais. In. RÉMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

SISSON, S. A. *Galeria dos Brasileiros Illustres (os contemporâneos).* Retratos dos homens mais illustres do Brasil, na política, sciencias e letras, desde a guerra da Independência até os nossos dias. Rio de Janeiro, Lithographia de S. A. Sisson, editor, 1861

STIERLE, Karlheinz. *La Capitale des signes*: Paris et son discours. Paris: Fondation Maison des Sciences de l'Homme, 2001.

SUPPO, Hugo R.. O papel da dimensão cultural nos principais paradigmas das relações internacionais. In: Hugo Rogelio Suppo; Mônica Leite Lessa. (Org.). *A quarta dimensão das Relações Internacionais: a dimensão cultural*. 1ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012, p. 13-43.

TAUNAY, Afonso de E. *A missão artística de 1816.* Rio de Janeiro. MEC: 1956.

TAVARES, A. de Lyra. *Brasil-França:* Ao longo de 5 séculos. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979.

TAVARES, L. F. F. *Da Guanabara ao Sena:* Relatos e cartas sobre a França Antártica nas guerras de religião. 2009. 207f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

TREVISAN, Anderson Ricardo. Debret e a Missão Artística Francesa de 1816: aspectos da constituição da arte acadêmica no Brasil. ***Plural*.** São Paulo, v. 14, p. 9-32, dec. 2007.

UBERSFELD A. Fontainebleau et le recueil Denecourt. *Actes du colloque sur la forêt.* Besançon, 1966. Paris, 1967.

VAN HOUTS, Elisabeth. The vocabulary of exile and outlawry in the North Sea area around the first millennium. In: NAPRAN, Laura; Van Houts, Elisabeth. Exile in the Middle Ages. *International Medieval Congress*. University of Leeds, 2002.

VIEIRA, Itala Maduell. A memória em Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Michael Pollak. In: XI *Encontro Regional Sudeste de História Oral*. Niterói, jul/2015.

WELCH, Ellen, Paris Cosmopolite: le mythe de la "capitele du monde" dans les guides de Paris. *Littératures classiques.* Vol. 76, n. 3, 2011. p. 53-62.

WIGINIOLLE, Jules. *Annuaire héraldique*: contenant la nomenclature de toutes les familles françaises et étrangères. Paris, 1902.

YAMILY, Carrión-Mège. *La France au Brésil au landemain de la Seconde Guerre mondiale:* 1944-1947. Dissertação (Mestrado em História Contemporanea) - Université d'Angers, 2014. 96f.